



**Cadernos de Tradução**

INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Porto Alegre, n. 47, 2022

ISSN: 2594-9055 / ISSN -L 1807-9873

**Olga Fedossejeva**

**Berlim 1940 - Porto Alegre 1990**



**TRADUTORAS:  
A PRODUÇÃO DO  
CONHECIMENTO  
NO FEMININO**

**PATRICIA REUILLARD E SANDRA LOGUERCIO (ORGS)**



**Cadernos de Tradução**  
do Instituto de Letras

Número 47, 2022

**Tradutoras:  
a produção do conhecimento  
no feminino**

**Patricia Reuillard**  
**Sandra Loguercio**  
(Organizadoras)



**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS – UFRGS

**DIREÇÃO**

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)  
Marcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

**COMISSÃO EDITORIAL**

Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva  
Gisele de Oliveira Bosquesi

**ORGANIZAÇÃO DESTE NÚMERO**

Patricia Chittoni Ramos Reuillard  
Sandra Dias Loguercio

ISSN 2594-9055  
ISSN-L 1807-9873

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Letras  
Av. Bento Gonçalves, 9500 - CEP 91540-000 - Porto Alegre (RS)  
<http://www.ufrgs.br/letras/index.html>

# SUMÁRIO

## **APRESENTAÇÃO: POR QUE FALAR DE MULHERES? / i**

Patricia Chittoni Ramos Reuillard

Sandra Dias Loguercio

## **I. TRADUÇÕES**

### **ANTROPOLOGIA DAS LEITURAS FEMINISTAS DA TRADUÇÃO / 1**

Autora: Jane Wilhelm

Tradução de: Gabrielle Aimi

### **ESTUDOS DE TRADUÇÃO:**

#### **EXPLORANDO UMA PERSPECTIVA FEMINISTA DA TRADUÇÃO / 35**

Autora: Beatriz Cagnolati

Tradução de: Alexia Gonçalves Pokorski | Ana Letícia Prado de Campos |  
Cláudia Xavier Faria | Iago Marques | Barragan Stéphanie | Oviedo Ferreira

#### **A TRADUÇÃO FEMINISTA NO CANADÁ E AS TEORIAS PÓS-COLONIAIS: UMA INFLUÊNCIA RECÍPROCA? / 46**

Autoras: Anna Malena | Julie Tarif

Tradução de: Tainara Cecília Balt

#### **O FEMINISMO NA TRADUÇÃO / 62**

Autora: Luise von Flotow

Tradução de: Gilmar José Taufer

#### **A TRADUÇÃO FEMINISTA / 77**

Autora: Rohini Bannerjee

Tradução de: Gabrielle Aimi

#### **TRADUTORES MEDIEVAIS E TRADUTORAS FEMINISTAS:**

##### **A MESMA ÉTICA DE TRADUÇÃO? / 85**

Autor: Jean Delisle

Tradução de: Cristian Cláudio Quinteiro Macedo | Ana Karina Borges Braun

#### **TRADUÇÃO AUDIOVISUAL SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO / 108**

Autora: Marcella De Marco

Tradução de: Beatriz Cerveira

#### **MULHERES EM NEGRITUDE: PAULETTE NARDAL E SUZANNE CÉSAIRE / 132**

Autora: Tanella Boni

Tradução de: Sandra Dias Loguercio

#### **MULHER: PASSADO, PRESENTE E FUTURO (1887) / 146**

Autoria: Edward e Eleanor Marx Aveling

Tradução de: Julia Martins Pinheiro

## Apresentação: por que falar de mulheres?

Assim como Olga Fedossejeva, que impulsionou os estudos de Tradução no Instituto de Letras da UFRGS, tradutoras e teóricas da Tradução, do Marxismo, da Negritude e, de maneira geral, da produção do conhecimento científico, político, filosófico não costumam ser lembradas tão facilmente pela História das disciplinas. Raramente mulheres são referências teóricas fora de nichos bem circunscritos, são evocadas por suas reflexões, pelas abordagens e conceitos que propõem, invisibilizadas, desse modo, como pensadoras, na teoria; assim como muitas vezes a função profissional e social que assumem, a exemplo de tradutoras, revisoras ou intérpretes – leitoras/ouvintes e mediadoras por excelência –, é invisibilizada na prática, sobretudo quando por *elas* é praticada. Neste número, queremos dar destaque, seja por meio da perspectiva feminista da tradução, seja por meio de outras áreas de estudo, à produção do conhecimento feita no feminino *com e pelas* traduções que aqui trazemos.

O primeiro artigo, *Antropologia das Leituras Feministas da Tradução*, da professora Jane Wilhelm, da Université de Genève, analisa diferentes teorias de leitura, de escrita e de tradução no contexto de uma Antropologia interdisciplinar da tradução e a partir de uma reflexão feminista que também se situa em uma perspectiva hermenêutica, servindo-se do conceito de gênero como uma grade de leitura de construções sociais que consistem em relações de poder. Com efeito, a tradução, trazendo à tona questões de poder, pode inserir novos elementos no debate acerca da questão da relação com o poder e da violência da tradição patriarcal. A análise apoia-se nos trabalhos de Françoise Héritier, Lori Chamberlain, Ladmiral, Valery Larbaud e Serge Gavronsky.

No artigo *Estudos de Tradução: explorando uma Perspectiva Feminista da Tradução*, Beatriz Cagnolati, da Universidad Nacional de La Plata, apresenta a transformação dos Estudos de Tradução a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero e da *virada cultural* nos Estudos de Tradução a partir dos anos 1980, quando a tradução é incluída no conjunto dos subsistemas culturais, com interesses competitivos e sujeitos às ideologias conjunturais predominantes. No Canadá, um novo campo de estudo vincula os desenvolvimentos transculturais e translinguísticos, emergidos dos movimentos feministas dos anos 1970, à produção e recepção de textos, envolvendo a pesquisa em Tradução e Gênero, dando lugar à *tradução no feminino* ou *reescrita no feminino*, que se propõe a subverter a linguagem patriarcal e reivindicar, por sua vez, as ideias feministas.

Por sua vez, as pesquisadoras canadenses Anne Malena e Julie Tarif, da University of Alberta, buscam mostrar, no texto *A Tradução Feminista no Canadá e as teorias pós-coloniais: uma influência recíproca?*, que, no contexto político e cultural do Canadá, e mais precisamente do Quebec, vozes feministas forneceram prolegômenos da teoria da liberação para o sujeito feminino e pós-colonial em relação à hegemonia masculina nas instituições literárias. Fazem-no por meio da análise e tradução de alguns trabalhos de tradutoras feministas canadenses, como Barbara Godard e Sherry Simon.

Luise Von Flotow nos oferece, no artigo *O Feminismo na Tradução*, um panorama da influência do feminismo, como importante movimento social do século XX, sobre a Tradução e os Estudos de Tradução, apontando o aspecto heterogêneo das ideias feministas e o papel de catalisador que a tradução desempenha ao expor essa heterogeneidade. Para tanto, a autora apresenta tendências observadas na prática das tradutoras feministas anglo-americanas, quebequenses e alemãs, além da crítica e da historiografia da tradução do ponto de vista feminista, passando pelo trabalho teórico feminista sobre a tradução e pelas críticas internas ao trabalho feminista.

Fechando o rol das pesquisadoras canadenses, Rohini Bannerjee, da Saint Mary's University, aborda, no artigo *A Tradução Feminista*, a questão da diferença entre as regras gramaticais de gênero em língua francesa e em língua inglesa, que tem como corolário possível o não reconhecimento da necessidade de manter a distinção de gênero pelo tradutor. Segundo a autora, uma análise da variação de estilos entre tradutores e tradutoras confirma que aquele que traduz influencia a língua e mostra a importância de manter a consciência de gênero, a fim de suprimir os estereótipos sociais e linguísticos frequentemente encontrados na tradução de literatura feminina. A argumentação parte de exemplos de traduções de Anne Hébert e Nicole Brossard e sustenta-se nas ideias de Susanne Lotbinière-Harwood e Luise von Flotow.

O professor da Université d'Ottawa, Jean Delisle, encontra seu lugar entre as teóricas da Tradução graças ao estudo empreendido sobre os *Tradutores medievais e tradutoras feministas: a mesma ética de tradução?*. Nele, o pesquisador empreende um paralelo entre os tradutores medievais franceses e as tradutoras feministas canadenses, apontando que, apesar das divergências existentes entre dois grupos tão distintos e separados no tempo e no espaço, eles compartilham pontos em comum na maneira de traduzir, entre os quais o autor elenca a apropriação do texto de partida, a busca por legitimidade, a presença de esquemas e o didatismo nos prefácios, as intervenções na língua e, por fim, a visibilidade do tradutor ou da tradutora em sua tradução.

Do outro lado do Atlântico, recebemos a contribuição da pesquisadora Marcella De Marco, da Universidade inglesa de Roehampton, com o artigo *Tradução audiovisual sob uma perspectiva de gênero*. A autora busca investigar, no contexto da Tradução Audiovisual (TAV), o que as diferenças entre as traduções da dublagem e da legendagem podem revelar sobre o modo como diferentes países lidam com questões de gênero, e o quanto essas traduções podem influenciar de forma diferente o entendimento do público sobre essas questões.

Igualmente do outro lado do Atlântico, a escritora, poeta e professora de Filosofia Tanella Boni, da Université Félix Houphouët-Boigny (Abidjan, Costa do Marfim), nos brinda com seu ensaio historiográfico *Mulheres em Negritude: Paulette Nardal e Suzanne Césaire*. Seguindo os rastros do surgimento do conceito de *negritude*, a autora busca respostas para compreender por que, apesar de suas contribuições intelectuais profícuas, essas e outras mulheres – pensadoras, editoras, tradutoras e/ou professoras – foram eclipsadas por uma genealogia feita no masculino.

Finalmente, este número concluiu-se por um artigo que, aparentemente, foge ao seu escopo. Trata-se do artigo *Mulher: Passado, Presente e Futuro (1887)*, escrito a quatro mãos por Edward e Eleanor Marx Aveling, filha de Karl Marx. No entanto, esse distanciamento é apenas aparente, pois, ao refletir sobre o lugar e a função da mulher na sociedade, esta tradutora e mediadora dos debates da Primeira Internacional, estrategista política, ativista e criadora de pontes entre a classe trabalhadora organizada e os ideais revolucionários (Farias, Bergamini, Urbini, 2021), já antevia *avant la lettre* as questões discutidas no século XXI acerca da mulher na tradução e da tradução feminista.

Que as leitoras e os leitores deste número possam aprofundar suas reflexões sobre a produção do conhecimento a partir das questões e propostas trazidas pelas pensadoras que aqui nos chegam por meio da tradução. Que tanto aquelas como esta sejam cada vez mais lembradas, nas diferentes áreas e disciplinas que ajudam a construir, pelos diálogos que estabelecem, pelas barreiras que rompem, pelas possibilidades que abrem no universo de saberes. A todas e todos que contribuíram para esta edição, nosso mais afetuoso agradecimento.

Boa leitura!

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Sandra Dias Loguercio

## Antropologia das Leituras Feministas da Tradução<sup>1</sup>

Jane Wilhelm<sup>2</sup>

Tradução: Gabrielle Aimi

Revisão de tradução:  
Cristian C. Q. Macedo  
Patrícia C. R. Reuillard<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de analisar diferentes teorias de leitura, de escrita e de tradução no contexto de uma Antropologia interdisciplinar da tradução e a partir de uma reflexão feminista que também se situa em uma perspectiva hermenêutica. Ainda que o conceito de “gênero” seja uma categoria de análise utilizada para qualificar as relações sociais entre os sexos, ele também é uma *grade de leitura* de construções sociais que consistem em relações de poder. Com efeito, a evolução atual das sociedades questiona as conquistas do movimento feminista desde os anos 1970, e a tradução, ao trazer à tona questões de poder, pode inserir novos elementos no debate acerca da questão da relação com o poder e da violência da tradição patriarcal. Nossa análise da simbologia da hierarquização que valoriza o masculino refere-se especialmente aos trabalhos de Françoise Héritier sobre o pensamento da diferença sexuada nos sistemas de representação. Seguindo os passos de Lori Chamberlain, analisaremos a isotopia metafórica da sexualidade e do casamento em tradução e o modelo masculino de George Steiner. Tomando por base a ideia de um “inconsciente teológico” de Ladmiral, vamos trazer também o horizonte de um inconsciente amoroso, que estaria ligado a ele e que nos parece estar presente em todo pensamento sobre tradução, bem como na reflexão tradutológica. Também serão abordadas outras leituras da tradução em sua dimensão amorosa ou erótica, particularmente as de Valery Larbaud e de Serge Gavronsky, que se articula em torno do inconsciente freudiano. Vamos opor diferentes leituras feministas que ilustram a liberdade de insurgir-se contra os estereótipos e contra a desigualdade entre os sexos à isotopia metafórica da sexualidade em tradução e ao modelo de Steiner, ao mesmo tempo em que daremos início à reflexão sobre a questão da autoridade. As questões de gênero, sexualidade e autoridade em tradução revelam questões propriamente políticas; por isso convém insistir, portanto, no pluralismo da autoridade.

**Palavras-chave:** leitura; hermenêutica; tradução feminista; metáforas sexuais.

### Introdução

Nosso objetivo é examinar diferentes teorias da leitura e da tradução no contexto de uma Antropologia interdisciplinar da tradução e a partir de uma reflexão feminista que também se situa em uma perspectiva hermenêutica que, desde a Antiguidade, é a arte de ler, compreender e interpretar (STAROBINSKI, 1987). A ideia de um horizonte antropológico de

---

<sup>1</sup> Artigo traduzido do francês, a partir de Wilhelm, J., *Anthropologie des lectures féministes de la traduction*, *TTR*, 27(1), p. 149-188. <https://doi.org/107202/1037122ar>, com a autorização da autora.

<sup>2</sup> Universidade de Genebra, LEGS (Laboratório de estudos de gênero e sexualidade)

<sup>3</sup> Gabrielle Aimi: Bacharelada em Letras (UFRGS), [aimi.gabrielle@gmail.com](mailto:aimi.gabrielle@gmail.com)

Cristian C. Q. Macedo: Doutorando em Letras (UFRGS), [cristianmacedoxix@gmail.com](mailto:cristianmacedoxix@gmail.com)

Patrícia C. R. Reuillard: Professora do Instituto de Letras (UFRGS), [patricia.ramos@ufrgs.br](mailto:patricia.ramos@ufrgs.br)

Estudos de Tradução, que se construiria a partir do conjunto das Ciências Humanas e dos Estudos Culturais no que diz respeito à disciplina tradutológica, foi discutida pelo filósofo e especialista em tradução Jean-René Ladmiral, em especial em uma entrevista publicada no periódico canadense *Meta* (2012). Com a contribuição da Psicologia, sobretudo da psicanálise, ele desenvolve, nessa entrevista, uma reflexão aprofundada sobre as bases epistemológicas da pesquisa em Estudos de Tradução. O conceito de *Antropologia* para Ladmiral é definido como o horizonte filosófico de totalização crítica do conjunto das Ciências Humanas. Semelhante ao que ocorre na tradição alemã, ele também estabelece a ligação com uma filosofia do ser humano em relação com a *teologia*<sup>4</sup>. A contrapartida de uma filosofia do ser humano ligado à teologia se encontra, então, com a tradição hermenêutica tal como ela se desenvolveu a partir de Friedrich Schleiermacher. De acordo com essa ótica, os textos são um acesso à dimensão do existencial, pois a compreensão não se restringe ao domínio da escrita; ela se aplica a todas as situações humanas e a todos os domínios da cultura.

Sendo assim, a tradução se mostra difícil de definir, como Jean-René Ladmiral gosta de lembrar em seus textos: ela faz parte dos universais antropológicos fundamentais e dos “indefiníveis”, como o amor, Deus ou a morte (1995). Também vale lembrar que a tradução assume um papel paradigmático para Paul Ricœur e Hans-Georg Gadamer, dois grandes representantes da hermenêutica filosófica contemporânea. Para Ricœur, a “hospitalidade linguageira” representada pela tradução, assumindo os “riscos da tradução-traição”, torna-se, em sua dimensão ética, um modelo para outras formas de hospitalidade relacionadas, como as religiões e confissões religiosas, que seriam “como línguas estrangeiras umas às outras” (2004, p. 43). A psicanálise, segundo Ricœur, é uma leitura feita a partir do discurso freudiano que articula questões de sentido (sentido do sintoma ou do sonho) e de força (investimento, conflito, recalque), além de uma interpretação geral da cultura. Ela representa uma hermenêutica da regressão ao arcaico, onde o inconsciente se descobre como destino (RICŒUR, 1969)<sup>5</sup>. Enquanto Ricœur ressalta a “prova do estrangeiro” em tradução, insistindo na relação entre “próprio” e “estrangeiro” que passa por toda a tradição hermenêutica (2004, p. 42), Ladmiral afirma que, desde a Antiguidade, a hermenêutica é uma

---

<sup>4</sup> Em *The Politics of Translation*, Gayatri Spivak lamenta o fato de que as feministas ocidentais não tenham se conscientizado, até o momento, da religião como vetor cultural (“*as a cultural instrument*”), considerando-a, sobretudo, como sinal de uma diferença cultural (1993, p. 194).

<sup>5</sup> Ele escreve que “além da crítica dos ‘modelos’ do inconsciente, o que está em jogo é a possibilidade de uma Antropologia filosófica capaz de assumir a dialética do consciente e do inconsciente” (RICŒUR, 1969, p. 102; em itálico no texto).

figura da dialética do Mesmo e do Outro<sup>6</sup>. Seria possível articularmos essas questões entre si, mas aqui, para nós, dificilmente é possível ir além dessa simples referência. Frequentemente observa-se aqui um ponto de convergência entre a reflexão teórica sobre a tradução e os estudos de gênero em torno da questão da *identidade* (LADMIRAL, 1995)<sup>7</sup>.

Ao privilegiar a sensibilidade individual do *leitor* na produção do sentido, a hermenêutica moderna reconhece o investimento do sujeito (trata-se aqui do sujeito que traduz) durante o processo de interpretação e advento do sentido. Construída como uma reflexão sobre as condições do saber e chamando a atenção para o processo e as condições da compreensão, a hermenêutica filosófica em seu alcance universal depende, portanto, de uma teoria do conhecimento. A *mediação* da tradução, como também assinala Ladmiraal, refere-se, então, à questão da hermenêutica. Já a teoria da tradução refere-se tanto a uma teoria do conhecimento quanto a uma teoria da comunicação (1990, p. 121-138; 1986, p. 36)<sup>8</sup>.

É bom lembrar que, no que diz respeito ao horizonte antropológico das Ciências Humanas no qual se encaixariam os Estudos de Tradução, como sugere Ladmiraal, a disciplina de Antropologia também contribuiu de maneira significativa para os debates correntes sobre as relações sociais de sexo. Destacam-se, especialmente, os trabalhos da antropóloga americana Gayle Rubin, que desenvolveu o conceito de “sistema de sexo/gênero” no artigo *The Traffic in Women* (1975), além dos de Nicole-Claude Mathieu (1991), ou ainda os textos da antropóloga e etnóloga francesa Françoise Héritier (1996; 2002; 2012), citando apenas algumas das grandes figuras ligadas aos avanços teóricos da epistemologia de gênero.

Ao mesmo tempo que o conceito de “gênero” é uma categoria de análise utilizada para designar as relações sociais entre os sexos, ele também é uma *grade de leitura* de construções sociais que consistem em relações de poder (SCOTT, 1988; 2012). Por isso, alguns dos conceitos herdados da longa tradição da leitura, representada pela hermenêutica filosófica, podem ser úteis para o assunto que estamos tratando, em especial aquilo que Hans-Georg Gadamer (baseando-se em Heidegger) chama de “pré-compreensão” ou pré-orientação do movimento do pensamento, assim como os pré-conceitos (*Vor-Urteil*, em alemão) (1976 [1960]). Nesse contexto, é importante ainda destacar a influência da filosofia alemã, particularmente a de Hegel, nas ideias de feministas contemporâneas como Judith Butler,

---

<sup>6</sup> Ver *Une herméneutique interculturelle de la traduction* [Uma hermenêutica intercultural da tradução], ainda não publicado.

<sup>7</sup> “Se observarmos as controvérsias que dizem respeito às traduções, veremos que, na grande maioria das vezes, quem critica uma tradução o faz reprovando o tradutor por ter se afastado do texto original: como se a tradução se encontrava inconscientemente definida em termos de *identidade*.” (LADMIRAL, 1995, p. 417)

<sup>8</sup> Ele também afirma que a obra literária pode “aparecer como um paradigma filosófico do conhecimento”. Para uma análise da importância da interpretação para o futuro das nossas sociedades, ver Yves Citton (2010).

Catherine Malabou ou Gayatri Spivak, sendo que esta última assume ter também um apego teórico às visões de Marx, como já afirmou repetidamente em suas aulas e textos (2011; 2013)<sup>9</sup>.

Em *The Politics of Translation*, Gayatri Spivak fala da tradução como uma *leitura* e da leitura como tradução (“*Translation as Reading*”, “*Reading as Translation*”), o que necessariamente remete à tradição da hermenêutica, mesmo sem que a autora se refira explicitamente a ela (2004 [1993], p. 370 e 384). Por outro lado, ela também insiste na importância, para toda tradutora e tradutor, de compreender os pressupostos de um autor ao traduzi-lo e, sobre isso, cita alguns pressupostos filosóficos de Kant, Marx e Foucault para ilustrar seu pensamento (2012, p. 256-257). Essa é a questão crucial do papel dos “pré-conceitos” (*Vor-Urteil*, em alemão) em todo ato de interpretação, mencionada anteriormente. Através de Heidegger, a descrição fenomenológica do “círculo hermenêutico” destacou a estrutura de antecipação e o caráter de “projeto” de toda compreensão (STAROBINSKI, 1907)<sup>10</sup>. A “pré-compreensão” (*Vor-Verständnis*, em alemão) poderia então ser definida como uma estrutura de acolhimento já que todo texto se desenrola sobre um plano de fundo pré-existente, de leitura pré-construída ou de tradição. Dessa forma, *O Contrato Sexual*, análise de Carole Pateman publicada em 1988, ilustra o elemento de pré-determinação da subordinação das mulheres nas teorias do contrato social. A leitura ou a interpretação (duas palavras sinônimas em uma perspectiva hermenêutica) aparecem então como um mesmo movimento que mostra e torna visível a violência simbólica que atinge as mulheres; a leitura dá voz ao que não se escuta. A violência doméstica e social, por um lado, também é violência teórica, por outro, como mostra Catherine Malabou, a mulher nunca pôde se definir de outra forma “senão pela violência que ela sofre” (2009, p. 115)<sup>11</sup>.

Analisaremos então a questão das metáforas sexuais ou sexistas na tradução, ligadas ao “percurso hermenêutico” proposto por George Steiner em *Depois de Babel. Questões de Linguagem e Tradução* (2005 [1975]), que pretende ser uma hermenêutica do impulso e da penetração, um modelo denunciado por teóricas feministas, como Lori Chamberlain ou Susan

---

<sup>9</sup> Durante os trabalhos da *Nida School of Translation Studies* em Misano Adriatico, na Itália, em 2013, Gayatri Spivak, convidada como “*Nida Professor*”, claramente referiu-se a Marx em relação ao conjunto do seu pensamento teórico e crítico.

<sup>10</sup> Jean Starobinski majestosamente desenvolveu o assunto do círculo hermenêutico em *La Relation Critique* [A Relação Crítica] (1970) a partir da leitura de uma passagem do terceiro volume do livro *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau.

<sup>11</sup> Em uma entrevista concedida ao *Le Monde* em 18 de dezembro de 2009, Catherine Malabou retorna a essa questão. Além disso, Gayatri Spivak também comenta sobre a violência contra a mulher: “*A very general definition of work for feminism is to research how humankind is not nice to women and queers in different ways, and to see how this operates a structure of approved violence at one end and alibis for the interventionist missionary impulse at the other*” (2012, p. 123).

Bassnett, justamente por representar uma concepção “masculina” da tradução (ARROJO, 1995. p. 72). O adjetivo “sexista” designa, neste contexto, as atitudes e valores baseados em modelos estereotipados (frequentemente internalizados) de divisão de papéis, de direitos ou de deveres conforme o sexo, isto é, a construção social do gênero. Outras descrições da tradução em sua dimensão amorosa ou erótica também serão abordadas. Particularmente, o desenvolvimento temático de Serge Gavronsky, que se articula no horizonte do inconsciente freudiano e do triângulo edípico, assim como a reflexão de Jean-René Ladmiral (1986; 1991) sobre os conceitos de *sourciers* e *ciblistes*, tradutores que se voltam mais para o texto fonte ou para o texto alvo, respectivamente. Em seguida, para iniciar a reflexão sobre a questão de “autoridade”, vamos comparar outras leituras feministas, em especial a leitura pós-colonial de Gayatri Spivak (1977) com o modelo criptosexista de Steiner e com o modelo do “tradutor canibal” de Serge Gavronsky (que é inspirado no percurso hermenêutico de Steiner)<sup>12</sup>. As questões de gênero, sexualidade e autoridade revelam necessariamente questões políticas, por isso convém insistir no pluralismo da autoridade, a exemplo da filósofa e teóloga Lytta Basset.

No entanto, antes disso é importante discutir o papel da metáfora dentro de uma Antropologia interdisciplinar da tradução, como faz Jean-René Ladmiral. Até o modelo universal proposto por George Steiner em *Depois de Babel* (ver St. André, 2010), a história da tradução é entrecortada por metáforas de natureza sexual ou sexista, que a descrevem. A metáfora das “belas infiéis”, por exemplo, do gramático francês Gilles Ménage (1613-1692), sugere que as traduções, assim “como as mulheres”, são ou belas, ou fiéis. Susan Bassnett assegura que a ideia por trás da metáfora das “belas infiéis” seria que, enquanto texto de partida, o original é masculino e onipotente, já o texto de chegada, a tradução, é feminino e subordinado (1993, p. 156). Essa metáfora não parece corresponder a nenhuma época em particular, ao contrário de outras que descrevem o ato de traduzir, como as metáforas francesas do *changeur de monnaie* (trocador de moedas), *la copie du tableau* (a cópia do quadro), *les vêtements* (as vestimentas), *la flèche que l'on tire* (a flecha que se atira, com a ideia de fonte e alvo) ou ainda a do *passeur* (o barqueiro) que se encontra apenas a partir do

---

<sup>12</sup> Ver também o comentário de Lori Chamberlain (2004) sobre o artigo de Serge Gavronsky. Para ser justa, Haroldo de Campos também deve ser mencionado, já que ele já havia apresentado esse conceito de “canibalismo” em seus trabalhos sobre tradução.

século XX. Além dessas, a metáfora da fidelidade está presente em toda a história da tradução<sup>13</sup>.

Por outro lado, podemos nos perguntar por que existem tantas metáforas, em diferentes línguas, para descrever a tradução. O conceito de tradução, como explica Ladmiral, resiste à conceitualização, ou seja, não podemos defini-lo: é um *indefinível* no sentido axiomático. Portanto, compreendemos a necessidade de recorrer ao discurso metafórico, que tem a função de desencadear uma reflexão, daí vem sua fórmula de que “O conceito é apenas uma metáfora que vingou!” (LADMIRAL, 1986, p. 34). Então, para ele, a verbalização passa pela metáfora, que parece mais aberta e mais heurística do que um conceito estritamente delimitado.

Nessa mesma linha, o ilustre filósofo alemão Hans Blumenberg elaborou, em *Paradigmes pour une métaphorologie* [Paradigmas para uma metaforologia], o que chama de “*tipologia da história das metáforas*”, sendo a disciplina da metaforologia vista como auxiliar da filosofia e, como explica, abrindo caminho para a “perspectiva mais ampla de uma teoria do inconceitualizável” (2006, p. 101, grifo do autor, p. 191-192). Segundo Blumenberg, as metáforas que ele qualifica como “absolutas” representariam toda a realidade cuja experiência não poderíamos ter e que não poderíamos nunca assimilar completamente (*ibid.*, p. 25). A metáfora é “meio de *conhecimento*” (*ibid.*, p. 160, grifo do autor), e o campo metafórico se abre para o que Blumenberg vê como uma relação com o mundo e com a vida (no sentido pleno que a palavra tem no pensamento alemão contemporâneo) ou, retomando a ideia de Ladmiral, sobre o horizonte de uma Antropologia geral. Blumenberg também questiona a metáfora do livro e da leitura tal como ela foi aplicada à interpretação do real e à nossa relação com o mundo em *La lisibilité du monde* [A legibilidade do mundo], (2007). Para o filósofo Clément Rosset, que elaborou sua concepção particular da *ontologia* (no sentido etimológico da palavra, ou seja, o saber do que é), a metáfora produz o que ele chama de “efeito da realidade”, de modo que “se ela não consiste estritamente na recriação da realidade, ao menos impõe sua redescoberta pela recriação dos meios que a exprimem habitualmente” (2008, p. 342-343). Além disso, na área mais circunscrita da tradução, Lieven D’hulst (1992) evidenciou o papel cognitivo das metáforas em Estudos de Tradução contemporâneos. E, finalmente, Maria Tymoczko também lembra o papel das metáforas no desenvolvimento dos campos disciplinares, especialmente o de Estudos de Tradução:

---

<sup>13</sup>Agradecemos ao professor Jean-Yves Masson da Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV) pelas informações cedidas de sua presente pesquisa sobre os diferentes tipos de metáforas na tradução, especialmente aquelas em língua francesa.

*For almost two decades descriptive studies have shown that metaphors for translation – from “les belles infidèles” to anthropophagy or cannibalism – can be used as the foundation of discourses about translation in specific cultural contexts for both hegemonic and subversive purposes, driving translation practices and strategies. (2010, p. 110)*

Ao retomarmos a questão dos universais antropológicos fundamentais tratados anteriormente, dentre os quais estaria a tradução, em suas relações entre o autor e o tradutor, caberia mencionar o paradigma das relações entre homens e mulheres. Não é o que faz o próprio Karl Marx em seus *Manuscritos de 1844 (ou Manuscritos Econômicos e Filosóficos)*, citado para contribuir com a nossa discussão?

O mistério da relação do homem com o homem encontra sua expressão *inequívoca, decisiva, visível*, descortinada, nas relações do *homem* com a *mulher* e na maneira como se compreende suas relações genéricas, *naturais e imediatas*. A relação imediata, natural e necessária do homem com o homem é a *relação do homem com a mulher*. Nessa relação genérica *natural*, a relação do homem com a natureza é diretamente a sua relação com o homem, da mesma forma que a relação do homem com o homem é diretamente a sua relação com a natureza, sua própria determinação *natural*. (1960, t. 1, p. 163; grifo do autor)

Gaston Fessard, tradutor de *Manuscritos de 1844* para a língua francesa, observa que nesse texto importante, encontra-se desvendado o ponto crucial em que se une, para Marx, a dupla relação constitutiva da realidade humana, enquanto em outras partes da obra “essa relação aparece irremediavelmente desassociada e sob a forma da política e da economia” (*ibid.*).

As representações e construções simbólicas nas quais a relação dos seres humanos com o mundo é baseada (quaisquer sejam os princípios teóricos em Ciências Humanas que as conduzam, do Marxismo à Psicanálise ou à Antropologia social), são testemunhos de uma busca onipresente de sentido. A interpretação, ao invés de se concentrar exclusivamente nos textos como pretendia a Hermenêutica tradicional, cuja intenção, de início, era essencialmente técnica e normativa, agora se faz sobre a dimensão do existencial, da “compreensão do mundo” e da convivência (REVAULT D’ALLONNES, 2006, p. 16)<sup>14</sup>. Isso coincide com a perspectiva de sentido referida por Ladmiral (2012), na qual a pesquisa em Estudos de Tradução se expandiria para o conjunto das Ciências Humanas e dos Estudos Culturais, das quais se ocupa a tradução, que diz respeito ao universo da *mediação*, tendo como

---

<sup>14</sup> Salientamos que a expressão “compreensão do mundo” (*mise en sens du monde*) de Myriam Revault d’Allonnes é utilizada em sua obra em um contexto diferente.

contrapartida o componente interdisciplinar no qual se baseia toda reflexão teórica em tradução.

Françoise Hérítier, professora emérita de Antropologia no *Collège de France*, questionou-se sobre a organização do simbólico, no qual se baseia a desigualdade inerente entre os sexos, e sobre a maneira como a diferença dos sexos estrutura o pensamento humano, já que isso rege dois conceitos fundamentais que se opõem: o *idêntico* e o *diferente*. Hérítier responde a esse questionamento sobre o simbólico da hierarquização em termos tanto antropológicos como políticos. Essa oposição conceitual essencial, baseada na observação da diferença sexuada, se encontraria, segundo ela, tanto no pensamento científico moderno quanto no passado, e em todos os sistemas de representação (1996, p. 20). Esse sistema de oposições representaria “uma grade de leitura” presente “no discurso científico, assim como no discurso natural, que engloba os gêneros e sexos” (*ibid.*). No decorrer dos seus trabalhos de campo, Hérítier convenceu-se de que a diferença anatômica e fisiológica entre o homem e a mulher tem origem nos nossos sistemas conceituais e linguísticos com base no princípio da dualidade. A relação idêntico/diferente “que [s]ustenta a maioria dos sistemas ideológicos”, escreve ela, seria originária das categorias binárias que opõem “valores abstratos ou concretos (quente/frio, seco/molhado, alto/baixo, inferior/superior, claro/escuro, etc.)”, hierarquizados e avaliados, por serem marcados, respectivamente, pelo selo ou sinal de masculino ou feminino (*ibid.*)<sup>15</sup>. No artigo *Quand la culture s'impose à la nature* [Quando a cultura se impõe à natureza], ela explica que se as diferentes sociedades humanas, das mais primitivas às mais desenvolvidas, se caracterizam por uma hierarquia de sexos determinada pela “dominação masculina”, os seres humanos “precisaram *construir um modelo interpretativo* para compreender a existência de dois aspectos sexuados, o fato de que as fêmeas possam dar à luz crianças de sexo diferente do seu” (2013, p. 9-10; grifo nosso). Logo, não é surpreendente constatar que o próprio Karl Marx se encaixe nessa matriz simbólica homem-mulher e no sistema de oposição ou de associações binárias que, para Françoise Hérítier, se originaria do nosso sistema fundamental de pensamento.

---

<sup>15</sup> Também podemos destacar, de maneira geral, o emprego do binarismo na teoria da tradução, começando pela distinção entre “*sourcier*” e “*cibliste*” de Jean-René Ladmiral, assim como os seguintes pares: “equivalência formal/equivalência dinâmica” (Eugene Nida), “tradução semântica/tradução comunicativa” (Peter Newmark), “tradução semântica/tradução instrumental” (Christiane Nord), “tradução hipertextual (etnocêntrica)/tradução literal” (Antoine Berman), “estratégias de domesticação/estratégias de estrangeirização” (Lawrence Venuti).

## 1. Leituras e tradução

Toda tradução começa pela leitura de um texto de partida, como observa a tradutora feminista Susanne de Lotbinière-Harwood, quando afirma que “traduzir é primeiramente ler” (1991, p.18). Toda leitura contempla necessariamente uma dimensão social, incluindo a diferença sexual, ao colocar em jogo competências aprendidas que podem variar de acordo com o momento na história ou com o contexto social. Esta atividade também pode exigir uma competência interpretativa bastante avançada (a razão de ser original da hermenêutica), ou mesmo verdadeiramente criativa. Lotbinière-Harwood afirma que todo ato de leitura, seja a interpretação de uma obra ou de um acontecimento, “está codificado desde o início”, o que implica que a questão do gênero, para ela, encontraria “seu lugar em toda reflexão sobre tradução”, sendo que o “efeito do gênero” seria sentido inicialmente pelo corpo que lê e interpreta o texto de partida (*ibid.*). Ainda sobre a leitura feminista, ela escreve: “Ao propor um quadro de leitura diferente, ou seja, marcado pelo gênero feminino, o feminismo permite visualizar e articular realidades escondidas pelas palavras e nas palavras” (*ibid.*, p. 19). Ela considera, portanto, que a tradução seja uma “prática de reescrita no feminino” que visa subverter a ordem patriarcal e dar visibilidade às mulheres na língua e na sociedade (*ibid.*, p. 26-28).

Desta forma, as teóricas da tradução feminista, no geral, estão mais atentas aos processos de leitura, releitura ou escrita e às questões ideológicas que derivam disso do que aos conceitos de equivalência ou fidelidade, que elas questionam abertamente. Retomando a pergunta de Freud<sup>16</sup> e mencionando o papel da leitura e a ligação que se forma com toda leitora em uma perspectiva feminista, a crítica Shoshana Felman escreve:

*Feminism comes to be defined here almost inadvertently, as a bond of reading: a bond of reading that engenders, in some ways, the writer – leads to her full assumption of her sexual difference: a bond of reading and of writing which, however, paradoxically precedes knowing what it means to “read as a woman” since this very bond, this very reading, is precisely constituted by the cognition that the question “what is woman” has not yet been answered and defies, in fact, all given answers. (1993, p. 12)*

A teoria feminista da tradução nos tornou conscientes das relações de poder e dos conflitos que derivam de qualquer atividade de tradução, ao nos mostrar práticas hegemônicas

---

<sup>16</sup> Susanne de Lotbinière-Harwood também comenta a questão de Freud: “Se, após ouvir suas pacientes por anos, Freud ainda perguntava ‘o que as mulheres querem?’, é porque lá do alto, ele não conseguia escutar as palavras delas, vindas de seu lugar de fala mudo na ordem sociolinguística.” (1991, p. 93)

que contribuem para objetivos ideológicos. Portanto, a união entre os Estudos de Tradução e o pensamento feminista se revelou especialmente bem-sucedida ao introduzir novas perspectivas teóricas e práticas, particularmente em relação à questão da *ética* em tradução (VAN WYKE, 2013)<sup>17</sup>. Mesmo que diversos estudos tenham sido publicados desde os anos 1990, principalmente pelas feministas canadenses e quebequenses Sherry Simon, Luise von Flotow, Barbara Godard e Susanne de Lotbinière-Harwood, como por tantas outras teóricas em diferentes países (RAGUET, 2008; SARDIN, 2009), o assunto está longe de esgotar-se. Com efeito, a evolução atual das sociedades questiona as conquistas do movimento feminista desde os anos 1970, e a tradução, ao trazer à tona questões de poder, pode inserir novos elementos no debate acerca da questão da relação com o poder e da violência da tradição patriarcal. A inclusão do tema da tradução na literatura contemporânea ilustra visivelmente o fato de que a tradução se situa, hoje, no cerne das preocupações intelectuais e culturais da nossa época, caracterizada pela globalização<sup>18</sup>. Além disso, a tradução também é um assunto de grande importância na filosofia contemporânea, especialmente entre os textos de Paul Ricoeur, Jacques Derrida, Walter Benjamin, Michel Serres, Homi Bhabha e Heinz Wismann.

Ao ver a tradução como inerente às suas abordagens, algumas feministas, como a escritora Nancy Huston, a redefinem ao questionar as relações entre “produção” e “reprodução”, que estabelecem relações de poder ligadas ao gênero, como mostrou Lori Chamberlain em seu influente artigo intitulado *Gênero e a Metafórica da Tradução*, sobre o qual falaremos mais adiante. Essa oposição entre escrita e tradução, para Chamberlain, seguindo o exemplo de Susan Bassnett citada anteriormente, designa o original como “masculino” e o texto traduzido como derivado e “feminino” (2004, p. 306). A autotradução de mão dupla de Nancy Huston vem, contudo, subverter as relações de dependência hierárquica entre o texto de partida e a tradução, assim como a oposição entre língua materna e língua estrangeira e entre identidade e alteridade. Tanto com essa prática de autotradução quanto no ensaio *Tradutor Não É Traidor*, Nancy Huston nos convida a questionar nossas práticas e representações de escrita e tradução, bem como a própria ideia de língua materna (2007, p. 151). Se a tradução se confunde com o texto de partida na escrita entre as línguas, é o escritor que traduz, nos diz ela, invertendo a hierarquia tradicional. (*ibid.*, p. 153).

---

<sup>17</sup> O autor analisa, entre outras coisas, a contribuição das teóricas feministas para a tradução e para a ética.

<sup>18</sup> Citamos principalmente os romances de Nicole Brossard, Erik Orsenna, Claude Bleton, Brice Matthieussent, Jacques Gélât, bem como a novela de Anita Desai. Além destes, Antonio Lavieri publicou uma monografia sobre a figura do tradutor.

## 2. Perspectiva de um inconsciente do amor em tradução

Ladmiral reiterou diversas vezes a ideia de que a tradução traz à tona os sentimentos e que, nesse processo, há algo que faz parte da ordem do reprimido ou do inconsciente que frustra a lucidez do sujeito que traduz. A reflexão de Walter Benjamin, segundo a qual o modelo ou arquétipo da tradução seria o texto sacro, o conduziu para um inconsciente religioso da tradução para o qual ele trouxe, mais tarde, todo um desenvolvimento temático (Ladmiral, 1986; 1990). Tomando por base a ideia de um “inconsciente teológico” aprofundada por Ladmiral, vamos tratar também da perspectiva de um inconsciente amoroso, que estaria ligado a ele e que nos parece estar presente em todo pensamento sobre tradução, bem como dentro da reflexão tradutológica. Aqui encontra-se a oposição fundamental entre *eros* (amor passional) e *ágape* (amor de Deus e preocupação com o próximo), nessa tradução impensada que funcionaria para nós tal como é desenvolvida, por exemplo, por Serge Gavronsky (2010). Françoise Wuilmart, por outro lado, traz um “Eros tradutório” (2009, p. 38): toda tradução representaria o “*encontro de dois imaginários*” sob a forma da “empatia erotizada”, um encontro que se desenvolve, em grande parte, ao nível do inconsciente (*ibid.*, p. 32 e 37; grifo do autor).

O próprio Walter Benjamin descreve “a tarefa do tradutor” como “um movimento de amor que expressa em sua língua, com atenção até aos pormenores, a ótica do texto de partida” (1971, p. 271). Aqui, o amor e a nostalgia de uma língua materna se encaixariam, retomando as palavras de Paul Ricœur, em uma “perspectiva messiânica do ato de traduzir” (2004, p. 30). Por outro lado, *O Amor e o Ocidente*, grande obra de Denis de Rougemont, que ilustra o império nostálgico do mito de Tristão e Isolda em nosso cotidiano e que descreve o fenômeno histórico daquilo que Stendhal chama de amor-paixão como sendo de origem religiosa, nos conforta com a ideia de um inconsciente do amor em tradução (ou mesmo da paixão), que seria ligado a um impensado metafísico do traduzir (ROUGEMONT, 1972 [1939]). Se se pôde dizer que a história do cristianismo foi a encenação de uma luta entre *eros* e *ágape* (Basset, 2010), o Ocidente, como escreve Denis Rougemont, nunca parou de mostrar o perigo de *eros*, “o amor do amor” do mito de Tristão e Isolda, que dissimula uma paixão ainda mais terrível e destrutiva por ser vergonhosa: o desejo de morte (1972 [1939], p. 33). Vale lembrar ainda que a temática central do Velho e Novo Testamento, aquele que fala da aliança, é nupcial. Deus é apresentado como um amante, esposo ou noivo, e os evangelhos retomam as imagens do Velho Testamento para se referir a Jesus, o noivo, o esposo (Marcos,

2:19; Mateus, 25:6) (Barreau, 1971)<sup>19</sup>. Nota-se, então, todo o poder da simbologia do casal no imaginário coletivo, seja na análise de Marx citada anteriormente, seja no mito de Tristão e Isolda que mostra a visão moderna do amor-paixão, ou ainda nas imagens bíblicas que ilustram as “bodas” (Lucas, 14:17<sup>20\*</sup>) que são o reencontro com o Deus vivo.

É necessário constatar que na tradução também existe antes um casal: o texto de partida e sua tradução. Valery Larbaud reconhece isso explicitamente: “Mesmo nas relações cotidianas com a obra que traduzimos, nós reconhecemos as condições do casal humano...” (1984 [1946], p. 46). Em suas declarações sobre tradução, nas quais “é sempre uma história de amor”, ele faz menção ainda aos “amantes da bela herdeira”, “essa tomada de posse” através da qual “nós fomos promovidos ao lugar de esposo”, “algo sobre essa proteção respeitosa, delicada e autoritária que reina nas relações do marido com a mulher”, bem como o “casamento” que pode ter sido consumado ou não (*ibid.*, p. 45 e 48). Ele está plenamente consciente, como gosta de ressaltar Serge Gavronsky, que o ato de traduzir pode ser interpretado como um aspecto sexual (1977, p. 60). O trecho a seguir, em que encontramos a questão da “apropriação” do sentido, elaborada por Paul Ricœur em sua teoria do texto, na qual ele representa a subjetividade do leitor (1986, p. 137-159), se propõe a ser uma leitura psicanalítica: “Pois traduzir uma obra de que gostamos é penetrar nela muito mais profundamente do que poderíamos fazer em uma simples leitura. É possuí-la completamente, é como se nos apropriássemos dela” (LARBAUD, 1984 [1946], p. 22)<sup>21</sup>. Pensamos aqui sobre as observações do narrador de *Um amor de Swann* sobre o ato de posse física, “a posse, sempre impossível, de outro ser” e “além disso, não se possui nada” (Proust, 2002 [1913], p. 248 e 102). A delicadeza psicológica da análise de Proust pode se referir perfeitamente tanto à relação de tradução quanto aos “pensamentos de amor e de tradução” de Larbaud (1984 [1946], p. 47). Além disso tudo, o próprio Proust não nos convida a isso, de acordo com a seguinte revelação frequentemente citada: “O dever e a tarefa de um escritor são os mesmos de um tradutor” (*O Tempo Redescoberto*, 2004, p. 187)?

Em seu livro *Les Belles Infidèles* [As Belas Infieis], George Mounin escreve que mesmo que as comparações sobre tradução possam ser imperfeitas, ainda assim funcionam e são lembradas. Para contribuir com isso, ele cita a metáfora do grande filósofo, historiador, escritor e político italiano Benedetto Croce, que diz que não é apenas uma questão de amor,

---

<sup>19</sup> “Deus nunca se apresenta como matéria de conhecimento” nos evangelhos, porque quando se trata do amor, seria mais sobre reencontro ou união (BARREAU, 1971, p. 46).

<sup>20\*</sup> N. da T.: nas versões brasileiras da Bíblia, esse trecho encontra-se em Lucas, 14:8.

<sup>21</sup> Ver o comentário de Serge Gavronsky sobre Valery Larbaud em *The Translator: From Piety to Cannibalism* [O Tradutor: da Piedade ao Canibalismo].

mas também de identidade<sup>22</sup>. O tradutor de poesia que quisesse substituir o texto de partida seria como alguém que apresenta outra mulher a um homem apaixonado ao invés daquela que ele ama. O apaixonado, no entanto, ama aquela mulher, e não outra parecida ou equivalente (MOUNIN, 1994 [1955], p. 24).

Jean Starobinski, a exemplo de Larbaud, recorre à metáfora conjugal para explicar o ato crítico, que não poderia ser “uma máquina celibatária” (1970, p. 28), mas seus discursos também poderiam ser aplicados ao ato de traduzir:

Esse casamento também corre os mesmos riscos de todos os outros casamentos, e nós sabemos que há casais neuróticos de vários tipos: primeiramente, o tipo em que o ser supostamente amado não é reconhecido em sua verdade, em sua qualidade de sujeito livre e independente: ele é apenas o suporte das projeções do desejo amoroso que fazem dele aquilo que não é; também há o tipo contrário, no qual o amante se anula na fascinação e submissão absoluta pelo objeto do seu amor; há, por fim, o tipo no qual o amor não é pela pessoa propriamente, mas sim pelo que vem com ela, pelo lugar que ela ocupa, por seus pertences, pela glória de seus antecessores, etc. Em suma, o trabalho crítico liga duas verdades pessoais e vive da sua integridade preservada... (*ibid.*)

A obra literária, como escreve ainda Starobinski, é vivificada pela nossa leitura; como a uma pessoa, é necessário “reavivá-la para amá-la”, “fazê-la falar para responder-lhe”; ela “espera de nós sua ressurreição” (*ibid.*, p. 28-29). Ladmiral observa, de maneira geral, que a metáfora “morte e ressurreição” apresenta um paradigma de análise que pode ser útil para a reflexão sobre a tradução (1986, p. 41, n. 14). Larbaud também celebra a vida ligada à tradução e à leitura na seguinte citação: “Assim, nossa profissão de Tradutores é uma troca íntima e constante com a Vida, uma vida com a qual nós não nos contentamos em absorver e assimilar, como fazemos na Leitura...” (1984 [1946], p. 34). A leitura, a exemplo da tradução, suscitou, nas entranhas do inconsciente e do imaginário ocidental, toda uma temática da vida e da morte, ou da morte e da ressurreição, bem como uma simbologia do matrimônio e do amor.

O acaso excepcional da metáfora das “belas infiéis”, como destaca Lori Chamberlain, ilustra, segundo ela, a cumplicidade que existiria entre a questão da fidelidade em tradução e o casamento:

*For Les belles infidèles, fidelity is defined by an implicit contract between translation (as woman) and original (as husband, father, or author). However, the infamous “double standard” operates here as it might have in*

---

<sup>22</sup> Ver a citação de Jean-René Ladmiral sobre a tradução definida em termos de identidade na nota 4 deste artigo.

*traditional marriages [...]. This contract, in short, makes it impossible for the original to be guilty of infidelity. (2004 [1988], p. 307)*

Lembremos que a maneira de traduzir, ao longo da história, até o século XX, foi determinada em função de dois polos antinômicos: a tradução literal (e, portanto, fiel) e a tradução livre (ou literária), ilustrada pela expressão “belas infiéis”. A tradução foi, portanto, suscetível de ser percebida como uma “traição”, o que segue o adágio italiano *traduttore-traditore*, que Lotbinière-Harwood retoma e ao qual Ricœur faz alusão no contexto que chama de “*hospitalidade linguageira*”, ou ao contrário, como a própria essência da tradição (RICŒUR, 2004, p. 43, grifo do autor)<sup>23</sup>. As metáforas de conotação sexual, tais como “belas infiéis”, e o problema da fidelidade em tradução, para Lori Chamberlain, refletiriam em níveis mais profundos uma certa ansiedade com relação à paternidade da obra e à questão das origens ligadas aos conceitos de autor e autoridade. As noções de paternidade e alteridade aqui mencionadas pertencem tanto à ordem jurídica quanto à linguagem psicanalítica; elas fazem parte do cultural e do psíquico, duas dimensões do ser humano desenvolvidas por Chamberlain em sua análise. De maneira mais geral, e arriscando parecer simplificar as coisas em favor do nosso propósito, queremos lembrar que, para a psicanálise, a paternidade repousa sobre a resolução do complexo de Édipo, e a alteridade, sobre a diferença dos sexos. A questão fundamental por trás da isotopia metafórica da sexualidade em tradução, para Chamberlain, residiria na relação entre o valor da *produção* e da *reprodução*:

*The coding of production and reproduction marks the former as a more valuable activity by reference to the division of labor established for the marketplace, which privileges male activity and pays accordingly. The transformation of translation from a reproductive activity into a productive one, from a secondary work into an original work, indicates the coding of translation rights as property rights – signs of riches, signs of power. I would further argue that the reason translation is so overcoded, so overregulated, is that it threatens to erase the difference between production and reproduction which is essential to the establishment of power. (2004 [1988], p. 314)*

Os argumentos de Chamberlain foram amplamente repercutidos e comentados por outras teóricas feministas da tradução, como Sherry Simon (1996), Rosemary Arrojo (1994 e 1995) e Susan Bassnett, que menciona sua relevância:

---

<sup>23</sup> Ver também o artigo *Traduire* [Traduzir] do *Vocabulaire européen des philosophies* [Vocabulário Europeu das Filosofias], Dicionário dos Intraduzíveis, sob a direção de Barbara Cassin, 2004.

*Lori Chamberlain is making an important point here, stressing the cultural complicity between fidelity in translation and in marriage: it is no accident that a substantial number of feminist translation scholars such as myself, Barbara Johnson, Barbara Godard, Sherry Simon, Annie Brisset or Suzanne de Lotbinière-Harwood all began using metaphors of “infidelity” or alternative marriage contract in their writings on translation in the 1980s, for all have been concerned with rethinking the view of translation that sets the original in a higher position than the text created for a new target audience. (1993, p. 141)*

Dessa forma, Lotbinière-Harwood reivindica a metáfora da *infidelidade* para explicar a posição subversiva que ela adota: “As traduções que fazem com que o feminino tenha voz assumem a sua infidelidade – por fidelidade às mulheres – e fazem da tradutora e do texto traduzido, corpos sonoros e falantes” (1991, p. 22). Portanto, sua prática tradutória visa dar a palavra às mulheres:

Esse posicionamento também protesta contra a passividade e a subordinação do corpo que traduz, posturas tradicionalmente atribuídas às traduções bem como às mulheres. Se as “belas infiéis” do século XVII eram “infiéis” às obras de origem em favor das suas próprias prioridades, as “re-bela-das” do século XX são infiéis à lei da linguagem patriarcal que interdita a nós, mulheres. (*ibid.*, p. 21)

Ao destacar a dimensão política do ato de traduzir no feminino, ela concebe sua prática de “reescrita no feminino” como “discurso político”, uma atividade que não seria, portanto, inteiramente submissa à autoridade (ou “autor-idade”<sup>24</sup>) da obra original, mas que seria verdadeiramente criativa. Para ela, a tradução representa um lugar de poder para investir no que diz respeito “às relações de força entre a produção e a reprodução” (*ibid.*, p. 28 e 22).

Barbara Johnson (1985), por sua vez, vê uma semelhança entre a crise atual da instituição do matrimônio e a que existiria, segundo ela, na teoria da tradução – inaugurada particularmente pelo pensamento de Jacques Derrida – em relação ao ideal de fidelidade a um texto original. Em *Torres de Babel*, Derrida fala sobre “o contrato de tradução”, que ele define conforme o léxico da diferença sexual: “Hímen ou contrato de casamento com a promessa de produzir uma criança cuja semente resultará na história e no crescimento” (1985, p. 234). O questionamento da própria ideia do texto original de Derrida, para Chamberlain, que por sua vez retoma a crítica derridiana em sua análise do gênero com a oposição binária entre o original e sua reprodução, permite redefinir a tradução como um processo de escrita:

---

<sup>24</sup> Em uma nota de rodapé de *Rebelle et Infidèle* [Rebelada e Infiel], Lotbinière-Harwood explica que a expressão, que é um jogo de palavras, é uma “desconstrução da palavra ‘autoridade’, que vem do latim *auctor*, autor. Ver *author-ity* em inglês.” (1991, p. 22, n. 15)

*By subverting the autonomy and privilege of the so-called original text, he argues for the interdependence of writing and translating – and, implicitly, against a politics of translation that depends on gender violence. (1998, p. 96)*

O estudo do campo metafórico em tradução em termos de gênero de Chamberlain, feito a partir da perspectiva pós-modernista de Derrida, corresponderia ao que Bassnett define como a terceira fase do desenvolvimento da disciplina de Estudos de Tradução. Nessa fase, que, segundo ela, poderia ser qualificada como “pós-estruturalista”, na qual o estudo da linguagem metafórica dos tradutores desempenha um papel importante, a tradução seria vista como um dos diversos processos de manipulação textual, sendo que é o conceito de *pluralidade*, que substitui o dogma da fidelidade ao texto de partida e a ideia do original, que é questionado a partir de diferentes perspectivas críticas (BASSNETT, 1993, p. 147).

Ao expandir o seu estudo sobre a isotopia metafórica da sexualidade em tradução para o modelo geral “masculino” de George Steiner, bem como para o de Serge Gavronsky, que é inspirado pelo “percurso hermenêutico” de Steiner, Chamberlain analisa essas representações da tradução segundo essa mesma perspectiva crítica<sup>25</sup>. Vamos analisar agora o modelo supostamente “hermenêutico” de Steiner para mostrar de que forma ele não se encaixa, a nosso ver, na tradução hermenêutica, antes de aprofundarmos a análise de Gavronsky no contexto de uma Antropologia psicanalítica<sup>26</sup>.

O modelo universal de tradução proposto por George Steiner em *Depois de Babel* e inspirado no modelo de Claude Lévi-Strauss em *Antropologia Estrutural*, desenvolve-se em quatro etapas. O percurso hermenêutico é descrito primeiramente como um “impulso de confiança” (Steiner, 1978, p. 277) que favorece a compreensão, seguido de “uma etapa de incursão e extração” caracterizada pelo ataque, no decorrer do qual “o tradutor invade, extrai e relata” (*ibid.*, p. 278-279). Essa segunda etapa, na qual Steiner faz referência a Heidegger para justificar a violência de todo ato de interpretação, pode assumir a forma de uma “penetração-anexação” ou de uma “transferência-apropriação” (*ibid.*, p. 279), um ato que Steiner, como lembra Chamberlain, compara explicitamente à possessão erótica (2004 [1988],

---

<sup>25</sup> Rosemary Arrojo, que analisa os argumentos de Chamberlain e de Bassnett junto ao modelo de Steiner, fala do “*masculine model*” (1995, p. 73) e do “*masculine bias*” (*ibid.*, p. 71 et 74), o que remete ao conceito de “preconceito” (*Vor-Urteil*, em alemão) de Heidegger, ou seja, os pressupostos que operam em todo ato de interpretação.

<sup>26</sup> Pode-se distinguir, como faz Ladmiral, a psicanálise propriamente dita que, *stricto sensu*, implica um trabalho clínico, de uma *Antropologia psicanalítica*, que implementa conceitos trazidos ao pensamento e cultura modernos pela psicanálise. Sobre esse tema, ver *Une herméneutique interculturelle de la traduction* [Uma hermenêutica intercultural da tradução] (ainda não publicado).

p. 312). A terceira etapa é a da “incorporação”, sucedida pela última etapa na qual o ato hermenêutico restabeleceria o equilíbrio através de um movimento de compensação e reciprocidade, tendo em vista “uma troca e uma paridade restaurada” (Steiner, 1978, p. 279-281). Steiner se refere aqui, com ele mesmo diz, ao modelo da *Antropologia Estrutural* de Lévi-Strauss “segundo o qual as estruturas sociais buscam o equilíbrio dinâmico por meio da troca de palavras, das mulheres e dos bens” (*ibid.*, p. 283). Nota-se, por outro lado, que Steiner propõe dois núcleos de metáforas associados a essa terceira fase que, segundo ele, estariam correlacionados, “o da comunhão, ou encarnação, e o da infecção” (*ibid.*, p. 279-280). Mais além da Antropologia, e afirmando, por isso, a ideia de um “inconsciente teológico” defendida por Ladmiral, está a linguagem religiosa que ressurge à sombra do discurso de Steiner e em seu modelo ideal inspirado pelo messianismo de Walter Benjamin: “Os benefícios da comunhão estão ligados ao estado moral e espiritual de quem a recebe” (*ibid.*, p. 280)<sup>27</sup>.

A violência exacerbada presente na descrição do tradutor de Steiner, anunciada como um paradigma universal da tradução, com suas imagens sexuais agressivas, foi denunciada especialmente por Rosemary Arrojo, que cita e comenta Sherry Simon (1996), ressaltando que esse tradutor não se encontra em nenhum contexto histórico em particular. No entanto, nenhum privilégio de extraterritorialidade poderia ser reivindicado por um sujeito conhecedor, que por acaso está necessariamente associado à sua época pelos seus “preconceitos” ou sua concepção do mundo, e cuja fala é sempre situada. Gayatri Spivak também comenta sobre isso em *Translating into English* [Traduzindo para o Inglês]: os pressupostos que operam em toda leitura e em toda tradução têm uma história e estão situados geograficamente (2012, p. 274). O tradutor de Steiner nunca é reconhecido explicitamente como sendo um homem, como destaca Arrojo ao se referir à crítica de Chamberlain, mas a descrição do ato de traduzir pressupõe aqui uma perspectiva masculina da sexualidade (Arrojo, 1995, p. 74; Simon, 1996, p. 29). Apesar da referência de Steiner a Heidegger para

---

<sup>27</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a influência de Walter Benjamin, de Goethe e do romantismo alemão sobre o modelo de Steiner, recomendamos Douglas Robinson (1998). O autor ressalta que a descrição da quarta etapa e do percurso como um todo permanecem vagos: “*Numerous problems remain with Steiner’s formulation. One is that, while he explicitly wants to make his fourfold movement an ideal model of every individual act of translation, he also wants to illustrate it with specific translations from the past – and in the course of illustrating the four moves he begins to treat them like stable categories for the classification of translations.*” (ROBINSON, 1998, p. 99)

“A formulação de Steiner ainda tem inúmeros problemas. Um deles é que, enquanto ele explicitamente quer fazer de suas quatro etapas um modelo ideal para todo ato individual de tradução, também quer ilustrá-las com traduções específicas do passado – e enquanto ilustra as quatro etapas, ele começa a tratá-las como categorias estáveis para a classificação da tradução.” (ROBINSON, 1998, p. 99)

justificar a violência do que ele chama de “compreensão-anexação” (STEINER, 1978, p. 283), não há nada que se refira propriamente à hermenêutica nesse modelo, a não ser o seu nome. Steiner explicita a afirmação de Heidegger de que a compreensão não seria “uma questão de método, mas de modalidade fundamental do ser” e que “compreensão, identificação, interpretação constituem *um modo de ataque unificado e inevitável*” (*ibid.*, p. 278, grifo nosso). A compreensão é definida aqui como o que “compreende não apenas segundo os mecanismos do conhecimento, mas também pelo círculo e ingestão” (*ibid.*, p. 278-279). Por outro lado, poderíamos fazer a pergunta crucial de Heidegger sobre a violência, que Jean Molino formula nestes termos: “Se a interpretação é a violência aplicada ao texto, o que colocaria um limite a essa violência?” (1985b, p. 297).

Tradicionalmente, a arte de evitar o mal-entendido, um engano – que, segundo Friedrich Schleiermacher, provoca o trabalho de interpretação – é o objeto da hermenêutica (Ricœur, 2004, p. 44). A expressão do “círculo” de Steiner reflete o “círculo hermenêutico”, o ato hermenêutico por excelência, mesmo que sem se referir a ele explicitamente. A descrição do círculo hermenêutico como estrutura fundamental da compressão, no nível metodológico para Schleiermacher, e no nível ontológico para Heidegger, é, no entanto, fundamental para aquele que traduz na medida em que esclarece o processo da compreensão do sentido e as condições para a sua realização. A descrição de Steiner, mais de ordem *psicológica* do que filosófica, não leva em consideração a reflexão hermenêutica sobre algumas questões que são essenciais para a tradução: especialmente o papel daquele que traduz e os “preconceitos” em todo ato de interpretação, o “círculo hermenêutico”, bem como a questão da intenção do autor, assunto que foi aprofundado por Paul Ricœur (1986) e que permanece sendo uma discussão atual. Além disso, é surpreendente que Steiner, que considera as questões hermenêuticas como parte integrante da segunda e terceira fases da história da tradução, como ele a descreve, (sendo que a terceira fase ainda não estava concluída quando *Depois de Babel* foi publicado) não as inclua em seu próprio “percurso hermenêutico” (1978, p. 224-226). Contudo, ele reconhece a importância do ensaio de Friedrich Schleiermacher de 1813 (1999, p. 224-225); a abordagem hermenêutica representa, segundo ele, “a análise do que é de fato ‘compreender’ um discurso oral ou escrito e a tentativa de identificar esse processo com o respaldo de um modelo geral da significação” (Steiner, 1978, p. 225). Essa abordagem “confere um aspecto claramente filosófico à questão da tradução” (*ibid.*, p. 225), como escreve ele paradoxalmente ao seu próprio modelo, que ele define como uma “*hermeneia* em quatro etapas” (*ibid.*, p. 283). O que dizer, então, da dimensão filosófica e hermenêutica, sem mencionar a feminina, do modelo de

Steiner? Por fim, diferentemente de Schleiermacher, ele parece excluir do seu conjunto de ideias um aspecto da reflexão tradutológica deveras importante: a tradução pragmática.

Ao nos situarmos no campo da psicologia e dos sentimentos como nos propõe Steiner, veremos que o amor “antropofágico” – ou “ingestão” como ele se refere (1978, p. 279) – representa, como diz Lytta Basset, “o amor do bebê que mama fundido à sua mãe e a ‘come’ sem ter consciência de que ela é outra pessoa. O adulto pode ter guardado parte disso consigo: quando ama, ele consome” (2010, p. 25). Através de uma perspectiva de crítica ideológica, esse modelo dominador da tradução que evoca estratégias de “invasão” e “exploração” (Steiner, 1978, p. 279) também pode ser contestado por refletir uma forma de imperialismo, como afirma Tejaswini Niranjana (1992). O modelo é claramente marcado por uma grande violência, a mesma violência teórica contra a qual protesta Catherine Malabou, referente à filosofia que orquestrou a impossibilidade da mulher como sujeito e com a qual se depara Chamberlain dentro da teoria da tradução contemporânea: “*Steiner’s influential model illustrates the persistence of what I have called the politics of originality and its logic of violence in contemporary translation theory*” (2004 [1988], p. 312).

O “tradutor canibal” de Gavronsky, inspirado pelo percurso hermenêutico de Steiner, é o segundo modelo analisado por Chamberlain em uma perspectiva de gênero. Gavronsky descreve esse “tradutor canibal” referindo-se a Freud, que reinterpreta os dados da etnografia do início do século à luz da psicanálise<sup>28</sup>. Tal modelo ilustra a violência de um certo tipo de apropriação em tradução. O tradutor agressivo que toma posse do “original” ao mesmo tempo em que degusta o texto com deleite, alimenta-se das palavras, devorando-as para em seguida enunciá-las em sua própria língua, livrando-se do criador do texto de partida (GAVRONSKY, 1977, p. 60). Ao investigar as profundezas do inconsciente psicanalítico, analisando a estrutura edipiana no cerne da relação de tradução, Gavronsky não poderia ignorar que o próprio Freud propõe a comparação entre tradução e psicanálise, sendo esta última a responsável por transformar um conteúdo latente (o texto de partida) em um conteúdo patente. Nesta dessa leitura freudiana da figura edipiana do incesto em tradução, não estaríamos então nós em uma prática de tradução?

---

<sup>28</sup> Gavronsky cita *Totem e Tabu* de Freud (1977, p. 62, n. 21): “*By absorbing part of the body of a person through the act of eating we also come to possess the properties which belonged to that person. (Totem e Tabu, p. 107)*”. A apropriação, neste caso, tem uma dimensão antropológica e psicanalítica, e o conceito aqui não se enquadra dentro do mesmo contexto hermenêutico de Ricœur, que desenvolve a ideia de interpretação compreendida como apropriação. Devido aos limites estabelecidos a esse artigo, não aprofundaremos a reflexão sobre a ideia da apropriação na ordem antropológica e psicanalítica em relação ao conceito de “apropriação” de Ricœur.

Gavronsky divide as metáforas da tradução em dois domínios diferentes, como observa Chamberlain. O primeiro refere-se ao que ele chama de ordem da piedade: são as metáforas do amor cortês e aquelas ligadas à tradição cristã em que o tradutor (cavaleiro ou monge) respeita os votos de humildade, pobreza e castidade. O segundo é representado pelas metáforas que ele classifica como freudianas (GAVRONSKY, 1977, p. 59; CHAMBERLAIN, 2004 [1988], p. 311). A relação de autoridade hierárquica (autor/tradutor) assume uma dimensão ao mesmo tempo metafísica e ética ao se submeter ao ideal divino. Aqui, encontramos novamente esse inconsciente metafísico da tradição religiosa, como mencionado por Ladmiraal. Gavronsky defende que a relação mestre/escravo, que segundo ele é a base de todo discurso sobre tradução e contra a qual também protesta Lotbinière-Harwood (1991), é o alicerce do triângulo edipiano:

*The translator considers himself as the child of the father-creator, his rival, while the text becomes the object of desire, that which has been completely defined by the paternal figure, the phallus-pen. (1977, p. 55)*

Então, a alternativa ao tradutor marcado pela piedade, fiel ao texto de partida, seria o “tradutor canibal”, que se liberta da sua servidão e dos limites culturais e ideológicos para criar um texto novo que não se apresentaria mais como uma “mera” tradução. Chamberlain afirma que apesar de que Gavronsky desejava libertar o tradutor dos sinais culturais ligados à sua condição subalterna, seu modelo se encaixaria na ideologia dominante e nos mesmos termos binários das metáforas da tradução como ela analisa em seu estudo:

*Indeed, we can see the extent to which Gavronsky’s metaphors are still inscribed within that ideology in the following description: “The original has been captured, raped, and incest performed. Here, once again, the son is father of the man. The original is mutilated beyond recognition; the slave-master dialectic reversed.” In repeating the sort of violence we have already seen so remarkably in Drant, Gavronsky betrays the dynamics of power in this “paternal” system. (2004 [1988], p. 312)*

Seja quando o tradutor rouba o lugar do autor em silêncio ou quando ele assume o controle pelo uso da força e com violência para estabelecer sua autoridade, para Chamberlain, o poder sempre é apresentado como um privilégio que o homem exerce dentro da família e da esfera política do Estado.

Ladmiraal também usa a isotopia metafórica da sexualidade com exemplos psicanalíticos para deixar clara a oposição entre os conceitos de *sourciers* e *ciblistes*, sendo que a lógica *sourcier* é mais apegada ao *significante* da língua-fonte, enquanto a *cibliste* se preocupa mais

em exprimir *sentido* na língua-alvo. Refletindo a análise de Chamberlain, seria possível observar a imagem da família e da paternidade em vigor no pensamento de Ladmiral quando ele afirma se encontrar “na situação insólita de ter que apoiar, retrospectivamente, por escrito, a *paternidade* destes dois conceitos” (Ladmiral, 1986, p. 33; grifo nosso). Por isso ele evoca “o paradigma metafórico de um estupro da língua... materna (*horresco referens!*), que é a base do discurso *sourcier*” (*ibid.*, p. 40). Ao citar o princípio de Rudolf Pannwitz (BENJAMIN, 1971, p. 274), que diz que “o erro fundamental daquele que traduz é conservar o estado contingente da sua própria língua ao invés de sujeitá-la ao movimento violento da língua estrangeira”, Ladmiral segue a metáfora do estupro linguístico de *La Langue Violée?* [Língua violada?] (1991). Já que a metáfora do estupro é problemática, tanto sob o ponto de vista teórico quanto ideológico<sup>29</sup>, ele diz preferir “tratar de uma *profanação* do texto de partida, passando então de isotopia sexual à isotopia religiosa”, sendo que a profanação *cibliste* se revela, segundo ele, “apenas no nível subjetivo da sua recepção” (LADMIRAL, 1991, p. 32, grifo do autor). Em *Pour une Théologie de la Traduction* [Por uma Teologia da Tradução], ele explica a tese de que o pensamento dos *sourciers* “remete ao impensado de uma teologia da Letra” (LADMIRAL, 1990, p. 130), sendo que sua relação com o texto figura como vinculada ao Absoluto: “Já que é sagrado, o texto original/originário não comporta mais a tradução, que não poderia ser nada além de profanação” (*ibid.*, p. 129). Para Ladmiral, como a mediação representada pela tradução se encaixa necessariamente em uma problemática hermenêutica, ele lembra, a exemplo de Ricœur, que a referência inicial parte da exegese (LADMIRAL, 1990, p. 138; Ricœur, 1969, p. 16)<sup>30</sup>. Amparado pela interpretação da Sagrada Escritura, seu retorno à exegese também tem como objetivo constituir a disciplina hermenêutica como “ciência auxiliar” da teologia. O “círculo hermenêutico”, que representa o local de investimento do sujeito no processo de interpretação, tem origem teológica. O ato de interpretação, para Ladmiral – incluindo aquele do qual decorre toda e qualquer tradução – seja consciente ou não, não poderia partir do nada. Esta é, segundo ele, a definição de “preconceito” de Heidegger, que soube ressignificar o termo de maneira positiva. A tradução, de acordo com Ladmiral, seria então uma forma como a modernidade poderia gerar esse impensado, esse “inconsciente teológico”, que são as tradições religiosas (1990, p. 138). Por isso, a respeito desse “inconsciente religioso” que nos habita, não seria por acaso se os

<sup>29</sup> Em uma nota em seu artigo (n. 22, p. 32), Ladmiral analisa o que diz Sherry Simon (1989) sobre a metáfora do “estupro” que seria a base da lógica dos *sourciers*. Ver referências.

<sup>30</sup> No prefácio de *Hermenêutica* de Friedrich Schleiermacher, Jean Starobinski relembra a etimologia de *hermeneuein* em grego, que significa “expressar, explicar ou traduzir de uma língua para outra”. O que une esses três significados, escreve ele, é a noção da “*mediação que busca produzir uma mensagem inteligível*” (Starobinski, 1987, p. 5, grifo do autor).

reflexos da linguagem teológica reluzissem sob a isotopia sexual e as metáforas de amor no discurso sobre tradução, revelando então a perspectiva de um inconsciente do amor em tradução conectado, para nós, a um impensado metafísico do traduzir.

### 3. Quanto à autoridade: há outros modelos?

Embora a análise das metáforas e da representação em tradução em termos de gênero de Chamberlain continue sendo importante para o movimento feminista, ela também é, necessariamente, situada em contexto histórico, como afirma Susan Bassnett (1993, p. 147). De certa forma, essa leitura também faz parte da simbologia do casal tradicional e do casamento entre homem e mulher que integram o imaginário coletivo do pensamento ocidental, como tratado anteriormente. Ocorre que qualquer intérprete, como já apontamos, está ligado à sua época pela sua concepção do mundo e traz consigo, portanto, um conjunto de pré-concepções (*Vor-Verständnis*, em alemão) que inevitavelmente intervêm em sua leitura. A isotopia das metáforas, analisada para corroborar com o nosso trabalho, faz parte da “ideologia do casamento” (retomando a expressão de Gayatri Spivak), ligada ao que frequentemente chamamos de família nuclear (1996, p. 69). Denis de Rougemont declarava, já em 1938, a crise da instituição matrimonial moderna fundada, como ele diz, sobre os detritos do mito de Tristão e Isolda (1972 [1939]). Embora a norma, a verdade ou a salvação das sociedades ocidentais ao longo dos séculos, com o suporte, inicialmente das religiões monoteístas, e depois da psicanálise, residissem no casamento entre o homem e a mulher, hoje em dia, essa certeza não existe mais. A questão da identidade sexual e das relações entre os sexos são tópicos centrais em torno dos quais a sociedade ocidental, hoje, busca se reorganizar, sob a perspectiva de uma nova perspectiva de sentido. Como nos romances, seria conveniente, a partir de agora, começar a contar a história com “era uma vez dois sexos”, trazendo a dicotomia constitutiva que convocou por milhares de anos os grandes mitos da humanidade, as religiões do livro e os sistemas de representação de diferentes civilizações com a intenção de interpretá-la e dar-lhe sentido (Vincent, 2009). Portanto, poderíamos nos perguntar como interpretar esse campo metafórico da sexualidade e do casal homem-mulher em tradução, relacionado à paisagem fluida que derruba as fronteiras entre os gêneros, como acontece nos dias de hoje, e o que todas essas metáforas sexuais em tradução poderiam significar daqui para frente, na era do “casamento para todos”.

A autoridade – que convém aqui diferenciar de poder – é uma questão fundamental para as teóricas e tradutoras feministas que exploram a questão do gênero em tradução, que para

elas assume uma dimensão precisamente política<sup>31</sup>. Os modelos metafóricos da tradução de Steiner e Gavronsky, para Chamberlain, que ressalta toda sua ambivalência, são baseados em um modelo essencialmente patriarcal da autoridade, em que o filho-tradutor obedece ao pai-autor, ou o destrói (1998, p. 95). O reconhecimento da tradução como forma de *escrita* e produção, apresentado nas teorias pós-modernas da linguagem, é uma das reivindicações importantes das tradutoras feministas conscientes do poder da tradução que está em jogo. Para elas, a questão da autoridade abrange duas dimensões geralmente reconhecidas: de um lado, o poder, e do outro, a criação (fabricação, produção) (VULBEAU e PAIN, 2003). Clément Rosset relembra que a etimologia da palavra autor, que provém o latim *auctor*, “significa ao mesmo tempo responsável e produtor” (2008, p. 221). Por outro lado, Revault d’Allonnes afirma que Émile Benveniste, em seu *Vocabulário das Instituições Indo-Europeias*, observa que as palavras relacionadas a *auctor* (sendo o verbo *augeo* traduzido para *accroître* [acrescentar] ou *augmenter* [aumentar] se enquadram em duas esferas: uma religiosa e outra política (2006, p. 70-71).

A teóloga Lytta Basset, em sua aula inaugural de 2005 para a Universidade de Neuchâtel, intitulada *O que é falar com autoridade?*, observa a insistência de Hannah Arendt em demonstrar que, historicamente, a autoridade é uma noção *política* de origem romana (BASSET, 2005, p. 39). A palavra “política” vem do grego *polis* e Hannah Arendt (1972), como escreve Basset, destacou a “dimensão plural das relações humanas” com relação à autoridade (BASSET, 2005, p. 47). A questão da teóloga, que se situa no cruzamento entre psicologia, ética e espiritualidade, seria, então, “diretamente vinculada à necessidade da *convivência* (*ibid.* p. 39, grifo do autor). Na *Septuaginta*, a primeiríssima tradução da Bíblia do hebraico para o grego, como nos diz ela, existe o verbo comum *exestin*, que significa “é livre, é permitido”, e um substantivo original *exousia*, que pode ser traduzido para “autoridade” (*ibid.*, p. 41). O que então pode significar essa palavra? Trata-se primeiramente de um poder de decisão, como ela explica, “o poder de uma fala que cria fazendo o que diz” (*ibid.*): “Resumindo, uma autoridade imensa da mesma natureza da autoridade da Palavra de Deus, no entanto, limitada pela existência de outras, pela realidade da ‘convivência’. Portanto, uma autoridade que é *liberdade no plural* (*ibid.*, p. 41-42; grifo do autor). A dimensão *enigmática* da autoridade, ressaltada, entre outros, pelos filósofos Alain Renaut (2004) e Myriam Revault d’Allonnes (2006), poderia ser explicada, segundo Basset, pela relação

---

<sup>31</sup> Para explorar melhor a diferença entre autoridade e poder, ver *Le pouvoir des commencements. Essai sur l’autorité* de Myriam Revault d’Allonnes [O poder dos começos. Ensaio sobre autoridade] (2006).

interpessoal, justamente porque “ela sempre se desenvolve no *meio de uma relação*” (2005, p. 40; grifo do autor).

Ao considerar a questão da autoridade no nível relacional, inspirando-se na leitura da Bíblia, Basset sugere substituir a alternativa entre superioridade e inferioridade pela noção de alteridade, ou seja, o desmembramento da autoridade “dentro de uma relação de respeito mútuo, independentemente da posição hierárquica ocupada” (*ibid.*, p. 41). Trata-se então de uma forma de reciprocidade que respeita a alteridade, pois o outro (mesmo que subalterno) pode, por sua vez, como ela diz, tornar-se fonte de autoridade. A exemplo do sociólogo Émile Durkheim, Basset nos apresenta o “*pluralismo de autoridade*”, no qual a autoridade jamais seria mantida por uma única instituição, mesmo que esta seja o Estado (*ibid.*, p. 47, grifo do autor)<sup>32</sup>. Ela também menciona Jacques Pain e Alain Vulbeau, da Universidade Paris Nanterre, para quem, seguindo a lógica da *exousia*,

a autorização não é hierárquica, mas sim mútua [...]. A autoridade não é um ponto fixo, ao qual se deveria sempre retornar, mas sim uma linha em constante progresso e um *espaço a ser desenvolvido*. De acordo com essa estrutura, a autorização assume imediatamente um sentido de construção e *coprodução* [...]. (2000, p. 121 sq. e p. 132; grifo nosso)<sup>33</sup>

Entre as esferas da sociedade nas quais a questão da autoridade é problemática, continua Basset, cada vez mais recorremos a “uma autoridade a ser construída em conjunto, inclusive através de conflitos e lutas” no espaço interpessoal (2005, p. 44). Portanto, a autoridade autêntica seria, para ela, “o resultado de um mergulho às profundezas de si mesmo” e “de uma reunificação interior” (*ibid.*, p. 44-45). Isso permite o seu próprio crescimento e o dos outros ao restaurar o diálogo e dar a palavra – sendo “produzir, dar origem”, o sentido primário da palavra latina *auctor*, “autor”. O modelo que representa Cristo nos Evangelhos, segundo ela, nos convida a aceitar os limites ao renunciar à fantasia da onipotência para que não se dependa do poder de Deus, o Todo-Outro.

Em seu livro *Aimer sans Dévorer* [Amar sem Devorar], cujo título pode ser uma referência ao “tradutor canibal” de Serge Gavronsky, Basset (2010) denuncia as caricaturas do amor – o amor que devora, é mortífero e não faz parte do real, mas sim do imaginário. Ela afirma ainda que nós vivemos em uma “sociedade que sofre com o mal do vínculo”

---

<sup>32</sup> Revault d’Allonnes, seguindo Max Weber, escreve que o homem (a mulher) moderno(a) é forçado(a) “a criar o significado, mesmo que este seja problemático, pluralizável: haveria então *significados* ao invés *significado*? É a pluralização da autoridade – das autoridades – que, além de sua perda ou vagueza, é o problema com o qual nos confrontamos hoje em dia” (2006, p. 96, grifo do autor).

<sup>33</sup> Citado por Lytta Basset em “*O que é falar com autoridade?*”.

(BASSET, 2010, p. 19). No entanto, é precisamente esse vínculo entre texto de partida e tradução, masculino/dominante e feminino/subalterno, que as teóricas feministas da tradução estão tentando repensar e realizar dentro desse espaço privilegiado de encontro que é a tradução, afastando-se da relação “devoração-apropriação” ilustrada pelo suposto modelo hermenêutico de Steiner. De acordo com isso, Chamberlain defende uma teoria feminista da tradução que não se basearia no modelo familiar do conflito edipiano, mas na qual a tradução seria vista como uma colaboração na qual o autor e o tradutor trabalhariam juntos, seja em cooperação conjunta ou de maneira subversiva. (2004 [1988], p. 318). Lotbinière-Harwood também anseia pelo “vínculo de reciprocidade” do qual fala Basset (2005, p. 40, grifo do autor), e por “um trabalho colaborativo entre cocriadoras” (1991, p. 23).

O questionamento da autoridade dentro do sistema patriarcal, como a presente nas relações hierárquicas entre os dois polos do texto de partida e sua tradução, para as tradutoras feministas, se inicia sobre um *espaço de negociação* em favor de uma dinâmica do “intermédio”. Assim resume Lotbinière-Harwood: “*In translation, the cultural space-in-between source-language and target-language and the ideological space-in-between masculine and feminine, are sites of struggle around meaning.*” (1991, p. 166). Susan Bassnett afirma que, ao celebrar o “intermédio” (*the inbetweenness*), a teoria feminista da tradução recria o espaço de tradução como um espaço bissexual, que não pertence nem a um sexo, nem a outro (1993, p. 156). Ao introduzir o famoso conceito da “escrita feminina”, Hélène Cixous já não dizia, em *Le Rire de la Méduse* [O Riso da Medusa], que “escrever é justamente trabalhar (n)o meio, questionar o processo do mesmo e do outro sem o qual nada vive, desfazer o trabalho da morte”? (2010, p. 51).

Retomando a analogia do casamento em tradução, não seríamos então convidados a novas “bodas” como esses “casórios” dos quais fala Annick de Souzenelle, sendo o primeiro matrimônio do homem aquele dele com ele mesmo, relacionado ao seu feminino interior?<sup>34</sup> Esses casamentos internos, que remetem à necessidade do matrimônio interior de cada um, deixariam emergir um ser reunificado que teria perdido sua vontade de dominar o outro e que pode se abrir a ele ao reconhecer sua alteridade.

Como as relações de desigualdade que caracterizam o processo de tradução foram expressas ao longo dos séculos em termos de superioridade do texto de partida e inferioridade da tradução, a abordagem dos estudos pós-coloniais em tradução evidenciou as relações de força entre línguas e culturas e, a exemplo do feminismo, a recusa de um paradigma

---

<sup>34</sup> Entrevista com Annick de Souzenelle, *Ouvrir le noyau intérieurement* [Abrir o núcleo interno].

dominante. Nesse contexto, a obra de mediação da crítica indiana Gayatri Chakravorty Spivak, seja na reflexão teórica sobre gênero e identidade em tradução, ou através de sua prática, é acompanhada de um grande questionamento sobre todas as formas de identidade, nacionais e outras. Já que prefere falar de “engajamento no domínio do gênero e da diferença sexual” ao invés de “feminismo” – o termo lhe parece “insuficiente”<sup>35</sup> –, ela acaba combinando esse posicionamento com o posicionamento pós-colonialista. Como explica Sherry Simon, ela tenta “criar uma *posição de leitura* adequada do texto bengalês em língua inglesa” (Simon, 2009, p. 51; grifo nosso). Em *The Politics of Translation* [As Políticas da Tradução], ela retoma a ilustre fórmula de Walter Benjamin, “a tarefa do tradutor”<sup>36\*</sup>, ao adotar a ideia segundo a qual a tradução não poderia se reduzir a um ato de comunicação e ao afirmar conforme sua perspectiva que: “A tarefa de uma tradutora feminista é considerar a linguagem como guia para os trabalhos de agência de gênero.” (Simon, 2004 [1993], p. 369). Como ela fala da tradução como de uma leitura (“*Translation as Reading*”) e da leitura como tradução (“*Reading as Translation*”), ela defende que a “tradução é o ato de leitura mais íntimo que existe. Eu me entrego ao texto quando traduzo.” (*ibid.*, p. 370). Ela propõe uma abordagem e técnicas de tradução que respeitam a literalidade do texto bengalês e que atentam para seus efeitos retóricos, com a materialidade textual. Seu conceito de “entregar-se ao texto” – também com a ideia de submissão – implica a perda de controle na língua, a difusão<sup>37</sup>. Além da dimensão ética, ela aborda inicialmente a relação amorosa:

*Although every act of reading or communication is a bit of this risky fraying which scrambles together somehow, our stake in agency keeps the fraying down to a minimum except in the communication and reading of and in love. (What is the place of “love” in the ethical?) The task of the translator is to facilitate this love between the original and its shadow. (SPIVAK, 2004 [1993], p. 370)*

Sherry Simon analisa, nesses termos, essa comparação com a experiência amorosa:

---

<sup>35</sup> Entrevista com Gayatri Spivak, Revista *Philosophie*, nº 48, abril de 2011, p. 60.

<sup>36\*</sup> N. da T.: O ensaio de Benjamin foi traduzido quatro vezes no Brasil. Em uma delas, Susana Kampff Lages traduziu o título para “A tarefa-renúncia do tradutor”, a fim de evidenciar a ambiguidade da palavra *Aufgabe*, utilizada pelo autor no título em alemão (*Die Aufgabe des Übersetzers*).

<sup>37</sup> Em razão dos limites definidos deste artigo, não abordaremos a teoria desenvolvida por Susan Bassnett, que se opõe à violência do modelo masculino de tradução ilustrado por George Steiner (“uma teoria da tradução orgástica”), bem como os comentários de Rosemary Arrojo a respeito do assunto. Ver *Feminist, “Orgasmic” Theories of Translation and their Contradictions* [Teorias de Tradução Feministas ‘Orgásticas’ e suas Contradições]. Essa teoria orgástica apenas confirma que estamos desenvolvendo aqui a ideia de um inconsciente amoroso da tradução, que se desdobra sobre toda sua dimensão erótica.

*This comparison with the experience of love allows Spivak to explore the relationship between self and other which is enacted through translation. Spivak posits two fundamental forms of alterity: the erotic and the ethical. In order to be ethical, she explains, we have to turn the other into something like the self. [...] But in the translating relationship there has to be more respect for the irreducibility of otherness; this respect is more erotic than ethical in nature. The liberal, humanist, “she is just like me” position is not very helpful when translating: it is maximum distance which the translator must seek. This brings the translating relationship ideally closer to the mode of the erotic rather than to the ethical form of alterity. (1996, p. 143-145)*

É possível associar essa ideia ao conceito do “Eros tradutório” de Françoise Wuilmart, mencionado anteriormente, que descreve o encontro de dois imaginários no plano do inconsciente sob a forma de uma “empatia definitivamente sexuada” (2009, p. 38), explica. Como sugere Sherry Simon, também é possível ler a descrição do ato de traduzir de Spivak em sua dimensão erótica, como a antítese ou paródia do modelo universal presumidamente hermenêutico de Steiner (1996, p. 144).

## Conclusão

A análise da isotopia sexual em tradução – desde a metáfora das “belas infiéis” até o modelo de George Steiner – permitiu trazer à tona toda uma simbologia ligada ao masculino e feminino, ao casal e ao matrimônio, o que acaba por revelar um inconsciente do amor em tradução que seria ligado a um impensado religioso. Ao retomarmos os universais antropológicos fundamentais tratados na introdução, como o amor, Deus, ou a morte, entre os quais figura a tradução, situando-nos sempre na perspectiva do impensado teológico do traduzir, abordado por Jean-René LADMIRAL, é possível, portanto, opormos o *eros* mortífero (“por ser devorador da alteridade”, conforme Lytta Basset), ao amor de *ágape* que significa, para ela, amar a diferença do outro, apaixonar-se por sua alteridade (2010, p. 399). Denis de ROUGEMONT também sugere a analogia com a fé, em sua conclusão de *O Amor e o Ocidente*: a paixão, “nascida do desejo mortal de união mística”, escreve ele, “só pode ser superada e consumada pelo *encontro* de um *outro*, admitindo sua vida estrangeira, sua pessoa para sempre distinta”, um encontro que permite o início de um diálogo genuíno (1972, p. 244, grifo do autor). Unimos aqui os princípios éticos das tradutoras feministas em sua reivindicação de uma autoridade que *autoriza*, sendo a autorização mútua, e não hierárquica. Como a autoridade sempre esteve intimamente ligada às estruturas sociais e aos modelos de sociedade, ela também tem uma dimensão de sacralidade ou de divindade, reconhecida desde

sempre<sup>38</sup>. Alain Vulbeau e Jacques Pain também afirmam: “O desafio da autoridade hoje em dia é reencontrar o sacro, não mais no originário, mas na dinâmica de uma ética de processos cotidianos” (2003, p. 15).

A desigualdade entre os sexos, para Françoise Héritier (2002), teria sido estabelecida pela simbolização que funda a ordem social a partir de uma *interpretação discriminatória* de dados reais, e a diferença biológica observável que se manifesta em particular na procriação desde as origens da espécie humana. “É um ponto de vista deveras arcaico”, escreve, “apesar de não ser inalterável” (HÉRITIER, 2002, p. 14). A desigualdade seria “construída exclusivamente no mundo das ideias. Em suma, uma quimera da qual estamos apenas começando a nos libertar” (2013, p. 11). A partir dessas observações, medimos todo o impacto das metáforas em tradução no inconsciente coletivo articulado em torno da diferença sexual: as metáforas sexuais ou sexistas contribuem então para reforçar a hierarquia, marca da desigualdade. Por outro lado, como afirma Maria Tymoczko citada anteriormente, as metáforas em tradução, desde as “belas infieis” até à antropofagia e ao canibalismo, mostram o discurso, as práticas e as estratégias de tradução; elas têm uma incidência sobre o imaginário social e sobre o desenvolvimento das disciplinas (2010, p. 110). Lori Chamberlain também poderia afirmar que as questões que devem ser analisadas dentro do campo da pesquisa de gênero em tradução são inúmeras:

*As women write their own metaphors of cultural production, it may be possible to consider the acts of authoring, creating, or legitimizing a text outside of the gender binaries that have so far circumscribed women's work both inside and outside the academy.* (1998, p. 96).

Nenhum sistema de representação poderia ser completamente fechado em si mesmo, afirma Héritier; todos apresentam falhas e lacunas, que também são aberturas que permitem iniciar uma ação (1996, p. 12). Ainda nos resta, escreve ela, “a liberdade de nos revoltamos contra os estereótipos (na medida em que tomamos consciência deles) e, portanto, contra a desigualdade entre os sexos” (2013, p. 11). Ao contribuir com a permanência da ordem social na simbologia da hierarquização, os estereótipos sexistas instituem uma representação da tradução e das relações simbólicas do masculino e feminino que, para as teóricas e tradutoras feministas, agora figuram como coisa do passado. “A verdade da metáfora”, como escreve

---

<sup>38</sup> Jean Starobinski faz a distinção de três tipos de autoridade na figura do autor. A primeira é aquela que o autor reivindica, ou da qual ele é mensageiro, e que é de origem divina (o deus ou a musa). Trata-se, nessa primeira figura de autoridade, de um modelo “arcaico”, na qual o autor está a serviço de uma autoridade antecedente que lhe é superior (1985, p. 31-35).

Hans Blumenberg, “é uma *verdade a ser realizada*”, que é de ordem *pragmática* (2006, p. 25, grifo do autor, e p. 24). A questão da tradução feminista relaciona-se, então, com as expectativas e com a obrigação da tradução, no que diz respeito ao que deve ser feito pela ação humana, na perspectiva de um novo modo de “compreensão” do mundo (ARENDDT, citada por RICŒUR, 2004, p. 36).

## Referências

ANDRÉ, James, dir. (2010). **Thinking Through Translation with Metaphors**. Manchester, St. Jerome.

ARENDDT, Hannah (1972). “Qu’est-ce que l’autorité ?”, in **La crise de la culture**. Trad. Patrick Lévy. Paris, Éditions Gallimard, coll. “Folio essais”, p. 121-185.

ARROJO, Rosemary (1994). “Fidelity and The Gendered Translation». **TTR**, 7, 2, p. 147-163.

ARROJO, Rosemary (1995). “Feminist, “Orgasmic” Theories of Translation and their Contradictions”. **TradTerm**, 2, p. 67-75.

BARREAU, Jean-Claude (1971). **Qui est Dieu**. Paris, Éditions du Seuil.

BASSET, Lytta (2005). “Qu’est-ce que parler avec autorité ?”. Leçon inaugurale, Faculté de théologie. **Chroniques universitaires/Université de Neuchâtel 2005-2006**. Neuchâtel, Université de Neuchâtel, p. 37-48.

BASSET, Lytta (2010). **Aimer sans dévorer**. Paris, Éditions Albin Michel.

BASSNETT, Susan (1993). **Comparative Literature**. A Critical Introduction. Oxford,

BLACKWELL. Benjamin, Walter (1971). “La tâche du traducteur”, in **Œuvres**, t.I (*Mythe et violence*), préface à la traduction des *Tableaux parisiens* de Baudelaire. Trad. Maurice de Gandillac. Paris, Denoël.

BLETON, Claude (2004). **Les nègres du traducteur**. Paris, Éditions Métailié.

BLUMENBERG, Hans (2006). **Paradigmes pour une métaphorologie**. Trad. Didier Gammelin. Paris, Librairie philosophique J. Vrin.

BLUMENBERG, Hans (2007). **La lisibilité du monde**. Trad. Pierre Rusch et Denis Trierweiler. Paris, Éditions du Cerf.

BROSSARD, Nicole (1987). **Le Désert mauve**. Montréal, L’Hexagone.

CASSIN, Barbara, dir. (2004). “Traduire”, in **Vocabulaire européen des philosophies. Dictionnaire des intraduisibles**. Paris, Éditions du Seuil/ Dictionnaire Le Robert, p. 1305-1320.

- CHAMBERLAIN, Lori (1998). “Gender Metaphorics in Translation”. In M. Baker, dir. **The Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres e New York, Routledge, p. 93-96.
- CHAMBERLAIN, Lori (2004 [1988]). “Gender and the Metaphorics of Translation”. In L. Venuti, dir. **The Translation Studies Reader**. Londres e New York, Routledge, p. 306-321.
- CITTON, Yves (2010). **L’avenir des Humanités. Économie de la connaissance ou cultures de l’interprétation?** Paris, Éditions La Découverte.
- CIXOUS, Hélène (2010). **Le Rire de la Méduse et autres ironies**. Paris, Éditions Galilée.
- DESAI, Anita (2012). **The Artist of Disappearance**. Londres, Vintage Books.
- DERRIDA, Jacques (1985). “Des tours de Babel”. In J. F. Graham, dir. **Difference in Translation**. Ithaca, Cornell University Press, p. 209- 248.
- D’HULST, Lieven (1992). “Sur le rôle des métaphores en traductologie contemporaine”. **Target**, 4,1, p. 33-51.
- FELMAN, Shoshana (1993). **What Does a Woman Want? Reading and Sexual Difference**. Baltimore, John Hopkins University Press.
- FESSARD, Gaston, S. J. (1960). **De l’actualité historique**, t. 1. Bruges, Desclée de Brouwer.
- GADAMER, Hans-Georg (1976 [1960]). **Vérité et méthode. Les grandes lignes d’une herméneutique philosophique**. Trad. Étienne Sacre, révis. Paul Ricœur. Paris, Éditions du Seuil.
- GAVRONSKY, Serge (1977). “The Translator: From Piety to Cannibalism». **SubStance**, 6/7, 16, p. 53-62.
- GODARD, Barbara (1991). “Translating (With) the Speculum”. **TTR**, 4, 2, p. 85-121.
- HERITIER, Françoise (1996). **Masculin/Féminin. La pensée de la différence**. Paris, Éditions Odile Jacob.
- HERITIER, Françoise (2002). **Masculin/Féminin II. Dissoudre la hiérarchie**. Paris, Éditions Odile Jacob.
- HERITIER, Françoise (2012). **Le sel de la vie**. Paris, Éditions Odile Jacob.
- HERITIER, Françoise (2013). “Quand la culture s’impose à la nature”. **Le Point Références** “Homme, femme... Les lois du genre”, hors série du **Point**, juillet-août.
- HUSTON, Nancy (2007). “Traduttore non è traditore”. In M. Le Bris et J. Rouaud, dir. **Pour une littérature-monde**. Paris, Éditions Gallimard, p. 151-160.

- JOHNSON, Barbara (1985). "Taking Fidelity Philosophically". In J. F. Graham, dir. **Difference in Translation**. Ithaca, Cornell University Press, p. 142-148.
- LADMIRAL, Jean-René (1986). "Sourciers et ciblistes". **Revue d'esthétique**, 12, p. 33-42.
- LADMIRAL, Jean-René (1990). "Pour une théologie de la traduction». **TTR**, 3, 2, p. 121-138.
- LADMIRAL, Jean-René (1990). "La traduction prolifère ? – Sur le statut des textes qu'on traduit", **Meta**, 35, 1, p. 102-118.
- LADMIRAL, Jean-René (1991). "La langue violée ?" **Palimpsestes**, 6, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, p. 23-33.
- LADMIRAL, Jean-René (1995). "Traduire, c'est à dire... Phénoménologies d'un concept pluriel". **Meta**, 40, 3, p. 409-420.
- LADMIRAL, Jean-René (2012). "Une anthropologie interdisciplinaire de la traduction». Entretien avec Jane Elisabeth Wilhelm. **Meta**, 57, 3, p. 546-563.
- LARBAUD, Valery (1984 [1946]). *De la traduction*. Extrait de **Sous l'Invocation de Saint Jérôme**. Arles, Éditions Actes Sud.
- LAVIERI, Antonio (2007). **Translatio in fabula. La letteratura come pratica teorica del tradurre**. Rome, Editori Riuniti.
- LEGRAND, Stéphane (2009).: "La philosophie a orchestré l'impossibilité de la femme comme sujet". Rencontre avec Catherine Malabou. **Le Monde**, Paris, 18 décembre.
- LOTBINIERE-HARWOOD, Susanne de (1991). **Re-belle et infidèle. La traduction comme pratique de réécriture au féminin. The Body Bilingual, Translation as a Rewriting in the Feminine**. Montréal, Les éditions du remue-ménage/Women's Press.
- MALABOU, Catherine (2009). **Changer de différence. Le féminin et la question philosophique**. Paris, Éditions Galilée.
- MATHIEU, Nicole-Claude (1991). **L'anatomie politique: catégorisations et idéologies du sexe**. Paris, Éditions Côté-femmes.
- MATTHIEUSSENT, Brice (2009). **Vengeance du traducteur**. Paris, P.O.L. Éditeur.
- MOLINO, Jean; Jane Wilhelm, Jean (1985a). "Pour une histoire de l'interprétation: les étapes de l'herméneutique". **Philosophiques**, 12, 1, p. 73-103.
- MOLINO, Jean (1985b). "Pour une histoire de l'interprétation: les étapes de l'herméneutique (suite)". **Philosophiques**, 12, 2, p. 281-314.
- MOUNIN, Georges (1994 [1955]). **Les belles infidèles**. Lille, Presses universitaires de Lille.

- NIRANJANA, Tejaswini (1992). **Siting Translation. History, PostStructuralism, and the Colonial Context**. Berkeley, University of California Press.
- ORSENNA, Erik (1997). **Deux étés**. Paris, Éditions Fayard.
- PAIN, Jacques et Alain Vulbeau (2000). “L’autorisation ou les mouvements de l’autorité”. In A. Garapon et S. Perdrille, dir. **Quelle autorité ? Une figure à géométrie variable**, 198, Paris, Éditions Autrement, p. 119-137.
- PATEMAN, Carole (2010 [1988]). **Le contrat sexuel**. Trad. Charlotte Nordmann. Paris, Éditions la Découverte.
- PROUST, Marcel (2002 [1913]). **Un amour de Swann**. Paris, Éditions Flammarion.
- PROUST, Marcel (2004). **Le temps retrouvé, in À la recherche du temps perdu**, vol. VII. Paris, Éditions Gallimard.
- RAGUET, Christine, dir. (2008). “Traduire le genre grammatical: un enjeu linguistique et/ou politique ?” **Palimpsestes**, 21. Paris, Presses Sorbonne Nouvelle.
- REVAULT D’ALLONNES, Myriam (2006). **Le pouvoir des commencements. Essai sur l’autorité**. Paris, Éditions du Seuil.
- RENAUT, Alain (2004). **La fin de l’autorité**. Paris, Éditions Flammarion.
- RICŒUR, Paul (1969). **Le conflit des interprétations. Essais d’herméneutique**. Paris, Éditions du Seuil.
- RICŒUR, Paul (1986). **Du texte à l’action. Essais d’herméneutique**, II. Paris, Éditions du Seuil.
- RICŒUR, Paul (2004). **Sur la traduction**. Paris, Bayard.
- ROBINSON, Douglas (1998). “Hermeneutic Motion». In M. Baker, dir. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres et New York, Routledge, p. 97-99.
- ROUGEMONT, Denis de (1972 [1939]). **L’amour et l’Occident**. Paris, Librairie Plon.
- ROSSET, Clément (2008). **L’école du réel**. Paris, Les Éditions de Minuit.
- RUBIN, Gayle (1975). “The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex”. In R. Reiter, dir. **Toward an Anthropology of Women**. New York, Monthly Review Press, p. 157-210.
- SARDIN, Pascale, dir. (2009). Traduire le genre: femmes en traduction. **Palimpsestes**, 22, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich (1987). **Herméneutique**. Trad. Marianna Simon. Genève, Éditions Labor et Fides.

SCHLEIERMACHER, Friedrich (1999). **Des différentes méthodes du traduire et autre texte**. Trad. Antoine Berman. Paris, Éditions du Seuil.

SCOTT, Joan (1988). “Genre : une catégorie utile d’analyse historique”. Trad. Eleni Varikas. **Les Cahiers du Grif**, 37/38, Paris, Éditions Tierce, p. 125-153.

SCOTT, Joan (2012). **De l’utilité du genre**. Trad. Claude Servan-Schreiber. Paris, Librairie Arthème Fayard.

SIMON, Sherry (1989). “Compte rendu». **TTR**, 2, 2, p. 157-158.

SIMON, Sherry (1996). **Gender in Translation. Cultural Identity and the Politics of Transmission**. Londres e New York, Routledge.

SIMON, Sherry (2002). “Germaine de Staël and Gayatri Spivak: Culture Brokers”. In M. Tymoczko e E. Gentzler, dir. **Translation and Power**. Amherst, University of Massachusetts Press, p. 122-140.

SIMON, Sherry (2009). “Médiatrices. De Germaine de Staël à Gayatri Spivak”. In A. Fidecaro, H. Partzsch, S. van Dijk et V. Cossy, dir. **Femmes écrivains à la croisée des langues, 1700-2000/Women Writers at the Crossroads of Languages, 1700-2000**. Genève, MétisPresse, coll. “Voltiges”, p. 43-53.

SOUZENELLE, Annick de. **Ouvrir le noyau intérieur**, propos recueillis par Claudine Della Libera. [<https://www.cles.com/enquetes/article/ouvrir-le-noyau-interieur>].

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (1996). “Feminism and Critical Theory”. In D. Landry et G. MacLean, dir. **The Spivak Reader. Selected Works of Gayatri Chakravorty Spivak**. Londres et New York, Routledge, p. 53-74.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2004 [1993]). “The Politics of Translation». In L. Venuti, dir. **The Translation Studies Reader**, Londres e New York, Routledge, p. 369-388.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2011). “Entretien de Gayatri Spivak”. **Philosophie magazine**, 48, p. 58-63.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2012). “Culture: Situating Feminism», in **An Aesthetic Education in the Era of Globalization**. Cambridge, Harvard University Press, p. 119-136.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2012). “Translating into English», in *An Aesthetic Education in the Era of Globalization*. Cambridge, Harvard University Press, p. 256-274.

STAROBINSKI, Jean (1970). **L’œil vivant II. La relation critique**. Paris, Éditions Gallimard.

STAROBINSKI, Jean (1985). “L’auteur et l’autorité”. **Écriture**, 24, p. 31-35.

STAROBINSKI, Jean (1987). Avant-propos à **l’Herméneutique** de Friedrich Schleiermacher. Trad. Marianna Simon. Genève, Éditions Labor et Fides.

STEINER, George (1978 [1975]). **Après Babel. Une poétique du dire et de la traduction.** Trad. Lucienne Lotringer. Paris, Éditions Albin Michel.

TYMOCZKO, Maria (2010). “Western Metaphorical Discourses Implicit in Translation Studies”. In J. St. André, dir. **Thinking Through Translation with Metaphors.** Manchester, St. Jerome, p. 109-143.

VAN WYKE, Ben (2013). “Translation and Ethics”. In C. Millan et F. Bartrina, dir. **The Routledge Handbook of Translation Studies.** Londres et New York, Routledge, p. 548-560.

VINCENT, Catherine (2009). “Il était une fois deux sexes”. **Le Monde**, 3 août.

VON FLOTOW, Luise (1991). “Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories”. **TTR**, 4, 2, p. 69-84.

VON FLOTOW, Luise (1997). **Translation and Gender: Translating in the “Era of Feminism”.** Manchester, St. Jerome; Ottawa, Presses de l’Université d’Ottawa.

VON FLOTOW, Luise (2009). “Gender and Sexuality”. In M. Baker e G. Saldanha, dir. **The Routledge Encyclopedia of Translation Studies**, 2e éd. Londres et New York, Routledge, p. 122-126.

VULBEAU, Alain et Jacques Pain (2003). **L’invention de l’autorité.** Vigneux, Éditions Matrice.

WILHELM, Jane (2012). “Jean-René LADMIRAL – une anthropologie interdisciplinaire de la traduction». Entretien avec Jane Elisabeth Wilhelm. **Meta**, 57, 3, p. 546-563.

WUILMART, Françoise (2009). “Traduire un homme, traduire une femme... est-ce la même chose ?” In P. Sardin, dir. Traduire le genre: femmes en traduction. **Palimpsestes**, 22, p. 23-39.

## Estudos de Tradução: explorando uma perspectiva feminista da tradução<sup>1</sup>

Beatriz Cagnolati<sup>2</sup>

Tradução:

Alexia Gonçalves Pokorski  
Ana Letícia Prado de Campos  
Cláudia Xavier Faria  
Iago Marques Barragan  
Stéphanie Oviedo Ferreira<sup>3</sup>

Supervisão:

Cleci Regina Bevilacqua<sup>4</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta a transformação dos Estudos de Tradução a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero, dois campos de conhecimento multi e interdisciplinares. Em relação aos Estudos de Tradução, a *virada cultural* ocorrida nos anos 80 marca o momento em que a tradução é incluída no conjunto dos subsistemas culturais, com interesses competitivos e sujeitos às ideologias conjunturais predominantes (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 37). Paralelamente, no Canadá, se estabelece um campo de estudo particular, que vincula os desenvolvimentos transculturais e translinguísticos, emergidos dos movimentos feministas dos anos 70, à produção e recepção de textos, envolvendo a pesquisa em Tradução e Gênero. Nesse contexto, surge a noção de *tradução no feminino* ou *reescrita no feminino*, que se propõe a subverter a linguagem patriarcal e reivindicar, por sua vez, as ideias feministas (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991). As estratégias discursivas e textuais utilizadas para resolver os problemas de tradução relacionados com o gênero (*suplementação* ou *compensação*, a *metatextualidade*, o *sequestro* e o *pacto especular*) costumam recorrer ao emprego de uma linguagem com alterações semânticas, neologismos ou inovações linguísticas, que visam questionar a língua atual e visibilizar a presença feminina (CASTRO VÁZQUEZ, 2008, p. 296-298). Neste trabalho, enfocamos na discussão e na exemplificação de tais estratégias.

**Palavras-chave:** Estudos de Tradução; virada cultural; reescrita no feminino.

### Introdução

Este trabalho pretende apresentar a transformação dos Estudos de Tradução a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero, dois campos de conhecimento que reconhecem uma influência multi e interdisciplinar, uma vez que, por um lado, se nutrem de abordagens

---

<sup>1</sup> Artigo traduzido do espanhol: CAGNOLATI, Beatriz. Traductología: Exploración de un enfoque feminista de la traducción. III Jornadas del Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género, 25 a 27 de setembro de 2013, La Plata, Argentina. Desde Cecilia Grierson hasta los debates actuales. **Memoria Académica**. Disponível em: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.3437/ev.3437.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3437/ev.3437.pdf). Acesso em: 09 ago. 2021.

<sup>2</sup> Área de Investigación en Traductología (AIT). Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (IdIHCS-CONICET), Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata

<sup>3</sup> Alunas e aluno de graduação do Bacharelado em Letras Português - Espanhol da UFRGS. E-mails: alexiapok19@gmail.com, analeticiacamposnh@gmail.com, claudiaxfaria@hotmail.com, iago.barragan@gmail.com, steovfer@gmail.com.

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS. E-mail: cleci.bevilacqua@ufrgs.br

diversas — linguísticas, textuais, discursivas, comunicativas, semióticas, pragmáticas, culturais — e, por outro lado, tomam noções de outras disciplinas, ressignificando-as discursivamente, além de criarem seus próprios conceitos. Esta dinâmica orbita na constante complexificação dos estudos considerados.

Segundo Hurtado Albir (2004, p. 130), a tradução é estudada a partir de cinco perspectivas, que não são estanques, mas que enfatizam a prioridade de interesse de um elemento sobre outro — *linguístico, textual, cognitivo, comunicativo/sociocultural, filosófico/hermenêutico*. Como se pode ver, o primeiro lugar da lista é reservado à perspectiva linguística, e as razões para esta posição são (pelo menos) duas: cronológicas, por um lado, e técnicas, por outro. Cronologicamente falando, as abordagens linguísticas inauguram a reflexão científica sobre a tradução ao instalar o problema da heterogeneidade das visões de mundo e da impenetrabilidade dos sistemas gramaticais de duas línguas (MOUNIN, 1963, p. 8); tudo isso repercute nas ideias de traduzibilidade e intraduzibilidade. As razões técnicas decorrem da atividade de tradução propriamente dita, uma vez que quem traduz realiza pesquisas terminológicas, enciclopédicas ou culturais que vão além dos aspectos estritamente linguísticos, mas, no final, a reexpressão será materializada de modo (quase) exclusivo com palavras do sistema linguístico de chegada.

No entanto, o processo mental de tradução sofre interferência das formas do texto original, mas esta influência pode ser reduzida com o uso de estratégias provenientes de fundamentos pragmáticos, comunicativos, culturais ou ideológicos, que ampliam a liberdade de quem traduz.

A este respeito, a historiografia da tradução destaca os anos 80 como o momento da *virada cultural*, porque é o momento em que a tradução é incluída no conjunto dos subsistemas culturais, com interesses competitivos e sujeitos às ideologias conjunturais predominantes (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 37). A atenção se centra nas relações de poder entre escritores, tradutores e público leitor, e se discute, por exemplo, a relação entre ideologia e tradução. Assim, a tradução deixa de ser considerada como um fato empírico definido pela cultura meta ou receptora, para transformar-se em um conjunto complexo de relações e regularidades de traduzibilidade em contextos culturais reais (VUKOVIC, 2012, p. 26-27).

Por sua vez, a perspectiva sociocultural e polissistêmica traz a ideia de que a tradução é uma atividade regida por normas, classificadas como inicial, preliminares e operacionais, de acordo com uma relação hierárquica (TOURY, 2004, p. 97-103). Por exemplo, as normas operacionais linguístico-textuais são aquelas que determinam as escolhas que substituem o

material linguístico-textual do texto original; contudo, essa escolha é condicionada pelas normas supraordenadas (inicial e preliminares) que respondem a decisões políticas, econômicas, culturais ou ideológicas. Em outras palavras, a posição e a função sistêmica de uma tradução determinam sua configuração linguístico-textual superficial e regem as estratégias que são ativadas na produção discursiva (TOURY, 2004, p. 49-50).

Surge, assim, a noção de manipulação associada à noção de intertextualidade dentro da língua-cultura receptora, segundo a qual a pessoa que traduz decide variar ou respeitar o valor e a função do seu texto meta. Lawrence Venuti (1995, p. 19) concebe a tradução como uma "prática político-cultural que, por um lado, constrói ou critica identidades ideologicamente marcadas por culturas estrangeiras e, por outro, afirma ou transgride valores discursivos e limitações institucionais na língua-cultura de chegada"<sup>5</sup>. A ideia de ajuste e manipulação do texto original com o objetivo de produzir um texto meta que cumpra a função que lhe foi atribuída no contexto cultural receptor também é defendida por Rosa Rabadán (1994, p. 132-133). A tradução assume, então, o estatuto de recriação, em vez de reprodução servil e, ao mesmo tempo, facilita a visibilidade de quem traduz (CASTRO VÁZQUEZ, 2008, p. 286). Uma das consequências diretas desses posicionamentos é a modificação e até a eliminação do termo equivalência, tão multifacetado e controverso quanto presente em qualquer reflexão e decisão sobre tradução.

No entrelaçamento das ideologias e das relações de poder, estabeleceu-se, no Canadá, por volta dos anos 80, um campo de estudo particular, que vincula os desenvolvimentos transculturais e translinguísticos, emergidos dos movimentos feministas dos anos 70, à produção e recepção de textos; tudo isto envolvendo a pesquisa em Tradução e Gênero. Von Flotow identifica dois paradigmas com diferentes graus de influência nos Estudos de Tradução: o primeiro, marcado pelo nascimento do ativismo feminista e sua forte incidência na tradução; o segundo, caracterizado pela desestabilização do termo gênero (VON FLOTOW, 2007, p. 92-93).

Por sua vez, Castro Vázquez reconhece uma tendência bidirecional entre Estudos de Tradução e Estudos de Gênero, uma vez que, tal como os feminismos exigem atualmente o seu lugar nos Estudos de Tradução, "a tradução luta pelo seu próprio lugar nos Estudos de Gênero": ambos se situam à margem do discurso dominante e são inferiores na hierarquia do poder social. Dessa forma, os componentes da atividade de tradução (processo tradutório,

---

<sup>5</sup> As traduções das citações e dos exemplos em português são de autoria das tradutoras e do tradutor. No texto original, a autora usa a tradução de Menéndez (2012, p. 141): "práctica político-cultural que, por un lado, construye o critica identidades ideológicamente marcadas por culturas extranjerias y, por el otro, afirma o transgrede valores discursivos y limitaciones institucionales en la lengua cultura de llegada".

texto traduzido e tradutor) são periféricos em relação à própria criação (processo criativo, texto original, autor); do mesmo modo, "os feminismos são periféricos ao discurso central do patriarcado". (CASTRO VÁZQUEZ, 2008, p. 285-287). Este discurso apela a formas idiomáticas sexistas e discriminatórias que compõem a *linguagem patriarcal*. Em razão disso, os temas centrais dos Estudos de Gênero nos Estudos de Tradução são, entre outros, a crítica à terminologia e às concepções sexistas da tradução, a revisão de traduções de textos escritos por mulheres, a análise de traços sexistas nas traduções ou a crítica às metáforas sexuadas e sexistas (HURTADO ALBIR, 2004, p. 627-629).

Neste contexto de luta e interesse em eliminar traços sexistas, surge a noção de *tradução no feminino* ou *reescrita no feminino*, que se propõe a subverter a linguagem patriarcal e reivindicar, por sua vez, as ideias feministas. A *reescrita no feminino* implica um duplo esforço: passar da língua original para a língua de chegada e, além disso, da língua patriarcal dominante para uma língua não-sexista (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991 *apud* HURTADO ALBIR, 2004, p. 628).

### 1. A neutralização e a feminização ou especificação

Um dos problemas da *reescrita no feminino* é a tradução do gênero linguístico em línguas de trabalho que não compartilham o mesmo comportamento gramatical. Há duas maneiras de resolver esta questão: a partir da neutralização e da feminização ou especificação. Na primeira, procura-se encontrar um caminho que reúna todo um grupo e que evite o uso marcado pelo gênero: a opção é por usar formas verbais (quem traduz, a pessoa que traduz, em vez de o/os tradutor/es) ou nominais neutras (vizinhança, em vez de vizinhos). A feminização, pelo contrário, recorre aos mecanismos explícitos de visibilização como a duplicação de determinantes (*os e as/as e os*) e o uso de signos tipográficos (barra: o/a escritor/a; arroba: @s alun@s; xis: xs alunxs).

Exemplifiquemos as duas tendências com o contraste entre a palavra em francês *enfant* e seu correspondente em espanhol *niño* (menino) ou *niña* (menina): a marca de gênero de *enfant* é vista na forma de algumas séries de determinantes (*un/une*) e dos adjetivos que circunstancialmente o acompanham. Desse modo, as expressões *une enfant gentille* ou *un enfant gentil* evidenciam o gênero, mas o mesmo não acontece em *des enfants vulnérables*, uma vez que nem o determinante plural nem o adjetivo estão marcados pelo gênero e acabam por ficar apagados se o contexto está desprovido de marcas adicionais. Tanto em espanhol quanto em francês, o plural masculino absorve o feminino (*los niños vulnérables/os meninos*

vulneráveis). Por isso, o mecanismo de neutralização evita essas formas e busca um enunciado do tipo *la niñez vulnerable* (as crianças vulneráveis) ou *la infancia vulnerable* (a infância vulnerável), enquanto a feminização ou especificação deixa nítido que o sistema de linguagem é insuficiente para abranger o gênero feminino e mostra isso por meio de criações do tipo *l@s niñ@s vulnerables* (@s menin@s vulneráveis) ou *lxs niñxs vulnerables* (xs meninxs vulneráveis).

Além das duas modalidades indicadas anteriormente, a intenção de tornar-se visível dentro de uma linguagem patriarcal faz com que a produção discursiva feminista recorra a alterações semânticas, neologismos ou inovações linguísticas que não sejam indiferentes a quem lê.

A renomada escritora canadense Nicole Brossard expressa essa ideia da seguinte forma:

*J'aime exister en direct, que l'écriture déclenche des frissons face aux énoncés radicaux, aux licences syntaxiques et grammaticales, aux audaces sémantiques.* (1998, p. 104)

*Me gusta existir en directo, que la escritura me haga estremecer ante enunciados radicales, licencias sintácticas y gramaticales u osadías semánticas.* (tradução da autora)

(Eu gosto de existir literalmente, que a escrita me faça estremecer ante enunciados radicais, licenças sintáticas e gramaticais ou ousadas semânticas).

Com a finalidade de descrever a tradução feminista, Castro Vázquez (2008, p. 293-298) propõe as seguintes estratégias discursivas e textuais: a *suplementação* ou *compensação*, a *metatextualidade*, o *sequestro* e o *pacto especular*.

A seguir, aplicamos essa classificação à obra de Nicole Brossard (1998) *Elle serait la première phrase de mon prochain roman*, traduzida para o inglês por Susanne de Lotbinière-Harwood, com o título *She would be the first sentence of my next novel*. O livro apresenta como evolui a relação da autora com a literatura e com a língua, evolução no decorrer da qual se interseccionam informações e processos da própria escritora que a vinculam estreitamente à geografia de Montreal, sua cidade natal:

*Montréal respirait telle une ressource linguistique, une génératrice de calembours et de métaphores. De l'est à l'ouest, la rue Sherbrooke était devenue un trajet de vie rempli de haltes érotiques et polysémiques. Dans le dédale des métaphores, elle avait fait de Montréal une partenaire essentielle pour exprimer la dimension ludique et contemporaine de l'urbaine radicale, de la fille en combat qu'elle disait être dans la cité.* (1998, p. 58)

*Montreal respiraba como si fuera una expresión lingüística, una generadora de retruécacos y de metáforas. De este a oeste, la calle Sherbrooke se había convertido en un trayecto de vida lleno de lugares eróticos y polisémicos. En el laberinto de las metáforas, ella había hecho de Montreal una compañera esencial para expresar la dimensión lúdica y contemporánea de una mujer urbana radical, de una chica de ciudad dispuesta a todo, como decía serlo.* (tradução da autora)

(Montreal respirava como se fosse uma expressão linguística, uma geradora de jogos de palavras e metáforas. De leste a oeste, a rua Sherbrooke se transformara em um trajeto de vida cheio de lugares eróticos e polissêmicos. No labirinto das metáforas, ela fizera de Montreal uma companheira essencial para expressar a dimensão lúdica e contemporânea de uma mulher urbana radical, de uma garota da cidade disposta a tudo, como ela se dizia ser.)

## 2. Estratégias da tradução feminista

Como já adiantamos, as estratégias discursivas e textuais que Castro Vásquez registra são a *suplementação*, a *metatextualidade*, o *sequestro* e o *pacto especular*.

### 2.1 Suplementação ou compensação

A *suplementação* ou *compensação* consiste na intervenção que a tradutora realiza diretamente com a finalidade de equilibrar as diferenças entre as línguas-cultura colocadas em jogo como, por exemplo, a marca de gênero.

Na obra que analisamos, e especialmente no último fragmento transcrito em francês, a menção *l'urbaine radicale* (p. 58) não tem marca de gênero em inglês. Por tal motivo, a tradução compensa esse vazio gramatical com a palavra *woman*: “*radical urban woman*”.

Encontramos este recurso habitual nos seguintes exemplos:

*la plupart des écrivaines* (p. 20) / *that most women writers* (p. 21)

*la mélancolie de ses écrivain/es* (p. 56) / *the melancholy of its writers, men and women* (p. 57)

*Je suis une urbaine* (p. 60) / *I am an urban woman* (p. 61)

*De nouveaux auteur/es* (p. 64) / *New writers, men and women* (p. 65)

Tais mecanismos discursivos de intervenção sobre o texto desaparecem quando a compensação é feita pelo próprio sistema linguístico. No exemplo seguinte, a palavra em

francês *nageuse* é o feminino de *nageur*. Por sua vez, o inglês se vale do possessivo *her* para expressar o feminino:

*...comme une nageuse qui [...] resurgit avec ses muscles mouillés* (p. 26) /  
*...like a swimmer who [...] resurfaces with her wet muscles...* (p. 27)

No entanto, comprovamos que às vezes a tradução omitiu a indicação de gênero. Nos seguintes exemplos traduzidos, não se utiliza a estratégia de suplementação e tampouco o sistema da língua dá conta da inclusão de ambos os gêneros:

*C'est parce que la littérature isole l'écrivain/e* (p.94) / *Because literature isolates writers* (p. 95)

*La conversation l'amena à parler des auteur/es* (p.116) / *the conversation led her to talking about the writers* (p. 117)

Dentro da categoria que consideramos — suplementação ou compensação —, incluem-se as licenças sintáticas e gramaticais. No exemplo que segue, Brossard intervém sobre a palavra plural em francês *amours* agregando a vogal “-e”, que nessa língua é a marca de feminino. Com isto, a autora cria um significante integralmente feminino<sup>61</sup>: *...évoquer de longues lutttes et amoures...* (p. 50) / *... to evoke lengthy struggles and she-loves...* (p.51).

Por sua vez, a tradutora colocou em prática um mecanismo presente no sistema da língua inglesa, que consiste em adicionar o pronome *she* como prefixo, neste caso da palavra *loves*, solucionando, assim, a criação linguística da autora.

## 2.2 Metatextualidade

A segunda estratégia da tradução feminista, a *metatextualidade*, se refere aos paratextos que se inserem nas publicações com a finalidade de explicar as razões das intervenções no texto. Dessa forma, não somente se busca justificar a manipulação do texto original, mas também — e especialmente — tornar visível a tarefa de tradução. Neste sentido, a página seguinte às palavras com as quais o livro é finalizado (“Écrire *je suis une femme* est plein de conséquences.”/ “To write *I am a woman* is full of consequences.”) é um rascunho da tradução da página 86, na qual Brossard expõe sua tese sobre a escrita no feminino. O rascunho dessa página é a amostra instantânea do processo tradutório: a recriação da tradutora

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que a marcação do gênero à palavra em francês “amour” oscila nas gramáticas clássicas (GREVISSE, 1975, § 253).

Susanne de Lotbinière-Harwood se vê nas correções definitivas (palavras eliminadas e novas propostas), nas dúvidas (sinais de interrogação) e nas opções possíveis no momento de “congelar” o processo de tradução (barras). Essas marcas de revisão são alguns dos recursos que evidenciam a natureza da tradução como sucessão permanente das decisões fundamentadas não somente sobre a dinâmica do discurso e a bagagem cognitiva do tradutor (DURIEUX, 1987, p. 42), mas também — e especialmente nas reescritas no feminino — sobre uma posição ideológica sustentada (Ver ANEXO 1).

### 2.3 Sequestro

A terceira estratégia, denominada *sequestro*, é a apropriação de um texto com a finalidade de transformá-lo em feminista. Não foi possível encontrar essa estratégia no livro de Brossard / de Lotbinière-Harwood, mas, em vez disso, nos remetemos ao título *Re-belle et infidèle*, obra escrita por Susanne de Lotbinière-Harwood (1991). Os Estudos de Tradução identificam como *les belles infidèles* a corrente francesa do século XVII denominada assim, metaforicamente, pelo escritor Gilles Ménage; essas *belas infiéis* designavam as traduções que seguiam o bom gosto da época, como é o caso das traduções de Jacques Amyot; na ideia de beleza da época, podemos prefigurar o conceito contemporâneo de adaptação ao público receptor (CAGNOLATI, 2012, p. 45). Três séculos mais tarde, a partir de um revisionismo guiado tanto pelos Estudos de Tradução quanto de Gênero, Susanne de Lotbinière-Harwood (1991) *sequestra* a metáfora primitiva *les belles infidèles*, a manipula e modifica radicalmente seu sentido com o objetivo de questionar aquela corrente por ver nela uma postura patriarcal e misógina no que diz respeito à tradução (VON FLOTOW, 2007, p. 94).

### 2.4 Pacto especular

Por último, o *pacto especular*<sup>7</sup> reside na colaboração ou coautoria entre tradutora e autora, estratégia muito visível na obra sobre a qual nos debruçamos. A capa do livro apresenta uma série de jogos tipográficos e espaciais sugestivos. Nela, aparece uma silhueta humana esfumada e contornada na parte superior pela informação de Susanne de Lotbinière-Harwood como tradutora; na parte inferior da capa, aparece o nome da autora, Nicole Brossard. Também na capa, dividida em quatro partes, a disposição dos títulos em inglês, à

---

<sup>7</sup> Castro Vázquez pontua (2008, p.296) que a expressão *pacto especular* pertence à Marie-France Dépêche.

esquerda, e em francês, à direita, confunde o leitor sobre a língua-cultura do texto de origem. Na lombada do livro, a distribuição dos títulos é feita de tal modo que é possível presumir uma coautoria. Por fim, os direitos da tradução para o inglês incluem tanto a autora quanto a tradutora (Ver ANEXO 2).

### À guisa de conclusão

Voltamos aos conceitos introdutórios, nos quais apontamos que o humano ato de traduzir denuncia a tensão entre a fidelidade ao original e a liberdade criativa, tensão essa que a virada cultural dos anos 80 desfaz em favor da recriação, com a consequente busca pela visibilização da pessoa que traduz.

Por sua vez, a reescrita no feminino pretende solucionar esse dilema, questionando noções tradutórias clássicas como a fidelidade, a equivalência, o texto de origem, o texto meta, entre outras. Particularmente, explorar a reescrita no feminino permite identificar os mecanismos linguístico-discursivos de presença ou de recuperação do gênero feminino que refletem a relação entre o nível macroteórico da ideologia e o micronível linguístico.

No início do artigo, dissemos que a tradução se materializa de maneira (quase) exclusiva com as palavras do sistema linguístico de chegada, modalizando com o advérbio *quase* o uso exclusivo do sistema linguístico em tradução. Tal elucidação é justificada se reformulamos o conceito de tradução de perspectiva feminista.

### Referências

BROSSARD, Nicole. **Elle serait la première phrase de mon prochain roman/She would be the first sentence of my next novel**. Traducción al inglés de Susanne Lotbinière-Harwood. Toronto: The Mercury Press, 1998.

CAGNOLATI, Beatriz. Traductología: hacia el nacimiento de una ‘nueva’ disciplina. **La Traductología: miradas para comprender su complejidad**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Serie Estudios/Investigaciones, 42, FaHCE, UNLP, 2012, p. 41-70.

CASTRO VÁZQUEZ, Olga. Género y traducción: elementos discursivos para una reescritura feminista. **Lectora**, 14, p. 285-301, 2008.

DURIEUX, Christine. Qu’est-ce qu’une bonne traduction? **Recueil de tirés à part**. Paris: Centre de recherche en traductologie, ESIT, 1987.

GREVISSE, Maurice. **Le bon usage**. Gembloux: Duculot, 1975.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y Traductología**. Madrid: Cátedra, 2004.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Suzanne de. *Re-belle et infidèle/The Body Bilingual*. Quebec: Women's Press, 1991.

MENÉNDEZ, Marina. El concepto de equivalencia. In: Cagnolati, Beatriz (comp.) **La Traductología. Miradas para comprender su complejidad**. Serie Estudios/ Investigaciones, 42. FaHCE, UNLP, 2012, p. 118-163.

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. **El otoño del pingüino**. Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, Servicio de Comunicacion y Publicaciones, 2006.

MOUNIN, Georges. **Les problèmes théoriques de la traduction**. París: Gallimard, 1963.

RABADÁN, Rosa. Traducción, intertextualidad y manipulación. In: HURTADO ALBIR, Amparo (ed.) **Estudi sobre la traducció**. Castelló de la Plana: Universidad de Jaume I, 1994, p. 129-139.

TOURY, Gideon. **Los estudios descriptivos de traducción y más allá**. Metodología de la investigación en estudios de traducción. Traducción al castelhana de Rosa Rabadán e Raquel Merino. Madrid: Cátedra, 2004.

VENUTI, Lawrence (ed.). **The translator's invisibility: A History of Translation**. Londres/ Nueva York: Routledge, 1995.

VON FLOTOW, Luise. Gender and Translation. In: KUHIWCZAK, Piotr; LITTAU, Karin (eds.). **A Companion to Translation Studies**. Clevedon, Reino Unido: Multilingual Matters Ltd, 2007, p. 92-105.

VUKOVIC, Jovanka. “¿Cómo definimos el concepto de traducción?”. In: CAGNOLATI, Beatriz (comp.). **La Traductología. Miradas para comprender su complejidad**. Serie Estudios/ Investigaciones, 42, FaHCE, UNLP, 2012p. 13-40.



## A tradução feminista no Canadá e as teorias pós-coloniais: uma influência recíproca?<sup>1</sup>

Anna Malena e Julie Tarif

Tradução: Tainara Cecília Balt

Revisão de tradução: Patrícia C.R. Reuillard<sup>2</sup>

**Abstract:** Through examining and translating some of the work by Canadian feminist translators, such as Barbara Godard and Sherry Simon, we develop two avenues of inquiry: first, we examine how their theories of subjectivity and production came from the practice of literary *écriture féminine*; second, we suggest that in translation studies, feminist voices were echoing postcolonial voices rising at the same time. We want to show that, in the political and cultural context of Canada, and more precisely of Québec, feminist voices provide the prolegomena of a theory of liberation for the feminine and postcolonial subject from the masculine hegemony in literary institutions.

**Keywords:** Translation Studies; feminisms and postcolonialism; Canada/Quebec; subject of the speech; autonomy.

**Resumo:** Através da análise e tradução de alguns trabalhos de tradutoras feministas canadenses, como Barbara Godard e Sherry Simon, desenvolvemos duas vias de pesquisa: a primeira, em que examinamos como suas teorias sobre subjetividade e produção vieram da prática literária da *écriture féminine*; a segunda, na qual propomos que as vozes feministas estavam ecoando, nos Estudos de Tradução, vozes pós-coloniais que surgiam simultaneamente a elas. Pretendemos mostrar que, no contexto político e cultural do Canadá, e mais precisamente do Quebec, vozes feministas forneceram um prolegômeno da teoria da liberação para o sujeito feminino e pós-colonial em relação à hegemonia masculina nas instituições literárias.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução; feminismos e pós-colonialismo; Canadá/Quebec; sujeito de discurso; autonomia.

### Introdução

Em seu livro *Translation* (2014), Susan Bassnett enfatiza que as vozes mais inovadoras nas questões relativas ao gênero nos Estudos de Tradução foram ouvidas primeiro no Canadá, com destaque para Barbara Godard e Sherry Simon. Entretanto, ao longo dos anos 1990, ambas abraçaram novos campos de pesquisa: Barbara concentrou-se nas consequências da colonização para as populações autóctones; Simon, por sua vez, dedicou-se à migração e ao fenômeno das cidades na tradução, ou seja, às trocas interculturais que dão vida a alguns

---

<sup>1</sup> Traduzido a partir de “La traduction féministe au Canada et les théories postcoloniales: une influence réciproque?”, publicado na revista **Atelier de Traduction**, disponível em : <https://atelierdetraduction.usv.ro/ro/numar-24/>, mediante autorização das autoras Anne Malena (University of Alberta, Canada, amalena@ualberta.ca) e Lucie Tarif (University of Alberta et TRACT/Prismes, EA 4398, Sorbonne Nouvelle, jtarif@ualberta.ca).

<sup>2</sup> Tainara Cecília Balt: Bacharelanda em Letras (UFRGS), tainara.cecilia@hotmail.com  
Patrícia C. R. Reuillard: Professora do Instituto de Letras (UFRGS), patricia.ramos@ufrgs.br

espaços urbanos pós-coloniais em todo o mundo. Através deste escrito, pretendemos revelar a lógica subjacente a essa mudança de orientação e destacar as relações entre essas vozes feministas, seu projeto tradutológico e as teorias pós-coloniais.

Ao examinar e traduzir algumas dessas vozes feministas e pós-coloniais para o francês, queremos promover a sua circulação intercultural e mostrar que elas se engajaram na elaboração de teorias sobre as possibilidades de emancipação do sujeito feminino e também colonial fora da prisão em que os discursos patriarcal e colonialista o mantiveram. Nosso estudo será conduzido a partir de dois grandes eixos de análise: primeiramente, exploraremos as noções de subjetividade e de produção; em seguida, demonstraremos que as vozes feministas nos Estudos de Tradução repercutem as vozes pós-coloniais que começavam, ao mesmo tempo, a ressoar pelo mundo.

## 1. A tradução é feminina

Em seu artigo *Gender and the metaphors of translation*, Lori Chamberlain perscruta um conceito que considera negligenciado pela crítica: a projeção de clichês sexistas na poética do traduzir. Com isso, ela abre caminho para Simon, pela qual é citada na obra *Gender in translation*. Em seus respectivos trabalhos, as duas autoras concentram-se efetivamente na dialética masculino/feminino que cerca o ato de traduzir no discurso sobre a tradução, cujo resultado é uma oposição binária, proveniente de um juízo de valor sexista; o tradutor está mais próximo do polo masculino, enquanto o produto final está mais próximo do feminino: “O original é tido como masculino, poderoso e criador, e a tradução, como feminina, mais fraca e inferior”<sup>3</sup> (SIMON, 1996, p. 1, tradução nossa). Simon inicia sua obra denunciando essa analogia e utilizando-se de uma imagem que revela um legado negativo: “Por serem necessariamente ‘deficientes’, as traduções são ‘associadas ao feminino’. Nessa equação mordaz, John Florio (1603) sintetiza uma herança marcada pela [...] inferioridade<sup>4</sup>”. Essa noção de legado é significativa, uma vez que, como demonstram Simon e Chamberlain, as relações entre tradutor e texto traduzido seguem condicionadas a analogias atinentes aos laços familiares ou matrimoniais, que convocarão o sujeito feminino a manifestar uma posição autônoma.

---

<sup>3</sup> “[...] the original is considered the strong generative male, the translation the weaker and derivative female.”

<sup>4</sup> “Because they are necessarily “defective” all translations are “reputed females.” In this neat equation, John Florio (1603) summarizes a heritage of [...] inferiority.”

O ponto de partida que sustenta a demonstração de Chamberlain a respeito de uma sexualização da tradução é o aforismo das “belas infiéis”, outra equação unilateral sexista também lembrada por Simon e cuja persistência ao longo dos séculos é apontada por Chamberlain, e com razão:

[...] o que lhe fornece a verossimilhança é o fato de que *ela captura um arranjo cultural entre as questões de fidelidade na tradução e no casamento*. Para as belas infiéis, a fidelidade é definida por um contrato implícito entre tradução (a mulher) e original (o marido, o pai ou o autor<sup>5</sup>). (CHAMBERLAIN, 1988, p. 456, grifo nosso)

Essa visão condena já de início a tradução, ao mesmo tempo em que exonera o texto original: ela carrega em seu peito uma letra A escarlata e sua única sentença é a culpa. Mas e quanto ao tradutor, ou à tradutora, essa outra figura que se intromete entre o original e a tradução e que se faz ouvir neste *ménage à trois*?

Essa figura encontra seu espaço na argumentação de Chamberlain, que se interessa pela representação do ato de traduzir e de seu agente visível em alguns discursos sobre a tradução. Para representar o laço que se cria entre o autor do texto de partida e o tradutor, essa análise é atravessada pela metáfora do golpe de Estado e reflete negativamente a visão paternalista que transparece nos textos selecionados pela autora para ilustrar seu ponto de vista.

Assim, recuperando termos-chave empregados por Chamberlain, ocorre uma “luta” entre o pai do texto e o tradutor, que vai “usurpar” a identidade desse pai e “destituí-lo” através de uma imagem simbólica de “destituição silenciosa”; uma outorga de poder em uma violência simpática, adjetivo a ser compreendido no primeiro sentido do termo, que pode, contudo, ter laivos de violência.

Em todo caso, nos discursos androcêntricos que Chamberlain cita, se o autor e o tradutor são entendidos como masculinos, o texto traduzido e a língua são, por sua vez, vistos como femininos, o que mostra uma representação muito estereotipada da mulher, figura casta ou infiel. O texto-mulher está à mercê do tradutor, que pode assumir o papel do pai incestuoso ou do amante em uma relação erotizada na qual ela se deixa embelezar de bom grado: “O texto do autor, agora na posição de amante, é bajulado e seduzido pela atenção do tradutor, e entrega-se com prazer ao projeto que busca embelezá-lo e, obviamente, torná-lo infiel<sup>6</sup>” — na

---

<sup>5</sup> “[...] what gives it the appearance of truth is that it has captured a cultural complicity between the issues of fidelity in translation and in marriage. For les belles infidèles, fidelity is defined by an implicit contract between translation (as woman) and original (as husband, father, or author).”

<sup>6</sup> “The author-text, now a mistress, is flattered and seduced by the translator’s attentions, becoming a willing collaborator in the project to make herself beautiful-and, no doubt, unfaithful.”

verdade, entrega-se com ou sem prazer, uma vez que essa relação entre masculino e feminino, na qual o tradutor é empossado com todos os poderes, pode ser uma relação não consentida, em que o tradutor se apropria violentamente do corpo do texto e o fertiliza com o seu sêmen, assumindo assim o papel do progenitor, do criador por excelência, legitimando de fato o seu texto-prole.

De maneira mais ampla, Chamberlain ressalta que esse discurso metafórico subentendido nos discursos sobre a tradução é sintomático das relações de poder que se estabelecem no mundo ocidental e que estão ligadas aos valores antagonistas associados às duas noções de produção e reprodução: “o que o tradutor reivindica é justamente o direito à paternidade; ele reivindica um falo, porque é a única maneira, de acordo com o código patriarcal, de legitimar o texto<sup>7</sup>” (ibid, p. 466). O texto traduzido, secundário, feminino, é potencialmente infiel e, desse modo, ameaçador em relação aos códigos estabelecidos devido ao seu lado subversivo, carnavalesco, que desordena os códigos e a fronteira entre produção e reprodução. Ele inverte a relação de poder que regula o elo entre tradutor/texto traduzido, “desautorizando” e “castrando” o tradutor.

Essa representação metafórica do ato de traduzir em termos de gênero, a partir de uma visão altamente polarizada e estereotipada, junta-se à visão falocêntrica que relega o feminino a um nível inferior, contra a qual o movimento feminista decidiu manifestar-se e rebelar-se. Assim, o próximo capítulo apresentará os argumentos relacionados à necessidade de projetar o sujeito feminino de maneira independente nesse movimento, uma questão que também surgirá para o sujeito pós-colonial.

## 2. O sujeito feminino

Constata-se, a partir de um estudo sobre o discurso feminista dos anos 1980, que escritoras e críticas logo perceberam a necessidade de teorizar sobre a subjetividade feminina de modo a libertar a mulher da sua submissão ao patriarcado. Para a Literatura e, notavelmente no Canadá e no Québec, para a tradução e seus estudos, este conceito vai na contramão das teorias literárias da época, que proclamavam a morte do autor e a primazia do texto como objeto de análise. De fato, como as escritoras poderiam aceitar seu próprio apagamento no momento em que elas começavam a descobrir que nunca haviam sido reconhecidas plenamente enquanto autoras e sempre tiveram de recorrer aos subterfúgios

---

<sup>7</sup> “In the metaphoric system examined here, what the translator claims for “himself” is precisely the right of paternity; he claims a phallus because this is the only way, in a patriarchal code, to claim legitimacy for the text.”

oferecidos pelos pseudônimos, ou pela tradução, para serem ouvidas? Algumas autoras começaram a explorar o conceito de mulher, primeiramente enquanto sujeito do discurso e, em seguida, enquanto sujeito sócio-histórico, político e cultural pleno, distinto, mas igual ao homem. Em um primeiro momento, tratava-se de compreender como a mulher havia sido excluída da esfera pública ou, no melhor dos casos, marginalizada em relação à sociedade, relegada à esfera privada, reduzida ao silêncio; era necessário também examinar como ela conseguira resistir e deixar seus traços enquanto autora e tradutora em cada época, bem como diversos exemplos descobertos e celebrados pelas pesquisas feministas que começavam a provar isso.

Não é surpresa que os primeiros escritos de escritoras quebequenses, buscando entender sua própria marginalização dentro de uma sociedade que estava em plena ebulição linguística, cultural e política e recém passava pela Revolução Tranquila, tenham sido de natureza formalista. Por esse motivo, consideramos útil revisitar brevemente os grandes momentos das teorias relativas à subjetividade para melhor entender as correntes que levaram, com notável rapidez, à elaboração de teorias feministas e pós-coloniais. Em um capítulo intitulado “A linguagem e a experiência humana”, Émile Benveniste faz a seguinte declaração: “Todo homem [sic] coloca-se em sua individualidade enquanto eu por oposição a tu e a ele” (BENVENISTE, 1974, p. 67). De saída, a leitora observa duas coisas: primeiro, que a língua francesa reforça a ordem social ao determinar o masculino como a norma, o que destacamos com a inserção de um [sic] lúdico; segundo que, a despeito do gesto bem-vindo da parte de um linguista reconhecido como marxista de associar o “eu” a uma reciprocidade inevitável, a mulher (ou ela) parece ser excluída dessas relações. Recorrendo a uma das estratégias feministas que será analisada mais adiante, a tradução interlingual e intervencionista dessa afirmação revela um problema: “Toda mulher coloca-se em sua individualidade enquanto eu por oposição a tu e a ela”. Uma autora será, desta forma, condenada a um separatismo absoluto por um ato discursivo que visa a corrigir a invisibilidade à qual a ordem social a relega? Essa questão não era, de forma alguma, ociosa na sociedade quebequense, uma vez que as escritoras, lésbicas ou não, formularam as teorias lésbicas de escrita. Benveniste prossegue: “Desde que o pronome *eu* aparece em um enunciado, evocando - explicitamente ou não - o pronome tu para se opor juntamente a ele, uma experiência humana se instaura do zero e revela o instrumento linguístico que a funda”. Para ele, esse ato é “a atualização de uma experiência essencial [...] a partir da qual se determina a própria possibilidade do discurso” (ibid., p. 68). De acordo com Benveniste, toda pessoa que utiliza o pronome eu, ou seu equivalente em outras línguas, coloca-se como sujeito do discurso e estabelece o tu do

interlocutor ou da interlocutora e a terceira pessoa enquanto possível objeto do diálogo. A subjetividade humana é um fato discursivo inegável que, por si só, não apaga a mulher. Kaja Silverman ampliará essa teoria ao demonstrar, a partir de princípios extraídos de Althusser e de Lacan, que o discurso do qual emerge a subjetividade é ativado por “um sistema de signos pré-existente ao indivíduo, que determina a sua identidade cultural” (SILVERMAN, 1983, p. 52).

Godard, por sua vez, está interessada na representação antropológica da posição do sujeito feminino no âmbito da sociedade patriarcal. Ela reconstitui a lógica do sistema das relações parentais, como explica Claude Lévi-Strauss, na qual a mulher figura como objeto de troca, e explica que esse sistema instaura as relações sexuais e a instituição da subjetividade por meio da proibição do incesto. (GODARD, 1991, p. 88). Em Simone de Beauvoir, a estudiosa da tradução demonstra que as relações de troca entre os homens e as mulheres não são recíprocas e que tampouco é reversível a subjetividade entre eles, criando assim uma situação de exogamia para as mulheres. Ela chega então às teorias desenvolvidas por Luce Irigaray, que insiste na necessidade de criar um discurso sexuado representando a subjetividade feminina como sendo diferente da masculina. Godard inspira-se em *Sexes et parenté* (1987): “Como remodelar as linguagens existentes para dar lugar a uma cultura sexuada? Essa é a questão das minhas pesquisas”. Na análise da caverna de Platão, no cerne de “*Speculum de l’autre femme*” (1974), Irigaray brinca com as palavras e explica que esse recinto funciona mais como um fechamento do que como espaço matricial de criação e transformação: “Tudo se passa entre repetição e representação, ou reprodução”, e Godard sintetiza: “É um sistema de reprodução, de repetição, de semelhança do próprio – logocentrismo –, e não um sistema de inter-relações” (p. 96)<sup>8</sup>. Essa lógica patriarcal do mesmo aprisiona assim a mulher em um sistema de reprodução, o que coincide com a perspectiva de Chamberlain: como o patriarcado não pode deixar de reconhecer a capacidade reprodutiva feminina, torna-se evidente que a escrita é o privilégio do homem enquanto atividade primária, e a tradução, o da mulher, dada sua natureza secundária. Para Godard, Irigaray recorre aos princípios metonímicos para se opor à metáfora de Platão, recomendando que a mulher se aproprie das representações das quais é objeto na ordem simbólica, a fim de examiná-las enquanto sujeito do discurso e transformá-las em signos marcados pela *différance* com vistas a uma nova economia dos fluidos (ibid 98-104). Fluidez evoca pluralidade e, da mesma forma, polissemia, instabilidade do sentido e múltiplas possibilidades

---

<sup>8</sup> “...a system of reproduction, repetition, of likeness, of the “propre” – logocentrism – not a system of interrelations.”

de interpretação. Como ilustra Irigaray em seus escritos, é pelo jogo que as vozes femininas e feministas, também conectadas entre si pela lógica da metonímia, conseguem desestruturar o *logos* e reinventar um discurso para projetar sua subjetividade plural. O mesmo acontece com a tradução: a tradutora, para além de sua atividade tradutória baseada em um *telos* político, deve-se reapropriar do seu lugar de direito enquanto sujeito autônomo do discurso, até então reduzido ao silêncio e à invisibilidade no âmbito das relações sociais impostas pelo patriarcado. Godard será de fato uma das primeiras a aliar a prática à teoria na sua tradução de Nicole Brossard, conforme estratégias examinadas na próxima seção.

### 3. As vozes feministas: “Quando *traduzir* é fazer”<sup>9</sup>

Como o discurso em torno da tradução é o palco de considerações sobre o gênero, ele convoca as feministas a registrarem nele sua reflexão, a ser compreendida de acordo com as duas acepções do termo, ou seja, no sentido primário, mas também com o sentido de imagem. A tradução torna-se então um local privilegiado de libertação feminina, como o é a linguagem de maneira geral. Trata-se de um novo espaço de libertação similar ao periódico *Tessera*, criado na época por algumas feministas das duas solitudes, ou seja, do Canadá anglófono e do Quebec: Barbara Godard, Daphne Marlatt, Kathy Mezei e Gail Scott. A tradução feminista passa a ser então uma maneira de escrever-se em um projeto autorreflexivo, de registrar sua existência, sua identidade. E que maneira melhor de registrar sua identidade no coração de um texto do que fazer sua voz ser ouvida, ou apor sua assinatura, como é o projeto para a tradução feminista? De fato, esses dois marcadores identitários por excelência são evocados no projeto de tradução feminista. A tradutora faz-se ouvir em seu texto, caracterizado como “polifônico” por Godard, e isso da mesma forma que a autora, que frequentemente está em outro lugar, em um projeto colaborativo “a duas vozes”, como *L’Amèr*, por exemplo, livro de Godard e Brossard. Ela aparece igualmente no texto de forma simbólica pela sua assinatura “nos itálicos, nas notas de rodapé, ver no prefácio<sup>10</sup>” (GODARD, 1989, p. 50). Ela redesenha sua identidade fora do âmbito do discurso androcêntrico, tornando-se agente, sujeito completo e colocando-se em cena literalmente nesse processo assimilado por Godard como “um modo de representação” (citado em BERTACCO, 2003, p. 238).

Mas essa assinatura não é apenas uma maneira de deixar sua marca no texto, como também um forte gesto simbólico através do qual a tradutora se coloca com propriedade em

<sup>9</sup> Aludimos aqui à obra de John Langshaw Austin: *Quando dizer é fazer*.

<sup>10</sup> “The feminist translator immodestly flaunts her signature in italics, in footnotes – even in a preface.”

um projeto mais amplo, que visa a restabelecer sua autoridade de acordo com as ambições feministas. Para isso, as vozes feministas em tradução apropriam-se do discurso patriarcal e modificam as regras do s[eu] jogo. A noção de jogo vinculada ao processo de autoafirmação, mencionado anteriormente, é fundamental para determinar o projeto tradutório feminista. Esta, por um lado, joga literalmente com o discurso dominante: o feminino fala no texto feminista, seja ele original ou tradução, pelo viés do jogo de palavras. A título de ilustração, podemos lembrar de Betsy Wing, que joga com o significante de Hélène Cixous através de um fenômeno de acumulação, traduzindo, por exemplo, “dépenser” [gastar, despender] para “to spend” e “to unthink”. (ibid., p. 94). Por outro lado, o projeto tradutório feminista coloca a língua em uso e se beneficia com o jogo criado, nele se inserindo, que é preconizado pelo movimento feminista: “[...] era necessário desfazer a ‘linguagem patriarcal’ convencional e prescritiva para permitir que as palavras tomassem forma, encontrassem seu espaço e fossem ouvidas<sup>11</sup>” (VON FLOTOW, 1991, p. 73, grifo nosso). Observe-se que Godard explora essa ideia no sentido literal quando deixa uma lacuna entre certas letras de uma mesma palavra na sua tradução de Nicole Brossard (SIMON, 1996, p. 25).

Mais precisamente, “assim como a escrita no feminino, da qual é dependente, a tradução no feminino apresenta-se como uma atividade política, que visa a dar visibilidade e vida às mulheres na língua e no mundo” (LOBTINIÈRE-HARWOOD apud WHEELER, 2003, p. 433), o que implica ir contra o discurso dominante. Trata-se então de derrubar o sistema opressor e apropriar-se das suas armas, como mostra muito bem o título escolhido por Susanne de Lobtinière-Harwood para um de seus textos: *Re-belle et infidèle* [Re-bela-da e infiel]. Desta forma, o meio de ação privilegiado é a paródia, a repetição com variação. O projeto feminista visa a redefinir a essência do ato tradutório em seus próprios termos. Assim, a estética proposta é da visibilidade e da diferença, uma estética que vê a tradução como um processo produtivo que dá voz ao feminino. Essa posição de tradução como recriação não deixa de lembrar aquilo que mencionamos na primeira parte, com a diferença de que a metáfora masculina não tem mais razão de ser.

O projeto tradutório feminista é teorizado através de uma nova metalinguagem, como um correlato objetivo, pode-se dizer, da produtividade desse projeto e do potencial criador da subjetividade feminina. Assim, esta ideia de produção de sentido, por exemplo, associada às noções de transformação e de “performance”, no sentido anglófono do termo, deu origem à palavra-valise *transformance* (GODARD, 1989, p. 46), termo cunhado por Godard. No

---

<sup>11</sup> “[...] conventional and prescriptive “patriarchal language” had to be undone in order for women’s words to develop, find a space and be heard.”

mesmo sentido, este último fala de “womanhandling do texto” e redefine a teoria tradutória conforme o termo de “trans(dance)form” (ibid., p. 42). Essa redefinição da tradução e do papel da tradutora apresentada pelo viés da neologia lexical se completa também pelo viés da neologia semântica: o conceito de “fidelidade” encontra-se reavaliado e medido com base no sujeito tradutor (SIMON, 1996, p. 12) em um projeto que poderíamos denominar “ginotradução”.

Essa abordagem tradutória inovadora associa-se à teoria tradutológica do escopo, desenvolvida na mesma época, se considerarmos que “[...] é um fenômeno intimamente ligado a uma prática de escrita particular em um ambiente ideológico específico, e o resultado de uma conjuntura social específica<sup>12</sup> (VON FLOTOW, 191, p. 74). Nesse projeto tradutório funcionalista, a tradução torna-se uma ferramenta e não constitui um fim em si mesmo: “A tradução figura como um ato iconoclasta de reapropriação, que reescreve uma cultura de partida para criar algo de radicalmente novo, que renasce depois de uma metamorfose<sup>13</sup>” (GODARD apud WHEELER, 2007, p. 429). Assim, qualificaremos como performativo, no sentido austiniano do termo, o valor que as feministas dão ao ato de traduzir; a tradução torna-se um modo de ação, e não apenas uma simples representação da realidade:

Os tradutores [...] podem utilizar a língua como um meio de intervenção cultural, em um esforço para modificar as expressões da dominação, esteja ela no nível dos conceitos, da sintaxe ou da terminologia.<sup>14</sup> (SIMON, 1996, p. 8)

Do ponto de vista prático, Luise von Flotow desenvolve uma tipologia dos quatro métodos implementados pelas feministas: a suplementação (visando à visibilidade do que estava implícito), o acréscimo de notas de rodapé, a redação de um prefácio e o *hijacking*<sup>15</sup> ou “desvio” (tradução nossa). A partir disso, como um ato de linguagem, algumas condições parecem necessárias para garantir o sucesso do processo de tradução feminista. Depreende-se efetivamente da análise de Simon a ideia de tradução feminista mais ou menos exitosa, bem sucedida em maior ou menor grau. Nesse ideal, esta será resultado de um projeto comum

---

<sup>12</sup> “[...] it is a phenomenon intimately connected to a specific writing practice in a specific ideological environment, the result of a specific social conjuncture.”

<sup>13</sup> “Translation is figured as an act of iconoclastic repossession that rewrites a source culture to create something radically new in a transformative afterlife.”

<sup>14</sup> “Translators communicate, re-write, manipulate a text in order to make it available to a second language public. Thus they can use language as cultural intervention, as part of an effort to alter expressions of domination whether at the level of concepts, of syntax or of terminology.”

<sup>15</sup> Termo pejorativo utilizado acerca da tradução feminista, de que von Flotow se reapropria, e que supõe a apropriação feminista de um texto para o qual o(a) autor(a) não tinha forçosamente de início ambição feminista (VON FLOTOW, 1991, p. 74-80).

entre texto, autora e tradutora (ibid: 15); um trabalho a quatro mãos, por assim dizer, ou de diglossia, de forma a retomar a ideia das “duas bocas que falam”, utilizada por Lobtinière-Harwood (apud WHEELER, 2007, p. 437). Essas condições para o sucesso, retomando a tipologia austriana, aplicam-se claramente a esse projeto uma vez que “A tradução feminista implica ampliar e desenvolver a intenção do texto original sem distorcê-lo. Por isso, os exemplos mais bem-sucedidos dessa prática são visíveis quando o texto e o projeto de tradução se encontram”<sup>16</sup> (SIMON, 1996, p. 15, grifo nosso). Ademais, Simon passa a utilizar o termo “felicidade” para qualificar o sucesso que atinge “o projeto de tradução feminista quando os dois textos resultam de práticas inovadoras”<sup>17</sup>. É igualmente interessante perceber que é uma questão de “simpatia” (ibid: 28) entre texto e tradutora, uma reapropriação de um motivo utilizado pelo sistema opressor.

Assim, a escrita feminista é a resposta contrária a um sistema opressor, da mesma forma que literatura pós-colonial, que abordaremos agora. Além da tradução, a escrita pós-colonial e a escrita feminista passaram por destinos similares de marginalização em relação à grande literatura, e suas afinidades não param por aí. Do ponto de vista da tradução, algumas vezes feministas repercutem teorias pós-coloniais sobre o sujeito colonizado e estratégias adotadas para libertá-lo da camisa de força simbólica imposta pelo colonialismo.

#### 4. As vozes pós-coloniais

Talvez porque se pensara que era algo óbvio, ou porque as teorias feministas evoluíram paralelamente às teorias pós-coloniais, poucas críticas são direcionadas aos laços existentes entre os dois movimentos. Propomos então um primeiro passo para preencher essa lacuna, examinando de que forma a perspectiva apresentada pelas vozes coloniais em relação ao sujeito emergente de um passado colonial repercute a perspectiva das vozes feministas sobre o sujeito feminino. Um texto essencial para o estudo pós-colonial da Índia, “Os filhos da meia noite”, de Salman Rushdie, foi publicado no início dos anos 80, momento em que o feminismo estava em plena ebulição no Québec. O objetivo deste artigo então é mostrar as relações conceituais entre as vozes feministas e as vozes pós-coloniais a partir de uma perspectiva tradutológica, de forma a contribuir para uma maior difusão dessas teorias entre o

---

<sup>16</sup> “Feminist translation implies extending and developing the intention of the original text, not deforming it. That is why the most successful examples of such practices are to be found in an appropriate match between text and translating project.”

<sup>17</sup> “Where the feminist project of translation finds its most felicitous applications is in regard to texts which are themselves innovative practices.”

público francófono. É preciso perceber, igualmente, que a mudança de rumo de algumas importantes críticas feministas quebequenses, em especial Godard e Simon, rumo aos estudos pós-coloniais também marca uma evolução em seu pensamento e uma preocupação cada vez maior em considerar a mulher como sujeito histórico e, portanto, inseparável de seu contexto sociopolítico e de questões de classe, raça, idade, entre outras.

Anne-Marie Wheeler, em seu estudo sobre o papel da tradução na escrita de Brossard, toma o cuidado de considerar a obra da autora em seu contexto político e cultural do Québec no início dos anos 80 que “questiona todos sistemas (político, linguístico, religioso) pelos quais tanto as mulheres quanto os homens quebequenses se sentiam dominados<sup>18</sup>” (WHEELER, 2007, p. 426). Ela mostra assim até que ponto esse contexto era propício à ruptura de um silêncio imposto por vozes teóricas que se posicionavam tanto contra as fortes tradições de um catolicismo opressor quanto contra a dominação do inglês. É para uma publicação posterior de Godard que Wheeler se volta para apresentar a ideia da tradução como ato político, destacando a influência de Gramsci. Traduzimos aqui a ideia de Godard:

A tradução negocia as relações de autoridade e de prestígio entre as línguas em um movimento contínuo de transformação. O que está em jogo é a diferença do efeito desse tráfego nas línguas conforme onde estivermos em relação aos eixos do poder e à direção da transferência - para baixo, para cima ou lateralmente - ao longo da hierarquia, se traduzimos o sujeito na língua do outro ou o outro na língua do mesmo, ou ainda se especulamos sobre a dificuldade de passagem. A alienação do sujeito soberano pelo reconhecimento do ego como uma espécie de estrangeiro em relação a um domínio ainda não realizado difere de uma tradução de um outro menos poderoso que é transportado no mesmo para ser alienado de seu ego por um gesto imperialista.<sup>19</sup> (apud WHEELER, 2007, 429)

Observa-se facilmente a virada pós-colonial assumida pela teoria de Godard: ainda se trata do sujeito, mas agora do sujeito que é submetido à tradução e da diferença que existe no efeito causado pelo ato de traduzir dependendo se o sujeito é soberano ou não no começo. É inegável que a tradução transforma o sujeito, mas as consequências dessa transformação são muito mais graves no caso de um sujeito já dominado pelas relações de poder que autorizam

---

<sup>18</sup> “The political and cultural context leading up to the 1980s called into question all the systems (political, linguistic, religious) by which the people of Québec felt dominated.”

<sup>19</sup> “Translation negotiates relations of authority and prestige between languages in a continuous movement of transformation. At stake is the difference in effect of such traffic in languages, depending on where one is positioned within the axes of power, and on the direction of the transfer – downwards, upwards or horizontally – along the hierarchy, whether one translates the subject into the language of the other or translates the other into the language of the same, or speculates on the difficult work of the passage. The alienation of the sovereign subject through recognition of the self as a kind of foreigner in respect to a mastery one may yet attain differs from translation of the less powerful other who is transported into the same to be alienated from the self in an imperializing gesture.”

sua tradução. Como mostra a reflexão de Godard, a preocupação dos autores, tradutores e críticos ao longo dos anos 80 em libertar a subjetividade feminina do discurso patriarcal deve necessariamente conduzir a uma teorização do outro. Se repensamos a posição do sujeito de discurso, como articulado por Benveniste, lembramos que, ao estabelecer um “eu” feminino, temos como resultado uma possibilidade plural de diálogo com uma outra “ela” ou um “ele”. A preocupação do outro enquanto outro e o reconhecimento do outro em si mesmo são o cerne das teorias pós-coloniais, particularmente aquelas elaboradas muito cedo por Gayatri Chakravorti Spivak em seu artigo *Pode o Subalterno falar?*. O efeito de tradução descrito por Godard anteriormente corre o risco de reduzir o sujeito subalterno ao silêncio e à invisibilidade, justamente as condições contra as quais as feministas do Québec lutaram. Então, é notável que estas últimas tenham sido vulneráveis, devido às suas atividades de escrita e tradução, ao perigo de serem imediatamente traduzidas para o *logos* inglês, masculino e colonial. Spivak (2012) havia alertado as feministas anglófonas do Ocidente sobre tal perigo, ou seja, “espera-se que a escrita feminista do mundo inteiro siga o mesmo modelo ideológico e seja facilmente traduzida para a língua da ordem colonial, o inglês<sup>20</sup>” (BERTACCO, 2003, p. 241). De acordo com a nossa discussão, a reflexão sobre a tradução posta pelas feministas quebequenses impediram-nas de cair em uma armadilha.

Em *Os Condenados da Terra*, Franz Fanon identificou três fases de libertação na literatura dos colonizados durante o seu processo de transformação em sujeitos pós-coloniais capazes de criar uma nova literatura à qual eles pertencem e que estabelece uma cultura nacional:

Em um primeiro momento, o intelectual colonizado prova que assimilou a cultura do invasor. [...] Depois, ele é abalado e decide se lembrar [...] Por fim, em um terceiro momento, dito “de combate”, o colonizado, depois de ter tentado se perder entre o povo, se perder com o povo, vai, pelo contrário, socorrê-lo”. (FANON, 2015, p. 207-208)

Fanon compreendia que uma revolução intelectual implica uma violência necessária para destruir as estruturas do discurso colonial e retomar a posse da sua própria língua e de seu próprio discurso. Esse chamado à batalha se encontra nas estratégias de escrita e tradução desenvolvidas pelas feministas no Québec e, provocando a acusação de *hijacking*, constitui um dos ecos mais importantes dentre as vozes feministas e as pós-coloniais. Rosemary Arrojo demonstra de fato em seu estudo das “teorias orgásmicas de tradução”, nos termos de uma

---

<sup>20</sup> “...expect feminist writing from all over the world to conform to the same ideological pattern and to be easily translated into the language of colonial rule, English.”

expressão um pouco infeliz de Bassnett, que esta interpretou mal o ponto de vista das feministas em relação à violência: não se tratava de forma alguma de recolocar em pauta o aspecto violento do ato de traduzir, mas sim, como demonstra Arrojo, de implementá-lo na afirmação do sujeito feminino. Arrojo reitera também que essas estratégias são similares às estratégias antropofágicas defendidas em “Verso, Reverso e Controverso”, do poeta brasileiro Augusto de Campos, que consistem em engolir e digerir os modelos coloniais a fim de produzir um novo discurso pertencente ao sujeito pós-colonial (ARROJO, 1995, p. 73). Embora Arrojo mencione somente Augusto de Campos, a poética de transcrição do seu irmão Haroldo e a Antropofagia exercem há muito tempo sua influência nos Estudos de Tradução, como demonstrado por Else Ribeiro Pires Vieira (1999) e, mais recentemente, Odile Cisneros, entre outros.

Desta forma, as vozes feministas e as vozes pós-coloniais aderem a princípios que inicialmente tangem a processos de reescrita: primeiro, o sujeito feminino/pós-colonial toma consciência da camisa de força logocêntrica do patriarcado/colonialismo, depois elabora estratégias para se libertar e se reinventar, assumir sua posição como sujeito do discurso. Nessa ótica, a tradução é vista como uma estratégia de reescrita em si, a passagem, para o sujeito que traduz, de uma posição secundária a uma tomada de posição igual em termos de autoridade e poder de criação. Como se sabe, as vozes pós-coloniais transformaram esse processo de reescrita em um verdadeiro tema com a expressão de Salman Rushdie, *The Empire Writes Back*, utilizada em 1989 como título do livro editado por Bill Ashcroft *et al.*, que hoje se tornou um clássico. O pensamento pós-colonial de Rushdie apoia-se na tradução, não somente na sua célebre frase “tendo sido transportados ao redor do mundo, somos homens [sic] traduzidos<sup>21</sup>” (RUSHDIE, 1991, p. 16), em que caracteriza os migrantes, mas também em relação ao gênero de escrita no qual os sujeitos pós-coloniais, particularmente os autores indianos anglófonos, que não podem escolher rejeitar o inglês, produzem. Esse duplo sentido do ato de traduzir reflete também a conjugação dentro do próprio ato tradutório da atividade de tradução no sentido literal e da tradução enquanto metáfora. De fato, Rushdie carrega o mérito de não separar essas duas concepções e evitar a amplificação do aspecto metafórico a ponto de esquecer totalmente a sua origem: a *translation* de um sujeito-texto de uma cultura para a outra, assim como de uma língua para a outra. Ainda que reconheça a necessidade de que a escrita pós-colonial se desenvolva em inglês, a língua colonial, ele insiste na possibilidade de apropriar-se dela a fim de que se possa traduzi-la, ajustá-la e

---

<sup>21</sup> “...having been borne across the world we are translated men...”

transformá-la conforme as exigências do sujeito de discurso, revogando o passado colonial e concedendo a si mesmo uma nova autoridade, assim como fizeram as autoras feministas no Quebec.

## Conclusão

No final dessa trajetória das vozes feministas e pós-coloniais, constatamos que a tradução não é nem feminina nem masculina, mas sim um gênero do discurso, como a escrita, e que seus/suas agentes posicionam-se e assumem sua subjetividade e sua responsabilidade sobre o texto. As feministas quebequenses e canadenses fizeram um enorme trabalho em uma época em que as consciências despertavam em relação aos efeitos do patriarcado e do colonialismo sobre as populações dominadas. Elas agiram em um contexto exato, mas não fechado, colocando-se à escuta de outras feministas, como Irigaray e Cixous, ou feministas pós-coloniais, como Spivak, e dialogando com escritoras, tradutoras e críticas anglófonas do Canadá e dos Estados Unidos. Apesar disso, ainda resta muito a ser feito, então é essencial que nos mantenhamos vigilantes e que continuemos a colocar em questão o logocentrismo nas nossas práticas de escrita e tradução. Von Flotow reconhece que as estratégias utilizadas pelas tradutoras feministas constituíram um passo importante nesse combate, mas que as teorias decorrentes delas continuam conscientizando críticos, jornalistas e educadores em relação à importância da tradução e à “influência que ela pode exercer sobre os textos” (ALVIRA, 2010, p. 286-287). Fica claro que falar de tradução feminista no século XXI nos leva inevitavelmente às questões de ativismo social e cultural. É essa a nossa principal motivação para escrever esse artigo, ainda mais em francês. De fato, sentimos uma certa urgência em revisitar a vasta questão da subjetividade feminina, uma vez que as feministas, e as mulheres com quem elas se solidarizam, não podem dar por certos os poucos progressos feitos em relação aos direitos da mulher e às condições sociais e culturais sob as quais elas vivem e trabalham. Suas vozes repercutem em vozes pós-coloniais e, juntas, elas nos encorajam a seguir nosso estudo sobre os fatores de gênero, classe e raça que contribuíram para a opressão das populações ancestrais colonizadas por séculos, e fatores, entre os quais está a tradução, que abrem portas para a libertação.

## Referências

ALVIRA, Nuria Brufau (2010): “**Interviewing Luise von Flotow: A New State of the Art**”. *Quaderns* 17, p. 283-292.

ARROJO, Rosemary (1995): “**Feminist, "Orgasmic" Theories of Translation and Their Contradictions**”. *TradTerm* 2, pp. 67-75.

ASHCROFT, Bill, Gareth Griffiths and Helen Tiffin (dir.) (1989): **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literature**. London, Routledge.

AUSTIN, John Langshaw (1962; 1979): **Quand dire c’est faire**, traduit par Gilles Lane. Paris, Seuil, Coll. Points. 119

BASSNETT, Susan (2014): **Translation**. London/New York, Routledge.

BASSNETT, Susan and Harish Trivedi (dir.) (1999): **Post-Colonial Translation: Theory and Practice**. London/ New York, Routledge.

BERTACCO, Simona (2003): “**The Canadian Feminists’ Translation Project: Between Feminism and Postcolonialism**”. *Linguistica Antverpiensia*, No 2, pp. 233-245.

BROSSARD, Nicole (1977): **L’amèr ou le chapitre effrité: fiction théorique**. Montréal, Quinze. Campos, Augusto de (1978): **Verso, Reverso e Controverso**. São Paulo, Perspectiva.

CHAMBERLAIN, Lori (1988): “**The Metaphorics of Translation**”. *Signs*, vol. 13, n° 3, pp. 456-472.

CISNEROS, Odile (2012): “**From Isomorphism to Cannibalism: The Evolution of Haroldo de Campos’s Concepts**”. *TTR* 25.2, pp. 15-44.

FANON, Frantz: **Les damnés de la terre**,  
[http://classiques.uqac.ca/classiques/fanon\\_franz/damnes\\_de\\_la\\_terre/damnes\\_de\\_la\\_terre.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/fanon_franz/damnes_de_la_terre/damnes_de_la_terre.pdf), Site internet consulté le 11 mai 2015.

FLOTOW, Luise von (2006): “**Feminism in Translation: The Canadian Factor**”. *Quaderns* 13, pp. 11-20.

FLOTOW, Luise von (1991): “**Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories**”. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 4, n° 2, pp. 69-84.

GODARD, Barbara (1991): “**Translating (With) the Speculum**”. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 4, n° 2, pp. 85-121.

GODARD, Barbara (1989): “**Theorizing Feminist Discourse/Translation**”. *Tessera* 6, pp. 42-53.

IRIGARAY, Luce (1990): **Je, tu, nous: pour une culture de la différence**. Paris, Éditions Grasset et Fasquelle.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne de (1991): **Re-belle et Infidèle Infidèle = The Body Bilingual**. Montréal, Éditions du Remue-Ménage.

RUSHDIE, Salman (1991): **Imaginary Homelands**. London, Granta Books.

SIMON, Sherry (1996): **Gender in Translation**. London and New York, Routledge.

SPIVAK, Gayatri Chakavorty (2012): “**The Politics of Translation**”, dans Lawrence Venuti (dir.), *The Translation Studies Reader*. London and New York, Routledge, pp. 312-330.

SPIVAK, Gayatri Chakavorty (1988): “**Can the Subaltern Speak?**”, dans Cary Nelson et Lawrence Grossberg (dir.), *Marxism and the Interpretation of Culture*. London, Macmillan, pp. 271-313.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires (1999): “**Liberating Calibans: Reading of Antropofagia and Haroldo de Campos’ Poetics of Transcreation**”, dans Susan Bassnett and Harish Trivedi (dir.), *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. New York and London, Routledge, pp. 95-113.

WHEELER, Anne-Marie (2007): “**Issues of Translation in the Works of Nicole Brossard**”. *The Yale Journal of Criticism*, 16.2, pp. 425-454.

## O feminismo na tradução<sup>1</sup>

Luise von Flotow

Tradução: Gilmar José Taufer<sup>2</sup>

Revisão de tradução: Patrícia C.R. Reuillard<sup>3</sup>

**Resumo:** O feminismo como importante movimento social das últimas décadas do século XX teve uma certa influência na área da Tradução. Neste artigo, essa influência na Tradução e nos Estudos de Tradução será sucintamente descrita com o propósito de dar uma visão panorâmica. Também tratará do aspecto heterogêneo das ideias feministas e do papel de catalisador que a tradução desempenha ao expor essa heterogeneidade.

**Palavras-chave:** Tradução; Estudos de Tradução; Feminismo.

Este artigo integra um trabalho mais amplo sobre a influência que teve o movimento feminista das últimas décadas do século XX no campo da Tradução e dos Estudos de Tradução. Trata-se de um breve panorama do que foi realizado em tradução “feminista” até o momento, e do que, atualmente, está sendo feito nos Estudos de Tradução. Nós o propomos, em parte, como uma demonstração do efeito exercido por um determinado contexto cultural e político sobre as práticas de tradução e de pesquisa, que salientará o quanto a tradução, como qualquer atividade criadora, é marcada e determinada pelos movimentos sociais, bem como pela política do seu tempo.

Gostaríamos, também, de levantar questões sobre a tradução como obra cultural que ressalta as diferenças entre as mulheres; o trabalho heterogêneo e crítico realizado no campo dos estudos feministas sobre a tradução parece demonstrar que, ao invés de beneficiar a compreensão mútua, a tradução provoca, frequentemente, “choques culturais” que parecem negar a possibilidade de falar de uma influência feminista internacional. O feminismo deve permanecer nacional, até regional, ou ainda, étnico... ou existem ideias básicas que sobrevivem ao “choque” da tradução? São questões relativas à traduzibilidade “cultural” dos discursos feministas que, por várias razões, trazemos aqui.

Quando das primeiras traduções de determinadas obras feministas experimentais, houve reações que enfatizaram a necessidade de “mediações”, de trabalhos críticos que

---

<sup>1</sup> Traduzido, com autorização da autora, a partir de Luise von Flotow, “Le féminisme en traduction”, *Palimpsestes* [on-line], 11|1998, postado em 30/09/2013, consultado em 17/03/2022: <http://journals.openedition.org/palimpsestes/1535>; DOI: <https://doi.org/10.4000/palimpsestes.1535>.

<sup>2</sup> Bacharel em Letras Tradutor Português/Francês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduado em Engenharia Química pela mesma instituição.

<sup>3</sup> Professora do Instituto de Letras (UFRGS), [patricia.amos@ufrgs.br](mailto:patricia.amos@ufrgs.br)

possibilitassem tornar esses textos estrangeiros acessíveis à cultura de chegada. Apesar da ideologia que propunha o feminismo como movimento internacional, abrangendo todas as mulheres, a recepção dos escritos feministas estrangeiros – até mesmo sua compreensão – não é fácil. Nos Estados Unidos, foram demandadas “mediações de mediações”, explicações das traduções de certos textos franceses para permitir que o público universitário feminista lesse esses textos muito estranhos. As norte-americanas se diziam simultaneamente fascinadas e ofendidas pelo que se apresentava como um discurso feminista francês – *Le Rire de la Méduse* [O Riso da Medusa], de Hélène Cixous, por exemplo. O problema da diferença cultural surgiu imediatamente. Sandra Gilbert, professora de inglês e feminista de primeira grandeza, expressou seu desamparo da seguinte maneira:

Even when my French is good enough, it's still so much an "other" culture. That makes it both fascinating and fearful, and extraordinarily glamorous. It seems to me that what we need is, in fact, not just mediations [viz. translations], but mediations of mediations. (1981, p. 7)

Bina Freiwald (1991), crítica canadense que se debruçou sobre o problema da recepção do discurso feminista francês na tradução anglo-americana, ressaltou o quanto as resistências ao texto traduzido influenciaram essa recepção. Nesse contexto, o texto crítico – a mediação – que explica a importância do texto estrangeiro, tem mais valor do que o texto traduzido, porque o “choque” da tradução não permite a leitura. Um caso semelhante deu-se na Alemanha, onde as traduções para o alemão dos textos experimentais da norte-americana Mary Daly foram consideradas quase ilegíveis por causa da dificuldade cultural levantada pelos jogos de palavras na tradução (PUSCH, 1990; VON FLOTOW, 1996). Mais uma vez, é a tradução que torna visível o “choque” do discurso feminista estrangeiro e que levanta questões sobre a internacionalização dos movimentos feministas.

No início dos anos 1990, no final de um período que viu muitas “mediações” críticas de textos feministas estrangeiros, surgem novos problemas, como mostraremos na seção “críticas” deste artigo: questiona-se o imperialismo da língua inglesa no movimento feminista, a violência dos discursos feministas, bem como um certo elitismo que se crê identificar em certas abordagens da tradução.

Para elucidar algumas dessas questões, apresentaremos, num primeiro momento, algumas tendências que pudemos observar na prática da tradução das tradutoras feministas anglo-americanas, quebequenses e alemãs. Num segundo momento, trataremos do campo da crítica e da historiografia da tradução do ponto de vista feminista. Na terceira parte deste

artigo, abordaremos o trabalho teórico feminista sobre a tradução e, na quarta, discutiremos as críticas internas ao trabalho feminista. Por “críticas internas” entendemos a crítica proposta por pesquisadores que se dizem feministas, ou por aqueles e aquelas para quem o feminismo é um campo sério de pesquisa, um dos movimentos sociais importantes do século XX.

Nesta apresentação, não iremos tão longe quanto Alice Parker (1993), tradutora e crítica estadunidense da literatura lésbica quebequense, que tenta explorar abordagens *polissexuais* e *multigêneros* da tradução. No entanto, tal como essa americana que trabalha com textos quebequenses, também abordaremos sobretudo textos norte-americanos. Grande parte de nossa documentação é desse país, ou de língua inglesa, uma vez que encontramos muito pouco sobre abordagens feministas na área de Estudos da Tradução em qualquer outra língua europeia. Isso suscita questões sobre a traduzibilidade, para a Europa, do discurso universitário feminista que se estabeleceu na América do Norte, mas que parece desintegrar-se no contexto europeu.

## 1. Práticas da tradução feminista

### 1.1 A tradução de textos experimentais

Nos últimos quinze anos do século XX, os problemas de tradução levantados pela “escrita feminista” deram origem a muitos textos. As traduções de textos polissêmicos de autoras como Nicole Brassard (Quebec), Luce Irigaray ou Hélène Cixous conduziram a análises complexas das dificuldades técnicas e dos problemas éticos teóricos. A canadense Barbara Godard foi a primeira a falar da tradutora que “woman-handle” (neologismo criado a partir da palavra *manhandle*, tratar brutalmente) um texto e que “mostra suas garras” nos prefácios ou notas de rodapé (GODARD, 1990). Tal tradutora se apropria do texto, como a autora se apropriou da língua de partida, para manipulá-la de maneira a refletir os interesses feministas. No mesmo espírito, Godard produziu críticas de algumas traduções simplificadas e legíveis demais de textos de Luce Irigaray que, para ela, apequenam o texto, apagando sua estranheza (1991).

Viu-se igualmente a publicação de “hipertraduções” de textos experimentais, como a do livro de ensaios *La Lettre aérienne*, de Nicole Brassard (traduzido para o inglês por Marlene Wildeman, 1989) ou de trabalhos de Mary Daly (traduzidos para o inglês por Wisselinck, 1980), que intentam explicar e comentar até mesmo as referências intertextuais subjacentes, assim como as alusões a obras literárias ou a práticas culturais. Por fim, os problemas

técnicos, linguísticos e, principalmente, culturais levantados pela tradução da cultura lésbica americana foram abordados por tradutoras espanholas e alemãs (DIAZ-DIOCARETZ, 1985, NÖLLE FISCHER, 1995). Todo esse trabalho sobre a tradução de textos experimentais – poéticos e teóricos – levou as tradutoras, como as pesquisadoras, a questionarem-se a respeito da política de tradução: a política pessoal da tradutora, bem como o efeito dessa política sobre a tradução.

### 1.2 A tradução de textos “ofensivos”

O interesse pelo feminismo incentivou as tradutoras, tradicionalmente em posição de silêncio e de inferioridade, a intervirem nos seus textos. Dessa maneira, vimos tradutoras feministas publicarem comentários sobre suas traduções de textos julgados por elas como “ofensivos”. O trabalho das norte-americanas Carol Meier (1984) e Suzanne Jill Levine (1992) visa determinar como destruir o machismo insustentável dos textos escritos por autores cubanos. A canadense Suzanne de Lotbinière-Harwood mergulhou nos textos escritos em linguagem “genérica” (em francês padrão, “patriarcal”) (DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1989). Por fim, uma antologia de textos escritos por autoras do século XVIII e traduzidos por tradutoras do século XX provocou algumas questões de natureza “política”. Nessa antologia, *Translating Slavery* (1994), as traduções de textos abolicionistas de Madame de Staël, Olympe de Gouges e Claire de Duras são apresentadas e acompanhadas de ensaios, entrevistas e prefácios redigidos por tradutoras contemporâneas que revelam as preocupações feministas do final do século XX. Num primeiro momento, as heroínas negras de textos originais não parecem se ajustar à ideia que o século XX tem das mulheres negras dignas e heroicas; as tradutoras introduzem modificações nesse sentido. Num segundo momento, essas tradutoras se debruçam sobre suas modificações e explicam que seu objetivo é valorizar uma linhagem de escritoras, uma linhagem de mulheres intelectuais que se opuseram ao pensamento ortodoxo. Para isso, é preciso adaptar esses textos ao dissidente espírito feminista de nossa época. Num terceiro momento, as tradutoras compartilham suas reações e seu embaraço pessoais diante dos textos do século XVIII, justificando, mais uma vez, as intervenções implementadas. Uma tradutora afro-americana, em particular, exprime a raiva sentida diante da atitude condescendente que Madame de Staël adota em relação aos negros. Assim, pela atualização da resistência feminina, cria-se a história das mulheres dissidentes.

Essa nova política de tradução considera fatores como a identidade de cada tradutora, o contexto em que ela trabalha e o objetivo almejado. Todos esses fatores são reconhecidos

como integrantes do produto final. A tradução se exhibe, doravante, como tendo um posicionamento.

### 1.3 Traduzir escritoras "desaparecidas"

O trabalho feminista iniciado nos anos 1970 acarretou a instauração de projetos de tradução colossais a fim de “recuperar” escritos de mulheres “desaparecidas”, colocá-los à disposição do público e ter acesso a outras culturas femininas. Editoras como a *Virago* e a *The Women's Press*, na Inglaterra, a *Frauenqffensive* e a *Orlando*, na Alemanha, ou a *The Feminist Press*, da New York City University, estabeleceram importantes listas de obras de autoras “recuperadas”. A imponente antologia *Women Writing in India* (1991/1993) – em dois volumes, incluindo obras que vão de 600 a.C. até o século XX – constitui um bom exemplo desse trabalho. Mas essas iniciativas tradutórias serão criticadas alguns anos mais tarde.

## 2. Crítica e história feministas da tradução

### 2.1 Releitura e crítica

A releitura e a crítica de traduções que são caras ao pensamento feminista constituem um acontecimento importante. Os escritos de Margaret Simons (1983) acerca de *The Second Sex*, de Simone de Beauvoir, assim como a exposição feita por Sussanne de Lotbinière-Harwood (1991) dos erros de tradução de *La Bâtarde*, de Violette Leduc, são exemplos disso. Após um certo tempo, existem críticas a traduções ruins de obras femininas – por exemplo, da autora Christa Wolf, da ex-Alemanha Oriental – e pode-se duvidar da qualidade da tradução da maioria das obras de mulheres, visto que a obra de uma mulher é menos respeitada. Os problemas de supressão de extensas passagens do texto de partida, de tradução ruim que apagam a presença feminina, assim como outros problemas mais sutis de tom ou de estilo, são abordados nesses trabalhos. Por exemplo, nos seus comentários sobre Violette Leduc, Lotbinière-Harwood cita a seguinte frase do original: “Eu nasci quebrada. Eu sou o infortúnio de uma outra. Uma bastarda, enfim” (p. 107). A tradução de Derek Coltman é a seguinte: “I was born broken. I am someone else's misfortune. A bastard”. Essa versão escamoteia o feminino de “de uma outra”, o que apaga a mulher e o fato de que uma criança ilegítima era, normalmente, o infortúnio de uma mulher.

## 2.2 Reescrever traduções ruins

Na década de 1990, é impossível obter a permissão para retraduzir uma obra como *The Second Sex*, de Simone de Beauvoir, embora nenhuma restrição se aplique à Bíblia. De fato, existem ao menos três versões inglesas de algumas partes da Bíblia produzidas sob influência feminista; também existem versões holandesas e alemãs. Em inglês, a ênfase é colocada na linguagem “inclusiva” (*inclusive language*), a qual engloba os dois gêneros, masculino e feminino, com a mesma equidade, já que a mensagem bíblica se destina a todas as pessoas. Como constatam os pesquisadores – e não apenas as feministas – a versão *The King James*, bem como outras Bíblias inglesas foram escritas e traduzidas do ponto de vista dos homens. As tradutoras feministas procuram apagar a onipresença masculina nesses textos. Com esse objetivo, suprimem todas as imagens e metáforas masculinas de *Deus* (*God the Father*, *The Lord Almighty*), uma vez que Deus não pode ser nem masculino nem feminino. Elas apagam os pronomes masculinos, preferindo repetir o nome próprio de *Jesus*, por exemplo, ao invés de uma proliferação do pronome masculino *he* (ele). Além disso, elas introduzem o nome das mulheres onde ele foi excluído; as mulheres e mães reaparecem nas listas genealógicas. Por fim, as tradutoras, como Joann Haugerud (*The Word for Us*, 1977), e os membros do comitê criador da *Inclusive Language Lectionary*, apresentam e explicam seus trabalhos, “atribuindo-lhe assim, com sua sensibilidade contemporânea, um importante papel. Munida de explicações eruditas e convincentes, Haugerud escreve sobre sua versão contemporânea da Bíblia, ‘gone are the lords, kings and masters’”.

## 2.3 Análises comparativas de traduções

Diversas análises comparativas de traduções são produzidas sob a influência de pesquisas feministas. Séries de traduções de Safo estão disponíveis, há séculos, bem como a poesia de Louise Labé há 400 anos. Comparar as traduções dessas autoras é também comparar os papéis desempenhados pelas mulheres e atribuídos às mulheres nas culturas tradutoras em diferentes momentos da história. Uma análise contemporânea das traduções de Safo examina o problema da obra incompleta. A maior parte da obra dela é constituída de fragmentos, e Diane Rayer (1991,1992), universitária americana, demonstra que os tradutores, com frequência, ficam tentados a completá-la. Esses “reparos” feitos no texto disseminam, muitas vezes, um preconceito contra o feminino. Ilustremos com o exemplo de um poema no qual a narradora compara sua afeição por sua amiga ausente, Anaktoria, ao

desejo de Helena por Páris. Diane Rayor traduz um verso fragmentado por uma única palavra, "lightly", e continua no verso seguinte: "reminding me now of Anaktoria...". Outro tradutor (Richard Lattimore, 1960) completa o vazio criado por esse fragment, inventando um período inteiro: "Since young brides have hearts that can be persuaded easily, light things, palpitant to passion (as am I, remembering Anaktoria)". Essa reparação não é nada inocente; ela introduz uma referência injustificada ao caráter volúvel e excitável, à falta de racionalidade das jovens esposas (e não esposos), atribuindo à Safo esse *nonsense* patriarcal e tradicional. O trabalho de análise comparada sobre as traduções da obra de Louise Labé (BATCHELOR, 1996) revela “reparos” similares.

#### 2.4 Reencontrar as tradutoras "desaparecidas"

Assim como as autoras “desaparecidas” foram reencontradas, as tradutoras “desaparecidas” são redescobertas. Elas são apresentadas e avaliadas segundo os critérios e linguagem do século XX. Não é, portanto, surpreendente que essas tradutoras sejam mostradas como “subversivas”. Tendo o mesmo objetivo que as tradutoras de *Translating Slavery* – restabelecer uma linhagem de mulheres intelectuais que souberam atuar na própria sociedade –, historiadores e críticos como Margaret Hannay (1985), Douglas Robinson (1996) et Anne Prescott (1985) buscam mulheres/tradutoras “resistentes”. Encontram essa resistência no Renascimento inglês, nos textos de Elisabeth I e de Margaret More Roper (Hannay, ed. 1985); na América do século XIX, na pessoa de Margaret Fuller (Zwarg, 1990); e no México colonial (Alarcon, 1992). A personagem Malinche, intérprete e mulher de Cortés, é reabilitada por tal crítica. Tendo representado, durante séculos, a derrota colonial e a exploração sexual, o embuste e a aniquilação da cultura do país, Malinche é transformada, pela crítica feminista, numa mulher talentosa e inteligente, que explora o passado multicultural que ela adquiriu quando, ainda criança, foi vendida como escrava. Nessas versões, Malinche é uma mediadora, culturalmente neutra, que não “passa” os maias, os astecas, ou as mulheres nativas aos espanhóis, mas lhes permite evitar uma inútil carnificina numa situação de opressão colonialista.

### 3. Abordagens teóricas

#### 3.1 *Afirmar a subjetividade da tradutora*

Um trabalho importante se desenvolve sobre a subjetividade da tradutora, sobre o modo como ela afirma sua identidade e influencia o texto por ela produzido. Essa tomada de posição encontra-se no debate em torno do livro *Translating Slavery*, assim como na “subversificação” das tradutoras do Renascimento. Ela está igualmente presente nas discussões acerca da censura tradutória dos textos “ofensivos”. Ela é claramente assumida, como uma tomada de posição política, nos prefácios, nos ensaios, nas notas de rodapé e nos discursos. Mais problemático foi o papel de professora/pedagoga que muitas tradutoras feministas adotaram no início do movimento feminista, buscando “pregar a boa palavra”. Podemos criticar essa atitude em Erika Wisselinck, a tradutora alemã de Mary Daly, uma vez que ela intervém incessantemente no texto a fim de explicar os trocadilhos ou de ressaltar a seus leitores as semelhanças de estilo patriarcal entre a língua inglesa e a alemã. A mesma crítica pode ser feita ao trabalho de Marlene Wildeman sobre os textos de Nicole Brossard no Canadá: é um trabalho de hipertradução, no qual os interesses extratextuais da tradutora são introduzidos na versão inglesa. O aspecto subjetivo da tradução provoca, também, um grande interesse, especialmente graças à atenção que o trabalho feminista atribuiu a ele.

#### 3.2 *Reler as metáforas da tradução*

Na história da tradução, os tropos utilizados para descrever o processo da tradução mudam ao longo dos séculos. No entanto, a americana Lori Chamberlain demonstrou o quanto essas metáforas sempre refletiram as estruturas do poder patriarcal, encravadas na concepção de família. Quer o texto seja apresentado como mulher virgem precisando de conselhos do tradutor, quer seja apresentado como mulher escrava que é preciso “violar” e submeter, a violência misógina desses tropos parece atravessar o tempo. Ela associa a posição das mulheres na cultura patriarcal à visão convencional da tradução como atividade de segunda classe, atividade reprodutora que não deixa de reproduzir as hierarquias tradicionais. Lori Chamberlain e outras autoras, como as canadenses Lola Lemire Tostevin e Daphne Marlatt, preferem pensar a tradução em termos menos hierárquicos, menos “familiares”, em termos de contaminação, de “desterritorialização”, ou de combinação. Preferem enfatizar o aspecto cooperativo desse inevitável enfrentamento do texto de partida.

### 3.3 *Um outro mito da tradução*

Em 1996, uma versão do mito de Pandora foi proposta como uma forma simultaneamente feminista e mais positiva para compreender a tradução, tradicionalmente imaginada pelo mito de Babel. Baseando-se nos escritos de George Steiner e de Jacques Derrida, Karin Littau (1996) mostra como o mito de Babel remete a um passado ideal onde existia uma única língua. Pandora, segurando em seus braços uma cornucópia numa das múltiplas “traduções” do mito, representaria o “serialismo” da tradução, ao passo que Babel, evocando uma língua ideal, a unidade ou a cultura única, pertenceria ao “falologocentrismo”. Littau vai mais longe, usando as teorias de Luce Irigaray e mostrando que as diferentes versões de Pandora podem muito bem representar a multiplicidade feminina bem como a multiplicidade da tradução. Embora ainda no início de seu trabalho teórico, Littau o aplica de maneira eficaz às numerosas versões de Lulu n’A *Caixa de Pandora* (Littau, 1995), peça em várias ocasiões censurada, reescrita por Wedekind, produzida numerosas vezes para o palco e para a tela e que viu seus fragmentos “reparados” e comentados por um universitário americano.

### 3.4 *Críticas*

Essa visão panorâmica do trabalho feminista em tradução dá uma ideia da abrangência da área, que algumas críticas internas ampliam ainda mais. Essas críticas enfatizam o fator das diferenças culturais e políticas existentes entre as mulheres. Nos anos finais do século XX, tais críticas começaram a aparecer com Gayatri Spivak, que ataca o “translationese” (“tradutês”) colonialista utilizado para os textos escritos por mulheres do Terceiro Mundo, e Rosemary Arrojo critica o que ela percebeu como a abordagem oportunista do movimento das mulheres anglo-americanas. Também Robyn Gillam, no Canadá, externou dúvidas quanto à iconografia nas traduções inglesas do trabalho de Nicole Brassard.

### 3.5 *Spivak: corrente dominante do “tradutês”*

É paradoxal constatar que o desejo de colocar os escritos das mulheres do Terceiro Mundo à disposição das mulheres falantes do inglês, inicialmente um ato de benevolência, tenha se transformado num ato de traição. De fato, o desejo de incluir o Terceiro Mundo no feminismo dos países industrializados tem como corolário a necessidade de eliminar os traços

de racismo no pensamento feminista da classe média branca e de “dar a palavra” a escritoras desconhecidas, silenciadas ou esquecidas. Gayatri Spivak (1992), no entanto, levanta um certo número de problemas. Ela afirma que a maioria desses textos são traduzidos para uma linguagem de fácil leitura para os preguiçosos leitores anglófonos. Além disso, as antologias são preparadas por universitários igualmente preguiçosos, que frequentemente não fazem distinção, ou até não podem fazer, entre textos conformistas e textos que se opõem aos aspectos dominantes da cultura do Terceiro Mundo onde são publicados. Desses dois problemas, segundo Spivak, decorre que a “retoricidade” – o estilo particular do texto de partida – é negligenciada; é dessa forma que “a literatura da mulher na Palestina começa a se assemelhar na sua prosa a algo produzido por um homem de Taiwan”. Em outros termos, embora as mulheres ocidentais estejam perfeitamente conscientes das diferenças existentes entre elas, têm a tendência a ocultar as diferenças que existem entre as mulheres do Terceiro Mundo. Conforme Spivak, esses atos feministas de benevolência apenas são, na realidade, manifestações da “lei do mais forte”, lei que, ademais, adota nesse momento a tradução para o inglês como “a maneira mais fácil de ser democrático em relação às minorias”.

### 3.6 Arrojo: *O movimento das feministas*

Rosemary Arrojo (1994,1995) investe contra as tradutoras e teóricas que aplicam a política feminista à tradução. Seu interesse reside na descoberta de uma ética universal, um meio mais adequado de ser fiel a um texto em tradução. Sua crítica apoia-se em três pontos. Em primeiro lugar, as tradutoras que sustentam que sua interferência feminista num texto é fiel ao sentido do texto fonte (o texto de partida é bastante “aberto” para permitir isso) são incoerentes de um ponto de vista teórico. Por um lado, elas pretendem a “fidelidade”, por outro, elas querem destruí-la. Em seguida, Arrojo desaprova a abordagem maniqueísta que atribui a certas críticas feministas. Afirma que suas metáforas da tradução [(*woman-handling* ou *hijacking* (desvio))] são tão violentas quanto aquelas que elas criticam nos escritos de teóricos e de tradutores. Em terceiro lugar, Arrojo não tolera as referências generalizadas à desconstrução, das quais algumas se valem para justificar suas intervenções. Por exemplo, Arrojo não aceita a abordagem que afirma que o sentido é, de qualquer forma, instável e que, conseqüentemente, um sentido feminista pode ser atribuído ao texto. Ela procura corrigir o que entende como interpretações feministas inadequadas dos textos de Derrida e outros, admitindo que existe uma leitura correta. Ela não aceita que as feministas façam uma leitura “estratégica” de tais obras, uma leitura que responda às suas necessidades.

### 3.7 Gillam: a tradução elitista

A crítica recente feita por Robyn Gillam (1995) sobre a prática feminista da tradução tem outra origem. Gillam escreveu do interior da área da “iconografia feminista” canadense, sugerindo que as traduções produzidas sob a perspectiva feminista são destinadas a uma elite universitária que deve ser bilíngue para poder compreendê-las e usá-las. Esses textos não trazem grande coisa às outras mulheres anglófonas e tornam, na realidade, os textos de partida, já obscuros, textos ainda mais complicados. Segundo ela, os leitores e leitoras apenas podem, muitas vezes, maravilhar-se diante do virtuosismo linguístico da autora e da tradutora. Gillam fundamenta sua crítica em algumas traduções da obra de Nicole Brassard. Segundo ela, os canadenses anglófonos e francófonos têm um sentimento político diferente em relação à língua. A desconstrução linguística não seria tão carregada de sentido para o Canadá anglófono quanto para o Canadá francófono; neste a força política da língua faz parte da vida cotidiana. Desse modo, complicar as metáforas e os trocadilhos, concentrar-se no som das palavras mais do que no sentido em uma tradução desse gênero não passa de um “jogo intelectual” reservado a uma elite.

#### **Comentário**

É interessante sublinhar que, embora ambas se digam feministas, Gillam e Spivak parecem ter pontos de vista opostos. Realmente, Gillam deseja que os textos feministas, em todos os gêneros, sejam acessíveis às mulheres ativistas, que o feminismo seja popularizado. Ela recomenda a eficácia, exigindo, por exemplo, menos iconografia em torno da autora canadense Nicole Brassard. Spivak, por seu lado, recomenda uma prática de tradução que resista às exigências anglófonas por uma leitura fácil. Ela quer o respeito pela diferenciação. O fosso entre essas duas posições pode ser interpretado como sendo uma diferença de perspectiva cultural e política: Gillam é uma universitária canadense anglófona que opõe duas abordagens da escrita no Canadá, a de duas classes médias brancas, em duas línguas que coexistem no interior de uma entidade política. Ela espera uma interação feminista que não se limite a um nível universitário obscuro. Sua crítica – específica ao contexto canadense – se dirige a certos aspectos da ideologia feminista, no Canadá, que ameaçam mutilar o debate. Spivak, por sua vez, se preocupa com as línguas e culturas cuja relação é marcada pela desigualdade econômica e pela colonização. Para ela, a tradução que tenta vulgarizar o

trabalho de escrita das mulheres do Terceiro Mundo torna-se uma outra forma de imperialismo, um meio de tranquilizar as consciências ocidentais culpadas.

As falas de Arrojo são muito diferentes. Ela desaprova a abordagem radical e conflituosa que algumas feministas anglo-americanas adotam. Em contrapartida, ela é favorável a uma forma de “infidelidade ética”, que responderia à infidelidade que toda tradução impõe. Escrevendo num tom preferentemente moralizador, ela critica o viés feminista e deseja “retornar” a um discurso consensual e universalista da tradução. Seu discurso é bem distante daquele do feminismo ativista, que enfatiza uma declaração clara das políticas pessoais e aborda as questões da subjetividade, do “posicionamento” e do momento histórico, elementos que têm um efeito sobre cada tradução e cada leitura, bem como sobre cada julgamento de valor (LAKOFF, 1992). Todavia, o trabalho de Arrojo evidencia a complexidade cultural dos problemas levantados pela escrita e tradução feministas. O que é revolucionário e subversivo para uma mulher, parece histriônico e oportunista para outra.

Isso nos remete à primeira questão: haja vista, de um lado, a diversificação das abordagens feministas nos estudos de tradução e, de outro, as diferenças entre as mulheres tornadas explícitas pela tradução, como responder ao desafio de internacionalização do discurso feminista? É necessário limitar-nos a explicações de textos, a mediações, em vez de basear o trabalho feminista em traduções que não podem senão chocar? Como responder ao fato de que a tradução desempenha um papel precário nesse contexto onde existem diversas formas de feminismo, e cada uma depende da história, da cultura e do contexto próprio de cada grupo?

Pensamos que o debate deve prosseguir. Mesmo que a tradução, muito mais que a crítica literária ou a escrita biográfica, atraia a atenção para as numerosas diferenças culturais existentes entre as mulheres, é somente através de uma exploração contínua dos processos diferenciadores que teremos sinais de compreensão. De fato, foi graças a mais de 25 anos de trabalho, em diferentes culturas, que o movimento feminista pôde marcar outros discursos ditos “universais” com suas diferenças.

## Referências

ALARCON, Norma. "Traduttora, Traditora: A Paradigmatic Figure of Chicana Feminism", **Cultural Critique**, Automne 1989, pp. 57-87.

ALCOFF, Linda. "Culturel Feminism versus Post-structuralism: The Identity Crisis in Feminist Theory", **Culture, Power, History. A Reader in Contemporary Social Theory**.

Eds. Dirks, Nicholas B., Geoff Eley & Sherry B. Ortner. Princeton, NJ. : Princeton University Press, 1994, pp. 96-122.

ALCOFF, Linda. **An Inclusive Language Lectionary**. Philadelphie: Westminster Press, 1983.

ARROJO, Rosemary. "*Fidelity and the Gendered Translation*", **TTR**, VII, 2, 1994, pp. 147-164. DOI: [10.7202/037184ar](https://doi.org/10.7202/037184ar)

ARROJO, Rosemary. "Feminist 'Orgasmic' Theories of Translation and their Contradictions". **TradTerm**, Sao Paulo, 2, 1995, 67-75. DOI: [10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1995.49916](https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1995.49916)

BATCHELOR, Jane. "Changing the Agenda: Gender Consciousness in relation to Louise Labé's Sonnets". Communication présentée au colloque **EST** à Prague, en 1995.

CHAMBERLAIN, Lori. "Gender and the Metaphorics of Translation", **Rethinking Translation. Discourse, Subjectivity, Ideology**. Ed. Lawrence Venuti, Londres; New York: Routledge 1992, pp. 57-74.

DALY, Mary. **Gyn/Ecology. The Metaethics of Radical Feminism**. Boston: Beacon Press, 1978. Tr. Erika Wisselinck, *Gyn/Ökologie, eine Meta-Ethik des radikalen Feminismus*. Munich: Frauenoffensive, 1980.

DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. "About the *her* in other". Preface to **Letters from an Other** by Lise Gauvin, Toronto: The Women's Press, 1989.

DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. **Re-Belk et Infidèle. La Traduction comme pratique de réécriture au féminin / The Body Bilingual. Translation as a Rewriting in the Feminine**. Toronto: The Women's Press; Montréal: Les Editions du remue-ménage, 1991.

DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. "Geographies of Why", **Culture in Transit**. Ed. Sherry Simon. Montréal: Véhicule Press, 1995.

DIAZ-DIOCARETZ, Miriam. **Translating Poetic Discourse: Questions on Feminist Strategies in Adrienne Rich**. Amsterdam: Benjamins, 1985.

FREIWALD, Bina. "The Problem of Trans-Lation: Reading French Feminism". **TTR**, Vol. IV, 2, 1991, pp. 55-68. DOI: [10.7202/037093ar](https://doi.org/10.7202/037093ar)

GILLAM, Robyn. "The Mauve File Folder: Notes on the Translation of Nicole Brassard". **Paragraph** 16, 1995, 812.

GODARD, Barbara. "Theorizing Feminist Discourse/Translation". **Translation, History and Culture**. Eds. Bassnett, Susan & A. Lefevere. Londres: Pinter Publishers, 1990.

GODARD, Barbara. "Translating (With) the Speculum". **TTR**, Vol. IV, No. 2, 1991, pp. 85-121.

HANNAY, M (ed.). **Silent But for the Word: Tudor Women as Patrons, Translators, and Writers of Religious Works**. Kent: Kent State University Press, 1985.

HAUGERUD, Joann. **The Word for Us**. Seattle, 1977.

KADISH, Doris & MASSARDIER-KENNEY, Françoise (eds.). **Translating Slavery: Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823**. Kent: Kent State University Press, 1994.

LEVINE, Suzanne. "Translation as (Sub) Version: On Translating *Infante's Inferno*", **Rethinking Translation. Discourse, Subjectivity, Ideology**. Ed. Lawrence Venuti. Londres; New York: Routledge, 1992, pp. 75-85.

LITTAU, Karin. "Refractions of the Feminine: The Monstrous Transformations of Lulu". **Modern Language Notes**, 110 (4), 1995, pp. 659-76.

LITTAU, Karin. "Pandora's Tongues", communication présentée au colloque **EST** à Prague en 1995. DOI: [10.7202/037391ar](https://doi.org/10.7202/037391ar)

MAIER, Carol. "A Woman in Translation, Reflecting". **Translation Review** 17, pp. 4-8.

NÖLLE-FISCHER, Karen. "Können weibliche Schreibweisen Bewegung in die Geschlechterbeziehungen bringen?" **Der Übersetzer**. Munich, 29Jg. Nr.1, pp. 1-8.

PARKER, Alice. "Under the Covers: A Synaesthesia of Desire (Lesbian Translations)". **Sexual Practice, Textual Theory: Lesbian Cultural Criticism**. Eds. Susan J. Wolfe & Julia Penelope, 1993, pp. 322-339.

RAYOR, Diane. **Sappho's Lyre. Archaic Lyric and Women Poets of Ancient Greece**. Berkeley: University of California Press, 1991.

RAYOR, Diane. "Translating Sappho: Who Speaks?" Communication présentée au colloque **MLA** de décembre 1992.

ROBINSON, Douglas. "Theorizing Translation in a Woman's Voice, Subverting the Rhetoric of Patronage, Courtly Love and Morality". **The Translator**, Vol. 1, No.2, 1995, pp. 153-175.

SIMONS, Margaret. "The Silencing of Simone de Beauvoir, Guess What's Missing from *The Second Sex*". **Women's Studies International Forum**, Vol. 6, No. 5, 1983, pp. 559-564.

SPIVAK, Gayatri Chakavorty. **In Other Worlds: Essays in Cultural Politics**. New York; Londres: Routledge, 1988.

SPIVAK, Gayatri Chakavorty. "**The Politics of Translation**". *Destabilizing Theory*. Ed. Michèle Barrett & Anne Phillips. Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 1992.

STEINER, George. **After Babel. Aspects of Language and Translation**. Oxford: Oxford University Press, 1975.

THARU, Susie et LALITA, K. eds. **Women Writing in India**. Vols. 1 and 2, New York: The Feminist Press at the City University of New York.

TOSTEVIN, Lola Lemire. "Contamination: A Relation of Differences". **Tessera**, Vol. 6, pp. 13-14. DOI: [10.25071/1923-9408.23576](https://doi.org/10.25071/1923-9408.23576)

VON ANKUM, Katharina. "The Difficulty of saying "I": Translation and Censorship of Christa Wolf's *Der geteilte Nim Himmel*". **Studies in 20th Century Literature**, Vol. 17, No.2, Été 1993, pp. 223-241.

VON FLOTOW, Luise. "Feminist Translation: Contexts, Practices, Theories". **TTR**, Vol. IV, No. 2, 1991, pp. 69-84. DOI : [10.7202/037094ar](https://doi.org/10.7202/037094ar)

VON FLOTOW, Luise. "Québec's "Ecriture au féminin" and Translation Politicized". **Transvases Culturales : Literatura, Cine, Traducción**. Eds. F. Eguiloz, R. Merino et al., Vitoria (Espagne) : Facultad de Filología, Universidad del País Vasco, 1994, pp. 219-229.

VON FLOTOW, Luise. "Translating Women of the Eighties: Eroticism, Anger, Ethnicity". *Culture in Transit: Translating the Literature of Quebec*. Ed. Sherry Simon, Montréal: Véhicule Press, 1995, pp. 31-46.

VON FLOTOW, Luise. "Weiblichkeit, Zweisprachigkeit und Übersetzung: Kanada". **Literarische Polyphonie**. Eds. Strutz, Johann & Peter Zima, Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1996.

VON FLOTOW, Luise. "Legacies of *écriture au féminin*: Bilingual Transformances, Translation Politicized, Subaltern Versions of the Text of the Street". **Journal of Canadian Studies**, 1996. DOI : [10.3138/jcs.30.4.88](https://doi.org/10.3138/jcs.30.4.88)

VON FLOTOW, Luise. "Mutual Pun-ishment? The Translation of Feminist Wordplay: Mary Daly's *Gyn/Ecology* in German". **Traductio: Essays on Punning and Translation**. Ed. Dirk Delabastita, Namur: Presses Universitaires de Namur; Manchester: St. Jerome Press, 1997 (no prelo).

VON FLOTOW, Luise. **Gender and Translation**. Translation in an "Era of Feminism", Manchester St. Jerome Publishing; Ottawa: University of Ottawa Press, 1997.

WILDEMANN, Marlene. "Daring Deeds: Translation as Lesbian Feminist Language Act". **Tessera : La traduction au féminin. Translating Women**, Vol. 6, Printemps 1989, Toronto.

ZWARG, Christina. "Feminism in Translation: Margaret Fuller's Tasso". **Studies in Romanticism** 29, 1990. DOI : [10.2307/25600855](https://doi.org/10.2307/25600855)

## A Tradução Feminista<sup>1</sup>

Rohini Bannerjee

Tradução: Gabrielle Aimi

Revisão de tradução:  
Fabiana Lontra  
Patrícia C.R. Reuillard<sup>2</sup>

**Resumo:** Há várias regras gramaticais de gênero na língua francesa que não existem no inglês. Como resultado, ao traduzir entre essas duas línguas no feminino, o tradutor pode ou não reconhecer a necessidade de manter a distinção de gênero. Como o posicionamento sobre o assunto traduzido é também o posicionamento do gênero, este último conduz o tradutor em sua leitura do texto, determinando a forma como ela/ele decodifica e interpreta o que está sendo reescrito. Conforme aponta Lotbinière-Harwood, existem quatro línguas envolvidas em tal processo de tradução: a língua fonte, a língua alvo, o masculino e o feminino. Uma análise da variação de estilos entre tradutores e tradutoras confirma que aquele que traduz influencia na língua, e mostra a importância de manter a consciência de gênero, a fim de suprimir os estereótipos sociais e linguísticos frequentemente encontrados na tradução de literatura feminina. Diversos exemplos de traduções anteriores, como as de Anne Hébert e Nicole Brossard, são usados para argumentar que a tradução é uma metáfora da escrita e pode servir como ferramenta para reforçar as realidades sociais e políticas do nosso tempo. O quadro geral da discussão se mostra nas ideias sobre a *ressexualização* da língua de Susanne Lotbinière-Harwood e na sua noção de que a língua nunca é neutra e que o significado do feminino às vezes se torna vítima da formação linguística do tradutor, assim como a ideia de Luise von Flotow de que tradução é uma expressão das barreiras linguísticas do feminino.

**Palavras-chave:** tradução de literatura feminina; consciência de gênero; ressexualização da língua.

Luise von Flotow escreve em sua obra, *Translation and Gender: Translating in the “Era of Feminism”* [Tradução e Gênero: Traduzindo na “Era do Feminismo”], que a tradução representa tanto o caminho para a escrita das mulheres enquanto movimento do discurso privado em direção ao discurso público, quanto a expressão da comunicação das mulheres através das fronteiras linguísticas. A partir desse ponto de vista, é imprescindível ter consciência de gênero para unificar os estereótipos sociais e as formas linguísticas. É possível compreender, então, as políticas da linguagem, as diferenças culturais, a ética da tradução e a importância da necessidade de analisar o contexto cultural no qual se produz a tradução.

A escrita e a tradução femininas são atividades políticas que têm como objetivo combater a dominação do homem na linguagem. Em inglês, existem diversas formas de

---

<sup>1</sup> Artigo *La traduction féministe*, apresentado no minicolóquio sobre tradução, durante o curso FR 5016, em dezembro de 1998, e publicado em *Initial(e)s*, Dalhousie University Canada, vol. 18, 1999, p. 128-136. Traduzido com autorização da autora.

<sup>2</sup> Gabrielle Aimi: Bacharelada em Letras (UFRGS), [aimi.gabrielle@gmail.com](mailto:aimi.gabrielle@gmail.com)

Fabiana Lontra: Mestra em Letras (UFRGS), [fablontra@gmail.com](mailto:fablontra@gmail.com)

Patrícia C. R. Reuillard: Professora do Instituto de Letras (UFRGS), [patricia.ramos@ufrgs.br](mailto:patricia.ramos@ufrgs.br)

inclusão das mulheres, como a neutralização: utiliza-se, por exemplo, *flight attendant* [comissário de bordo] ao invés de *stewardess* [aeromoça]. Entretanto, é necessário compreender que a língua nunca é neutra. Susanne de Lotbinière-Harwood, tradutora e autora de *Re-Belle et Infidèle: La Traduction comme pratique du réécriture au féminin* [Re-bela-da e Infiel: A Tradução como Prática da Reescritura no Feminino], explica como traduziu o trecho “*Antal avait parlé d'objectivation mais d'une manière totalement désincarnée, comme si l'Histoire était une déesse plénipotentiaire*”<sup>3</sup>. A palavra francesa *histoire* [história] é feminina e, por isso, a autora fez uma comparação da história com uma personagem feminina, uma *déesse* [deusa]. Lotbinière-Harwood não queria que uma deusa fosse associada à história, e por isso fez uso da neutralização: “...*as if History were some all-powerful deity!*”<sup>4</sup>.

Há também a dessexualização que, ao invés de utilizar apenas *he* [ele], prioriza o uso de *he/she* [ele/ela]. Todos esses processos são relativamente fáceis em inglês, justamente porque o sistema gramatical da língua não faz marcação de gênero como no francês. Segundo Lotbinière-Harwood, “o que devemos fazer é *ressexualizar* a língua”, ou seja, colocar em prática a feminização.

Desde os anos 1970, existe um movimento que visa acabar com a opressão e dominação sofridas pelas mulheres. Von Flotow explica como se pretende, sobretudo, substituir a linguagem usada nos dias de hoje por uma nova linguagem feminina. De fato, atacar a própria língua e não apenas as mensagens que ela transmite seria ainda melhor. Experiências femininas relacionadas à linguagem criaram muitos problemas aos tradutores. A gramática de línguas como o francês obriga a concordância dos substantivos, adjetivos e participios passados com o gênero. Na escrita feminina, a necessidade da concordância destes elementos com o gênero é contestada.

No entanto, a linguagem e a realidade jamais poderiam estar neutras no plano do gênero pois o comportamento linguístico é um dos papéis de gênero absorvidos e desempenhados pelas mulheres e homens em nossas sociedades. Segundo Lotbinière-Harwood, a influência do gênero na tradução é real. O posicionamento do sujeito traduzido é necessariamente um posicionamento de gênero. O gênero orienta o modo como o tradutor ou tradutora lê, decodifica, interpreta e até mesmo reescreve o texto. Conforme o contexto, é necessário traduzir a generalização masculina utilizada pelo autor que, por consequência, anula a voz feminina da tradutora. É importante perceber que, às vezes, quando se está traduzindo,

---

<sup>3</sup> N. da T.: “Antal falara de objetivação, mas de uma forma completamente desprendida da realidade, como se a História fosse uma deusa plenipotenciária”.

<sup>4</sup> N. da T.: “...como se a História fosse uma deidade onipotente”.

acontece de se distanciar do texto e desviar da mensagem inicial. Não se trata apenas de uma operação entre duas línguas, como o inglês e o francês. Estamos lidando com quatro línguas: o inglês, o francês, o masculino e o feminino. É necessário ser fiel... mas a quem?

Para Howard Scott, autor que traduziu *L'Euguélionne* [A Evangelione] em 1976, a necessidade da mudança é evidente. Sobre o aborto, Scott escreve: *Le ou la coupable doit être punie*<sup>5</sup>. É indiscutível que, ao adicionar o “e”, que no francês indica a concordância com o feminino, ao final da palavra *puni*, Scott leva a crer que é a mulher que deve ser punida. Nada disso existe em inglês, com exceção de uma tradução como: “*the guilty one must be punished whether she is a man or a woman.*”<sup>6</sup> Definitivamente, o “e” mudo francês corresponde ao pronome feminino *she* em inglês, e a impossibilidade (VON FLOTOW, 1997, p. 96) de *ela* poder ser um homem explica a lógica do francês.

Considerando tudo isso, existe um caso bem conhecido no Canadá, em que uma tradução é de fato uma traição. F. R. Scott, tradutor de *O Túmulo dos Reis*, escrito por Anne Hébert, traduziu “*En quel songe/Cette enfant fut-elle liée par la cheville/Pareille à une esclave fascinée?*”<sup>7</sup> para “*In what dream/Was this child tied by the ankle/Like a fascinated slave?*”<sup>8</sup>. Como podemos ver, *cette enfant* torna-se *this child*. Segundo Hébert, “Scott omitiu o fato de que o referente é uma criança do sexo feminino que é estuprada, simbolicamente, pelas divindades mitológicas do passado” (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 106). Na poesia de Hébert, as terminações femininas dos adjetivos são claramente uma especificação do gênero. Além disso, Scott trocou *the ankle* por *her ankle* e, portanto, “reinsereu o corpo feminino e a história das mulheres no texto” (ibid. p. 106).

Por outro lado, Violette Leduc escreve em sua autobiografia, *A Bastarda*: “*Je suis née brisée. Je suis le malheur d'une autre. Une bâtarde, quoi!*”<sup>9</sup>. O tradutor, Derek Coltman, em 1965, traduz o trecho para “*I was born broken. I am someone else's misfortune. A bastard!*”<sup>10</sup>. Leduc destaca que aqui se trata especificamente de uma bastarda de sua mãe, indicado textualmente pela forma feminina “*une autre*”. A tradução para *someone else*, de Coltman, omite a ligação principal entre mãe e filha. Além disso, o sentido feminino torna-se uma vítima da formação linguística do tradutor (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 149). Através de sua tradução, Coltman confirma que a relação entre mãe e filha é invisível na

<sup>5</sup> N. da T.: “O ou a culpada deve ser punida.”

<sup>6</sup> N. da T.: “A culpada deve ser punida, seja ela uma mulher ou um homem.”

<sup>7</sup> N. da T.: “Em que sonho/Essa menina foi presa pelo tornozelo/Como uma escrava fascinada?”

<sup>8</sup> N. da T.: “Em que sonho/Essa criança foi presa pelo tornozelo/Como uma escrava fascinada?”

<sup>9</sup> N. da T.: “Eu nasci quebrada. Sou a desgraça de outra. Uma bastarda!”

<sup>10</sup> N. da T.: “Eu nasci quebrada. Sou a desgraça de outro alguém. Uma bastarda!”

ordem simbólica dos homens. “*Va te faire foutre, mocheté*”<sup>11</sup> é traduzido por ele como “*Go and screw yourself then*”<sup>12</sup>. Segundo Evelyn Volden, existe aqui uma representação das traduções feitas por homens da escrita de mulheres que revelam a ignorância da realidade biofisiológica do corpo feminino. Lotbinière-Harwood pergunta a Coltman como uma mulher poderia “*screw herself*”, uma vez que esta é uma expressão diretamente masculina que descreve o que o homem faz com a mulher durante as relações sexuais. Aqui, Coltman zomba de Leduc quando evoca a imagem da posição dominante do homem sobre a mulher. Lotbinière-Harwood sugere “*Go get stuffed, you old bag*”<sup>13</sup>, uma tradução que mantém o efeito que teria na época, ou mais precisamente, a imagem do sexo feminino como um buraco ou compartimento que deve ser preenchido pelo homem. O trabalho feito por Coltman demonstra o caráter efêmero da tradução: os originais permanecem, mas as traduções morrem. A obra de Leduc precisa ser retraduzida – idealmente por uma feminista (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 150).

Von Flotow também fala sobre Nicole Brossard, escritora quebequense contemporânea, e sobre sua obra, *Sous la Langue* [Sob a Língua] (1987). Nela, encontram-se associações de sons e aliteraões que, em síntese, são neologismos feminizados, como o trecho que segue:

*Fricatelle ruisselle essentielle aime-t-elle dans le touche à  
Tout qui arrondit les seins la rondeur douce des bouches  
Ou l'effet qui la déshabille?*<sup>14</sup>

A palavra e o som *elle* trazem a imagem feminina dentro da conjuntura do texto e formam, além disso, outros neologismos como *essentielle* e *fricatelle*. Esta última é uma variação da palavra *fricarelle*, uma gíria dos anos 1930 que remete ao som do esfregar de coxas. Vemos aqui o elemento sexual que revela a imagem feminina. Além disso, o “*ou*” implica o prazer físico (VON FLOTOW, 1997, p. 69). Em especial, “*touche à tout et douce des bouches*” são conjuntos de palavras que elevam o sentido da mensagem com sons redondos. *Ruisselle*, palavra que caracteriza um líquido que escorre em abundância e de maneira contínua, lembra o suor, e nesse contexto, remete às secreções sexuais da mulher.

<sup>11</sup> N. da T.: “Vá se foder, baranga.”

<sup>12</sup> N. da T.: *Screw yourself* é um insulto que tem o mesmo significado de “vá se foder”. No entanto, a palavra *screw*, que significa, literalmente, aparafusar, remete ao ato da penetração.

<sup>13</sup> N. da T.: A expressão “*get stuffed*” pode ser traduzida literalmente para algo como “ser preenchido”, o que faz referência ao ato sexual.

<sup>14</sup> N. da T.: Oferecemos aqui uma tradução que contempla o efeito da sonoridade em português:

Raspadela molhadela essencia ela gosta  
Da doçura da boca redonda em volta do seio  
Ou do efeito que a desnuda?

Devido a todas imagens femininas e até mesmo à “sintaxe feminina”, convém traduzi-lo com muito cuidado. Ao lermos a tradução em inglês feita por Lotbinière-Harwood, é possível perceber, sobretudo, terminações com *al* e o emprego do pronome *she*:

*Does she frictional she fluvial she essential does she  
In all the embracing touch that rounds the breasts love the  
Mouths' soft roundness or the effect undressing her?*

Nossa atenção se concentra, acima de tudo, nos sons e não no sentido da mensagem. Lotbinière-Harwood também usa o som “ow” da língua inglesa para representar melhor as vogais doces e redondas. Justamente por isso, é possível afirmar que os tradutores, quando querem, podem sim superar os desafios técnicos e mesmo teóricos.

Considerando tudo isso a respeito da tradução da palavra *elle* [ela], a tradução inglesa de “*elles*” [elas] apresenta vários problemas. Em inglês, a palavra *they* esconde a diferença sexual, ao passo que o francês especifica o gênero e número. Monique Wittig, autora de *As Guerrilheiras*, mostra que *elles* nunca representa o conjunto, mas ela tenta utilizar a palavra como sujeito universal. Wittig explica como o tradutor de sua obra, David Le Vay, havia recorrido à palavra *women* (mulheres) para traduzir *elles* e como ele, em consequência disso, destruiu o processo da universalização (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 140). De repente, diz Wittig, *elles* ou *the women* deixam de ser *mankind* [humanidade]. Quando vemos *the women*, a conotação é que existe um número de mulheres individuais. Transformamos então completamente o que Wittig desejava manter universal.

Para o tradutor masculino, o emprego de *the women* não é importante. Afinal de contas, ele ainda esquece ou talvez seja incapaz de conceber que *the women* não é o equivalente semântico ou ontológico de *the men*<sup>15</sup>. Por outro lado, caso a tradução fosse feita por uma mulher, podemos nos perguntar se ela faria diferente. Na verdade, a resposta é não. Entretanto, Wittig quer mostrar que sua obra deveria ter sido traduzida de forma que mantivesse a universalização do feminino no sistema da língua inglesa. Em contrapartida, não se trata exatamente da tradução, mas de algo que a própria escritora pode fazer. Isso pode explicar como o gênero organiza o pensamento humano.

De acordo com o que discutimos até então, é possível fazer uma análise da tradução do corpo feminino. Muitas mulheres escrevem sobre o corpo feminino evitando descrições baseadas nos estereótipos de amante ou até mesmo de prostituta. As duas outras descrições

---

<sup>15</sup> N. da T.: *Men* contempla o sentido do coletivo de ser humano.

são as da mãe ou da Virgem Maria. As escritoras feministas buscam acabar com os clichês da língua atual e, para isso, estão pesquisando e desenvolvendo um vocabulário para todas as partes censuradas da mulher, sobretudo, para sua anatomia. Essas feministas estão contribuindo para criar uma escrita que, segundo elas, agrada a outros. Se analisarmos, por exemplo, o termo francês *jouissance*, segundo o dicionário *Le Petit Robert*, a palavra quer dizer prazer, bem-estar, prazer sexual e até mesmo orgasmo. Quando a traduzimos, essa polissemia pode limitar nossa interpretação da palavra. É comum Lotbinière-Harwood não traduzir o termo *jouissance* e mantê-lo como um empréstimo em suas traduções, para que os anglófonos possam observar o exotismo da palavra. Segundo ela, a dualidade (*doubleness*) da palavra permite que os leitores da língua de chegada entendam que estão lendo uma tradução na qual está presente a alteridade da mensagem.

Como é possível constatar, esses problemas sintáticos podem levantar questões relacionadas à censura pessoal e às normas sociais. Além disso, leitores e escritores abordam essas questões de sexualidade que logo se tornam problemas para os tradutores. É aqui que a polissemia apresenta alguns obstáculos, sobretudo em contextos específicos. A tradução como prática feminista e a escrita feminina compartilham a intenção de redefinir os papéis das mulheres na língua (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 153). O que desejamos, é deixar o lugar de objeto do discurso falocêntrico e ocupar o lugar de sujeito e de produtora ginocêntrica do discurso. Ao adotar o corpo feminino como lugar de fala, buscamos aplicar o extremo linguístico da mulher como escritora e interlocutora.

Ao que tudo indica, a tradução para o inglês nos mostra o quão limitado é o nosso conhecimento sobre a biologia da mulher. Em Brossard, o exemplo da *perte blanche* (muco branco), que foi traduzido como *white loss* (perda branca), não traz a ideia das secreções do corpo que o termo francês carrega. Como comentamos anteriormente, a palavra *jouissance* também perde o seu significado quando é traduzida para o inglês. As escritoras feministas confirmam que, enquanto continuamos evitando as traduções de palavras que são mais ou menos sexuais, perdemos essa liberdade dentro da tradução. Essa liberdade, sem sombra de dúvida, fortalece a liberdade das mulheres e dá a elas uma espécie de poder sexual. No geral, é possível perceber que aquilo que possui um traço mais sexual em francês torna-se exótico e intangível.

Vemos outro exemplo da importância e da influência da tradução do corpo feminino com Nicole Brossard, que escreveu em 1976: “*ce soir j’entre dans l’histoire sans relever ma*

*jupe*<sup>16</sup>”. Essa frase foi traduzida para o inglês como “*tonight I enter history without opening my legs*<sup>17</sup>”. Segundo Jean Delisle, este é um exemplo da maneira como os tradutores “de certa maneira fortalecem a prisão que constitui a língua” (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 157). É necessário entender que levantar sua saia não é a mesma coisa que abrir suas pernas. Por outro lado, a tradução em favor do feminino precisa recobrar a linguagem pejorativa utilizada para o corpo sexual da mulher, para se apropriar uma vez mais do território linguístico que nos foi tomado.

A tradução é uma metáfora da escrita (VON FLOTOW, 1997, p. 99). Ela é usada para observar os momentos do cotidiano, interpretar e organizar esses momentos, e para reforçar as ligações com as realidades sociais e políticas. Mas, às vezes, na tradução, um texto feminista escrito ou lido na voz ativa é reescrito na voz passiva. Esse erro da tradução trai a intenção feminina. Erin Mouré, revisora da tradução de Barbara Godard de *Lovhers*<sup>18</sup> escrito por Brossard, se pergunta (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 151) porque os tradutores insistem em usar a voz passiva. Ela pensa que a voz passiva é patriarcal e autoritária, porque apaga a intenção do sujeito. Mouré analisa o pronome de primeira pessoa e escreve: “Acredito que quando uma escritora feminista escolhe iniciar seu romance com o pronome de primeira pessoa, o efeito pretendido é inegociável”. Para ela, o “eu” feminino que foi marcado na língua de partida deve ser transcrito pelo “eu” feminino ou masculino quando reescrito na língua de chegada. Judith Cowan, tradutora de *Quartz et Mica* [Quartzo e Mica] escrito por Yolande Villemaire, reescreveu “*je voyage*” (eu viajo) para a voz passiva “*I am transported*” (sou transportada). Podemos nos perguntar, no entanto, quem é o agente, já que, nessa tradução, parece que a mulher precisa de alguém para que possa viajar. Segundo Julia Penelope, essa alteração constitui um “*agent deletion*” (exclusão de agente) que “apaga a responsabilidade dentro das estruturas linguísticas, o que leva a uma forma de decepção” (*ibid.* p. 152) que ela chama de “exploração sintática das mulheres”. Essa exclusão de agente protege os agentes responsáveis pela ação no ato da escrita. Por exemplo, a frase “Maria sofreu abusos sexuais quando era jovem” não especifica que foi “pelo seu tio”.

É com a assinatura que podemos proteger nossas ideias e intenções. A presença da assinatura do tradutor quer dizer que a atividade de decodificação e recodificação é reconhecida, que o texto traduzido é o objeto de uma leitura pessoal. Quando a tradutora é uma feminista, a assinatura assume outro significado. Segundo Lotbinière-Harwood, o nome

---

<sup>16</sup> N. da T.: “Nesta noite, eu entro para a história sem levantar a minha saia.”

<sup>17</sup> N. da T.: “Nesta noite, eu entro para a história sem abrir minhas pernas.”

<sup>18</sup> N. da T.: *Lovhers* é uma junção das palavras *lovers* (amantes) e *hers*, que denota o feminino.

de uma tradutora feminina em uma tradução indica que ela é responsável e, portanto, assume uma posição ética. As traduções assinadas por Lotbinière-Harwood tentarão falar e escrever o feminino por meio de todas as possibilidades e estratégias linguísticas do contexto.

Em traduções de obras femininas, assume-se que uma tradutora se dirige especificamente a leitoras. Por isso, muitos leitores desconfiam da assinatura de um tradutor masculino em um texto escrito por uma feminista. Por exemplo, porque é que um poeta masculino desejaria traduzir uma história de amor lésbico? A distorção da voz feminina para a masculina é inevitável? Isso não significa que a assinatura de uma tradutora é uma garantia, já que ela pode utilizar o código direto do sistema patriarcal e esquecer completamente da intertextualidade feminina. Com efeito, insistimos no contexto. A tradutora feminina deve ler cada texto e determinar o contexto para então definir suas estratégias. Quais são suas exigências e limites? A quem se dirige o texto? A assinatura cria o contexto. Por exemplo, na tradução convencional, uma tradução feminina tentará incluir as mulheres através de estratégias de reescrita não sexistas.

Concluindo, os tradutores exercem maior influência sobre o texto, o que significa que são responsáveis pelos seus textos e, portanto, não se “escondem atrás de suas vírgulas”, mas sim apresentam suas opiniões ao texto e à comunidade para a qual o ele é escrito. É necessário desviar das generalizações para entender melhor as ideologias e a própria cultura feministas. Além disso, as mulheres devem “se traduzir na linguagem” ao invés de apenas “traduzir”. É assim que preservamos o elemento pessoal. As palavras de Willis Barnstone nos ajudam a compreender e estabelecer a tradução em favor do feminino: “A leitura é um ato de interpretação que vem do sinal gráfico... a leitura é a tradução e a tradução é a leitura”.

## Referências

BARNSTONE, Willis. (1993). **The Poetics of Translation: History, Theory and Practice**. Yale University, 1993.

DE LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. **Re-belle et Infidèle: La Traduction comme Pratique de réécriture au féminin**. Toronto: Women's Press, 1991.

VON FLOTOW, Luise. “Legacies of Quebec Women's ‘Ecriture au Féminin’: Bilingual Transformances, Translation Politicized, Subaltern Versions of the Texte of the Street.” **Journal of Canadian Studies – Revue d'Études Canadiennes**, 7B8, Canada. (1995-96 hiver), 30, 4:88-109.

VON FLOTOW, Luise. **Translation and Gender: Translating in the “Era of Feminism”**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

## Tradutores medievais e tradutoras feministas: a mesma ética de tradução?<sup>1</sup>

Jean Delisle

Tradução:  
Cristian Cláudio Quinteiro Macedo  
Ana Karina Borges Braun

Revisão de tradução:  
Patrícia C. R. Reuillard<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é traçar um paralelo entre os tradutores medievais franceses e as tradutoras feministas canadenses. Para tanto, o autor buscou cinco pontos de comparação. Primeiramente a apropriação do texto de partida, ou seja, em que medida os dois grupos de tradutores, separados geográfica e temporalmente, lidavam com o texto de partida em suas traduções, seja melhorando-os, adaptando-os ou reorganizando-os. Também comparou a busca por legitimidade, quer dizer, os tradutores medievais levantando a questão da tradução para o vulgar diante da autoridade do latim e, por sua vez, as tradutoras feministas buscando legitimar a voz feminina diante do discurso patriarcal. Os esquemas e o didatismo nos prefácios foram outro ponto de comparação, sendo utilizados por ambos os grupos, seja em seu desenho formal, seja em seu papel educativo. As intervenções na língua também foram observadas: os tradutores medievais precisavam criar palavras na língua vulgar para dar conta das significações do latim, e as tradutoras feministas apagavam as marcas sexistas da língua, desconstruindo e reconstruindo palavras. O último ponto de comparação, a visibilidade do tradutor ou da tradutora em sua tradução, demonstrou o quanto os dois grupos deixavam transparente sua presença nos textos traduzidos.

**Palavras-chave:** história da Tradução; tradução medieval; tradução feminista.

**Résumé:** L'article met en parallèle les traducteurs médiévaux français et les traductrices féministes canadiennes. Pour cela, l'auteur s'appuie sur cinq points de comparaison. Premièrement, l'appropriation du texte source: de quelle manière les deux groupes de traducteurs, séparés géographiquement et temporellement, l'ont-ils utilisé dans leurs traductions, soit en l'améliorant, en l'adaptant ou en le réorganisant? La quête de légitimité a également été comparée: comment les traducteurs médiévaux ont-ils soulevé la question de la traduction en langue vulgaire face à l'autorité du latin et, à leur tour, comment les traductrices féministes ont-elles cherché à légitimer la voix féminine face au discours patriarcal. Les schémas et le didactisme des préfaces ont constitué un autre point de comparaison, car ils ont été utilisés par les deux groupes, dans leur conception formelle, ou dans leur rôle éducatif. Les interventions dans la langue ont également été observées, avec, d'une part, la création de mots dans la langue vulgaire pour rendre compte des significations latines par les traducteurs médiévaux et, d'autre part, les traductrices féministes, qui essayaient d'effacer les marques sexistes de la langue, en déconstruisant et en reconstruisant les mots. Le dernier point de comparaison, la visibilité du traducteur dans sa traduction, a montré à quel point les deux groupes ont rendu transparente leur présence dans les textes traduits.

**Mots-clés:** histoire de la traduction; traduction médiévale; traduction féministe.

---

<sup>1</sup> Traduzido a partir de *Traducteurs Médiévaux, traductrices féministes: une même éthique de la traduction?*, por Jean Delisle, publicado em TTR, vol. 6, n.1, 1993, p. 203-230, com autorização do autor.

<sup>2</sup> Cristian Cláudio Quinteiro Macedo: Doutorando em Letras (UFRGS), cristianmacedoxix@gmail.com  
Ana Karina Borges Braun: Pós-Doutoranda em Letras (UFRGS), anakarinabraun@gmail.com  
Patrícia C. R. Reuillard: Professora do Instituto de Letras (UFRGS), patricia.ramos@ufrgs.br

Pode parecer surpreendente, até mesmo incongruente, tentar traçar um paralelo entre os tradutores medievais franceses e as tradutoras feministas canadenses. O que podem ter em comum Jean de Meung, Pierre Bersuire, Raoul de Presles, Nicole Oresme, Simon de Hesdin, Laurent de Premierfait, Jean Miélot e as tradutoras Susanne de Lotbinière-Harwood, Barbara Godard, Kathy Mezei, Marlene Wildeman, Fiona Strachan, Yvonne Klein e Luise von Flotow?

À primeira vista, tudo parece separar esses dois grupos de artesãos da tradução, que pertencem a universos culturais totalmente diferentes. Na Idade Média, são essencialmente homens que se dedicam a essa atividade. São monges, religiosos, advogados, valetes, médicos, professores. A vida intelectual e artística gravita em torno dos mosteiros e das cortes senhoriais. As obras traduzidas, geralmente encomendadas pelo rei ou por senhores feudais letrados, têm todas um caráter utilitário. O que interessava à elite de então eram os tratados políticos, econômicos, históricos, astronômicos, técnicos, ou seja, obras práticas. Traduziam-se sobretudo as *auctoritates*: grandes autores da Antiguidade greco-romana, sábios e teólogos respeitados, doutores da Igreja. O rei, que não queria ser um “asno coroadado”, cuida de sua própria educação e deseja elevar o nível intelectual dos membros da corte. Muitos tradutores são também preceptores da elite do reino. O público leitor se compõe, além do próprio rei, de altos dignitários civis e eclesiásticos, eruditos e nobres damas que, não sabendo latim, ordenam que o seu *latinier*<sup>3</sup> lhes ofereça tal obra na língua vulgar. Lembremos que a escalada das línguas vulgares na Europa se fez simultaneamente a uma intensificação do conhecimento do latim. Nos mosteiros e entre os eruditos, assim como no seio dos aparelhos administrativos e judiciários, o latim mantinha a preeminência e eram os homens que detinham solidamente o poder. No campo que nos interessa, podem-se contar nos dedos da mão as mulheres que praticavam a tradução cujos nomes tenham chegado até nós.

Hoje, ao contrário, o conjunto de adeptos da abordagem feminista da tradução é predominantemente composto por mulheres. Ao que sabemos, o único homem que se define como tradutor feminista é Howard Scott, tradutor de *L'Eugélie* (Louky Bersianik) e de *Antre* (Madeleine Gagnon). Ao contrário dos tradutores da Idade Média que trabalhavam de forma mais ou menos isolada, todas as tradutoras canadenses se conhecem, se encontram frequentemente em seus colóquios e mesas-redondas e publicam, junto com as escritoras que elas traduzem, textos coletivos ou números temáticos em revistas como *Tessera*<sup>4</sup>. Esses encontros e essas publicações permitem uma reflexão original, intensa, “vanguardista”

<sup>3</sup> N. de T.: erudito que conhecia várias línguas e que fazia as vezes de tradutor e intérprete.

<sup>4</sup> Cf. David Homel e Sherry Simon, orgs. (1988), *Mapping Literature*, p. 48.

mesmo, sobre a tradução. As obras traduzidas se compõem quase essencialmente de obras literárias: romances, novelas, ensaios, poesias, artigos e textos de conferências. Além do mais, esses escritos têm em comum o fato de estarem ligados a uma ideologia específica: o feminismo. Pode-se dizer então que as feministas se traduzem entre si. Fato importante de destacar, a maioria das traduções se faz do francês para o inglês, sendo as romancistas, poetisas ou teóricas feministas quebequenses traduzidas por suas colegas canadenses de língua inglesa.

Além dessas divergências evidentes – e seria fácil aumentar a lista –, é possível destacar muitos pontos em comum entre a maneira de traduzir dos medievais franceses e a das tradutoras feministas canadenses. Faremos nossa abordagem nos seguintes pontos:

1. Apropriação do texto de partida
2. Busca por legitimidade
3. Esquemas e didatismo nos prefácios
4. Intervenções na língua
5. Visibilidade do tradutor ou da tradutora em sua tradução

## 1. Apropriação do texto de partida

Sobre a maneira de traduzir dos tradutores da Idade Média, Jacques Monfrin escreve:

Parece que raramente houve, antes do fim da Idade média, uma preocupação histórica e filológica de deixar ou de rerepresentar a obra de um autor na forma exata que ele havia desejado produzir. Seguindo uma ideia geralmente difundida, todo escrito destinado a instruir é *perfectível* e no momento em que se transcreve ou se traduz, não se vê nenhuma razão para não atualizá-lo ou melhorá-lo, completando-o com ajuda de ensinamentos de outras fontes.<sup>5</sup>

Todo escrito destinado a instruir é *perfectível*. Para os tradutores medievais como para as tradutoras contemporâneas, o texto não aparece como um dado imutável que é preciso respeitar, até venerar, mas como uma matéria-prima que se pode reorganizar mais ou menos conforme se deseje, como defende Kathy Mezei:

Traduzir é inventar, criar e, com frequência, trair – a fonte. A tradução é um ato ousado, um ato que requer coragem e fé, e nós, mulheres escritoras, estamos especialmente sintonizadas com a escrita da tradução, não apenas por termos que traduzir a partir de nossa ‘fonte’, como também por termos

---

<sup>5</sup> “Humanisme et traductions au Moyen Âge”, p. 217-218.

que tomar a decisão de traduzir para o discurso dominante, o reconhecido discurso do patriarcado, o “androleto”, ou de nos aventurarmos em uma outra língua que parece ter de ser transcrita à medida que avançamos<sup>6,7</sup>.

Na perspectiva feminista, a tradução é produção, e não simples *re*-produção de sentido. Esse era também um dos traços da forma de traduzir de seus distantes predecessores.

Aos olhos das feministas, a língua não é neutra. Modelada pelo homem, ela tem a marca de seu poder, de sua visão de mundo e do lugar (subalterno) que ele reserva à mulher. As feministas recusam então “falar masculino” e se esforçam para “falar feminino”. Elas têm a convicção de que aquele ou aquela que detém o conhecimento detém também o poder. E o discurso é instrumento de poder, mesmo o discurso retransmitido pela tradução. Susanne de Lotbinière-Harwood exprime isso de forma um pouco mais clara:

[...] longe de ser neutro, o ato de traduzir constitui um discurso [...]. Mais do que uma via de passagem de uma língua para outra, a tradução é também um lugar de poder. Para as tradutoras feministas, ela representa um espaço a investir, um poder a exercer.<sup>8</sup>

Mas esse discurso, pelo qual o tradutor ou a tradutora toma a palavra, supõe uma operação de apropriação do texto original. Os artesãos da tradução nas duas épocas colocadas em paralelo não se ocultam diante do autor traduzido. Eles se colocam totalmente no texto traduzido, interpondo-se entre o autor e o leitor. Além disso, eles duplicam o autor, tornam-se co-autores. O desvio do texto original, pois é disso do que se trata, manifesta-se concretamente pelas intervenções do tradutor ou da tradutora, normalmente reservadas aos autores. Daremos vários exemplos disso ao longo do nosso estudo.

## 2. Busca por legitimidade

Na Idade Média, o latim era a língua da Universidade, da ciência, da Igreja e dos atos oficiais do Estado. A língua francesa, por sua vez, ainda estava em gestação. Fortalecidos pelo apoio de sucessivos reis, os tradutores levantaram uma questão de princípio, a da legitimidade da tradução para a língua vulgar. É bom e desejável traduzir para uma língua vulgar? Muita

---

<sup>6</sup> N.de T.: To translate is to invent, create, and often to betray – the source. Translation is a daring act, one that requires courage and faith, and women who write are especially attuned to writing as translation for not only must we translate our 'source/ but we must decide whether to translate into the dominant discourse, the accepted discourse of patriarchy, the 'androlect' or instead to venture forth into another language that seems to have to be transcribed as we go.

<sup>7</sup> “*Traverse*”, *Tessera*, vol. 6, p. 9.

<sup>8</sup> *Re-Belle et Infidèle*, p. 12.

tinta se gastará com essa questão, que estará no centro de várias querelas que se prolongarão até meados do século XVI. O debate acerca da tradução e do advento da literatura nacional se cristalizará, então, em torno do manifesto de Joachim du Bellay, *Deffence et illustration de la langue francoyse* (1549).

João, o Bom (1319-1364), por suas numerosas encomendas de tradução, inaugura uma verdadeira política de tradução que seu sucessor, Carlos V “o Sábio” (1337-1380), continuará a aplicar. Esses reis se cercam de consultores-tradutores e os encarregam de “traduzir para o bem comum”. Nicole Oresme (1320-1382) confirma a intenção dos dirigentes quando escreve: “há muitas pessoas de língua francesa que têm grande compreensão e excelente desenvoltura com ela, mas que não entendem suficientemente o latim, por isso os valorosos reis da França têm feito com que alguns livros sejam traduzidos para o francês”<sup>9</sup>.<sup>10</sup>

No prólogo de sua tradução da *Ética* de Aristóteles, Oresme<sup>11</sup>, arvorando-se de portavoz oficioso de Carlos V, reafirma a política linguística do rei ao mesmo tempo que a legitimidade da tradução: “traduzir tais livros para o francês e trazer para o francês artes e ciências é um trabalho altamente proveitoso, pois é uma linguagem nobre e comum a pessoas de grande destreza e prudência”<sup>12</sup>. Em sua argumentação a favor do francês, o tradutor lembra que, no passado, “era bom traduzir as ciências do grego para o latim”<sup>13</sup> e que, agora, o francês, por sua vez, pode traduzir o latim. Os tradutores buscam, portanto, elevar o francês a um nível de língua que possa acolher as *auctoritates*, dotando o idioma francês do registro de “língua erudita”, que era então só atribuído ao latim. No contexto medieval, a ação de traduzir para a língua vulgar aparece como uma ruptura na base da qual existe uma dupla vontade: “a vontade do rei de poder ler na sua língua os grandes textos latinos e a vontade do tradutor de forçar a língua vernácula a adquirir um registro de expressão completamente novo”<sup>14</sup>. Legitimando a prática das traduções para o francês, o rei aumenta dessa forma o seu poder, pois as traduções lhe fornecem as “armas de argumentação”, um “suporte ideológico”<sup>15</sup>. Ao fazer isso, ele retira do clero uma parte do seu poder. A tradução assume, nesse contexto, o valor de um gesto eminentemente político.

---

<sup>9</sup> N.de T.: “sont plusieurs gens de langue françoise qui sont de grant entendement et de excelleent enging et qui n’entendent pas souffisanment latin, et pour ce les vaillants roys de France ont fait aucuns livres translater en françois”.

<sup>10</sup> Citado por Jacques Monfrin, “Humanisme et traduction au Moyen Âge”, p. 229.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 231-232.

<sup>12</sup> N.de T.: “translater telz livres em françois et baillier em françois les arts et les sciences est un labour moult proffitable, car c’est un langage noble et commun a genz de grant engin et de bonne prudence”.

<sup>13</sup> N.de T.: “c’estait bien de translater les sciences de grec en latin”.

<sup>14</sup> Serge Lusignan, *Parler vulgairement*, p. 140.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 134.

As tradutoras feministas buscam, da mesma forma, estabelecer uma legitimidade: a da voz feminina em relação ao discurso “patriarcal”. Susanne de Lotbinière-Harwood expôs muito claramente esse projeto coletivo em seu livro *Re-Belle et Infidèle*, um verdadeiro manifesto, cujo espírito lembra o de Du Bellay:

[...] a tradução como prática de reescritura no feminino põe as cartas na mesa desde o início. Seu projeto é inserir a consciência feminista na atividade tradutória. Como a escrita feminina, da qual é tributária, a tradução feminina se apresenta como uma atividade política que visa fazer com que as mulheres apareçam e tenham vida na linguagem e no mundo.<sup>16</sup>

Esse ambicioso projeto sociopolítico-linguístico está orientado para o estabelecimento de uma cultura feminina no sentido mais amplo do termo. Ele se expressa concretamente pela emancipação frente ao discurso dominante, de ordem simbólica patriarcal, que tende a ocultar o feminino. Também se materializa na denúncia da exclusão das mulheres na língua, que oculta sua presença como o chador esconde o rosto das mulheres muçulmanas. É um esforço para reinvestir a sensibilidade feminina, a visão feminina no discurso literário e no cotidiano. O feminismo, que François Ricard considera como “a grande ideologia da época”<sup>17</sup>, é um filtro que fornece uma leitura particular da realidade.

As tradutoras feministas reivindicam o direito de tomar a palavra, de criar sentido destacando o caráter “androcêntrico” da língua. Parafraseando o título do livro de Patricia Smart, elas têm a difícil experiência de *traduzir na casa do pai*, ou seja, de tecer a identidade da mulher na linguagem, de retomar a posse das palavras, de registrar o corpo no dizer. Para isso, elas exploram os deslocamentos de sentido que a passagem da escrita à tradução (reescrita) permite, elas se autorizam múltiplas transgressões, instauram uma nova práxis da língua. Produzem um sentido novo por meio de sutis manipulações textuais. Enquanto os tradutores da Idade Média trabalhavam para dotar a língua francesa de um registro erudito, as tradutoras feministas procuram, por sua vez, dotar a língua contemporânea de um registro especificamente feminino. Sobre sua tradução da obra de Nicole Brossard (*La Lettre aérienne*), Marlene Wildeman<sup>18</sup> escreve: “Talvez o grande desafio de tradução tenha surgido do fato de que *La Lettre aérienne* re-crie, de forma poética, a consciência feminista lésbica por meio de uma linguagem (patriarcal) que lhe é estranha”<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> *Op. cit.*, p. 11.

<sup>17</sup> *La Génération lyrique*, p. 205.

<sup>18</sup> “Daring Deeds: Translation as Lesbian Feminist Language Act”, p. 32-33.

<sup>19</sup> N. de T.: “Perhaps the greatest translation challenge arose from the fact that *The Aerial Letter* re-creates, poetically, lesbian feminist consciousness in a (patriarchal) language foreign to it”.

Trata-se de uma prática emancipatória que se situa no oposto da *mimesis*. O texto original não é reproduzido segundo as regras clássicas e ortodoxas de busca de equivalências de mesmo peso semântico, mas ele se torna um “pré-texto” (pretexto) para outro discurso<sup>20</sup> que se quer semelhante e diferente. Nesse texto feito refém, o sujeito tradutor está presente de forma explícita e nele afirma valores femininos e feministas. Nessa perspectiva, traduzir torna-se “o ato de uma subjetividade que trabalha em um contexto sociopolítico específico. O *eu* que traduz inscreve seu saber, suas escolhas, suas intenções, suas convicções no texto que se reescreve. A tradução pode, portanto, ser uma verdadeira ferramenta política”<sup>21</sup>. A nova grade de leitura proposta por essas tradutoras engajadas apresenta realidades escondidas pelas e nas palavras. As traduções tornam-se portadoras do pensamento feminista e as tradutoras, co-criadoras da obra traduzida. A obra original é considerada perfectível, ou pelo menos remodelável, como pensavam também os tradutores da Idade Média.

Não se pode deixar de ver na expressão “tradutora feminista” uma espécie de aparente contradição entre os termos, um oxímoro porque, por definição (por tradição?) um tradutor é privado do direito à palavra (quando ele reexprime a do autor), enquanto uma feminista é, por definição, uma militante que toma a palavra a fim de dar voz às mulheres. A tradutora feminista arroga a si mesma, então, o direito de estreitar ou mesmo suprimir a lacuna que existe entre a língua “materna” e a “língua do pai” em uma vasta e difícil operação de “*transformance*”<sup>22</sup>.

Em suma, as tradutoras feministas conduzem o combate pela legitimidade em muitas frentes simultaneamente: no plano político (rompendo a hegemonia da linguagem patriarcal<sup>23</sup>), na militância feminista (afirmando o lugar que pertence à mulher na sociedade e denunciando todos os códigos e convenções que a mantêm em estado de dependência), no nível ético (a tradutora se define como coautora, sai da sombra, se libera da capa do anonimato). Assim como as feministas exigem igualdade de direitos em todas as áreas da vida social, as tradutoras engajadas exigem direito de palavra idêntico àquele do qual goza o (a)

<sup>20</sup> “Como primeira leitora do texto, vindo de uma outra cultura, devo me afastar desta para me inserir na cultura de chegada” [As first reader of the text, reader from a foreign culture, I must abscond with it, hijack it into my own]. Barbara Godard “The Translator as Ventriloquist”, p. 36.

<sup>21</sup> Susanne de Lotbinière-Harwood, *op. cit.*, p. 27.

<sup>22</sup> “*Transformance* é também o título coletivo do projeto de re/escrita (tradução) em que Nicole Brossard trabalhou em conjunto com Daphne Marlatt. As atividades de *transformance* de Brossard constituem um modelo para o discurso/tradução feminista nas suas ações de re/leitura e de re/escrita, em seu dialogismo” [Transformance is also the collective title for the re/writing (translation) project in which Nicole Brossard has been involved with Daphne Marlatt. Brossard’s activities of transformance stand as a model for feminist discourse/translation in its actions to re/reading and re/writing, its dialogism]. “Theorizing Feminist Discourse/Translation”, p. 46.

<sup>23</sup> Organismos públicos e empresas privadas já têm adotado políticas em matéria de feminização. As redatoras e os redatores a seu serviço devem aplicá-las.

autor (a) dos textos originais traduzidos. Elas instauram uma nova dinâmica autora-tradutora e redefinem a noção de fidelidade na tradução. Elas se esforçam para tornar explícito o que está implícito, para escrever “o inédito”, a palavra preferida de Nicole Brossard.

Parece evidente que, ao elaborar e praticar abordagens criativas não tradicionais, ao tornar sua presença perceptível nos textos e ao desafiar seus autores, as tradutoras feministas, no Canadá, estão transformando algumas destas visões tradicionais, bem como a habitual posição “missionária” atribuída à tradução<sup>24, 25</sup>.

### 3. Esquemas e didatismo nos prefácios

Os prefácios dos tradutores cumprem várias funções, mas pode-se dizer depois de Sherry Simon que, de maneira geral, “um prefácio bem-sucedido traz à tona as complexas ligações entre a língua, a cultura e o destino singular que se almeja para a obra literária<sup>26, 27</sup>. Como a obra original deve ser, normalmente, suficiente em si mesma, os prefácios, têm sempre um caráter didático.

A Idade Média é um dos períodos da história da tradução no qual o papel de vulgarizador e educador desempenhado pelos tradutores é mais evidente. “Inevitavelmente, a função de servir a um público iletrado implicava, a princípio, um nível de didatismo, e a concepção da tradução como uma atividade didática nunca foi tão apropriada<sup>28, 29</sup>. Os tradutores dessa época usam costumeiramente as possibilidades que lhes oferecem os prólogos, os “proêmios”, os prefácios e as notas para acrescentar aos textos originais um suplemento de informação. As tradutoras contemporâneas também fazem grande uso desses elementos peritextuais. O “desvio” que consiste em se apropriar do texto original e colocá-lo a serviço da ideologia feminista é acompanhado, como era de se esperar, de uma utilização generosa de prefácios, notas ou introduções. “As reflexões acerca de seu trabalho em prefácios, assim como o destaque de sua presença ativa no texto através de notas de rodapé,

---

<sup>24</sup> N. de T.: “It seems evident that in devising and practicing creative non-traditional approaches to translation, making their presence felt in the texts and challenging their authors, feminist translators in Canada are making changes to some of these traditional views and the habitual “missionary” position assigned to translation”.

<sup>25</sup> Luise von Flotow, “Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories”, p. 69.

<sup>26</sup> N. de T.: [...] a successful preface draws out the complex links between language, culture and the particular destiny that is desired for the literary work.

<sup>27</sup> *Mapping Literature*, p. 53.

<sup>28</sup> N. de T.: “Inevitably the function of servicing an unlettered public implied at first a degree of didacticism, and the conception of translation as a teaching activity was never more apt”.

<sup>29</sup> Jeanette Beer, *op. cit.*, p. 1.

passaram a ser atividades constantes na rotina das tradutoras feministas<sup>30,31</sup>. Sua adesão à ideologia feminista as leva naturalmente a se transformar em educadoras.

É impressionante constatar como os prefácios assinados pelos tradutores da Idade Média e os das tradutoras modernas se parecem. Além das analogias formais ligadas ao gênero do prefácio, as aproximações de conteúdo se impõem. Os prefácios têm em comum o fato de se desenvolverem segundo um esquema análogo. Elas descrevem as principais dificuldades de tradução encontradas na interpretação ou na restauração do texto original, incluem aproximações a fatos contemporâneos ou a outros escritos e dão indicações sobre o escopo das obras traduzidas e como lê-las. Vejamos exemplos de cada um desses pontos.

### *Esquema*

Serge Lusignan mostrou que os prefácios dos tradutores medievais se desenvolveram segundo um padrão bastante fixo<sup>32</sup>, que é o seguinte:

- a) O patrono teria insistido muito ao tradutor para que ele se encarregasse do trabalho.
- b) O tradutor hesita, pois não se sente à altura da tarefa.
- c) Ele resiste a rogos e propostas de gratificações.
- d) Elogia os méritos do patrono e da obra.
- e) Apesar da fragilidade de seus meios, ele acaba por aceitar a tarefa.
- f) O tradutor se diz honrado de realizar um trabalho útil para o rei ou seu senhor.
- g) Por último, mas não menos importante, ele não deixa de fazer referência às dificuldades que encontrou. Uma dupla razão o motiva a agir assim:
  - i) responder com antecedência a quaisquer detratores;
  - ii) solicitar a indulgência de seus leitores.

Os prefácios das tradutoras feministas contêm uma sequência de “temas” comparáveis. Aquele com o qual Marlene Wildeman adorna sua tradução (*La Lettre aérienne*, de Nicole Brossard) corresponde quase ponto por ponto ao esquema apresentado acima:

- a) Pedem-lhe uma tradução: “Maureen FitzGerald, editora executiva da The Women's Press, perguntou-me se gostaria de traduzir *La Lettre aérienne*”<sup>33</sup>.

<sup>30</sup> N. de T.: “It is becoming almost routine for feminist translators to reflect on their work in a preface, and to stress their active presence in the text in footnotes”.

<sup>31</sup> Luise von Flotow, *op. cit.*, p. 76.

<sup>32</sup> *Op. cit.*, p. 131-132.

<sup>33</sup> N. de T.: “Maureen FitzGerald, managing editor at The Women's Press, asked me if I would like to translate *La Lettre aérienne*”; “from the outset, the “specific” task proved to be constantly challenged by various practical and ethical questions” / “Brossard's work is not by nature accessible”; [...] whether [...] I would be able to get

- b) Ela mostra a dificuldade do empreendimento: “desde o início, houve indícios constantes de que a tarefa “específica” era desafiada por várias questões práticas e éticas” / “O trabalho de Brossard não é, por natureza, acessível”.
- c) Ela duvida por um instante de sua capacidade: “se [...] seria capaz de obter esta visão aérea (recolhida) do solo”.
- d) Apesar da dificuldade da tarefa, ela aceita, levando em conta a importância da obra: “Estava consciente de que a tradução de *La Lettre* teria um enorme impacto nas escritoras lésbicas e nas escritoras feministas”.
- e) Ela se diz honrada por ter sido solicitada a realizar este trabalho: “Eu me senti honrada por ter sido solicitada a realizar tal tarefa”.
- f) Ela antecipa as críticas de seus eventuais detratores, mostrando que está bem ciente dos “dilemas de tradução que colocavam questões éticas”.
- g) Ela solicita a indulgência dos leitores levantando várias questões como esta: “Será a tradutora alguma vez perdoada por ter abandonado, temporariamente, a metáfora de sustentação de um dado fragmento pelo interesse da continuidade na língua alvo?”.

A tradução de Howard Scott da obra *Antre* de Madeleine Gagnon tem um prefácio cujo conteúdo é quase idêntico ao de Marlene Wildeman.

- a) O tradutor hesita em lidar com a tradução de uma obra feminista, principalmente por ser homem.
- “Eu me perguntava se deveria, como homem, tentar traduzir uma escrita tão baseada na subversão do discurso masculino tradicional”<sup>34</sup>.
- b) Ele aceita, no entanto, a oferta de traduzir *Antre*.
- “quando Maïr Verthuy [...] sugeriu que eu traduzisse *Antre* aceitei o desafio”.
- c) Ele se desculpa antecipadamente ao autor e aos leitores pelas imperfeições de seu trabalho.
- “Peço desculpas a Madeleine e ao leitor(a) por cada vez que minha tradução fique aquém das expectativas, seja porque sou um homem, seja porque qualquer outra razão”.

---

this (collected) aerial vision off the ground; I felt honoured to have been asked to deliver it; [...] translation dilemmas which posed ethical questions; Is the translator ever forgiven for having temporarily abandoned the sustaining metaphor of a given fragment in the interest of continuity in the target language?”

<sup>34</sup> N. de T.: “I wondered if it was my place, as a man, to try to translate writing based so much on the subversion of traditional masculine discourse; when Maïr Verthuy [...] suggested I translate *Antre*, I took up the challenge; I apologize to Madeleine and the reader for every time my translation falls short, either because I am a man, or for whatever other reason

d) Ele confia ter feito o melhor, apesar das enormes dificuldades que teve de superar.

“Fiz o meu melhor para fazer justiça a ela [*Antre*] e a eles [os leitores]”<sup>35</sup>.

e) Ele expõe certas dificuldades espinhosas de tradução.

“Este tipo de escrita apresenta problemas especiais para o tradutor. Gostaria de discutir brevemente duas destas dificuldades que encontrei em *Antre*”.

f) Ele se declara o único responsável pela tradução, mesmo que sua leitura da obra tenha recebido o aval da autora.

“Sou o único responsável pela versão final desta tradução [...]. Minha re-leitura de *Antre* foi partilhada com Madeleine”.

### *Descrição das dificuldades*

Além de todos os casos concretos analisados pelos tradutores medievais e tradutoras feministas em seus prefácios e notas, pode-se dizer que esses dois grupos de artesãos da tradução têm uma consciência particularmente aguda dos problemas de ordem linguística. Sua relação com a língua é problemática. Para os primeiros, são as estruturas sintéticas do latim e a pobreza do léxico do francês erudito que representam os obstáculos mais espinhosos de superar. “Nenhuma época esteve mais próxima, ou mais consciente, dos problemas linguísticos envolvidos na transformação da estrutura sintética do latim nos padrões analíticos do romance<sup>36,37</sup>. A maioria dos tradutores se espanta com a impossibilidade de traduzir literalmente o latim, “suas construções [sendo] tão entrecortadas e tão breves, tão suspensivas e de tão estranhas palavras<sup>38</sup>”. Eles poderiam ter feito suas as seguintes palavras de Laurent de Premierfait: “...o que parecer muito breve eu alongarei, expondo em palavras e sentenças<sup>39,40</sup>”.

A linguagem patriarcal não coloca menos obstáculos às tradutoras feministas que, caçando estereótipos sexistas veiculados pela língua, também sentem a necessidade de mencionar as estratégias implementadas em suas traduções a fim de *tirar o espartilho* da

---

<sup>35</sup> N. de T.: “I have done my best to do justice to it [*Antre*] and to them [the readers]; This kind of writing presents special problems for the translator. I would like to briefly discuss two of those difficulties I encountered in *Antre*; I am solely responsible for the final version of this translation [...]. My re-reading of *Antre* was shared with Madeleine”.

<sup>36</sup> N. de T.: No age was closer to, or more aware of, the linguistic problems involved in transforming Latin's synthetic structure into the analytic patterns of Romance.

<sup>37</sup> Jeanette Beer, *op. cit.*, p. 3.

<sup>38</sup> N. de T.: [...] les constructions d'icellui [étant] si trenchies et si briefes, si suspensives et de si estranges mos.

<sup>39</sup> N. de T.: [...] ce qui semble trop brief je le allongeray, en exposant par mots et par sentences.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 37.

língua. Essa linguagem, considerada fundamentalmente misógina, elas a atacam, desconstroem, contornam suas formas sexistas, desvalorizadoras e desdenhosas para as mulheres. Por meio de suas explicações e comentários, elas revelam sua concepção de tradução e as regras que as guiaram em seu trabalho de reescrita na língua de chegada.

Foi também por uma questão didática que Pierre Bersuire precedeu a tradução das *Décades* de Tite-Live com um léxico de setenta novas palavras que teve de criar para compensar a escassez de recursos lexicais do francês de então. Seu exemplo será imitado por outros tradutores, incluindo Jean Daunin e Nicole Oresme. Da mesma forma, é frequente em seus prefácios que as tradutoras de hoje justifiquem os neologismos e outras criações discursivas que inventam com o objetivo declarado de romper nossos hábitos de leitura e de se esquivar do masculino gramatical para dar conta da experiência feminina por meio da linguagem patriarcal.

### *A intertextualidade*

Os tradutores do período medieval não deixaram de fazer aproximações a fatos que lhe eram contemporâneos ou de adicionar ao texto original exemplos extraídos de sua cultura livresca ou de sua experiência pessoal. Assim, Simon de Hesdin (século XIV) sente a necessidade de explicar ao seu leitor o que é um “sestércio”: “Sestércio era um certo valor monetário como seria, em nosso modo, comum uma libra de Paris ou de Tournois, mas não sabemos exatamente o quanto ela valia, porque as moedas, os pesos e os valores são muito variados desde o tempo de Valerius até o presente<sup>41,42</sup>. Daremos vários outros exemplos, no ponto cinco abaixo, desse traço característico das traduções da época.

As tradutoras feministas também praticam abundantemente a intertextualidade, multiplicando as referências aos escritos feministas. Susanne de Lotbinière-Harwood, por exemplo, pontua sua tradução de *Letters From An Other* com 135 notas. O texto impresso tem 143 páginas, isso representa quase uma intervenção por página, em média. Essas notas são de naturezas diversas: enciclopédicas, tradutórias, linguísticas, culturais, históricas, sociológicas, ideológicas. E como se isso não fosse suficiente, também há um prefácio de Sherry Simon e uma introdução do tradutor.

---

<sup>41</sup> “Sexterce estoit certaine valeurde monnoie comme seroit en nostre commune maniere une livre de Paris ou de Tournois, mais nous ne savons mie certainent qu’elle valoit pourceque les monnoyes, les pois et les valeurs sont trop variés de les temps Valerius jusque a present.”

<sup>42</sup> Citado por Giuseppe di Stefano, *Essais sur le moyen français*, p. 58, note 26.

[...] as notas da tradutora, escreve a ativista Susanne de Lotbinière-Harwood, entram na composição do intertexto feminista. Elas atestam a amplitude e a riqueza da produção literária das mulheres. O mesmo vale para os prefácios, que são igualmente uma boa forma de levar o público leitor a melhor compreender e apreciar a tradução.<sup>43</sup>

Artigos publicados em diversas revistas dão continuidade à reflexão iniciada nos prefácios e tratam dos mesmos temas.

### *Âmbito da obra traduzida*

Verdadeiros preceptores dos reis, os tradutores da Idade Média usam seus prefácios para especificar a perspectiva aconselhável de se ler os textos antigos. A leitura de obras provenientes da civilização greco-romana deve fornecer, ao rei e aos senhores que as encomendaram, modelos a imitar. Os tradutores tomam a liberdade de alertar os dirigentes do reino contra os erros cometidos por um Alexandre ou um César, que não souberam frear suas ambições e caíram em excesso.

As tradutoras contemporâneas não agem de outra forma. Seus textos introdutórios enfatizam o escopo feminista das obras (originais e traduzidas) e indicam ao leitor com que espírito deve-se lê-las. No prefácio que escreve para apresentar sua tradução de *Amantes*, Barbara Godard informa o leitor sobre o sentido da obra de Nicole Brossard e lhe dá indicações sobre a forma de lê-la e compreendê-la. Ela faz o mesmo com sua tradução da obra de France Théoret, *Le Mot tangible*. Essa prática é comum entre todas as tradutoras feministas. Todas essas indicações sobre o sentido das obras traduzidas não surgem apenas de preocupações de ordem literária. Elas são também e sobretudo manifestações concretas de um ativismo feminista que leva espontaneamente as tradutoras a amplificar o aspecto didático de seu trabalho. “[...] uma tradução feminista torna-se uma ferramenta educacional apoiada pela investigação acadêmica<sup>44,45</sup>, constata Luise von Flotow.

Além disso, quase invariavelmente, a obra traduzida é apresentada como uma *tradução feminista*. Desde o início da partida, a tradutora anuncia suas cores. Susanne de Lotbinière-Harwood escreve no início da introdução que precede sua tradução de *Lettres d'une autre* (Lise Gauvin) “Apenas algumas palavras para que saibam que esta tradução é uma *reescrita*

<sup>43</sup> *Re-Belle et Infidèle*, p. 46-47.

<sup>44</sup> N. de T.: [...] a feminist translation becomes an educational tool supported with scholarly research.

<sup>45</sup> *Op. cit.*, p. 77.

no *feminino* daquilo que originalmente li em francês<sup>46,47</sup>. Por sua vez, Marlene Wildeman, que se define como “uma escritora e tradutora feminista canadense”, afirma:

Quando comecei a traduzir este livro me descobri em uma posição muito privilegiada com uma tarefa específica em mãos e com obrigações feministas claras: traduzir *La Lettre aérienne* de Nicole Brossard para leitoras feministas inglesas e, neste processo, engendrar uma certa perspectiva feminista lésbica inglesa em Nicole Brossard, [...] <sup>48,49</sup>.

#### 4. Intervenções na língua

“Uma língua é uma prisão. Possuí-la é ampliá-la um pouco”<sup>50</sup>. Esta reflexão do escritor e tradutor quebequense, Pierre Baillargeon, se aplica bem aos dois grupos de tradutores de que nos ocupamos aqui. Os tradutores medievais, como vimos, têm consciência das enormes diferenças que separam os meios de expressão do latim daqueles do francês da época. Eles têm que passá-los de uma língua literária plenamente constituída (latim) para uma língua ainda pobre e em vias de adquirir maturidade no plano da escrita. “Para os tradutores, tratava-se não somente de traduzir, mas de *criar* até certo ponto a língua-alvo em que iriam incrustar a obra latina. Eles operam na língua tanto quanto no texto”<sup>51</sup>. O ato de traduzir na época medieval é um esforço gigantesco para dotar o francês de todos os meios de expressão, de todos os registros de uma grande língua de civilização. Para passar “do forte latim” ao “claro e audível romance”, segundo a expressão frequentemente citada de Simon de Hesdin<sup>52</sup>, os tradutores medievais não hesitaram em usar vários meios: calco, empréstimo, perífrase, etc. Eles também enriqueceram a língua com uma infinidade de neologismos, contribuindo assim para tornar o francês apto para lidar com abstrações. Eles foram os artesãos do relaxamento da sintaxe francesa. O léxico de Pierre Bersuire, evocado mais acima, contém várias criações neológicas que hoje em dia são de uso corrente: “*augure*”, “*circus*”, “*expié*”, “*transfuge*”, “*fonction*”, “*sénat*”, “*triomphe*” [“agouro”, “circo”, “expiado”, “trânsfuga”, “função”, “senado”, “triufo”]. De sua parte, Nicole Oresme teria introduzido na língua francesa nada

<sup>46</sup> N. de T.: Just a few words to let you know that this translation is a rewriting in the feminine of what I originally read in French.

<sup>47</sup> *Letters From An Other*, p. 9. Grifo nosso.

<sup>48</sup> N. de T.: [...] a Canadian feminist writer and translator [...]. When I began translating this book I found myself in a very privileged position with a specific task at hand and clear feminist obligations: translate Nicole Brassard's *La Lettre aérienne* for English feminist readers, and in the process, create a certain English lesbian feminist perspective on Nicole Brossard, [...].

<sup>49</sup> *The Aerial Letter*, “Translator's Introduction”, p. 27. Grifo nosso.

<sup>50</sup> Pierre Baillargeon, *Commerce*, p. 131.

<sup>51</sup> Serge Lusignan, *op.cit.*, p. 149. Grifo nosso.

<sup>52</sup> Citado por Paul A. Horguelin, *op. cit.*, p. 36.

menos que 450 palavras novas, segundo Robert Taylor<sup>53</sup>. Esse número leva em conta apenas os neologismos ainda presentes na França contemporânea: “*anarchie*” [anarquia], “*architecte*” [arquiteto], “*comédie*” [comédia], “*législatif*” [legislativo], “*pédagogue*” [pedagogo], “*agent*” [agente], “*réflexion*” [reflexão], “*total*” [total]. “Muitas palavras [foram] forjadas na bigorna da tradução medieval”<sup>54</sup>.

Essa modelagem da linguagem também leva os tradutores a distinguir as nuances de sentido entre dois termos. A duplicação de palavras era um procedimento comum para tornar mais preciso o sentido de um termo novo ou técnico: “o preço e a soma da compra”, “segundo a maneira e os costumes do país”, “ambular ou ir”<sup>55</sup>. Por meio dessas duplicações, que permanecerão na língua até o século XVI, o tradutor manifesta sua preocupação em ser compreendido. Essas estratégias de tradução fizeram um extraordinário trabalho de preparação da língua que abriu caminho para o francês clássico.

A remodelação do léxico e das formas discursivas a que se dedicam as feministas em geral e as tradutoras fiéis ao feminismo, em particular, procede de uma abordagem inteiramente comparável à dos tradutores do passado. “Inventividade, ludicidade, subversão tornam-se ferramentas da tradutora feminista, bem como da escritora feminista<sup>56,57</sup>. Diante das formas consideradas sexistas da língua, da mesma forma que os tradutores medievais em relação à grande “*briefté*” (concisão) do latim, as tradutoras buscam inventar uma nova língua que reflita explicitamente a presença ativa das mulheres na sociedade. Howard Scott expressou em termos muito claros a ação militante das feministas do Quebec por meio de suas intervenções na língua, e o que ele diz sobre os teóricos é igualmente válido para as tradutoras anglófonas de suas obras:

Elas trabalham as palavras de formas distintas, de formas subversivas, rompendo a linearidade do discurso convencional, desconstruindo a gramática, sabotando o simbolismo do patriarcado, despojando as palavras de seus significados nus e abrindo caminho para que a língua possa dizer o não dito e o não dizível na linguagem do patriarcado. Através dessas transgressões linguísticas, expandem o espaço cultural para dar mais espaço à expressão da mulher<sup>58,59</sup>.

<sup>53</sup> “Les néologismes chez Nicole Oresme, traducteur du XIVe siècle”.

<sup>54</sup> Serge Lusignan, *op. cit.*, p. 165.

<sup>55</sup> N. de T.: “le pris et la somme de rachat”, “selon la manière et coutume du país”, “en une ambulation ou aler”.

<sup>56</sup> N. de T.: Inventiveness, playfulness, subversion become the tools of the feminist translator as well as of the feminist writer.

<sup>57</sup> Kathy Mezei, *op. cit.*, p. 10.

<sup>58</sup> N. de T.: They work words in different ways, in subversive ways, disrupting the linearity of conventional discourse, deconstructing grammar, sabotaging the symbolism of patriarchy, stripping words to their bare meanings and breaking open language to let it say what is unsaid and unsayable in the language of patriarchy. Through these linguistic transgressions, they expand cultural space to liberate territory for women's expression.

As estratégias de escrita e tradução aplicadas pelas feministas são tão numerosas quanto aquelas implementadas por seus distantes antecessores. As tradutoras fazem autópsia das palavras, examinam sua etimologia a fim de desconstruí-las. Isolar um prefixo de seu radical é uma prática comum entre elas. Sem contar os neologismos criados na esteira do movimento feminista, em particular no campo da designação de funções, ofícios ou profissões. Basta mencionar *spokesperson* [porta-voz], *salesperson* [vendedor], *chairperson* [presidente], *businessperson* [empresário], *Ms* [senhora], etc., e, para o francês, “*écrivaine*” [escritora], “*factrice*” [carteira], “*agente*” [agente], “*chefe*” [“chefa”], “*pompière*” [bombeira], “*professeure*” [professora], etc. No campo da estética literária, a criação neológica às vezes dá lugar a descobertas surpreendentes: *lovhers* (*lovers* [amantes] – B. Godard), *herstory* (*history*) [história], *outsid(h)ers* [forasteiras], “*ellogiquement*” ou “*il-logique*” (S. de Lotbinière-Harwood), “*scribelle*” (feminino de escriba – N. Brossard). As feministas também reintroduziram palavras caídas em desuso como “*cyprine*”, um termo para a lubrificação vaginal. A duplicação de certos pronomes ou possessivos (*ceux* [aqueles] e *celles* [aquelas], *his/her* [dele/dela], *she/he* [ele/ela]), de certos títulos de função ou profissão (*directeur/directrice* [diretor/diretora], *avocat/avocate* [advogado/advogada]), de certos coletivos (*les étudiants* [os estudantes] e *les étudiantes* [as estudantes], *les citoyens* [os cidadãos] e *les citoyennes* [as cidadãs]) é semelhante aos dupletos de tradutores da Idade Média. Certos procedimentos tipográficos (negritos, parênteses, oblíquos) também são utilizados judiciosamente para destacar a dupla significação de certas palavras. Como fizeram seus predecessores Nicole Oresme, Jean de Meung e outros, as tradutoras feministas fazem minuciosas distinções de sentido. As palavras “*jouir*” [gozar, usufruir, desfrutar] e “*jouissance*” [gozo, prazer] revelam-se particularmente difíceis de traduzir para o inglês, pois não cobrem exatamente, ao que parece, o significado de *pleasure* [prazer]. Em suma, para dar um pouco mais de espaço à prisão que a língua constitui, os tradutores medievais e as tradutoras contemporâneas, operando tanto sobre a língua quanto sobre o discurso, implementaram estratégias bastante semelhantes: perífrases, neologismos, dupletos, empréstimos, etc. A uma similaridade dos fins perseguidos por ambos, corresponde uma similaridade dos meios.

---

<sup>59</sup> “Translator's Introduction”, em *Lair*, (Antre, Madeleine Gagnon), p. 6.

## 5. Visibilidade do tradutor ou da tradutora em sua tradução

Vimos que os tradutores medievais, bem como as tradutoras feministas, fazem sentir sua presença em suas traduções acompanhando-as de prefácios elaborados e notas. O leitor sente constantemente a ação do tradutor ou da tradutora entre ele e o autor. Isso é particularmente evidente entre os tradutores medievais que usaram amplamente glosas, comentários e interpolações. Eles ficavam perto de seus leitores, com os quais até falavam diretamente. Mathieu le Vilain (século XIII) apontou para Jean, Conde d'Eu, as dificuldades do texto que traduziu para ele. Inseriu em sua tradução comentários como: “Ora, parece, Senhor Conde, que esta palavra é contrária ao que ele havia dito antes... Mas isso não é aborrecimento. Pois...”<sup>60</sup><sup>61</sup>. Jean de Meung (c. 1250-1305), por sua vez, ornou sua tradução de Abélard e Héloïse com reflexões pessoais, algumas delas picantes. Às vezes ele aprova o que o autor diz: “Nota: jamais uma mulher falou com tamanha sabedoria”, em outras, cita um provérbio que lhe parece bem aplicável à situação: “E é de acordo com este dito: aquele que é o primeiro corno na cidade, é o último a saber”<sup>62</sup>. Acontece também de o tradutor aproximar o leitor ao autor: “Chipre, todos sabem o que é”<sup>63</sup>. Desafiado por um problema de designação, o tradutor honestamente confessará sua impotência e declarará sua desistência. Simon de Hesdin, por exemplo, incorpora em sua tradução interpolações frequentes como as seguintes: “...o outro reino era chamado *siculum* em latim, o que não sei dizer em romance...”; “Os povos ou países nomeados por Orósio no décimo oitavo capítulo do quinto livro, por não saber propriamente traduzir em romance, nomeio-os da maneira como ele os nomeia...”; sobre a palavra *socer*, ele escreve: “para a qual não tenho um termo adequado em francês”<sup>64</sup>. O tradutor, portanto, não se apaga totalmente diante do autor. Ele é um mediador aparente, uma espécie de apresentador, de comentador da obra antiga que traduz. Essa presença se manifesta também pelas informações de caráter enciclopédico que o tradutor acrescenta ao texto e por frequentes referências aos conhecimentos livrescos (intertextualidade)<sup>65</sup>.

<sup>60</sup> N. de T.: “Or semble, sire comte, que ceste parole soit contraire à ce qu'il avoit dit devant... Mais ce n'est pas contrariété. Car.... ; onques [jamais] femme ne parla plus sagement ; Et ce s'accorde à ceste parole: qui premier est coux [cocu] en la ville, derrenier le scet; Cypre, chascun scet que c'est.”

<sup>61</sup> Citado por Paul Chavy, “Les premiers translateurs français”, p. 560.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 561.

<sup>63</sup> Citado por Giuseppe di Stefano *op. cit.*, p. 66.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 52. Grifo nosso.

<sup>65</sup> Em seu próêmio”, Simon de Hesdin justifica suas intervenções nesses termos: “Valerius não podia ter memória de tudo e por isso eu quis inserir alguns exemplos que não estavam no livro, quando me pareceram próprios à matéria da qual Valerius trata [Valerius ne peut pas de tout avoir memoire et, pour ce, je veul à la fois mettre aucuns exemples qui ne sont point en ce livre, quant il me sembleront propres à la matiere duquel Valerius parle]”. Citado por Paul Chavy, *Traducteurs d'autrefois*, t. II, p. 1313.

As tradutoras também deixam numerosos traços de si mesmas em suas traduções. Elas não hesitam em alargar a lacuna que se mostra entre o texto original e sua versão traduzida. Susanne de Lotbinière-Harwood propõe inúmeros meios “para realizar um ato de presença no texto traduzido” e “colocar a sua voz em relação à do (a) autor (a)”<sup>66</sup>. Os meios recomendados são amplamente postos em prática por todas as tradutoras feministas: duplete constituídos pelas formas masculina e feminina [*heroes and heroines*] [heróis e heroínas], parênteses [*while they (men)*] [enquanto eles (homens)], hífen [*Québécois-e*] [o/a quebequense], aspas [“*les hôtesse*”<sup>67</sup>] [“as hospedeiras”], barras [*her/his; s/he*] [dela/dele; ela/e], etc.

A tradutora invade o texto de chegada com a sua presença e pelo próprio fato de ser uma presença feminina, empregando estratégias que não coincidem necessariamente com as aplicadas pela autora do texto de partida. Esses são traços ostensivos da “mão tradutora”. A tradutora sai das sombras. “A tradutora já não está mais silenciosa por detrás do texto”<sup>68</sup> A tradutora faz tudo para que o leitor não se esqueça de que tem uma tradução em mãos. Susanne de Lotbinière-Harwood previne isso explicitamente: “Você não poderá esquecer que isto é uma tradução”<sup>69</sup>.

Os tradutores medievais e as tradutoras feministas se recusam a se apagar diante do autor, a não ser mais do que “fantasmas de plantão”. Eles e elas tomam a palavra e produzem o que se pode chamar de traduções-comentários, os primeiros com uma evidente preocupação de colocar obras antigas ao alcance de seus leitores, as segundas com o desejo de promover a ideologia feminista. Em um caso ou em outro, estamos longe do tímido “Em francês no texto. (N.T.)” que se permitem os tradutores literários modernos.

Por fim, os tradutores e tradutoras dessas duas épocas também estão presentes “visualmente” em seus textos. Os primeiros em iluminuras nas quais geralmente são representados ajoelhados diante do seu mecenas a quem endereçam suas traduções. As segundas são fotografadas na companhia do autor traduzido, às vezes sentado à mesma mesa de trabalho, onde vemos duas xícaras de café. A deferência dos primeiros para com o mecenas dá lugar entre nossas contemporâneas a uma postura mais igualitária, mais conforme à imagem que elas têm de si: a de coautoras da obra original.

Os textos de apresentação das autoras e de suas tradutoras que aparecem no final do volume ou na contracapa também são reveladores desse status igualitário: têm

---

<sup>66</sup> *Re-Belle et Infidèle*, p. 26. Grifo nosso.

<sup>67</sup> “...para ressaltar a inadequação da linguagem masculina padrão para falar no feminino [...to highlight the inadequacy of male-made language for speaking in the feminine]”, *Letters From An Other*, p. 12.

<sup>68</sup> Kathy Mezei, *op. cit.*, p. 10.

<sup>69</sup> *Letters From An Other*, p. 9.

aproximadamente o mesmo tamanho e trazem informações biobibliográficas tanto sobre a tradutora quanto sobre a autora. Mais uma vez, estamos longe da simples menção do nome do tradutor em letras miúdas na página de rosto das obras traduzidas, como é geralmente o caso.

## Conclusão

A comparação que acabamos de realizar entre o modo de traduzir de duas épocas, distantes em mais de quinhentos anos, revela-nos que a maneira de traduzir é historicamente determinada. Os tradutores medievais estavam cientes de que estavam contribuindo para que o latim perdesse seu *status* dominante de língua erudita; as tradutoras feministas, por sua vez, põem em causa o “falar masculino” que oculta a presença do “segundo sexo”. Em ambos os casos, trata-se de quebrar um monopólio.

Para desempenhar este papel de mediador ativo, os tradutores e as tradutoras são levados a se colocarem com maior visibilidade, deixando de ser “quase abstrações”, “mãos invisíveis”, “vozes silenciosas” a serviço de um autor ou de uma autora.

Isso não acontece sem uma necessária apropriação do texto original, que se torna, em certa medida, o veículo de suas convicções pessoais. O resultado é uma acentuação do caráter didático de seu trabalho e um desejo manifesto de se aproximar do leitor, de guiar seus passos por um território ainda mal cartografado.

Os dois casos estudados não são os únicos exemplos de manobras para tomar a palavra por parte dos tradutores. A história da tradução nos fornece muitas outras. Por exemplo, sob o antigo regime comunista da URSS, “privados da possibilidade de se expressarem integralmente em uma obra original, os poetas russos [principalmente entre 1934 e 1956] falavam com o leitor através de Goethe, de Shakespeare, Orbéliani e Hugo”<sup>70</sup>. E o que dizer dos tradutores quebequenses que, seguindo a corrente da nova dramaturgia, a ascensão do nacionalismo no Quebec e o advento de uma língua que se queria tipicamente “quebequense”, distinta da francesa, naturalizaram o teatro estrangeiro ao fazerem falar como quebequenses os personagens de Shakespeare, Tchekhov, O’Neill, Lorca, Brecht e Goldoni? Por meio de suas traduções, os adaptadores se ocuparam de proclamar o fato quebequense em vez de servir à obra estrangeira<sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> Efim Etkind, *Dissident malgré lui*, p. 50. Essa frase rendeu ao seu autor, teórico da tradução e renomado tradutor de poesia, a dispensa de suas funções, a perda de seus títulos acadêmicos e a expulsão do sindicato dos escritores soviéticos.

<sup>71</sup> Conforme o ensaio de Annie Brisset, *Sociocritique de la traduction*, coleção “L’Univers des discours”, Montréal, Le Préambule/Balzac, 1990, 347 p.

Desvios desse tipo exigem uma cumplicidade. Isso foi estabelecido na Idade Média entre o tradutor e o leitor, e hoje entre a tradutora, o leitor e as autoras traduzidas. Estas últimas também colaboram nas traduções e dão seu aval às posições militantes de suas tradutoras, com as quais estão unidas na mesma luta. “Em tais traduções, a natureza da relação entre tradutor e escritor é a de cumplicidade, quando a tradução se torna não apenas criação, mas também subversão<sup>72,73</sup>”.

Por fim, a maneira de traduzir que descrevemos oferece um bom exemplo do casamento entre a teoria e a prática da tradução. Os obstáculos a serem superados levam constantemente os tradutores e as tradutoras a refletirem sobre soluções e a basearem suas escolhas em um conjunto coerente de princípios, regras e procedimentos de tradução. Essas reflexões advindas da prática, por sua vez, enriquecem a teoria da tradução, assim como os neologismos dos tradutores medievais fecundaram a linguagem e enriqueceram seu vocabulário com universais<sup>74</sup>. As tradutoras que ousam falar e compor seus trabalhos com prefácios, notas e comentários sobre a arte da leitura e sobre esta forma particular de reescrever que é a tradução obrigam-nos a questionarmo-nos sobre a substância do sentido e sobre as noções de fidelidade, transparência e equivalência de dois textos. A forma como concebem a fidelidade coincide com as teorias contemporâneas da tradução, que não veem mais a busca de equivalências na tradução como uma busca de identidade. Ao praticar a tradução-apropriação, a tradutora realiza uma operação de remodelação da obra original. Arroga-se, com o consentimento da autora, as prerrogativas desta. O resultado é um trabalho ao mesmo tempo semelhante e diferente. A nova obra engloba e “esconde” o original. Ao forçarem a reintrodução da subjetividade no ato de traduzir, as tradutoras feministas estão definindo uma nova ética da tradução. Mas essa é realmente uma nova ética? Os tradutores franceses já não a praticavam na época dos construtores de catedrais?

## Referências

BAILLARGEON, Pierre. **Commerce**. Montreal: Les Éditions Variétés, 1947.

---

<sup>72</sup> N. de T.: Complicity is the nature of the relationship between translator and writer in such translations, when translation becomes creation but also subversion.

<sup>73</sup> Barbara Godard, “The Translator as Ventriloquist”, p. 36. Susanne de Lotbinière-Harwood escreve: “É essencial trabalhar com a autora na preparação do manuscrito da tradução. Isso é parte integrante do processo. Além de desenvolver uma ativa cumplicidade literária entre mulheres, essa colaboração ocasiona frequentemente descobertas ao mesmo tempo e inesperadas e extraordinárias” *Re-Belle et Infidèle*, p. 71.

<sup>74</sup> Conforme Georges Mounin, *Les Problèmes théoriques de la traduction*, capítulo XII, “Les universaux du langage”, p. 191-223.

- BEER, Jeanette (Org.). **Medieval Translators and their Craft. "Studies in Medieval Culture"**, vol. XXV. Kalamazoo: Medieval Institute Publications.
- BERSIANIK, Louky. **L'Euguélonne**. Montreal: Éditions La Presse, 1976.
- BRISSET, Annie. **Sociocritique de la traduction. Théâtre et altérité au Québec (1968-1988)**. Montreal: Le Préambule/Balzac, 1990.
- BROSSARD, Nicole. **L'Amèr ou le chapitre effrité**. Montreal: Éditions Quinze, 1977.
- BROSSARD, Nicole. **La Lettre aérienne**. Montreal: Les Éditions du Remue-Ménage, 1985.
- CHAVY, Paul. Les premiers traducteurs français. **The French Review**, 1974, vol.47, n. 3, p. 557-565.
- CHAVY, Paul. Domaines et fonctions des traductions françaises à l'aube de la Renaissance. **Revue de littérature comparée**. 1989, n. 250, p. 147-153.
- CHAVY, Paul. Les traducteurs humanistes au début de la Renaissance française: traductions médiévales, traductions modernes. **Revue canadienne de littérature comparée**, 1981, vol. 8, n. 2, p. 284-306.
- CHAVY, Paul. **Traducteurs d'autrefois. Moyen Âge et Renaissance. Dictionnaire des traducteurs et de la littérature traduite en ancien et moyen français (842-1600)**. Vol. I e II. Paris/Genève: Éditions Champion-Slatkine, 1988.
- DI STEFANO, Giuseppe. **Essais sur le moyen français**. Padoue: Liviana Editrice, 1977.
- DU BELLAY, Joachim. **Deffence et illustration de la langue francoyse, édition critique publiée par Henri Chamard**. Paris: Éditions Didier, 1966.
- ETKIND, Efim. **Dissident malgré lui**. Tradução de Monique Slodzian. Paris: Éditions Albin Michel, 1977.
- FLOTOW, Luise von. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. **TTR**, vol. 4, n. 2, 1991, p. 69-84.
- GAUVIN, Lise. **Lettres d'une autre**. Montreal: Éditions L'Hexagone, 1987.
- GAUVIN, Lise. **Letters From An Other**, Tradução de Susanne de Lotbinière-Harwood. Toronto: The Women's Press, 1989.
- GODARD, Barbara. "Preface". In: **These Our Mothers or: The Disintegrating Chapter**. Toronto: Coach House Press, 1983.
- GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/Translation. **Tessera**, v.6, 1989, p. 42-53.
- GODARD, Barbara. Translating and Sexual Difference. **Resources for Feminist Research**, 1984, vol. 13, n o 3, p. 13-16.

GODARD, Barbara. Preface. In: **Lovhers**, traduzido por B. Godard. Montreal: Éditions Guernica, 1986, p. 7-12.

GODARD, Barbara, The Translator as Ventriloquist. **Prism International**, vol. 20, n. 3, 1982, p. 35-36.

GODARD, Barbara. Translating Translating Translation. In: THEORET, France. **The Tangible Word**. Toronto: Coach House Books, p. 7-15.

HOMEL, David et Sherry SIMON (Org.), **Mapping Literature The Art and Politics of Translation**. Montreal: Véhicule Press, 1988, 127 p.

HORGUELIN, Paul A. **Anthologie de la manière de traduire. Domaine français**. Montreal: Linguattech, 1981.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne de. **Re-Belle et Infidèle. La traduction comme pratique de réécriture au féminin / The Body Bilingual. Translation as a rewriting in the feminine**. Montreal/Toronto, Les Éditions du Remue-Ménage / The Women's Press, 1991.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne de. About the her in other, Letters From An Other. In: GAUVIN, Lise. **Lettres d'une autre**. Montreal: Éditions L'Hexagone, 1987, p. 9-12.

LUSIGNAN, Serge. **Parler vulgairement**. Paris/Montreal: Vrin/Presses de l'Université de Montreal, 1986.

MEZEI, Kathy. Traverse. **Tessera**, v. 6, 1989, p. 9-10.

MONFRIN, Jacques. Humanisme et traduction au Moyen Âge. **Actes du colloque organisé par le Centre de Philologie et de Littératures romanes de l'Université de Strasbourg**. Paris, C. H. Klincksieck, 1964, p. 217-246.

MONFRIN, Jacques. Les traducteurs et leur public en France au Moyen Âge. **Actes du colloque organisé par le Centre de Philologie et de Littératures romanes de l'Université de Strasbourg**. Paris, C. H. Klincksieck, 1964, p. 247-262.

MOUNIN, Georges. **Les Problèmes théoriques de la traduction**. Paris: Éditions Gallimard, 1963.

RICARD, François. **La Génération lyrique**. Montreal: Éditions Boréal, 1992.

SCOTT, Howard. Translator's Introduction. In: GAGNON, Madeleine. **Lair**. Toronto: Coach House Press, 1989, p. 5-10.

SCOTT, Gail. **Héroïne**. Tradução de Susanne de Lotbinière-Harwood. Montreal: Remue-Ménage, 1988.

SCOTT, Gail. Liminaire. **Tessera**, v. 2, 1985, p. 5-6.

SIMON, Sherry. Preface. In: GAUVIN, Lise. **Letters From An Other**. Toronto: Women's Press, 1989, p. 5-8.

SMART, Patricia. **Écrire dans la maison du père. L'émergence du féminin dans la tradition littéraire du Québec.** Montreal: Québec/Amérique, 1988.

TAYLOR, Robert. Les néologismes chez Nicole Oresme, traducteur du XIV e siècle. In: **Actes du X e congrès international de linguistique et philologie romanes, publiés par Georges Straka.** T. II. Paris: Klincksieck, 1965, p. 727-736.

WILDEMAN, Marlene. Daring Deeds: Translation as Lesbian Feminist Language Act. **Tessera**, v.6, 1989, p.31-40.

WILDEMAN, Marlene. Translator's Introduction. In: BROSSARD, Nicole. **The Aerial Letter.** Toronto: Women's Press, 1988, p. 27-31.

## Tradução audiovisual sob uma perspectiva de gênero<sup>1</sup>

Marcella De Marco<sup>2</sup>

Tradução: Beatriz Cerveira<sup>3</sup>

Revisão de tradução: Márcia Moura<sup>4</sup>

**Resumo:** As diferenças entre as culturas-fonte e alvo que estão em jogo no ato da tradução não são apenas linguísticas, mas também culturais e ideológicas. Essas conotações ideológicas e culturais frequentemente refletem pressupostos que podem variar de uma cultura para outra, revelando as diferentes maneiras com que as questões sociais são abordadas. Este artigo busca investigar o que as diferenças entre as traduções da dublagem e da legendagem de três filmes britânicos revelam sobre como diferentes países lidam com questões de gênero, e o quanto essas traduções podem influenciar de forma diferente o entendimento do público sobre essas questões.

**Palavras-chave:** legendagem; dublagem; gênero; tradução audiovisual; sexismo.

**Abstract:** It is not only the linguistic but also the cultural and ideological differences between source and target cultures that come to the fore in the act of translating. These cultural and ideological connotations often reflect assumptions which may vary from one culture to another, revealing different ways in which social issues may be approached. This paper aims at seeing what the differences between the dubbed and subtitled translations of three British films suggest in terms of how different countries deal with gender issues, and to what extent these translations may mold differently the audiences' understanding about these issues.

**Keywords:** subtitling, dubbing, gender, audiovisual translation, sexism.

### Introdução

Os últimos cinquenta anos presenciaram um interesse crescente na disciplina que, nos anos 1970, foi denominada Estudos da Tradução (ET). Esses estudos há muito tempo já lidam com questões como a fidelidade ao texto-fonte e equivalência na língua-alvo, a perda de nuances no ato tradutório, e as estratégias linguísticas utilizadas pelos tradutores. Todavia,

---

<sup>1</sup> O artigo, traduzido do inglês, *Audiovisual Translation from a Gender Perspective*, foi publicado na revista *Journal of Specialised Translation* em julho de 2006, e está disponível em: [https://www.jostrans.org/issue06/art\\_demarco.php](https://www.jostrans.org/issue06/art_demarco.php). Acesso em: 23 jun. 2021.

<sup>2</sup> A autora do texto, Marcella De Marco, nasceu na Itália em 1977 e tem graduação em Línguas Estrangeiras e Literatura pela Universidade de Bari. Ela já trabalhou como professora assistente na Espanha e na França, além de traduzir diversos trabalhos científicos. Em 2002, ingressou no programa de PhD "Metodologia e Análise da Tradução" na Universidade de Vic, na Espanha. Atualmente, cursa o Mestrado (MA) em Filosofia na Universidade de Roehampton, na Inglaterra, com bolsa de estudos da British Academy, onde pesquisa a contribuição da tradução audiovisual para a exportação e perpetuação dos estereótipos de gênero. Ela também atua como professora visitante na Universidade de Roehampton. E-mail: mardemarco77@hotmail.com

<sup>3</sup> Bacharela em Letras com ênfase em Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tradução feita para a disciplina de Estágio Obrigatório da Tradução do Inglês II. E-mail: [ceveirabeatriz@gmail.com](mailto:ceveirabeatriz@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora Doutora do Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [marciamouraprof@gmail.com](mailto:marciamouraprof@gmail.com)

nos últimos vinte anos, os ET estão sendo abordados por uma perspectiva mais cultural. Como consequência da "virada cultural" defendida por Bassnett e Lefevere (1998) nos ET, tornou-se cada vez mais claro que não só questões linguísticas, como também culturais e ideológicas, surgem durante a transferência de um texto de uma língua para outra. Mais e mais pesquisadores têm, então, focado no relacionamento entre os textos e seus contextos sociais (EVEN-ZOHAR, 1978), no papel do tradutor como um "manipulador" do texto (HERMANS, 1985; TOURY, 1995), e na manipulação do texto como um ato intencional ou não intencional (LEFEVERE, 1992).

Questões sociais e culturais também são objetos de estudo de outra área acadêmica conhecida como os Estudos de Gênero (EG), oriunda da crítica feminista dos anos 1970. Uma das maiores contribuições para essa abordagem é a definição de feminilidade e masculinidade como duas construções socioculturais. O conceito de gênero está associado tanto às mulheres e homens quanto à maneira como suas etnias, classe, religião e orientação sexual determinam seu papel e posição na sociedade. A conscientização de que o poder manipulativo do ato tradutório pode ter um impacto crucial na maneira como questões de gênero são percebidas dentro do sistema social têm encorajado pesquisas mais avançadas na intersecção entre a noção de gênero e a tradução. Essa relação é geralmente analisada dentro de um contexto literário, e a tradução se tornou uma das ferramentas usadas por mulheres, pretos, homossexuais e minorias religiosas para dar voz a suas resistências ao *status quo* que a sociedade patriarcal branca e heteronormativa estabelece. Ao fazer isso, essas minorias questionam os estereótipos e as imagens falsas que a sociedade aplica a elas. Simon (1996), von Flotow (1997), Harvey (1998) e Spivak (1990, 1993) são apenas alguns exemplos de pesquisadores que nos últimos anos vêm tentando redefinir o ato tradutório ao apresentarem ideias sobre as implicações da tradução literária sob uma perspectiva de gênero.

Este artigo busca analisar gênero no contexto da Tradução Audiovisual (TAV), visto que estou convicta que esse tipo de tradução pode revelar pistas importantes sobre como as questões relacionadas à identidade são percebidas numa cultura-fonte e numa cultura-alvo. Questões relacionadas ao gênero, sexualidade e etnia já foram analisadas no campo da Filmologia, onde estudiosos têm dedicado atenção especial para o forte impacto que a imagem e o som podem causar no público. Em outras palavras, eles têm destacado a maneira como o público constrói suas próprias perspectivas de acordo com os estereótipos e os clichês sobre homens e mulheres que o cinema promove e encoraja através de sua linguagem audiovisual. Mulvey (1975), de Lauretis (1984, 1987) e Kuhn (1982) são algumas das pesquisadoras entre outros que descreveram em detalhes os mecanismos pelos quais a câmera

manipula o prazer visual do público. Mais especificamente, elas focam na reificação das mulheres para satisfazer um público masculino heterossexual no cinema ocidental. Entretanto, há poucas pesquisas sobre as questões delicadas que surgem quando os problemas de gênero em um filme precisam ser traduzidos para outros públicos que não entendem a língua da versão original. As pesquisas sobre TAV têm tido como foco principal a descrição das características e das restrições técnicas da dublagem e da legendagem, e apenas nos últimos anos os aspectos sociolinguísticos têm sido levados em consideração.

Este estudo tem como ponto de partida as análises realizadas pelos já mencionados pesquisadores de Filmologia e Estudos de Gênero, seguidas pelos exemplos trazidos pelos pesquisadores da TAV que vêm aplicando as premissas tradicionais desenvolvidas para a tradução de produtos audiovisuais no geral (DÍAZ-CINTAS, 1997, 2003; CHAUME, 2000, 2004). Destacarei especificamente os estereótipos linguísticos e visuais sobre gênero que as versões originais de três filmes britânicos apresentam. O objetivo é investigar se a maneira como esses filmes foram dublados e legendados podem contribuir para o reforço ou enfraquecimento desses estereótipos. Os filmes britânicos escolhidos para análise são *East is East* (1999), *Bend it like Beckham* (2002) e *Calendar Girls* (2003). A análise é baseada nas traduções para dublagem e legendagem em italiano e espanhol para DVD.

Esses filmes possuem pontos em comum no sentido de que a maioria das personagens principais são mulheres de diferentes idades e raças e que estão em relacionamentos heterossexuais que variam de acordo com os papéis que essas mulheres desempenham em suas famílias e com os clichês sociais e crenças religiosas que são aplicadas a elas. Questões como valores patriarcais, etnias, homossexualidade e lesbianismo se aproximam nesses filmes e mostram que os estereótipos de gênero são parte de suas vidas e discursos, sejam esses tratados tanto com ironia quanto com seriedade.

Início este artigo com uma análise da maneira como os homens e as mulheres falam e se dirigem uns aos outros para investigar se o discurso utilizado é mais ou menos sexista, e se ele possui traços de racismo, homofobia ou intolerância religiosa. A análise foi realizada tendo em vista, em primeiro lugar, a versão original em inglês do filme, e, em segundo, as versões dubladas e legendadas em italiano e espanhol. Por fim, pretendo elucidar a maneira como os estereótipos de gênero são representados linguisticamente e como isso pode impactar a forma como os públicos-alvo podem recepcionar os filmes traduzidos.

Nas últimas duas décadas, houve um interesse gradual nos estudos das diferenças entre as falas de homens e mulheres (COATES, 2004) – talvez por consequência da crescente consciência de que as relações de gênero estão mudando devido à posição mais estável que as

mulheres ocupam na sociedade. A questão de gênero tem sido abordada por várias perspectivas diferentes (ibid.), e um dos aspectos que mais tem se destacado nessas análises é a conotação negativa ao discurso – e comportamento em geral – das mulheres em relação aos homens. A suposição de que o discurso dos homens é a norma para qual todo o resto precisa se conformar levou a estereótipos e pontos de vista falsos sobre as mulheres – e, conseqüentemente, sobre os homens também – que só recentemente começaram a ser questionados e em alguns casos censurados, mas que ainda são difíceis de refrear.

Alguns dos clichês mais difundidos são que as mulheres são muito falantes, fofocam mais do que homens, possuem discursos menos assertivos e mais questionadores, e suas vozes são mais agudas e, conseqüentemente, mais irritantes que as dos homens (CAMERON, 1992). Os homens, por outro lado, seriam menos falantes, teriam mais controle sobre eles mesmos, e falariam mais palavrões do que mulheres. Quando eles falam ou se comportam de forma emocional, são taxados de gays, sendo a homossexualidade ainda considerada uma ameaça perigosa para a hegemonia masculina tradicional na sociedade ocidental. Muitos pesquisadores (RISCH, 1987; HUGHES, 1992; ECKERT 1998) têm provado que essas suposições não são sempre verdadeiras e mostrado que qualquer um pode apresentar registros ou vocabulário diferentes dependendo da situação, dos interlocutores, da classe social e do contexto em que eles estão. Todavia, a questão aqui é que, mesmo quando homens e mulheres usam as mesmas estruturas linguísticas ou compartilham as mesmas experiências, seus comportamentos são avaliados levando em consideração critérios diferentes. O silêncio, por exemplo, é sinal de falta de poder em uma mulher, enquanto, em um homem, é associado com a liberdade dele de decidir se vai ou não interferir numa conversa; palavrões, na boca de uma mulher, são vistos como falta de educação e etiqueta, enquanto, na de um homem, são considerados ferramentas com as quais ele impõe sua virilidade e poder.

Encontramos um bom exemplo disso numa das primeiras cenas de *Bend it like Beckham* (BB). Na cena, os pais de Jess descobrem que ela começou a participar de um time de futebol feminino, algo incomum para uma mulher jovem e inconcebível para mulheres asiático-britânicas como Jess. Depois de Jess receber uma bronca de sua mãe, o pai dela diz:

*Exemplo 1*

<p>Jessie, your mother is right. <u>It's not nice</u>. You must start behaving <u>like a proper woman</u>. OK?<sup>56</sup></p>		
	<b>Versão espanhola</b>	<b>Versão italiana</b>
<b>Legendagem</b>	<p>Tu madre tiene razón.</p> <p>-----</p> <p><u>No está bien.</u></p> <p>-----</p> <p>Debes empezar a comportarte <u>como una mujer</u>. ¿Vale?</p>	<p>Tua madre ha ragione. Devi</p> <p>-----</p> <p>cominciare a comportarti <u>da donna</u>.</p>
<b>Dublagem</b>	<p>Jessie, tu madre tiene razón. <u>No es bonito</u>. Debes empezar a comportarte <u>como una mujer</u>, ¿de acuerdo?</p>	<p>Jessie, tua madre ha ragione. <u>Ora sei grande</u>. Bisogna che cominci a comportarti <u>come una donna</u>. Ok?</p>

Não há muita diferença na forma que o conselho do pai de Jess foi traduzido para o espanhol e para o italiano, já que as três versões dão a ideia de que jogar futebol não faz parte das tarefas femininas comuns. Entretanto, é preciso fazer uma observação sobre algumas das palavras escolhidas nas traduções. O original *like a proper woman* [como uma mulher adequada], foi traduzido na dublagem espanhola como *como una mujer* [como uma mulher], e na dublagem italiana para *come una donna* [como uma mulher]. As duas versões não reproduzem o adjetivo *proper*, mas ainda passam a ideia de que todas as mulheres deveriam se comportar 'apropriadamente', ou seja, espera-se que elas cuidem o que fazem (e falam), se não, correrão o risco de comprometer suas reputações. Por outro lado, a legenda italiana soa um pouco diferente devido à presença da preposição *da* [a partir de]. A expressão *comportarti da donna/uomo* se traduz como “se comportar como um(a) homem/mulher adulta(o)”. As diferenças sutis que essa preposição causa neutralizam as nuances antes mencionadas, já que as palavras do pai de Jess soam então como uma advertência para uma criança – independente do gênero – para condenar comportamentos infantis. Além disso, é interessante observar que

<sup>5</sup> Tradução para o português: Jessie, sua mãe está certa. Não é bonito. Você precisa começar a se comportar como uma mulher adequada. OK?

<sup>6</sup> N.T.: Todas as traduções para o português foram feitas pela tradutora deste artigo.

*it's not nice* [não é bonito], que foi traduzido literalmente no espanhol como *no está bien / no es bonito*, não foi traduzido na legenda italiana, mas foi dublado como *Ora sei grande* [você já é crescida]. Essa observação sobre a dublagem italiana pode afetar o público de forma diferente, já que dá a impressão que o pai de Jess pensa que isso é apenas um capricho de adolescente, enquanto, nas versões original e em espanhol, o foco é a ideia que esse comportamento não é adequado para nenhuma mulher.

Abordemos agora o foco principal deste estudo: a forma como homens e mulheres falam. Em vez de analisar a estrutura sintática das sentenças ou o número de pausas, perguntas, ou advérbios utilizados em seus diálogos – aspectos que foram cuidadosamente investigados por pesquisadores da Linguística como Jespersen (1922) e Lakoff (1975) –, voltarei minha atenção para os seguintes tópicos:

- A comunicação entre pessoas do mesmo sexo, incluindo os tipos de termos utilizados para se referir ao sexo oposto.
- A forma lexical utilizada para se dirigir ao outro por meio de elogios ou insultos.
- O uso de palavrões por homens e mulheres.

## 1. Tópicos

Dizem que uma das principais diferenças entre as conversas de homens e conversas de mulheres é o fato de que homens tendem a falar sobre esportes, posses, fazer piadas, ou qualquer outro assunto que os impeça de discutir questões muito pessoais ou que demonstram vulnerabilidade (ARIES, 1976; PILKINGTON 1998; COATES, 2004). As mulheres, por outro lado, supostamente preferem falar sobre si mesmas, seus problemas, seus sonhos, seu trabalho, e não têm vergonha de demonstrar cumplicidade e apoio emocional. Os filmes examinados oferecem algumas pistas importantes sobre essas suposições. Há várias cenas em que as personagens mulheres – nunca homens – são filmadas falando sobre seus medos ou problemas pessoais. Por outro lado, na maioria das conversas entre os personagens homens nos filmes, o tópico principal prevalecente são as mulheres. Nenhum desses filmes reflete sobre a aparência física das personagens mulheres que o cinema de Hollywood geralmente expõe para encorajar o ‘prazer escopofílico’ (MULVEY, 1975) nos personagens homens e no público masculino. No entanto, algumas observações e discussões entre os personagens homens nesses filmes confirmam a persistência da associação mais comum em suas mentes: as mulheres como objeto erótico. Sejam quais forem suas idades, todos os homens parecem

obcecados pela aparência das mulheres e pela associação erótica de ideias que eles fazem inconscientemente. Um bom e divertido exemplo ocorre no filme *Calendar Girls* (CG). Na cena, o adolescente Gaz conversa com seu amigo Jem sobre Debbie, uma de suas colegas, tendo rido quando os encontrou no corredor da escola:

*Exemplo 2*

<p><b>Gaz:</b> It is, I'm telling ya. Girls laughing's a good sign. It's a top sign, I tell ya. Bloody hell, if you're in with Debbie Nolan, not being unsound here, but she has got the most fantastic tits. She has got <u>fine mangoes</u>. Actually, not mangoes. I don't imagine they'd be hard like mangoes. Maybe <u>plums</u>. Ripe plums. You know, big ripe plums. No, what am I saying? No, not plums. Balloons! That's it. That's what exactly they're like. A pair of balloons you find behind your settee three days after a party.</p> <p><b>Jem:</b> Gaz, will you stop talking about tits?</p> <p><b>Gaz:</b> Why would I ever wanna do that?<sup>7</sup></p>		
	<b>Versão espanhola</b>	<b>Versão italiana</b>
<b>Legendagem</b>	<p>Que sí. Que las chicas se rían es una buena señal. ..... Es guay, te digo. ..... Si le caes en gracia a Debbie Nolan... ..... No quiero ser vulgar, pero tiene unas tetas que no veas. ..... Tiene <u>un par de mangos</u>... .....</p>	<p>È così, te lo dico io. Se le ragazze ridono è un buon segno. ..... ..... È un ottimo segno, te lo dico io. ..... ..... Se piaci a Debbie Nolan, ..... ..... non per essere volgare, ma ha due tette fantastiche. ..... .....</p>

<sup>7</sup> Gaz: Mas é. Tô te dizendo. Garotas rindo são um bom sinal. É um ótimo sinal, vou te dizer. Putaqueupariu, se você tá se dando bem com a Debbie Nolan, sem querer ser vulgar, mas ela tem os peitos mais incríveis. Ela tem umas boas mangas. Na real, não mangas. Não imagino que sejam duros como mangas. Talvez ameixas. Ameixas maduras. Sabe, grandes ameixas maduras. Não, o que tô falando? Não são ameixas. Balões! É isso. É exatamente isso que eles são. Um par de balões que você encontra atrás do sofá três dias depois de uma festa.  
Jem: Gaz, dá pra parar de falar sobre peitos?  
Gaz: Por que diabos eu pararia?

	<p>Bueno, no mangos no. No creo que sean ..... duras como los mangos. ..... Quizá <u>ciruelas</u>. ..... Ciruelas maduras. ..... Ya sabes, ciruelas grandes y maduras. ..... ¿Qué estoy diciendo? ..... No, ciruelas, no. ¡Globos! ..... ..... Eso es. ..... ..... Eso es justo lo que parecen. ..... Unos globos que encuentras en casa al acabar la fiesta. ..... Gaz, ¿quieres dejar de hablar de tetas? ..... ¿Por qué iba a querer?</p>	<p>Ha due <u>bei manghi</u>. ..... ..... Anzi, non manghi. Non me le immagino dure come manghi. ..... ..... Magari <u>prugne</u>. ..... ..... Prugne mature. Sì, grosse prugne mature. ..... ..... No, cosa sto dicendo? ..... ..... No, non prugne. Palloncini. ..... ..... Ecco. Sono proprio così. ..... ..... Palloncini che ritrovi dietro il divano tre giorni dopo una festa. ..... ..... Gaz, la smetti di parlare di tette? ..... ..... E perché mai?</p>
<p><b>Dublagem</b></p>	<p><b>Gaz:</b> Es verdad . Te lo aseguro. Que las tías se rían es bueno. Es la mejor señal, hijo. Yo creo que le molas a Debbie Nolan. Y no hay una mejor. ¡Menudo par de tetas!</p>	<p><b>Gaz:</b> Ma sì, te l'assicuro. Se le ragazze ridono è un buon segno. È il massimo, lo sai. Bel colpo se piaci a Debbie Nolan. Non vorrei essere volgare, ma ha due enormi,</p>

	<p>Tiene unos <u>buenos melones</u>. No, bueno, melones no. No las imagino duras como melones. A lo mejor, peras. <u>Peras</u> maduras. Sí, muy grandes y maduras. No, pero ¿qué digo? No son peras. ¡Globos! Eso es. Eso es lo que parecen. Un par de globos como los que te encuentras tres días después de una fiesta.</p> <p><b>Jem:</b> Gaz, ¿puedes dejar de hablar de tetas?</p> <p><b>Gaz:</b> ¿Por qué quieres hablar de otra cosa?</p>	<p>fantastiche tette. Sembrano due <u>grossi manghi</u>. Anzi, non proprio manghi. Figurati se sono dure come manghi. Magari come <u>prugne</u>. Prugne mature. Due belle prugne mature. No, che sto dicendo? No, non prugne. Palloncini. Così sono. Ecco a cosa assomigliano. A due palloncini che trovi dietro il divano tre giorni dopo una festa.</p> <p><b>Jem:</b> Gaz, vuoi piantarla di parlare di tette?</p> <p><b>Gaz:</b> E perché dovrei piantarla, scusa?</p>
--	--	--

Não há diferenças significantes nas versões traduzidas dessa conversa, exceto que as palavras *mangoes* [mangas] e *plums* [ameixas<sup>8</sup>] foram traduzidas como *melones* [melões] e *peras* [peras] na dublagem espanhola. A legendagem espanhola e as duas traduções italianas, no entanto, são bem mais literais. O que achei particularmente marcante foi a riqueza das metáforas usadas. Como mostra Hines (1994, p. 295):

No inglês, há uma metáfora consistente, generalizada, muito inconsciente e não documentada que equaliza mulheres a objetos sexuais na forma de sobremesas, manifestada tanto em expressões linguísticas (como *cheesecake*, *cookie*, *tart*, etc.) quanto em costumes (como o de mulheres saindo de bolos) [...] que podem levar a efeitos colaterais inesperados. (HINES, 1994, p. 295)

Na verdade, a imagem mental evocada por Gaz tenta ser muito mais sedutora, mas, ao mesmo tempo, ela debocha da forma estereotípica que a maioria dos homens (jovens) enxergam as mulheres, ex.: como “algo facilmente conquistado, uma fruta madura esperando ser colhida e consumida pelo homem” (MILLS, 1991, p. 46). É interessante que, em espanhol, homens também se referem aos seios das mulheres, coloquialmente, como melões e peras, mas não como mangas e ameixas, sugerindo que a dublagem espanhola é mais voltada ao público-alvo que a legendagem espanhola, em que foram mantidas as mangas e ameixas.

Outro exemplo desses que é curioso, para não dizer desagradável, pode ser encontrado no filme *East is East* (EE). Nazir, o mais velho numa família de sete irmãos e de origem paquistanesa que mora em Salford, interior da Inglaterra, foi deserdado por se recusar a casar com a menina muçulmana com quem seu pai arranjou um casamento, de acordo com a

<sup>8</sup> N.T.: A *plum* a que esse texto se refere se parece mais com a nossa nectarina, grande, com pele vermelha.

tradição islâmica. Na cena, sua mãe, irmãos e irmã ligam para ele de uma cabine telefônica sem o patriarca saber. Durante a conversa, Tariq, um dos irmãos de Nazir, diz:

*Exemplo 3*

Ask what the <u>talent</u> 's like in Eccles! <sup>9</sup>		
	<b>Versão espanhola</b>	<b>Versão italiana</b>
<b>Legendagem</b>	Pregúntale por las <u>chicas</u> de Eccles.	Chiedigli delle <u>ragazze</u> di Eccles.
<b>Dublagem</b>	Pregúntale qué tal son las <u>tías</u> en Eccles.	Chiedigli com'è la <u>fauna femminile</u> a Eccles.

A pergunta de Tariq não tem qualquer teor depreciativo na versão original, embora a palavra *talent*, em inglês, seja frequentemente utilizada por homens para se referir a mulheres que consideram sexualmente atraentes. As versões espanholas são ainda mais genéricas que a versão original em inglês, com a dublagem podendo ser traduzida como ‘pergunte a ele como são as meninas em Eccles’ e a legendagem como ‘pergunte a ele sobre as meninas de Eccles’. Todavia, a dublagem italiana, por outro lado, não só falha em transmitir a conotação positiva que a palavra *talent* tem, como vai ainda mais longe e a substitui por uma frase claramente negativa, já que *chiedigli com'è la fauna femminile a Eccles* significa, literalmente ‘pergunte a ele como é a fauna feminina em Eccles’. Apesar de uma tradução mais neutra ser possível ao utilizar *chiedigli se ci sono belle ragazze a Eccles* [pergunte a ele se há meninas bonitas em Eccles], a solução alvo fez uso de uma expressão que sugere uma imagem mais grosseira, geralmente associada à vida selvagem. A legendagem italiana, por sua vez, opta por uma tradução mais neutra: *chiedigli delle ragazze di Eccles* [pergunte a ele sobre as garotas de Eccles].

## 2. Formas de interação

As pessoas interagem de maneiras diferentes dependendo do relacionamento entre o falante e o ouvinte, a formalidade do contexto em que eles estão, seu status social e, claro, seu

<sup>9</sup> Pergunta como é o mulherio em Eccles!

gênero. Elogios e insultos, juntos com formas de vocativos e pronomes, estão entre as formas mais comuns de tratamento. Cada um contém uma grande variedade de sinais intrigantes e (por vezes) confusos, e tons indiretos dos quais os falantes nem sempre têm consciência, mas que indicam que existe uma distribuição igual de poder ou respeito entre os dois interlocutores (ECKERT; MCCONNELL, 2003; BAPTISTE, 1990).

A maior parte dos estudos sobre esse assunto (HOLMES, 1998; HERBERT, 1998) mostra que há clara evidência que as mulheres elogiam umas às outras (principalmente sobre a aparência) mais que homens, e que, quando homens fazem elogios, seu afeto é facilmente mal-entendido e temido pelo interlocutor ou por terceiros. Encontramos evidências disso em duas cenas de BB, mas a questão interessante é que o objeto de mal-entendido dos outros são duas personagens mulheres, não homens.

No final do filme, Jules, melhor amiga e colega de time de Jess, se junta a ela no casamento de Pinky (irmã de Jess). A mãe de Jules decide levá-la até lá. Assim que ela vê Jess usando os sapatos emprestados de Jules sem seu conhecimento, ela irrompe dizendo:

*Exemplo 4*

Get your lesbian feet out of my shoes. <sup>10</sup>		
	<b>Versão espanhola</b>	<b>Versão italiana</b>
<b>Legendagem</b>	¡Saca tus pies lesbianos de mis zapatos!	Leva quei piedi da lesbica dalle mie scarpe!
<b>Dublagem</b>	Saca tus pies lesbianos de mis zapatos.	Leva di corsa quei piedi da lesbica dalle mie scarpe.

Depois, quando Jules fala para a mãe que só porque ela joga futebol, não significa que ela seja lésbica e que, de qualquer forma, ser lésbica não é algo ruim, sua mãe, de forma hipócrita, responde:

*Exemplo 5*

Oh, no, sweetheart, of course it isn't. No! I mean, I've got nothing against it. I was cheering

<sup>10</sup> Tire esses seus pés de lésbica dos meus sapatos.

for Martina Navratilova <u>as much as the next person</u> . <sup>11</sup>		
	Versão espanhola	Versão italiana
<b>Legendagem</b>	<p>No, cariño. Claro que no lo es...</p> <p>¡No!</p> <p>.....</p> <p>Es decir,</p> <p>yo no tengo nada contra eso.</p> <p>.....</p> <p>Yo animaba a Martina Navratilova</p> <p><u>como la que más.</u></p>	<p>No! Certo che no, amore.</p> <p>.....</p> <p>Per me no, no di certo!</p> <p>.....</p> <p>Io tifavo per Martina Navratilova</p> <p><u>come se fosse una normale.</u></p>
<b>Dublagem</b>	<p><b>Oh, no cariño. Por supuesto que no. No, no, no tengo nada en contra. En su momento animé a Martina Navratilova como la que más.</b></p>	<p>Oh, no. Amore, certo che no. No. No, per me no. No di certo. Io per esempio tifavo per Martina Navratilova <u>come se fosse una normale.</u></p>

Ao longo do filme, a mãe de Jules suspeita que Jess é mais que uma amiga da filha porque ela ouve, por acaso, uma conversa entre as duas e entende errado o que elas dizem. A atitude da mãe de Jules nessa cena mostra abertamente seu forte preconceito contra relacionamentos homossexuais, mas o que é impressionante é a forma ainda mais ofensiva como suas palavras foram proferidas tanto na dublagem italiana quanto na legendagem. De certa forma, a frase original *I was cheering for Martina Navratilova as much as the next person* soa um pouco ofensiva, já que sugere que a falante se sente no direito de expressar uma opinião sobre a Martina Navratilova por não se conformar com a heteronormatividade. Ambas traduções italianas para essa frase são *Tifavo per Martina Navratilova come se fosse una normale* [Eu torcia pela Martina Nabratilova como se ela fosse uma pessoa normal]. Apesar de ser possível argumentar que é a atitude da falante, mais que suas palavras, que deveria ser considerada “politicamente incorreta”, penso que a tradução italiana é ainda mais

<sup>11</sup> Oh, não, minha querida, claro que não. Não! Quer dizer, não tenho nada contra. Eu torcia para a Martina Navratilova tanto quanto qualquer outra pessoa.

ofensiva. Essa tradução enfatiza uma atitude comum no Ocidente – que a sociedade italiana frequentemente reproduz – que tende a classificar as coisas e os indivíduos em categorias fixas, decidindo o que é normal e o que não é, o que é certo e o que é errado, e, assim, causando uma situação de desigualdade. As traduções espanholas são mais literais, já que *como la que más* pode ser traduzido como “tanto quanto qualquer outro”.

Numa cena anterior, há um mal-entendido sobre Jess e Jules similar a esse. Dessa vez, elas estão se abraçando num ponto de ônibus e são vistas pelos futuros sogros de Pinky. Na verdade, eles veem Jules de costas e acham que ela é um homem inglês, mas, como mulheres indianas devem ter relações e eventualmente se casar apenas com homens indianos, eles acham a atitude de Jess vergonhosa e decidem cancelar o casamento entre Pinky e o filho. Chateada com essa mudança e brava com Jess, Pinky conta aos pais que Jess continua jogando futebol escondida, e acrescenta:

*Exemplo 6*

No mum. It's not their fault. I bet she was with some <u>dykey</u> girls from her football team! <sup>12</sup>		
	<b>Versão espanhola</b>	<b>Versão italiana</b>
<b>Legendagem</b>	¡No, es culpa suya! ..... ¡Estaría una <u>tortillera</u> ..... de su equipo!	È colpa sua! Sarà stata una qualche <u>lesbica</u> della sua squadra!
<b>Dublagem</b>	No, mamá. Ella tiene la culpa. Apuesto a que estaba con una <u>tortillera</u> de su equipo.	No, mamma. È tutta colpa sua. Scommetto che stava con qualche <u>lesbica</u> della sua squadra.

Novamente, a observação de Pinky demonstra a intolerância contra mulheres que não se conformam à heteronormatividade, mas, nesse caso, é na versão original que, tanto quanto a tradução espanhola, que as palavras de Pinky levam uma conotação mais derogatória. *Dykey* é uma gíria em inglês para mulher homossexual, usada principalmente em referência à

<sup>12</sup> Não, mãe. Não é culpa deles. Aposto que ela estava com algumas daquelas garotas sapatonas do time de futebol!

imagem estereotipada de uma lésbica masculinizada. A tradução espanhola *tortillera* passa a mesma conotação negativa, enfatizando, assim, o preconceito e sentimento de superioridade de Pinky. Na tradução italiana, o termo *lesbica*, mais neutro, foi utilizado.

Em relação à maneira como os homens geralmente se dirigem às mulheres, Coates (2004, p. 100) observa que seus elogios frequentemente “se assemelham ao assédio sexual”, já que mesmo expressões de afeto podem mostrar que as mulheres são consideradas de forma sexual. Um bom exemplo disso é uma cena de CG, em que Ruth, suspeitando que seu marido Eddie tem uma amante, vai ao restaurante onde eles supostamente iriam se encontrar. Depois de uma breve conversa entre as duas mulheres, Eddie entra, caminhando com um andar prepotente, e se dirige à amante da seguinte forma:

*Exemplo 7*

You are looking good, baby. <sup>13 14</sup>		
	<b>Versão espanhola</b>	<b>Versão italiana</b>
<b>Legendagem</b>	Estás muy guapa, nena.	Sei bellissima, tesoro.
<b>Dublagem</b>	Estás de muerte, muñeca.	Sei una cannonata, bimba.

O que pode parecer um elogio sincero de um amigo íntimo, é, na verdade, considerado um sinal claro de superioridade, evidenciado pelo olhar ganancioso de Eddie. É interessante notar que as metáforas usadas tanto na dublagem espanhola *estás de muerte* [você está de matar] quanto na dublagem italiana *sei una cannonata* [você está como um tiro de canhão] enfatizam o mais comumente usado ‘você está bonita’, sugerindo, assim, que ele possa ter outros planos para depois do jantar e que ela gosta do jeito dele. As legendas são mais neutras, já que *estás muy guapa* e *sei bellissima* podem ser traduzidas como ‘você está linda’. Entretanto, a questão que quero destacar é referente à última palavra desse suposto elogio. Nas três línguas, ‘baby’, *muñeca* [boneca], *nena* [neném], *bimba* [menininha] e *tesoro* [tesouro] são expressões de afeto usadas por pessoas muito próximas (especialmente amantes heterossexuais) ou por pais que se referem aos filhos com carinho. Ao serem usados para se referir a uma mulher, esses rótulos indicam que ela é considerada, por um homem,

<sup>13</sup> Você está bonita, gata.

<sup>14</sup> Para uma análise mais detalhada das conotações patriarcais do termo *baby*, ver Mills (1991, p. 14).

sexualmente atraente e disponível (de certa forma, rebaixando-a a um objetozinho bobo que qualquer um pode manusear), ou que o poder dela é retirado, reduzindo-a a um nível infantil.

### 3. Palavrões

O clichê recorrente de que os homens falam mais palavrões que mulheres deve ser revisitado, já que, em conversas do dia a dia, encontramos evidências que mais e mais mulheres fazem uso de palavras tabu, ou por terem a intenção de se dirigir a alguém de modo ofensivo, ou simplesmente por este tipo de linguagem ter se tornado parte da linguagem de todos (CHESHIRE, 1982; DE KLERK, 1992; HUGHES, 1992). No entanto, é fato que essa disposição para usar termos vulgares e ofensivos é mais comum entre os mais jovens, e os filmes analisados mostram bons exemplos disso. Os filmes com maior ocorrência de palavrões são BB e EE, onde a maioria das personagens são pessoas jovens, enquanto a maioria das personagens em CG são mulheres de meia-idade que moram numa cidadezinha no condado de Yorkshire, na Inglaterra, onde as pessoas são estereotipicamente conhecidas por viverem de forma mais genuína, com hábitos e costumes mais tradicionais. Muitas dessas palavras e expressões, enunciadas por ambos homens e mulheres, têm conotações sexistas ou racistas. Ao usá-las, os falantes conscientemente ou inconscientemente contribuem para a difusão de estereótipos e de pontos de vista desagradáveis que podem ser contraproducentes para eles mesmos, já que podem ser alvo dessas mesmas falsas suposições. Desse ponto de vista, as traduções da dublagem e da legendagem podem manter ou minimizar certas conotações, e podem ser responsáveis por perpetuar estereótipos.

Na cena já mencionada de BB em que suspeitam que Jess está saindo com um homem inglês, tanto a forma como Pinky se dirige a ela e a forma como Jess reage podem ser analisadas:

#### *Exemplo 8*

**Pinky:** You were at a bus stop kissing him! You stupid bitch! Why didn't you do it in secret like everyone else?

**Jess:** Kissing? Me? A boy? You're all bloody mad!<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Pinky: Você estava num ponto de ônibus beijando ele! Sua vaca estúpida! Por que não foi beijar escondida, como todo mundo?

Jess: Beijando? Eu? Um menino? Vocês estão todos loucos!

	Versão espanhola	Versão italiana
<b>Legendagem</b>	<p>¡Le besabas en una parada!</p> <p>.....</p> <p>¡<u>Maldita estúpida!</u></p> <p>.....</p> <p>¿No podías ocultarte, como todas?</p> <p>.....</p> <p>¿Besándole? ¿Yo?</p> <p>.....</p> <p>¿A um chico?</p> <p>.....</p> <p>¡<u>Estáis como putas cabras!</u></p>	<p>Ti hanno visto baciarlo!</p> <p>.....</p> <p>Potevi farlo di nascosto come le altre!</p> <p>.....</p> <p>Che cosa? Io chi avrei baciato?</p> <p>.....</p> <p><u>Cavolo, siete matti!</u></p>
<b>Dublagem</b>	<p><b>Pinky:</b> Te vieron en la parada del bus besándote. ¡<u>Asquerosa!</u> ¿Por qué no lo hiciste como todas las demás?</p> <p><b>Jess:</b> ¿Besándome? ¿Yo? ¿Con un chico? ¡<u>Estáis todos como putas cabras!</u></p>	<p><b>Pinky:</b> Ti hanno vista oggi che lo stavi baciando alla fermata. <u>Brutta puttana.</u> Non lo potevi fare di nascosto come le altre?</p> <p><b>Jess:</b> Che cosa? Io avrei baciato? <u>Cavolo, ma siete matti?</u></p>

Pinky se dirige a Jess, chamando-a de *stupid bitch*, *bitch* tendo como sentido denotativo “uma cadela no cio” (KRAMARAE; TREICHELER, 1992, p. 72). Esse substantivo não denota, necessariamente, promiscuidade, mas, claro, é um termo derogatório para se referir a uma mulher porque sugere um comportamento selvagem e agressivo, fora do controle humano. Essa apelação provocativa é mantida na dublagem espanhola como *asquerosa* [suja] e um pouco suavizada na tradução para a legenda como *maldita estúpida* [maldita estúpida], mas está ausente da legendagem italiana. Por outro lado, a dublagem italiana tem uma conotação ainda mais sexista, já que *brutta puttana* pode ser traduzido como “vadia feiosa”, fazendo, assim, uma clara associação com prostituição. Jess expressa sua incredulidade respondendo ‘you’re all bloody mad’ [vocês estão todos loucos], o que não tem uma

conotação sexista, apesar de ser uma fala um pouco atrevida, considerando que ela está se dirigindo aos seus próprios pais também. Essa enunciação foi traduzida literalmente nas duas versões italianas como *cavolo, (ma) siete matti?* [Nossa, vocês estão loucos?], mas foi alterada nas traduções espanholas. *Estáis (todos) como putas cabras*, literalmente “vocês estão todos como putas cabras”, frase comum nas culturas hispanófonas. Claro, essa frase não é usada com o seu sentido literal, mas reflete uma concepção muito depreciativa da feminilidade, da qual os falantes podem não ter consciência.

BB oferece outro bom exemplo de como a tradução pode reforçar os tons exagerados de algumas observações que são intrinsecamente desagradáveis. Nessa cena, os colegas homens com quem Jess costumava jogar bola antes de entrar no time profissional feminino vão ao estádio assisti-la jogar uma partida. Quando eles veem as novas colegas de Jess em trajes esportivos, eles comentam sobre seus seios, demonstrando com suas observações outras suposições estereotípicas sobre mulheres:

*Exemplo 9*

<p><b>M1:</b> They don't all look like <u>lezzies</u>, do they?</p> <p><b>M2:</b> Check out the boobs on the captain!</p> <p><b>M3:</b> Jeez, man, they must get in the way.</p> <p><b>M1:</b> She's lucky <u>she ain't knocked herself out running out the pitch with them!</u><sup>16</sup></p>		
	<b>Versão espanhola</b>	<b>Versão italiana</b>
<b>Legendagem</b>	<p>- No todas parecen <u>lesbianas</u>.</p> <p>- ¡Mirad las tetas de la capitana!</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>- Serán um estorbo.</p> <p>- ¡Tiene suerte</p> <p>.....</p> <p>.....</p>	<p>- Non sembrano tutte <u>lesbiche</u>.</p> <p>- Guardate che seno che ha la capitana!</p> <p>.....</p> <p>Con quelle non vede la palla!</p> <p>.....</p> <p>Le finiranno in faccia</p> <p><u>e si farà un occhio nero!</u></p>

<sup>16</sup> M1: Elas não parecem todas lésbicas, né?  
M2: Olha os peitos da capitã!  
M3: Nossa, cara, eles devem atrapalhar.  
M4: Ela tem sorte de não ter caído correndo pelo campo com eles.

	<u>De no lesionarse corriendo con eso!</u>	
<b>Dublagem</b>	<p><b>M1:</b> No todas parecen <u>lesbianas</u>.</p> <p><b>M2:</b> ¡Dios! ¡Mirad las tetas de la capitana!</p> <p><b>M3:</b> Dios, tío, ¡le deben de estorbar!</p> <p><b>M1:</b> Tiene suerte de <u>que no se haya dado un golpe de teta en la cara al correr</u>.</p>	<p><b>M1:</b> Però, mica sembrano tutte <u>lesbiche</u>.</p> <p><b>M2:</b> Ragazzi, guardate um po' che poppe ha la capitana!</p> <p><b>M3:</b> Cavolo, ma con quelle non vede la palla.</p> <p><b>M1:</b> Se non sta attenta se le sbatte in faccia e <u>finisce che si fa un occhio nero!</u></p>

Apesar do registro coloquial utilizado para se referir aos seios das meninas, e de sua concepção limitada e juvenil sobre lesbianismo que suas palavras e tom revelam, o que é particularmente marcante são as traduções italianas da frase *she's lucky she ain't knocked herself out running out the pitch with them*. Em ambas dublagem e legendagem, o resultado linguístico acrescenta uma conotação racista quando o texto interage com a imagem. A dublagem pode ser traduzida literalmente como 'se ela não prestar atenção, ela vai acabar se dando um olho preto', e a legenda como 'ela vai se machucar com eles e acabar se dando um olho preto'.

Apesar da observação ofensiva, considerada bem indelicada nas três línguas, as versões italianas são abertamente preconceituosas, não só porque a frase "dar o olho preto a alguém" pode ser considerada racista, mas porque a introdução da palavra "preta" é infeliz nesse caso, já que o falante está se dirigindo a uma mulher negra. A rigor, isso não é exatamente um caso de uso de palavrão, mas essa interpretação (não) intencional pode ser tão ofensiva quanto qualquer outro palavrão devido ao efeito que ela pode causar num público-alvo negro.

Para concluir essa análise, irei brevemente discutir EE, onde é possível encontrar uma boa quantia de palavrões. Os enunciados mais pesados são feitos principalmente pelo chefe da família, George, que frequentemente se dirige a seus filhos como "bastardos" e a sua esposa, Ella, como "estúpida", "vadia" ou "desgraçada". Um dos exemplos mais dramáticos dessa violência física e verbal é a cena em que George agride um de seus filhos. Ella vai à defesa do menino, repreendendo as atitudes do marido, ao que ele responde:

*Exemplo 10*

You bastard bitch! You bugger! You call me pig, bitch! You talk to me like this again, I'll kill you bloody bitch! I burn all your bastard family when you sleep.<sup>17</sup>

	Versão espanhola	Versão italiana
<b>Legendagem</b>	<p><u>¡Perra asquerosa!</u></p> <p>.....</p> <p>- <u>¡Zorra!</u></p> <p>- <u>¡No!</u></p> <p>.....</p> <p>¿Me llamas cerdo, <u>perra?</u></p> <p>.....</p> <p>¡Como vuelvas a hablarme así,</p> <p>te mato!</p> <p>.....</p> <p><u>¡Maldita perra!</u></p> <p>.....</p> <p>¡Quemaré a toda tu familia</p> <p>.....</p> <p>mientras dormís!</p>	<p><u>Puttana bastarda!</u></p> <p>.....</p> <p><u>Troia!</u></p> <p>Tu mi chiami “porco”!</p> <p>.....</p> <p>Parlami ancora così</p> <p>e io ti ammazzo!</p> <p>.....</p> <p><u>Puttana</u>, brucio tutta</p> <p>la tua fottuta famiglia</p> <p>.....</p> <p>Quando dormite!</p>
<b>Dublagem</b>	<p>Eres una <u>perra asquerosa</u>.</p> <p>¡<u>Put</u>! Llámame cerdo a mí.</p> <p>¡<u>Perra!</u> Vuelve a decírmelo</p> <p>¡anda! Te voy a matar. Te voy</p> <p>a matar. ¡<u>Perra!</u> Y pegare</p> <p>fuego a <u>toda</u> tu familia</p> <p>mientras dormís.</p>	<p><u>Puttana bastarda! Troia!</u> Tu chiama me</p> <p>porco. Tu parli a me così ancora, io, io ti</p> <p>ammazzo. Ti ammazzo, <u>puttana!</u> E</p> <p>brucio tutta <u>tua fottuta</u> famiglia quando</p> <p>dormite.</p>

<sup>17</sup> Sua vadia bastarda! Sua idiota! Você me chama de porco, vadia? Fale assim comigo de novo e eu te mato, vadia puta! Eu boto fogo em toda sua família bastarda enquanto vocês estiverem dormindo!

As palavras usadas por George para se dirigir a Ella são acompanhadas de um tom extremamente ofensivo, repleto de insultos que contém insinuações sexuais (“vadia”, “bastarda”). Apesar dessas palavras sutilmente fazerem referência à prostituição, não é uma associação direta. Elas se tornaram tão comuns no inglês falado que os falantes as usam sem estarem cientes de suas conotações. As versões espanholas e especialmente as italianas, por outro lado, fazem essa associação mais direta com promiscuidade. As traduções espanholas mantêm o sentido original de *bitch* com *perra*, mas traduzem *bugger* como *puta* na dublagem, e *zorra* na legenda, as duas palavras significando “puta”. Nas versões italianas, *bastard bitch* e *bugger* foram traduzidas como *puttana bastarda* [puta bastarda] e *troia* [vadia], e *your bastard family* [sua família bastarda] como *tua fottuta famiglia*. A questão mais marcante é que também nesse caso a tradução literal poderia ter sido possível, mas, novamente, a versão italiana preferiu usar termos que contém conotações ainda mais sexistas/sexuais, insinuando que a melhor forma de ofender uma mulher é a chamando de “puta” ou que se algo estiver errado, a culpa é dela, não do homem.

### Considerações finais

A língua é um dos meios pelos quais as pessoas se comunicam e expressam suas atitudes, ideias e sentimentos sobre outras pessoas e questões sociais. Às vezes, os falantes não estão totalmente cientes do peso de suas palavras. Quando eles usam um certo tipo de vocabulário sem ter a noção de seu significado total, inconscientemente encorajam a propagação de estereótipos e suposições erradas. Se os usuários da língua não são sempre responsáveis pela maneira que eles falam – apesar de isso não ser uma desculpa – porque assimilam hábitos dos seus arredores, a mídia em massa é responsável, pois ela controla o tipo de informação e os valores culturais que são divulgados em nossas sociedades. Uma das principais ferramentas a que a mídia recorre para transmitir esses valores de uma cultura para outra é a tradução audiovisual, mais especificamente a dublagem e a legendagem. De acordo com as abordagens tradicionais, a tradução deve ser fiel ao texto-fonte. De uma perspectiva meramente linguística, então, quando filmes são dublados ou legendados, os valores, ideologias, e mesmo estereótipos presentes na versão original, devem ser reproduzidos. Entretanto, essa transferência pode causar mudanças no vocabulário que, por sua vez, podem afetar a forma como as questões socioculturais são retratadas num filme. O problema surge quando estas mudanças linguísticas ‘não fazem sentido’ ou quando o tradutor decide, consciente ou inconscientemente, manipular o original. Sejam quais forem as razões para

essas mudanças – se técnicas ou ideológicas – elas causam um impacto crucial na percepção do público-alvo sobre essas questões sociais.<sup>18</sup>

Meu objetivo inicial foi investigar se os filmes escolhidos contêm ou exibem estereótipos de gênero por meio da linguagem verbal, e se esses estereótipos são mantidos, suavizados ou reforçados nas versões dubladas e legendadas para o espanhol e o italiano. A análise realizada até agora mostra que esses filmes contêm bons exemplos de estereótipos linguísticos, que revelam atitudes preconceituosas não apenas sexistas, mas também no geral, sendo *dykey* e *bitch* dois ótimos exemplos. Com a análise do *corpus*, podemos chegar às seguintes conclusões:

- A versão original mostra que, quando as personagens se dirigem umas às outras com termos ofensivos, elas não precisam necessariamente ter uma conotação sexista ou sexual. Uma grande variedade de expressões foi usada. Elas podem ser inofensivas, como *baby*, que, no entanto, esconde uma conotação levemente sexista; gírias como *bitch*, que podem adquirir conotações mais ou menos negativas dependendo do falante e do tom utilizado; e rótulos abertamente preconceituosos como *dykey* que revelam preconceitos difundidos sobre certas categorias sexuais. As traduções espanholas e especialmente as italianas tendem a fazer associações de alguns desses comentários entre a figura da mulher e a prostituição ou relação sexual, associação essa que não existe na versão original (exemplos 8 e 10).
- Parece existir mais liberdade na tradução para dublagem que para a tradução para legendagem. As legendas tendem a reproduzir os termos originais de maneira mais literal que as versões dubladas ou tendem a suavizar, em vez de reforçar, os tons ofensivos do diálogo original, apesar de isso não ser feito de forma sistemática.

De modo geral, esses filmes e suas traduções mostram que as sociedades britânica, espanhola e italiana são muito próximas em relação a suas questões sobre identidade. É difícil concluir que a imagem da sociedade italiana apresentada na linguagem utilizada nos filmes dublados/legendados é mais sexista, ou que a da espanhola é mais homofóbica, apesar de que os poucos exemplos apresentados apontam para essa direção. A questão é que as três culturas em foco demonstram intolerância com algumas categorias sociais que não se conformam aos

---

<sup>18</sup> Entretanto, o valor semiótico dos filmes não pode ser subestimado. Figuras, gestos e formas de se vestir não podem ser adaptados para o contexto alvo pois não podem ser mudados. O que pode ser manipulado linguisticamente não pode ser manipulado visualmente.

clichês da sociedade dominante, e esse incômodo e medo sutil do diferente é expresso por meio de expressões idiomáticas, palavras, e expressões de afeto.

Para concluir, gostaria de comentar como os filmes analisados mostram que as mudanças linguísticas que ocorrem nos processos da legendagem e dublagem podem afetar de forma diferente a percepção de mundo dos públicos-fonte e alvo. As pessoas raramente questionam o que já é habitual para elas. Quando elas vão ao cinema, ou assistem televisão, elas prontamente acreditam no que é retratado na tela porque são coisas atrativas para elas e, em alguns casos, elas esperam que seus sonhos se tornem realidade assim como os das personagens. Ao fazer isso, elas absorvem e aceitam inconscientemente as coisas boas e ruins representadas no filme. Se as personagens se dirigem umas às outras de forma ofensiva por meio de uma escolha vulgar de vocabulário, o público pode concordar ou discordar desse tipo de tratamento, mas pensar que essas formas de tratamento fazem parte da língua. A questão crucial é que se essas mesmas expressões são retratadas em outra língua com termos que não são apenas vulgares, mas também sexistas ou racistas, então o público, que não assistiu ao filme em sua versão original, acabará pensando que essas formas de tratamento são universais. Já que é comum não questionar os padrões normalizados de comportamento, certas expressões e atitudes se tornam parte de um contexto intercultural compartilhado. Dessa forma, o cinema e a tradução audiovisual podem ter o poder de monopolizar a consciência do público e contribuir sutilmente para a perpetuação de suposições desagradáveis, estereótipos patriarcais e atitudes discriminatórias que se tornam mais e mais difíceis de remover de nossas mentes.

## Referências

ARIES, E. Interaction patterns and themes of male, female and mixed groups. **Small Behaviour**, v. 7, n. 1, p. 7-18, 1976.

BAPTISTE, T. **A Contrastive Study of Male and Female Complimenting Behaviour in British English**. 1990. Dissertação – Universidade de Roehampton, Londres, 1990.

BASSNETT, S; LEFEVERE, A. **Constructing Cultures: Essays on Literary Translation**. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

BEND it like Beckham. Direção: Gurinder Chadha. Produção de Gurinder Chadha e Deepak Nayare. Reino Unido: Helkon SK, 2002.

CALENDAR Girls. Direção: Nigel Cole. Produção de Suzanne Mackie e Nick Barton. Reino Unido: Buena Vista International, 2003.

CAMERON, D. **Feminism and Linguistic Theory**. London: MacMillan, 1992.

CHAUME, F. **Cine y traducción**. Madrid: Cátedra, 2004

CHAUME, F. **La Traducción Audiovisual: Estudio descriptivo y modelo de análisis de los textos audiovisuales para su traducción**. 2000. Dissertação para PhD – Universitat Jaume I, Castelló de la Plana, 2000.

CHESHIRE, J. **Variation in an English Dialect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

COATES, J. **Women, Men and Language: A Sociolinguistic Account of Gender Differences in Language**. 3. ed. Harlow: Pearson Longman, 2004.

DE KLERK, V. How taboo are taboo words for girls?. **Language and Society**, v. 21, n. 2, p. 277-289, 1992.

DE LAURETIS, T. **Alicia ya no**. Feminismo, semiótica, cine. Tradução Silvia Iglesias Recuero, Madrid: Cátedra, 1992.

DE LAURETIS, T. **Technologies of Gender**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

DÍAZ-CINTAS, J. **El Subtitulado en tanto que modalidad de traducción fílmica dentro del marco teórico de los Estudios sobre Traducción (Misterioso Asesinato en Manhattan, Woody Allen, 1993)**. 1997. Dissertação para PhD. Universidad de Valencia, Valencia, 1997.

DÍAZ-CINTAS, J. **Teoría y práctica de la subtitulación: inglés/español**. Barcelona: Ariel, 2003.

ECKERT, P. Gender and sociolinguistic variation. *In*: COATES, J. **Language and Gender: A Reader**. Oxford: Blackwell, 1998, p. 64-75.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. **Language and Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

EAST is East. Direção: Damien O'Donnel. Produção de Leslee Udwin. Reino Unido: Channel Four Films, 1999.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. *In*: HOLMES, J. *et al.* **Literature and Translation**. Leuven: ACCO, 1978, p. 117-127.

VON FLOTOW, L. 1997. **Translation and Gender: Translating in the Era of Feminism**. Manchester and Ottawa: St Jerome Publishing and University of Ottawa, 1997.

HARVEY, K. Translating camp talk: gay identities and cultural transfer. **The Translator**, v. 4, n. 2, p. 295-320, 1998.

HERBERT, R. K. Sex-based differences in compliment behaviour. *In*: CHESHIRE, J.; TRUDGILL, P. **The Sociolinguistics Reader: Gender and Discourse**. 2. ed. London: Arnold, 1998, p. 53-75.

- HERMANS, T. **The Manipulation of Literature**. New York: St Martin's Press, 1985.
- HINES, C. Let me call sweetheart: the WOMAN AS DESSERT metaphor. *In*: Bucholtz, M.; SUTTON, L.; HINES, C. **Cultural Performances**: Proceedings of the Third Berkeley Women and Language Conference. Berkeley: University of California, 1994, p. 295-302.
- HOLMES, J. Women's talk: the question of sociolinguistic universals. *In*: COATES, J. **Language and Gender**: A Reader. Oxford: Blackwell, 1998, p. 461-483.
- HUGHES, S. Expletives of lower working-class women. **Language in Society**, v. 21, n. 2, p. 291-303, 1992.
- JESPERSEN, O. **Language**: Its Nature, Development and Origin. London: George Allen & Unwin, 1922.
- KRAMARAE, C.; TREICHLER, P. **Amazons, Bluestockings and Crones**: A Feminist Dictionary. London: Pandora Press, 1992.
- KUHN, A. **Cine de mujeres**: Feminismo y cine. Tradução Silva Iglesias Recuero, Madrid: Cátedra, 1991.
- LAKOFF, R. **Language and Woman's Place**. New York: Harper & Row, 1975.
- LEFEVERE, A. **Translation, Rewriting and the Manipulation of the Literary Fame**. London and New York: Routledge, 1992.
- MILLS, J. **Womanwords**. A Vocabulary of Culture and Patriarchal Society. London: Virago Press, 1991.
- MULVEY, L. Visual pleasure and narrative cinema. *Screen*, 16/3. *In*: KAPLAN, A. **Feminism and Film**. New York: Oxford University Press, 1975, p. 34-47.
- PILKINGTON, J. Don't try and make out that I'm nice: the different strategies women and men use when gossiping. *In*: COATES, J. **Language and Gender**: A Reader. Oxford: Blackwell, 1998, p. 254-269.
- SIMON, S. **Gender in Translation**: Culture Identity and the Politics of Transmission. London and New York: Routledge, 1996.
- SPIVAK, G. **The Postcolonial Critic**: Interviews, Strategies, Dialogue. London and New York: Routledge, 1990.
- SPIVAK, G. The politics of translation. *In*: SPIVAK, G. *Outside in the Teaching Machine*. London and New York: Routledge, 1993, p. 200-225.
- TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

## Mulheres em Negritude: Paulette Nardal e Suzanne Césaire<sup>1</sup>

Tanella Boni<sup>2</sup>

Tradução: Sandra Dias Loguercio<sup>3</sup>

Revisão de tradução: Denise Regina de Sales<sup>4</sup>

**Resumo:** A partir de dados biográficos e pesquisa documental, a autora traça o retrato de mulheres no movimento francófono da Negritude, dominado por figuras masculinas. Em destaque, neste ensaio, estão as intelectuais Paulette Nardal, tradutora e pensadora da “consciência de raça”, uma das fundadoras do periódico *La revue du monde noir* (1931-1932), e Suzanne Césaire, figura proeminente do periódico *Tropiques* (1941-1945), onde publicou o essencial de sua obra, voltada para o surrealismo a partir da experiência de miscigenação nas Antilhas. Seguindo os rastros do surgimento do conceito de negritude, a autora busca respostas para compreender por que, apesar de suas contribuições intelectuais profícuas, essas e outras mulheres foram eclipsadas por uma genealogia feita no masculino.

**Palavras-chave:** Genealogia da Negritude; Mulheres em Negritude; Paulette Nardal; Suzanne Césaire; Luta dos Lugares.

**Résumé:** S'appuyant sur des données biographiques et une recherche documentaire, l'auteure brosse le portrait de femmes du mouvement francophone de la Négritude, dominé par des figures masculines. Dans son essai, elle met en lumière les intellectuelles Paulette Nardal, traductrice et penseuse de la « conscience de race », cofondatrice de *La Revue du monde noir* (1931-1932), et Suzanne Césaire, auteure de premier plan de la revue *Tropiques* (1941-1945), où elle a publié l'essentiel de son œuvre, tournée vers un surréalisme qui explore l'expérience du métissage aux Antilles. En suivant les traces de l'émergence du concept de Négritude, l'auteure cherche à comprendre pourquoi, malgré leurs remarquables contributions, ces femmes ainsi que d'autres intellectuelles furent éclipsées d'une généalogie faite au masculin.<sup>5</sup>

**Mots-clés:** Généalogie de la Négritude ; Femmes en Négritude ; Paulette Nardal ; Suzanne Césaire ; Lutte des Places.

---

<sup>1</sup> Tradução autorizada pela autora a partir do artigo original publicado em francês: BONI, Tanella. “Femmes en négritude: Paulette Nardal et Suzanne Césaire”. In: *Rue Descartes*, Négritude et philosophie. Collège International de Philosophie, 2014/4, n. 83, p. 62-76. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2014-4-page-62.htm>. Acesso em: 18 set. 2020.

<sup>2</sup> Escritora, poeta e professora de Filosofia na Universidade Félix Houphouët-Boigny (Abidjan, Costa do Marfim). Seus últimos ensaios foram publicados na obra *Que vivent les femmes d'Afrique*, Paris, Ed. Panama, 2008, reeditada por Ed. Karthala, 2011.

<sup>3</sup> Professora do Dep. Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

<sup>4</sup> Professora do Dep. Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

<sup>5</sup> Agradecemos à Marion Catherine Dufour, Professora Visitante do Dep. Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras (IL, UFRGS), pelos comentários precisos acerca da versão do resumo e da expressão *femmes en Négritude* utilizada pela autora, que dá título a este ensaio.

## Introdução

Nas décadas de 1930 e 1940, a cartografia da Negritude não era homogênea. Se as figuras marcantes são conhecidas – a tríade Césaire, Senghor e Damas –, o que se diz da configuração desse movimento francófono? Afinal todo pensamento é uma dinâmica na qual se desenrolam vários dramas, por vezes envolvendo famílias. Quais as personagens eclipsadas pela proximidade com os “pais” e/ou por sua superpotência? Minha questão é sobre a genealogia da Negritude no centro da qual se vê a dominação dos “pais fundadores”.

Alguns dados biográficos, bem como relatos feitos aqui e ali, traçam o retrato de “mulheres em Negritude”<sup>6</sup>: entre outras, Paulette Nardal, pensadora da “consciência de raça”, e Suzanne Césaire, defensora de um surrealismo que explora a experiência específica de mistura e miscigenação nas Antilhas. Poderíamos nos espantar com o silêncio dessas intelectuais após um período muito produtivo em torno de dois periódicos científicos: *La revue du monde noir* (1931-1932), que Paulette Nardal fundou junto com outros colegas, e *Tropiques* (1941-1945), no qual Suzanne Césaire ocupava um lugar de protagonismo e publicou o essencial de sua obra. No entanto, apesar da suposta fraqueza de seus corpos, elas foram, ao longo da vida, resistentes e lutadoras pela causa das mulheres, inclusive do ponto de vista do pensamento literário, artístico e filosófico. Se tanto uma quanto a outra denunciam a assimilação que, entre outras coisas, produz uma literatura e uma poesia de imitação, elas atribuem um lugar importante à parte africana presente na história do Caribe. Essa parte indefinível é ao mesmo tempo biológica, cultural e histórica, para Paulette Nardal; e mais geográfica, estética e cósmica, para Suzanne Césaire, que se aproxima de Leo Frobenius, Alain e André Breton. Seus respectivos papéis intelectuais e sociais – de mediadoras, por exemplo – assim como seus textos, fazem parte das linhas de fuga, mas também dos pontos de convergência entre negritudes, que se opõem ou se entrelaçam umas às outras. Trata-se, assim, de uma dinâmica que nasce de experiências particulares que se articulam em diferentes níveis, tanto práticos quanto teóricos, para construir um “novo humanismo”.

---

<sup>6</sup> O título deste artigo evoca aquele do ensaio de Tracy Denean Sharpley-Whiting, *Negritude Women*, University of Minnesota Press, 2002, que eu cito em meu texto. Para mim, a expressão “em Negritude” visa mostrar que as duas autoras tratadas aqui estão entre os pilares esquecidos da rede intelectual da Negritude. [N.A.] Tanto a tradução para o francês quanto para o português abre as possibilidades de significação da expressão de origem: “em Negritude” remetendo a *em estado de*, *em vias de*, *em* [nome de cor], como *em preto e branco*, ou ainda, em francês, *em* [nome de país feminino], como *en France*, entre outras. [N.T.]

## 1. Uma genealogia no masculino

Os “pais fundadores” são conhecidos. Nos perguntamos, porém, se a Negritude nasce de uma história de família, de amigos, “racial”, social, cultural, filosófica ou política. Seria um acaso três estudantes negros, vindos de lugares diferentes, se encontrarem em Paris na década de 1930 e se tornarem “amigos”? E quanto à palavra “negritude”, teria sido inventada de maneira fortuita em língua francesa por Aimé Césaire? Hoje são muitas as indagações em torno dessas situações particulares vividas pelos/as intelectuais negros e negras, entre os quais pensadoras que expressaram, com suas palavras e sensibilidades, a ideia de uma especificidade aberta ao universal dessa palavra.

O estudo de Sharpley-Whiting, *Negritude Women*, busca compreender como as pioneiras da reflexão sobre a condição negra foram ofuscadas. A autora traça a história do surgimento do conceito de Negritude e a influência do movimento *Harlem Renaissance*, tendo, como eixo da reflexão, o conceito de *New Negro* de Alain Locke, ao passo que, no mundo francófono, a discriminação já se anunciava: o romance de Suzanne Lacascade, *Claire-Solange âme africaine*, publicado em 1924, está longe de ter sido recebido com entusiasmo depois da formidável euforia em torno de *Batouala*, “verdadeiro romance negro”, de René Maran, ganhador do Prêmio Goncourt de 1921. A autora mostra também como o período do entre-guerras era favorável à efervescência cultural voltada aos excessos, ao desconhecido ou ao inesperado. Alguns personagens dos quais não podemos nos esquivar estão lá, em uma Paris artisticamente fecunda, na época em que conviviam poetas surrealistas, pintores, filósofos, escritores e artistas afroamericanos, bem como figuras do espetáculo e da dança “exótica” – como Joséphine Baker, “encarnação inédita e inigualável da feminilidade negra”<sup>7</sup> – que eram produzidos no teatro Casino de Paris ou na casa noturna Folies Bergères. Se Paris era a capital onde as ideias de encontro e de contato se espalhavam pelos salões, cafês e outros espaços de debate e de lazer (tais como os “bailes negros”), os afroamericanos, antilhanos e africanos, inicialmente desconfiados uns dos outros, descobrem seu pertencimento comum a uma “raça”, que não deixa de ter, no entanto, diferenças culturais consideráveis.

Mesmo que Paulette Nardal (1896-1985), nascida na Martinica, primogênita de sete irmãs – das quais duas (Jane e Andrée Nardal) tinham participado ativamente dos debates em torno da Negritude antes da década de 1930, especialmente em *La Dépêche africaine* –, tenha

---

<sup>7</sup> ACHILLE, Louis Thomas. Préface. In : *La Revue du monde noir, 1931-1932*, collection complète, n. 1 à 6, editada em 1992, em Paris, por Jean-Michel Place. Disponível no site da BNF, Gallica, p. XIII.

a princípio se beneficiado do “direito de primogenitura”, seus esforços intelectuais, por outro lado, foram enfraquecidos com a extinção do periódico *La Revue du monde noir*, que ela havia ajudado a criar em 1931. Não por acaso, três anos depois, a invenção do conceito de Negritude por parte de Aimé Césaire parece ter orientado os olhares para aqueles que tinham novas maneiras de levantar questões e problematizar.

A configuração da Negritude indica a que ponto outras variáveis, sutis e subterrâneas, que não estão ligadas nem à “raça”, nem ao gênero, nem à classe social – talvez a essa dominação aceita e consentida que é a autoridade –, entram em questão. Sharpley-Whiting mostra que o artigo de Jane Nardal sobre o “o Internacionalismo negro”, publicado na revista *La Dépêche africaine*, em 1928, forja o neologismo “afrolatino” para designar a dupla experiência vivida pelos francófonos conscientes de ter uma identidade oriunda dessas línguas e culturas. Porém, Jane Nardal, que era igualmente poeta e música, tampouco se torna conhecida, por ter reduzido a um vocábulo o essencial de seu pensamento. Esse texto, fundador no sentido da tomada de consciência da aproximação das identidades negras e “mestiças”, poderia ser uma das fontes para Aimé Césaire, Léopold Senghor e Paulette Nardal construírem a ideia de “consciência de raça”<sup>8</sup>. O ofuscamento não se deve, portanto, a um esquema binário, em que a dominação seria sempre dos homens e a discriminação o fardo das mulheres. Desse ponto de vista, a bela sororidade das irmãs Nardal não é tão simples.

Em compensação, entre os autores que constroem a ideia de uma genealogia masculina da Negritude, poderíamos citar o próprio Aimé Césaire. Em seu *Discours sur la Négritude*, pronunciado em 26 de fevereiro de 1987, na Universidade Internacional da Flórida (Miami), ele afirma: “admito nem sempre gostar da palavra “negritude”, mesmo que tenha sido eu, com a cumplicidade de alguns outros, que tenha contribuído para inventá-la e lançá-la”<sup>9</sup>. Quando cita, entre parênteses, os fundadores da Negritude<sup>10</sup> e aqueles que seguiram seu rastro, nenhum nome de mulher figura em sua lista. A respeito da “Negritude americana” que antecedeu a Negritude francófona, as palavras de Césaire são igualmente significativas do esquecimento do gênero:

Homens como Langston Hughes, Claude McKay, Countee Cullen, Sterling Brown, aos quais vieram se juntar outros, como Richard Wright, para citar

---

<sup>8</sup> SHARPLEY-WHITING, Tracy Denean. *Negritude Women*, op. cit., p. 18.

<sup>9</sup> CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme suivi de Discours sur la Négritude*, Paris, Éditions Présence Africaine, 2004, p. 80.

<sup>10</sup> “(na época, Léopold Senghor, Léon Damas, eu mesmo, depois Alioune Diop e nossos parceiros da revista *Présence Africaine*)”, op.cit., p. 80.

alguns... Pois até onde se sabe, ou melhor, até onde se lembre, foi aqui, nos Estados Unidos, entre vocês, que nasceu a Negritude.<sup>11</sup>

Esperaríamos outros nomes, especialmente os de Paulette, Jane e Andrée Nardal, autoras, tradutoras e músicas martiniquenses. Esperaríamos talvez o nome de Nancy Cunard, inglesa que vivia na França desde 1920, que havia publicado, em 1934, uma famosa antologia dos escritores, poetas e pensadores negros, *Negro: an Anthologie*. Esperaríamos sobretudo o nome de Suzanne Roussi Césaire, com quem Aimé Césaire tinha se casado em Paris, em julho de 1937<sup>12</sup>, e que, entre 1941 e 1945, publicou o essencial de sua obra na revista *Tropiques*. Mais tarde, em torno de *Présence Africaine*, outras mulheres – como Christiane Yandé Diop, esposa de Alioune Diop – não deixaram de ter participação ativa na exaltante e difícil aventura da Negritude, encabeçando uma empreitada intelectual e familiar: uma revista e uma editora, fundadas em Paris, em 1947 e 1949, respectivamente.

Essas passadoras de ideias, criadoras de passarelas e mediadoras que, social e intelectualmente, promovem a aproximação entre três ou quatro continentes, são mulheres que têm em comum outros *status*. Paulette, Jane e Andrée Nardal, e na sequência Suzanne Césaire, escrevem para essas revistas que são instrumentos eficazes de difusão do pensamento; instrumentos frágeis certamente, já que, por questões econômicas ou políticas, são, a todo instante, ameaçadas de extinção. No entanto, apesar do trabalho de organização, de reflexão e de tradução<sup>13</sup> que elas realizam, a história das ideias só retém a genealogia masculina da Negritude. O que aconteceu? Elas escrevem, elas pensam, mas são ouvidas? Por serem mulheres e negras ou “de cor”, estão, de saída, dupla ou triplamente fora do jogo? Uma das razões do ofuscamento mencionado, com razão, por Sharpley-Whiting, me parece propriamente filosófico<sup>14</sup>: a invenção do conceito de Negritude, “uma palavra de uso e de manejo difíceis”<sup>15</sup>.

Se as revistas culturais<sup>16</sup>, que publicavam análises contrastivas, às vezes surrealistas ou marxistas, constituem os meios de difusão do pensamento, o trabalho com o conceito e sua

<sup>11</sup> CÉSAIRE, Aimé, *op. cit.*, p. 88.

<sup>12</sup> CÉSAIRE, Suzanne. *Le Grand Camouflage, Écrits de dissidence*. Paris, Éditions du Seuil, 2009, introduction de Daniel Maximin, *op. cit.*, p. 9.

<sup>13</sup> Paulette Nardal, primeira antilhana a ter estudado inglês na Sorbonne, traduzia os artigos do periódico *La Revue du monde noir*. Ao que tudo indica, as reuniões em Clamart, subúrbio parisiense, aconteciam também em inglês.

<sup>14</sup> Mesmo que, depois, Aimé Césaire venha a dizer: “A Negritude, no meu entender, não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretensiosa concepção do universo.”, *Discours sur la Négritude, op. cit.*, p. 82.

<sup>15</sup> CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme, suivi du Discours sur la Négritude, op.cit.*, p. 82.

<sup>16</sup> Antes de *L'Étudiant noir* (1935), revista na qual se encontram os textos “fundadores” de A.Césaire e Senghor, Sharpley-Whiting cita (*Negritude Women*, introdução, *op. cit.*, p. 6) dois romances (*Batouala, Véritable roman*

fabricação a partir de um terreno favorável não aparecem. Nesse sentido, de acordo com Deleuze e Guattari,

[...] seguindo o veredito nietzschiano, você não conhecerá nada através de conceitos se você não os tiver criado antes, isto é, os construído por meio de uma intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um terreno, que não se confunde com eles, mas que abriga suas sementes e os personagens que os cultivam.<sup>17</sup>

O momento propriamente filosófico na genealogia da Negritude é, pois, aquele anterior ao aparecimento, aqui e ali, de nomes de filósofos nos escritos de Aimé Césaire e sobretudo nos ensaios de Senghor. Depois da criação do conceito, os fundadores desenvolvem projetos literários (poesia, conto, teatro, ensaios etc.) e, como se sabe, os primeiros críticos que abrem a via da realeza para esses textos são os prefaciadores: poetas, romancistas e filósofos franceses<sup>18</sup>.

Assim, as condições da invenção e da difusão do conceito eram favoráveis: as experiências eram documentadas e debatidas, as ideias circulavam e personalidades intelectuais em Paris se interessavam por essas novas produções do ser-no-mundo. Dessa forma, a tríade A. Césaire, Damas e Senghor encontrou seu lugar no tabuleiro de xadrez do pensamento não apenas francófono, mas mundial, aproveitando as oportunidades ou as criando, ou ainda mexendo com a ordem estabelecida na França colonial. Não esqueçamos que a batalha da Negritude foi também política<sup>19</sup>.

---

*nègre*, de René Maran, ganhador do Prêmio Goncourt de 1921, e *Claire-Solange, âme africaine*, 1924, de Suzanne Lacascade) e os seguintes periódicos: *La Dépêche coloniale* (1922), *Les Continents* (1924-1926), *Le Paria* (1926), *Le Libéré* (1923-1925), *La Voix des nègres* (1926-1927), *La Race nègre* (1927-1986), *La Dépêche africaine* (1928-1932), *La Revue du monde noir* (1931-1932), *Le Cri des nègres* (1931-1935), *Légitime Défense* (1932).

<sup>17</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris, Éditions de Minuit, 1991 (edição consultada: *Collection Reprise*, 2005, p. 12).

<sup>18</sup> A primeira edição de *Pigments*, poemas de Léon-Gontran Damas, foi prefaciada por Robert Desnos. Breton prefaciou A. Césaire; Sartre, a coletânea *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* de Senghor, em 1948. O prefácio de Sartre tinha um título eloquente, *Orphée noir* [Orfeu Negro], o que contribuiu para tornar Senghor e os poetas da Antologia conhecidos.

<sup>19</sup> Em um primeiro sentido, trata-se de uma das características da atitude vital que eu chamo de “luta dos lugares” que acontece entre “iguais” ou “amigos”, em que se aproveita da amizade e das ideias para toda e qualquer finalidade útil. Se essa atitude - esse poder - é política, ela ajuda a aumentar o capital intelectual, científico ou artístico; permite extrapolar a comunidade. Política também em um segundo sentido, mais conhecido, pois se refere à gestão pública. Será coincidência que Senghor e A. Césaire foram dois grandes políticos do século XX?

## 2. Paulette Nardal: a pensadora da “consciência de raça”

De um ponto de vista prático, e porque eram irmãs solidárias, o nome Nardal aparece unificado, mesmo que cada uma delas desenvolvesse seu próprio pensamento. Não existia apenas uma única organizadora do salão artístico e literário, aos domingos, na cidade de Clamart, na rua Hébert, nº 7, onde elas moravam:

Muito rapidamente a vida de família retoma seu curso sob a tutela vigilante da jornalista Paulette, ajudada por competentes domésticas do bairro. Aos domingos as antilhanas eram atraídas para lá, sendo tão bem acolhidas que se justificava o deslocamento de Paris<sup>20</sup>.

Esse salão se caracterizava por sua abertura para o mundo e se apresentava, acima de tudo, como um lugar de encontros e de diálogos. Louis Thomas Achille, que frequentou esse salão “acolhedor e amigável”, autor do prefácio, em 1922, da edição em um volume da *Revue du monde noir*, diz que “As irmãs Nardal reuniam, em Clamart, cidade próxima a Paris, descendentes de africanos levados para o novo mundo e dispersados em meia dúzia de bandeiras nacionais europeias; elas os apresentavam a verdadeiros africanos, colonizados mais recentemente”<sup>21</sup>. O mais importante estava ali: o salão das irmãs Nardal fazia a ponte entre aqueles que não podiam, espontaneamente, se encontrar com suas “raízes” africanas, restando-lhes a opção de se dizerem “pretos”. Tratava-se também de estimular a criatividade dos estudantes. Aimé Césaire afirma no final da vida:

Duas martiniquenses, as irmãs Nardal, mantinham então um grande salão. Senghor o frequentava regularmente. Já eu não gostava muito de salões – mas não os desprezava –, e estive neste uma ou duas vezes, sem me demorar muito.<sup>22</sup>

Aimé Césaire não ignorava o que acontecia ali: esse salão organizado por mulheres martiniquenses – conscientes de sua herança negra – e aberto a todos, era o cenário ideal para a realização de traduções e transmissão de ideias. Aprendia-se ali a conviver com pessoas parecidas consigo e, ao mesmo tempo, muito diferentes, pela língua, pela cultura e pela experiência de vida. Janet Vaillant, na biografia que faz de Senghor, destaca, entretanto, o apartamento dos Achille, situado no *Quartier Latin* em Paris, como lugar de todos os

<sup>20</sup> ACHILLE, Louis Thomas. *La Revue du monde noir, Préface*, op. cit., p. XV.

<sup>21</sup> ACHILLE, Louis Thomas. *La Revue du monde noir, Préface*, op. cit., p. IX.

<sup>22</sup> CÉSAIRE, Aimé. *Nègre je suis, Nègre je resterai*, Entretiens avec Françoise Vergès. Paris, Éditions Albin Michel, 2005, p. 25.

encontros, passagem obrigatória para os afroamericanos. O salão de Clamart é visto como um lugar de “reuniões mais informais”<sup>23</sup> e Paulette Nardal, que era bilíngue, apresentada como a acompanhante ideal de algumas grandes figuras literárias, artísticas ou acadêmicas afroamericanas em visita a Paris. Felizmente, logo adiante em seu texto, ele faz menção à importância de sua reflexão em *Éveil de la conscience de race*, artigo publicado no último número da *Revue du monde noir*, em 1932. Dessa forma, o salão foi a prefiguração, depois o lugar onde se dava continuidade aos debates dessa revista<sup>24</sup>, cuja importância, na gênese da Negritude, dispensa comentários<sup>25</sup>.

Em *Éveil de la conscience de race* – “o despertar da consciência de raça” –, em que compara as situações dos afroamericanos e dos antilhanos, Paulette Nardal justifica o despertar que ela defende e, depois de apresentar elementos de biografia intelectual para sustentar sua reflexão, conclui claramente: dar aos negros e às negras o orgulho de ser negro/a. Seus argumentos evidenciam um esquema ternário, que vai da assimilação à consciência de si, passando por uma fase de revolta. Alguma coisa havia mudado na atitude dos antilhanos a respeito das questões de “raça”: “Azar daquele que ousava abordá-la: não se podia falar de escravidão, nem proclamar o orgulho de ser descendente de negros africanos sem parecer exaltado ou, no mínimo, original”<sup>26</sup>, ela diz. Se o desenraizamento, sentido por alguns longe de sua “pequena pátria”, tem razão de ser, a Exposição Colonial de 1931 parece ter sido o acontecimento favorável a essa tomada de “consciência de raça”. Mas o que é o desenraizamento? Ele se manifesta de diferentes maneiras, conforme a situação vivida. Assim a relação com o opressor, cujo olhar atribui ao negro um lugar diferente, inferior e insignificante, faz parte da experiência traumatizante da fragmentação de seu ser – um ser, antes de tudo, cultural. Duas atitudes são então possíveis: tentar ser você mesmo, apesar da desumanidade de suas condições de vida, ou viver em um esquecimento de si mesmo e se confundir com o opressor, reproduzir seus tiques, inclusive os de linguagem, de vestimenta, ou suas “boas maneiras”<sup>27</sup>. Aqui Paulette Nardal insiste na diferença das políticas de

<sup>23</sup> VAILLANT, Janet G. *Vie de Léopold Sédar Senghor, Noir, Français et Africain*. Paris, Éditions Karthala-Sephis, trad. française, 2006, p. 124.

<sup>24</sup> Revista mensal bilíngue – francês/inglês – que deixa de ser publicada em 1932, depois de 6 números. O comitê editorial, “multirracial”, é composto por: Paulette e Jane Nardal, Léo Sajous, Clara Shepard e Louis-Jean Finot. Paulette Nardal era a responsável pelo secretariado, pela tradução e pelo trabalho de edição dos textos.

<sup>25</sup> Ver, entre outros, DEWITTE, Philippe. *Les Mouvements nègres en France, 1919-1939*. Paris, Éditions l’Harmattan, 1985.

<sup>26</sup> NARDAL, Paulette, « Éveil de la conscience de race ». In: *La Revue du monde noir*, Édition Jean-Michel Place, 1992, p. 343.

<sup>27</sup> A assimilação é uma questão de várias camadas, ao mesmo tempo política, moral, psicológica e psicanalítica, literária e social. O poema *Hoquet* de Damas, publicado em 1937, na obra *Pigments*, evoca isso profundamente;

integração dos “povos de cor”. Na França, uma política de assimilação tende a fazer do negro, em pouco tempo, “um verdadeiro francês”. A questão é: acomodar-se ou buscar construir uma história cultural que valorize a contribuição da África, mesmo que, oriundos do encontro de duas “raças”, preta e branca, os antilhanos estejam “imbuídos de uma cultura latina”? Nos Estados Unidos, o “desprezo sistemático” demonstrado pela América branca em relação aos negros, diz Paulette Nardal, “os fez buscar, de um ponto de vista histórico, cultural e social, motivos de orgulho no passado da raça negra”<sup>28</sup>. Ela lembra, assim, os três períodos literários que correspondem aos três momentos da experiência existencial que ela evoca. À adaptação dos negros na América do Norte corresponde uma literatura de imitação dos modelos brancos, com exceção de alguns relatos de escravos em “dialeto afroamericano”. O período de luta antiescravista dá origem a uma literatura de protesto, que privilegia o gênero oratório. Depois, em 1880, duas tendências opostas aparecem: a do “realismo social”, representada por Dunbar, poeta e romancista, cujo estilo é marcado por uma mistura de gêneros, e a de W.E.B Du Bois, que dá continuidade, de certo ponto de vista, à literatura de protesto através da reivindicação de direitos civis e morais para a população negra. Quanto à literatura da época, ela começa em 1912. Paulette Nardal cita então alguns poetas que contribuem, com seus poemas, para a vitalização da revista, como Claude McKay ou Langston Hughes. No que diz respeito especificamente à literatura antilhana, ela identifica igualmente três períodos e lembra a importância dos antilhanos, após 1914, para a literatura de combate e a influência, entre outros, de Marcus Garvey. Ela não esquece nem a euforia produzida por *Batouala*, de René Maran, em 1921, nem o papel desempenhado pelas revistas.

É interessante notar que Paulette Nardal situa a *Revue du monde noir* na esteira de *La Dépêche africaine*, em que ela e sua irmã Jane haviam publicado. Antes de concluir, ela revisita seu próprio percurso intelectual que, longe de ser individual, é pensado no feminino:

As mulheres de cor, ao viverem sozinhas na metrópole em condições mais precárias até a Exposição colonial do que seus congêneres masculinos, que obtinham sucesso mais facilmente, sentiram, muito antes deles, a necessidade de uma solidariedade racial, que não seria somente de ordem material. Foi assim que elas despertaram para a consciência de raça.<sup>29</sup>

Essa passagem, que diz muito das relações de gênero entre os/as intelectuais negros e negras, expressa, em outras palavras, o que Paulette Nardal afirmará mais tarde: “Aimé

---

Aimé Césaire fala disso também, assim como Suzanne Césaire aborda a questão, e também Frantz Fanon, em *Peaux noires, masques blancs*, publicado em 1952.

<sup>28</sup> NARDAL, Paulette, *op.cit.*, p. 344.

<sup>29</sup> NARDAL, Paulette, *op. cit.*, p. 347.

Césaire e Senghor retomaram as ideias que nós tínhamos lançado e as expressaram com muito mais firula, nós éramos apenas mulheres! Nós criamos o caminho das pedras para os homens”<sup>30</sup>.

### 3. Suzanne Césaire: negritude e/ou surrealismo?

Se Paulette Nardal organiza um salão com suas irmãs e se interessa pelo “despertar da consciência de raça” antes da criação do conceito de Negritude, em Paris, Suzanne Césaire, por sua vez, começa a escrever uns dez anos depois, na revista *Tropiques*, na Martinica, em plena guerra mundial, sob o regime de Vichy. Ela era professora no colégio Victor-Schoelcher de Fort-de-France, e alguns alunos, que se tornaram escritores e pensadores famosos, como Frantz Fanon e Édouard Glissant, a teriam conhecido naquela época.

Em Suzanne Césaire, o pensamento e o engajamento cultural – que é também ato político – se fundem. De fato, participar ativamente da revista, organizá-la materialmente e contribuir com frequência, apesar da censura<sup>31</sup>, é dar prova de resistência, é entrar em “dissidência”, correndo todos os riscos. No entanto, nos perguntamos se ela era visível e se seus textos eram lidos. Daniel Maximin, que os reeditou, em 2009, em um único volume, afirma:

Como toda estrela cadente, pouquíssimas pessoas a encontraram. Mas todos aqueles e aquelas que a conheceram são unânimes em reconhecer a importância capital que ela teve para toda uma geração, da qual foi a porta-bandeira, uma inspiração maior e a mediadora das discussões mais profundas.<sup>32</sup>

Seu *status* de mãe de família e de esposa de Aimé Césaire não passava despercebido, bem como sua beleza física e interior, mesmo que sua independência intelectual tenha sido dificultada pela proximidade do esposo ilustre. É possível viver ao lado do outro, lhe dar coragem para continuar em detrimento de sua própria produção intelectual e de suas ideias? Entre 1939 e 1945, ela acompanha de modo privilegiado a escrita das diferentes versões de *Cahier d'un retour au pays natal*, obra poética do marido.

---

<sup>30</sup> Trecho de uma carta de Paulette Nardal enviada, em 1960, a Jacques Louis Hymans, biógrafo de Senghor. Citado por Sharpley-Whiting, *Negritude Women*, op. cit., p. 17.

<sup>31</sup> Em 1943, foi dada uma ordem política que interditava a revista, publicada, todavia, até 1945.

<sup>32</sup> MAXIMIN, Daniel. *Préface à Le Grand Camouflage* de Suzanne Césaire, op. cit., p. 17.

E foi ela que, sem dúvida, com toda a potência do amor compartilhado, nessas duas grandes etapas de sua vida poética, lhe fez compreender que ele podia ousar sem jamais temer criar, que ele devia ousar como canibal de seu eu mais profundo.<sup>33</sup>

De todo modo, quando Suzanne e Aimé Césaire encontram André Breton, que estava de passagem pela Martinica em 1941, ela ficará marcada para sempre. Assim como Breton. Ele, porém, se tornará o prefaciador de Aimé Césaire, ao passo que ela se contentará em explorar, na escrita, os problemas de seu mundo. Ela parecia já ter encontrado alguns autores que lhe falavam profundamente: o etnólogo e africanista alemão Léo Frobenius e o filósofo francês Émile-Auguste Chartier, de pseudônimo Alain, que foi provavelmente seu professor. Os sete artigos que ela publicou na revista *Tropiques* abordam esses encontros decisivos. Quais são, portanto, os contornos desse pensamento construído no dia a dia, em plena guerra, longe da metrópole?

No artigo *Leo Frobenius et le problème de la civilisation*, publicado em abril de 1941, Suzane Césaire se interessa pela *paideuma*, força imprevisível e profunda:

[...] aquele realmente consciente de sua eminente dignidade é capaz de apreendê-la, não diretamente, pois seu universo secreto é tão impenetrável quanto o universo da própria força vital, mas indiretamente, em suas diversas manifestações por meio humano.<sup>34</sup>

Esse conceito de *paideuma*, que remete a uma realidade indeterminada, mais sentida do que pensada – a apreensão do essencial que, como uma força, jaz no nível mais profundo de tudo que é vivo, como as civilizações e as culturas – marcará o casal Suzanne e Aimé Césaire, mas também seu amigo Senghor, que citará com frequência Frobenius, cujo livro *Histoire de la Civilisation africaine* lhe foi dado por Aimé Césaire<sup>35</sup>. Trata-se de culturas, do espírito das civilizações? Poderíamos criticar de imediato o mundo “essencialista” ou “substancialista” para o qual ela parece nos levar; porém, chegando mais perto, não é somente Frobenius que ouvimos, mas também Bergson e, provavelmente, Teilhard de Chardin, teólogo, filósofo e paleontólogo francês. Senghor, em seus ensaios, destaca essa filiação, uma vez que o ser humano, como “instrumento” da *paideuma*, deve abraçar o futuro humano, “seguir a escola de

<sup>33</sup> MAXIMIN, Daniel., *op. cit.*, p. 21.

<sup>34</sup> CÉSAIRE, Suzanne. *Le Grand Camouflage, Écrits de dissidence (1941-1945)*, edição organizada por Daniel Maximin, Paris, Éditions du Seuil, 2009, p. 30.

<sup>35</sup> “[...] o exemplar de Senghor traz a data de dezembro de 1936 escrita à mão por A. Césaire. Eles estavam tão entusiasmados com o que Frobenius tinha a dizer que decoravam passagens inteiras.” (VAILLANT, Janet, *op. cit.*, p. 160).

todos os outros homens, de todos os tempos”<sup>36</sup>. Nietzsche fazia parte provavelmente do segundo plano desse pensamento que estava em elaboração em oposição à fragmentação de si e ao confinamento, entre outras violências seculares; assim como Rimbaud, o poeta vidente, e talvez também algum romântico alemão que acreditava no encantamento do mundo. Dessa forma, as analogias, as interferências e reminiscências, o que compara e lembra ou retorna está no âmago desse pensamento sobre o mundo e o ser humano.

Pensando com Frobenius, parece claro, para Suzanne Césaire, que não há uma Civilização conquistadora que domina todas as outras, mas uma multiplicidade de civilizações, e que cada uma possui um espírito, uma mentalidade, uma vida. O cerne de seu pensamento, que ela expressa de diversas maneiras nos sete artigos que compõem esse livro, me parece, porém, estar posto ao final: “agora é urgente ousar conhecer a si mesmo, ousar admitir o que se é, ousar se indagar o que se quer ser. Aqui, também as pessoas nascem, vivem e morrem. Aqui, também se vive o drama inteiro.”<sup>37</sup> É em nome desse “conhecimento de si mesmo” que ela critica severamente o tal *doudouisme*<sup>38</sup> de John-Antoine Nau e toda poesia imitativa “exótica”<sup>39</sup>. O surrealismo de André Breton – que, a seus olhos, era “o mais autêntico poeta francês”<sup>40</sup> da época –, foi escolhido como método, máquina de guerra para enfrentar as taras da sociedade martiniquense. Ora, conhecer a si mesmo não seria se tornar “vidente”? Trata-se, com efeito, de ver com clareza no mundo, que é história e geografia, mas também vulcão e ciclone, mundo cósmico. Com certeza, a clareza desse mundo está longe de ser aquela da razão cartesiana; ela é transbordamento, é intuição da África transplantada para terras inesperadas, no coração de uma rede em que tudo parece estar conectado na noite tropical:

Os gritos clamam com voz rouca e de largo alcance que a África está aqui, presente, que ela espera, imensamente virgem, apesar da colonização turbulenta, devoradora, dos brancos. E nesses rostos, constantemente banhados com os eflúvios marinhos próximos das ilhas, nessas terras limitadas, pequenas, cercadas de água, como grandes fossos intransponíveis, bate o vento forte vindo de um continente. África-Antilhas: graças aos tambores, a saudade dos espaços terrestres vive nesses corações de insulares. Quem preencherá essa saudade?<sup>41</sup>

<sup>36</sup> CÉSAIRE, Suzanne, *Le Grand Camouflage*, op. cit., p. 31.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>38</sup> Termo originário da palavra *doudou* que, em francês antilhano, designa a mulher jovem, amada, e que, ao mesmo tempo, leva o homem à perdição. A literatura classificada de *doudouiste* mimetizava a literatura de viagem praticada na França, reproduzindo estereótipos metropolitanos sobre as ilhas colonizadas. [N.T.]

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 63-66.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 93.

Esse texto já antecipava provavelmente, por seu ritmo, a escrita de Édouard Glissant no último quarto do século XX e no início do século XXI. Esse texto, *Le Grand Camouflage*, é escrito magnificamente, de forma poética, por Suzanne Césaire, e nele se ouve pela última vez sua voz, antes que ela coloque a máscara do silêncio.

## Conclusão

A Negritude é muito mais um conjunto de perguntas do que uma série de respostas que diz respeito a “uma soma de experiências vividas que acabaram por definir e caracterizar uma das formas do destino humano tal como a história o construiu”, como dizia Aimé Césaire<sup>42</sup>, ou, de acordo com Senghor, “a totalidade dos valores culturais do mundo negro, tais como expressados na vida, nas instituições e nas obras do povo negro”<sup>43</sup>. Depois de mostrar como os periódicos científicos foram, para Paulette Nardal e Suzanne Césaire, um formidável instrumento de expressão e de resistência a todas as formas de opressão, é preciso ainda que eu fale de um detalhe muito importante.

A beleza desses corpos femininos era objeto de admiração<sup>44</sup> ou de inspiração poética. Os discursos – inclusive poéticos – sobre o corpo feminino e a “feminilidade” sempre me chocaram pela retórica sobre a beleza física ou interior em contraste com a fragilidade do corpo feminino, suas doenças<sup>45</sup> ou os acidentes que sofreram. Não por acaso, o corpo de Suzanne Césaire é visto como belo, “doente” e reprodutor – como se a maternidade fosse uma operação de salvamento!<sup>46</sup> Assim como Paulette Nardal, salva de um afogamento durante a Segunda Guerra que a deixou com deficiência locomotora, em 1939, quando voltava de uma viagem à Martinica, exatamente quando o conceito de Negritude ganhava força. Depois elas

---

<sup>42</sup> CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme suivi de Discours sur la Négritude*, Paris, Éditions Présence Africaine, 2004, p. 81.

<sup>43</sup> SENGHOR, Léopold Sédar. “Introduction”, In: *Liberté I, Négritude et humanisme*, Paris, Éditions du Seuil, 1964, p. 9.

<sup>44</sup> “Em Paris, as pessoas se viravam para elas quando passavam, conscientes de terem cruzado com indivíduos excepcionais [...]”, afirma Louis Thomas Achille sobre as irmãs Nardal no Prefácio da edição completa de *La Revue du monde noir*, Paris, Éditions Jean-Michel Place, 1992, p. XVI. E sobre Suzanne Césaire, Daniel Maximin escreve: “Um corpo propício a erupções férteis, mas devorado por um inferno interno, pela pleurisia grave que a havia afetado naquele ano, salva por uma quarta gravidez regeneradora, de acordo com seu médico [...]”, *Le Grand Camouflage*, introduction, *op cit.*, p. 8.

<sup>45</sup> Sobre a questão do corpo frágil ou doente, ver, entre outros, os trabalhos de Elsa Dorlin acerca do *Black feminism*, mas também *La matrice de la race. Généalogie sexuelle et coloniale de la Nation française*. Paris, Éditions La Découverte, 2006.

<sup>46</sup> CÉSAIRE, Suzanne. *Le Grand Camouflage*, Introduction, *op cit.*, p. 8-9.

se calam<sup>47</sup> e seus textos ficam confinados em arquivos, enquanto as ideias literárias, filosóficas e políticas dos “fundadores” brilham sem fim.

Dessa forma, uma cartografia voltada às origens da Negritude mostra como há violências em jogo, insidiosas porque silenciosas, inaudíveis ou quase, o que torna a “questão negra” ainda mais complexa. No entanto, entre sororidade – aquela das irmãs Nardal – e solidariedade de “raça” entre pensadoras e pensadores, me parece que as “esquecidas” da Negritude não o são apenas por serem mulheres, negras ou “de cor”, mas também em razão do que, no campo dos saberes, eu chamo de *luta dos lugares*. Essa *luta*, na “negritude”<sup>48</sup>, é uma história sem fim, que se repete a cada estação: as “filosofias africanas”<sup>49</sup>, quando são levadas em conta<sup>50</sup>, ainda são analisadas, de maneira geral, no masculino.

---

<sup>47</sup> Parece haver, no caso de ambas, textos perdidos ou não editados.

<sup>48</sup> Escrevo com *N* maiúsculo a Negritude historicamente situada e chamo aqui de “negritude” no singular, com *n* minúsculo, os discursos filosóficos e/ou interdisciplinares nos quais se aborda, entre outras, a “questão negra”, cujos contornos ainda devem ser definidos.

<sup>49</sup> Como atestam o ensaio de Séverine Kodjo-Grandvaux. *Philosophies africaines*. Paris, Éditions Présence Africaine, 2013; e também o número 771-772 da revista *Critique*, “Philosopher en Afrique”, dirigido por Souleymane Bachir Diagne, 2011.

<sup>50</sup> São classificadas, na França, à margem da filosofia, em algum lugar “de fora” hipotético.

## Mulher: passado, presente e futuro (1887)<sup>1</sup>

Edward e Eleanor Marx Aveling

Tradução: Julia Martins Pinheiro

Revisão de tradução: Patrícia C. R. Reuillard<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir da publicação do livro de August Bebel, *Die Frau und der Sozialismus* [A Mulher e o Socialismo], e de sua tradução para o inglês, a autora, que assina o artigo com Edward Aveling, busca apresentar essa obra e ao mesmo tempo explicar a posição dos socialistas em relação à questão feminina. Para eles, a situação da mulher repousa em dados econômicos, sendo as questões relativas a sexo, casamento e vida cotidiana das mulheres no capitalismo aspectos essenciais do materialismo histórico.

**Palavras-chave:** questão feminina; capitalismo; socialismo.

**Résumé:** A partir de la parution du livre de August Bebel, *Die Frau und der Sozialismus*, et de sa traduction en anglais, l'auteure, qui signe l'article avec Edward Aveling, présente cet ouvrage en expliquant les idées des socialistes concernant la question féminine. Selon eux, la situation de la femme repose sur des données économiques, le sexe, le mariage et la vie quotidienne des femmes sous le capitalisme étant des aspects essentiels du matérialisme historique.

**Mots-clé:** question féminine; capitalisme; socialisme.

### Introdução

A publicação do livro de August Bebel: *Die Frau und der Sozialismus* [A Mulher e o Socialismo], além do lançamento de uma tradução inglesa da obra, torna oportuno o esforço que visa explicar a posição dos socialistas em relação à questão feminina. A recepção da obra na Alemanha e na Inglaterra torna esse esforço urgente, a menos que nossos adversários estejam dispostos a nos ignorar e que estejamos dispostos a permanecer passivos perante sua atitude. Os autores deste artigo acreditaram que o público inglês estaria atento aos pontos de vista, aos argumentos e às conclusões daqueles que se intitulam socialistas, fortalecido pela imparcialidade que se acredita ser o seu privilégio. Dessa forma, quaisquer que sejam as opiniões que esse público inglês adote em última análise, ele o fará de maneira consciente. Além disso, os autores também acreditaram que a análise de tal questão era mais bem conduzida quando se tratava da obra de um homem e de uma mulher que pensam e trabalham juntos. Eles desejam que fique claro que se trata, em tudo o que segue, de dois socialistas exprimindo suas opiniões pessoais. Embora acreditem que essas opiniões sejam

---

<sup>1</sup> Tradução de *Woman: Past, Present and Future*, 1887.

<sup>2</sup> Julia Martins Pinheiro Mestranda em Letras (UFRGS), juliamartins.w17@gmail.com  
Patrícia C. R. Reuillard: Professora do Instituto de Letras (UFRGS), patricia.ramos@ufrgs.br

compartilhadas pela maioria de seus colegas, intelectuais e trabalhadores, na Inglaterra, na Europa e na América, não se deve considerar o Partido dos autores como comprometido com todas as propostas seguintes, nem *a fortiori* com alguma delas em particular.

## O livro de Bebel

Primeiramente, algumas palavras sobre a obra que serve de referência a este artigo. Bebel é trabalhador, socialista e membro do *Reichstag*. Seu livro *Die Frau* foi banido na Alemanha<sup>3</sup>, o que aumentou imediatamente a dificuldade de adquiri-lo e o número de pessoas que o procuraram. A imprensa alemã quase que unanimemente o condenou e atribuiu ao seu autor todos os vícios possíveis e imagináveis. Aqueles que se lembram da posição e da personalidade de Bebel compreenderão tanto o alcance do livro quanto a intensidade desses ataques. Cofundador do Partido Socialista da Alemanha, um dos primeiros propagadores da economia política de Karl Marx e possivelmente o melhor orador de seu país, Bebel goza da veneração e da confiança do proletariado, assim sendo, ele é odiado e temido por capitalistas e aristocratas. Ele não somente é o homem mais popular da Alemanha, mas é também estimado por todos aqueles que o conhecem, tanto adversários quanto amigos. Obviamente, tentou-se caluniá-lo, mas podemos dizer, sem hesitar, que as acusações lançadas contra ele são tão falsas quanto perversas.

A tradução inglesa de seu último livro foi recebida por um discurso injurioso em certos bairros. A ira desses críticos irritados teria sido justa se tivesse incidido sobre a negligência sem precedentes dos editores da versão em inglês. A negligência deles é tanto mais notável e imperdoável quanto a edição alemã, impressa em Zurique, é particularmente desprovida de falhas. Temos de excluir da nossa condenação a tradutora, Dra. Harriet B. Adams Walther. De um modo geral, ela desempenhou muito bem a sua tarefa, apesar de um manifesto desconhecimento do vocabulário e das fórmulas econômicas em algumas partes do texto, que provocou ambiguidade e demonstrou uma relutância das mais inexplicáveis ao empregar o plural. Entretanto, o livro está repleto de erros de impressão relacionados a caracteres, ortografia e pontuação. Encontrar em um livro de apenas 264 páginas pelo menos 170 erros é demasiado!

Nós não pretendemos dar conta da parte histórica que abre o livro. Por mais interessante

---

<sup>3</sup> Conforme escreve Bebel no prefácio à 50ª edição alemã: “[...] a primeira edição desta obra [...] foi feita em circunstâncias excepcionais. Alguns meses antes havia sido promulgada a lei antissocialista, segundo a qual todas as publicações socialistas eram suprimidas. No entanto, se alguém ainda se atrevesse a divulgar uma obra proibida ou fosse flagrado ao reeditá-la, seria condenado a até seis meses de prisão. Entretanto, atrevemo-nos”.

que seja, devemos omiti-la, pois há muito a dizer sobre as relações atuais entre homens e mulheres e as mudanças que acreditamos serem iminentes. Ademais, a parte histórica não é verdadeiramente a melhor do livro. Há alguns erros aqui e ali. O livro a consultar, o mais confiável sobre este ponto particular da questão feminina, é o de Friedrich Engels: *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Passemos então à sociedade e à mulher de hoje.

### **Mulher e sociedade**

Do ponto de vista de Bebel, e se pode dizer, no presente caso, do ponto de vista dos socialistas em geral, a sociedade se encontra num estado de agitação e fermentação. É a agitação da decomposição e a fermentação da putrescência. A dissolução está ao alcance da mão, em ambos os sentidos do termo. Acreditamos que o fim do modo de produção capitalista e, conseqüentemente, da sociedade que ele embasa, corresponde a um prazo de validade calculável em anos e não em séculos. E esse fim significa a reformulação da sociedade em formas mais simples, até mesmo em elementos, cuja reestruturação criará uma nova e melhor ordem das coisas. A sociedade está em falência moral, e é nas relações entre homens e mulheres que se manifesta essa falência com a clareza mais repugnante. Os esforços para retardar esse colapso, projetando planos irrealistas, são inúteis. É preciso encarar os fatos.

Nas análises das relações entre homens e mulheres, um dos fatos de primordial importância, foi e continua a ser negligenciado por quase todos. Nem sequer foi compreendido por esses homens e mulheres fora do comum, que fizeram da luta pela libertação da mulher a causa essencial de sua vida. Esse fato fundamental é que a questão é de responsabilidade das estruturas econômicas. Como tudo na nossa complexa sociedade moderna, a situação da mulher tem como base dados econômicos. Mesmo que Bebel tivesse insistido apenas nesse ponto, seu livro já seria valioso. A questão feminina faz parte da organização da sociedade como um todo. Para aqueles que não entenderam essa noção, podemos citar Bacon, que escreve no primeiro livro de *O Progresso do Conhecimento*, “Outro erro... é que, após a repartição das artes e das ciências particulares, os homens abandonaram a universalidade... o que só pode interromper e parar todo progresso... Tampouco é possível desvendar as partes mais profundas e escondidas de qualquer ciência que seja se permanecermos somente no nível dessa mesma ciência sem nos elevarmos”. Na verdade, esse erro cometido quando “os homens (e as mulheres) abandonaram a universalidade” não é apenas a expressão de um humor triste. É, de fato, uma doença, ou, para

utilizar uma imagem que a passagem e a frase citada possam sugerir: aqueles que atacam a forma como são tratadas atualmente as mulheres sem buscar a causa na organização econômica da nossa sociedade contemporânea são como os médicos que cuidam de uma doença localizada sem examinar o estado geral do paciente.

Essa crítica dirige-se não somente a quem caçoa de qualquer discussão que envolva a sexualidade. Ela dirige-se também a esses personagens de temperamento superior, sério e refletido em numerosos casos, que veem que o destino reservado à mulher é lamentável e que desejam profundamente que algo seja feito para melhorar sua condição. É uma massa corajosa e admirável que luta pela reivindicação perfeitamente justa, o voto das mulheres; pela revogação da lei sobre as doenças sexualmente transmissíveis<sup>4</sup>, monstrosidade nascida da covardia e da brutalidade masculinas; pelo direito da mulher de ter uma educação superior, pela abertura das portas das universidades, das profissões liberais e de todos os empregos, daquele de professora àquele de caixeira-viajante. Em toda essa ação, que é inteiramente justa, notamos sobretudo três coisas. Em primeiro lugar, os interessados provêm, em geral, das camadas mais privilegiadas. Para além do movimento contra a lei sobre as doenças contagiosas, exceção única e restrita, é recente o desempenho de um papel importante de algumas mulheres pertencentes à classe trabalhadora nesses vários movimentos. Esperamos a objeção segundo a qual se pode praticamente dizer, no que diz respeito à Inglaterra, a mesma coisa do movimento em uma amplitude maior à qual todos os nossos esforços são dedicados. Sem dúvida, o socialismo neste país é quase tão importante quanto um movimento literário. Ele conta apenas com uma pequena margem de trabalhadores. Podemos responder que esse não é o caso na Alemanha e, mesmo aqui, o socialismo está começando a se expandir entre os trabalhadores.

O próximo ponto é que todas as ideias dessas mulheres “de vanguarda” têm como fundamento a propriedade ou as questões sentimentais ou profissionais. Nenhuma delas vai além dessas três questões para atingir os fundamentos, não só de cada uma das questões mencionadas, mas da própria sociedade: a determinação econômica. Esse fato não surpreende aqueles que conhecem a ignorância dos dados econômicos da maioria dos que militam a favor da emancipação da mulher. A julgar pelos seus escritos e seus discursos, a maior parte dos defensores da mulher não prestou qualquer atenção ao estudo da evolução da sociedade. Mesmo a economia política corriqueira, que, em nosso entender, é falaciosa nas suas

---

<sup>4</sup> Por vezes, chamavam-se assim (*C. D. Acts*) os *Contagious Diseases Prevention Acts*, votados com vista a prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, “inclusive a gonorreia”, através do exame médico e da detenção das prostitutas.

afirmações e inexata nas conclusões, não parece dominada em geral.

O terceiro ponto deriva do segundo. Aqueles de quem falamos não fazem propostas que provenham do cenário atual da sociedade. Por isso, seu trabalho é, em nossa opinião, de pouco valor. Nós apoiaremos o direito de voto para todas as mulheres, não só daquelas que possuem bens, mas também a revogação da lei sobre as doenças contagiosas e o acesso a todas as profissões para ambos os sexos. A verdadeira situação da mulher em relação ao homem não seria profundamente atingida (não nos ocupamos, neste momento, do desenvolvimento da rivalidade e do agravamento das condições de vida), porque nada disso transforma para elas as relações entre os sexos, exceto a lei sobre as doenças contagiosas indiretamente. Tampouco negaremos que, uma vez alcançado cada um desses três pontos, o caminho seria facilitado para a mudança radical que tem de acontecer. Entretanto, é fundamental recordar que a mudança definitiva só acontecerá depois de ter ocorrido a transformação ainda mais radical de que ela é corolário. Sem essa transformação social, as mulheres jamais serão livres.

A verdade, que não é plenamente reconhecida, nem mesmo por aqueles que se preocupam em agir a favor da mulher, é que ela, como a classe operária, está sujeita à opressão, que a sua condição se deteriora inexoravelmente como a dos operários. As mulheres são submetidas a uma tirania masculina organizada assim como os trabalhadores são submetidos à tirania organizada dos ociosos. Mesmo quando isto é compreendido, nunca devemos nos cansar de insistir que, para as mulheres, assim como para os trabalhadores, não há, na sociedade atual, uma solução efetiva para as dificuldades e os problemas que se apresentam. Tudo o que é feito, independentemente da celebração que o anuncie, é apenas paliativo, não solução. As camadas oprimidas, as mulheres e aqueles que são produtores diretos devem compreender que sua emancipação será resultado de sua ação. As mulheres encontrarão aliados entre os homens mais conscientes assim como os trabalhadores encontram aliados entre os filósofos, entre os artistas e entre os poetas; mas as mulheres não devem esperar nada dos homens em geral e os trabalhadores não devem esperar nada das camadas médias em geral.

### **A feminilidade em questão**

A verdade disso sobressai no fato de que, antes de passar ao estudo da condição da mulher, deve-se dizer uma palavra de advertência. Para muitos, o que temos a dizer do presente parecerá ultrajado, a maior parte do que temos a dizer do futuro parecerá quimérico e

talvez tudo o que é dito pareça perigoso. Entre as pessoas cultas, a opinião pública é feita pelo homem e o que é comum é considerado moral. A maioria continua destacando as fraquezas ocasionais da “feminilidade” para impedir a sua igualdade perante o homem. E fala-se com entusiasmo da “vocação natural” da mulher. Esquecemos que as fraquezas femininas, em certas circunstâncias, são consideravelmente agravadas pelas condições insalubres de nossa vida moderna, isso se, na realidade, não forem inteiramente devido a elas. Se racionalizarmos essas condições, grande parte disso desaparecerá, talvez completamente. Esquecemo-nos também de que tudo o que se diz quando se discute a liberdade da mulher é facilmente ignorado quando se trata da sua sujeição. *Nós* esquecemos que, para os empregadores capitalistas, a fragilidade da mulher são interv m com vista a diminuir o  ndice geral dos salários. Além disso, não há “vocação natural” da mulher como não há uma lei de produção capitalista “natural” ou “naturalmente” limitada à soma produzida pelo trabalhador e que forma os seus meios de subsistência. Que, no primeiro caso, a “vocação” da mulher supostamente resida na educação das crianç as, na manutenção da casa e na obediência ao seu dono. Que, no segundo caso, a produção de mais-valia seja uma preliminar necessária   produção de capital. Que, no terceiro caso, o montante recebido pelo trabalhador como meio de subsistência seja tal que ele mal possa manter-se acima da linha da fome. Essas leis não são naturais no sentido de que existem leis do movimento. São apenas convenções sociais temporárias, da mesma maneira que o francês  , convencionalmente, a língua diplomática.

Tratar de forma detalhada a situação da mulher atualmente consiste em repetir uma história já mil vezes contada. Apesar de tudo, para nosso objetivo, devemos destacar novamente certos pontos bastante conhecidos e talvez mencionar um ou dois que o são menos. Primeiramente, uma ideia geral que diz respeito a todas as mulheres. A vida da mulher não corresponde   do homem. Não se sobrepõem nem se encontram em muitos casos. Daí a atrofia da vida familiar. Segundo Kant: “Um homem e uma mulher constituem, quando estão unidos, o ser total e completo, um sexo realiza o outro”. Entretanto, quando cada sexo é incompleto, o que é menos realizado de ambos o   até a última extremidade, e, como regra geral, nenhum deles consegue estabelecer com o outro um relacionamento consistente, livre, verdadeiro e profundo, em pleno acordo, o ser nunca é nem total nem completo.

Em seguida, uma ideia particular que diz respeito apenas a um certo número de mulheres, embora seja importante. Todos conhecem a influência de certas profissões ou estilos de vida no *físico* ou na face daqueles que a exercem ou que a eles estão submetidos. À medida que caminham, reconhecemos o cavaleiro ou o bêbado. Quantos de nós refletiram, nem que seja por um momento, sobre o fato inquietante de que nas ruas, nos edifícios

públicos, nos grupos de amigos, podemos imediatamente reconhecer as mulheres solteiras se forem mais velhas do que os escritores inspirados chamam de "idade incerta" com essa delicadeza irônica que lhes é muito pessoal? Mas não podemos distinguir um homem solteiro de um homem casado. Antes de fazer a pergunta que provém desse fato, recordemos a terrível proporção de mulheres que não são casadas. Na Inglaterra, por exemplo, em 1870, esse era o estado de 42% das mulheres. Tudo isso conduz a uma pergunta simples, legítima e que só é desagradável pela resposta que lhe é preciso dar. Por que nossas irmãs carregam na testa esse traço de instintos aniquilados, de afetos sufocados, de qualidades naturais parcialmente assassinadas, e por que nossos irmãos "mais felizes" não carregam tais traços? E aqui, certamente, nenhuma lei "natural" prevalece. Essa liberdade para o homem, essa prevenção de numerosas uniões nobres e legítimas que não o afetam, mas que recaem pesadamente sobre a mulher, são as consequências inevitáveis do nosso sistema econômico. Nossos casamentos, assim como nossos costumes, baseiam-se no mercantilismo. Não poder cumprir com os seus compromissos comerciais é um erro maior do que caluniar um amigo, e os nossos casamentos são negócios.

### **A dependência da mulher**

Quer se considere a mulher no seu conjunto, ou apenas essa triste comunidade que tem na face as marcas de uma virgindade perpétua, encontramos sempre a necessidade de ideias e de ideais. O motivo ainda é a dependência econômica do homem. As mulheres, mais uma vez à semelhança dos trabalhadores, foram privadas dos seus direitos humanos, assim como os trabalhadores foram privados dos seus direitos enquanto produtores. Em ambos os casos, o método utilizado é o único que permite a expropriação em qualquer momento e em qualquer circunstância: este método é a força.

Na Alemanha, atualmente, a mulher é inferior em relação ao homem. Um marido de "baixa condição" pode castigar sua esposa. Todas as decisões que dizem respeito às crianças dependem dele, até mesmo estabelecer a data do desmame. É ele quem manda, seja qual for a fortuna que a mulher possa ter. Ela não pode celebrar contratos sem o seu consentimento, nem fazer parte de uma organização política. É inútil que apontemos o quanto isso melhorou na Inglaterra nos últimos anos, ou que lembremos nossos leitores que as transformações recentes se devem à ação das próprias mulheres. É necessário lembrar no entanto que, uma vez somados todos esses direitos civis, a mulher inglesa, casada ou não, depende moralmente do homem e é maltratada por ele. A situação dificilmente é melhor em outros países civilizados,

com exceção da Rússia, onde as mulheres são socialmente mais livres do que em qualquer outra parte da Europa. Na França, as mulheres da classe média alta estão em uma situação pior do que na Inglaterra, já as da parte mais desfavorecida da classe média e as da classe trabalhadora estão mais confortáveis do que na Inglaterra ou na Alemanha. Entretanto, dois parágrafos do Código Civil francês, o 340º e o 341º, mostram que a injustiça contra as mulheres não é obra apenas dos teutões: “É proibida a busca de paternidade” e “É permitida a busca de maternidade”.

Todos aqueles que recusam esconder o rosto diante da verdade sabem que o que dizia Demóstenes dos atenienses é a verdade hoje das classes médias e altas da sociedade: “Casamos com a mulher para ter filhos legítimos e para ter uma fiel guardiã de nossa casa, mantemos concubinas para o nosso serviço e uso diário, mas temos heteras pela voluptuosidade do amor”. A mulher é sempre aquela que se ocupa das crianças, a guardiã do lar. O marido vive e ama de acordo com seu prazer malicioso. Mesmo aqueles que admitem isso podem debater quando dizemos que também é ruim para as mulheres que as rígidas regras sociais determinem que apenas do homem deva partir a iniciativa amorosa: o pedido de casamento. Talvez se trate de um princípio de compensação. Após o casamento, é a mulher que toma a iniciativa e o sustento é responsabilidade do homem. Shakespeare mostrou que não é uma lei natural. Miranda, livre de barreiras sociais, propõe a Ferdinand: “Queres casar comigo, eis-me aqui, ou morrerei tua serva...”<sup>5</sup> e Helena, em *Bem está o que bem acaba*, apaixonada por Bertram, que a leva do Roussillon a Paris e a Florença, é como Coleridge disse: “a figura mais encantadora de Shakespeare”.

### Casamento e mercantilismo

Falamos sobre a natureza mercantil da base do casamento. Em muitos casos, é uma operação de troca e, em todos, dada a ordem atual das coisas, o problema de “maneiras e meios” desempenha necessariamente um grande papel. Nas classes superiores da sociedade, o assunto é conduzido sem pudor algum. As imagens de Sir Gorgius Midas em *Punch* testemunham isso. A natureza da publicação na qual aparecem nos recorda que todos os horrores revelados são considerados fraquezas e não erros. Nas parcelas desfavorecidas das classes médias, são muitos os homens que negam a si próprios a felicidade da vida em família até que tenham ultrapassado a idade de a desejar ardentemente, e muitas mulheres fecham

---

<sup>5</sup> *A Tempestade*, III. I

para sempre o livro de suas vidas nas mais belas páginas por medo *rerum angustarum domi*<sup>6</sup>.

Outra prova da natureza mercantil do nosso sistema matrimonial é dada pelas diferentes idades em que habitualmente se casa nas diferentes camadas da sociedade. O momento não está, de modo algum, definido como deveria ser: pelas fases da vida. Alguns indivíduos favorecidos, como reis, príncipes e aristocratas, casam-se ou são casados na idade que a natureza prescreve como a mais adequada. Muitos trabalhadores se casam jovens, ou seja, na idade normal. O capitalista virtuoso que, nesta idade, recorre frequentemente à prostituição, estende-se devotamente sobre a leveza do trabalhador manual. Quem estuda a fisiologia e a economia política encontra aqui uma prova interessante de que mesmo o assustador sistema capitalista não esmagou uma tendência natural e justificada. Entretanto, para a classe social intermediária entre essas duas, o casamento, como acabamos de ver, em princípio, não pode ocorrer antes que a flor da idade tenha passado e a paixão esteja em seu declínio.

Tudo isso diz mais sobre a mulher do que sobre o homem. Para eles, a sociedade fornece, reconhece e legaliza os meios de satisfazer o instinto sexual. Aos olhos dessa mesma sociedade, se uma mulher solteira adota o comportamento habitual dos seus irmãos solteiros e dos homens que dançam nos bailes ou que trabalham com ela em uma loja, ela é uma pária. E mesmo na classe trabalhadora, em que se casa na idade normal, a vida da mulher no sistema atual é a mais dolorosa e ingrata das duas. A velha expressão da lenda “darás à luz com dor”<sup>7</sup> não só é realizada como também é expandida. A mulher deve criar os filhos por longos anos, sem descanso para a aliviar, sem esperança para a realizar, perpetuamente na mesma atmosfera de trabalho e de tristeza. O homem, ainda que desgastado por conta de seu trabalho, tem a noite para fazer nada. A mulher fica ocupada até a hora de dormir. E muitas vezes, com crianças pequenas, sua sentença vai até altas horas da noite ou mesmo a noite toda.

Quando o casamento ocorre, tudo favorece um e é contrário ao outro. Há quem se surpreenda por John Stuart Mill ter escrito que: “O casamento é a única forma real de servidão reconhecida pela lei”. O que nos espanta é que ele não considerou essa servidão como uma questão relacionada a sentimentos, mas sim a estruturas econômicas, como resultado de nosso sistema capitalista. Após o casamento, assim como antes, a mulher é submetida à coerção, não o homem. Para ela, o adultério é um crime, para ele, é um pequeno delito... Ele pode obter o divórcio com base no adultério, ela não. Ela deve fornecer provas de que foi vítima de “brutalidade” (de natureza física). Os casamentos assim concebidos e

---

<sup>6</sup> Do confinamento estreito da vida doméstica.

<sup>7</sup> Conforme o Gênesis III:16: “E à mulher ele (Javé) disse: Multiplicarei grandemente a dor da tua concepção; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.”

realizados, acompanhados por todas essas séries de fatos e consequências, parecem-nos – e medimos nossas palavras – piores que a prostituição. Classificá-los como sagrados ou morais é uma profanação.

## O divórcio

Em relação à questão do divórcio, podemos notar um caso de ilusão cujas vítimas não são apenas a sociedade e as classes que a constituem, mas também os indivíduos. O clero está disposto a unir qualquer pessoa, da idade à juventude, da devassidão à virtude, “e sem fazer perguntas”, como diz um certo tipo de anúncios. No entanto, o clero opõe-se ferozmente ao divórcio. Revoltar-se contra uniões tão discordantes, como as que ele valida de maneira incessante, constituiria “uma intervenção na liberdade do indivíduo”, mas opor-se a qualquer coisa que facilite o divórcio é uma intervenção mais grave contra a liberdade do indivíduo. Toda a questão do divórcio, que, de qualquer modo, é complexa, é ainda mais complicada pelo fato de ter de ser estudada, em primeiro lugar, no âmbito das condições atuais e, em seguida, em relação às futuras condições socialistas. Muitas mentes avançadas defendem uma maior liberdade do divórcio desde já. Eles sustentam que o divórcio deveria ser tão simples de ser realizado como é o casamento, que um compromisso assumido por pessoas que tiveram pouca ou nenhuma oportunidade de se conhecer não deveria ser irrevogável ou mesmo constituir um vínculo tão estreito; que a incompatibilidade de humor, a não realização de esperanças profundamente enraizadas ou um verdadeiro desentendimento deveriam constituir motivos suficientes para se separarem; por fim, e mais importante, eles argumentam que as condições do divórcio devem ser as mesmas para ambos os sexos. Tudo isso é excelente e seria não apenas possível, mas justo, se – note bem o “se” – a situação econômica dos dois sexos fosse a mesma. Mas são diferentes. Portanto, embora concordemos teoricamente com todas essas ideias, acreditamos que, se concretizadas em nosso sistema atual, na prática, na maioria dos casos, elas resultariam em uma injustiça ainda maior para as mulheres. O homem poderia tirar proveito disso, não a mulher, exceto nos raros casos em que ela possui bens pessoais ou meios de subsistência. A dissolução da união significaria a liberdade para o homem e a fome para a mulher e seus filhos.

Podemos nos perguntar se esses mesmos princípios a respeito do divórcio prevalecerão em um sistema socialista. Nossa resposta é a seguinte: a união entre um homem e uma mulher será, como se explica a seguir, de natureza a prevenir completamente a necessidade de divórcio.

## Educação e repressão sexual

Esperamos um julgamento mais hostil do que o anterior sobre a forma como lidamos com os dois últimos pontos em que levamos em conta o futuro. Esses dois pontos já foram mencionados. O primeiro diz respeito ao instinto sexual. Na nossa opinião, o método adotado pela sociedade sobre esse assunto é, inevitavelmente, ruim em sua totalidade. É ruim desde o início. Nossas crianças são sistematicamente silenciadas quando fazem perguntas sobre a procriação ou o nascimento dos bebês. Essa questão é tão natural quanto a dos batimentos cardíacos ou da respiração. Devemos respondê-la com a mesma facilidade e clareza do que as outras. É possível que haja um período, nas crianças muito pequenas, em que uma explicação fisiológica dada em resposta a uma pergunta possa não ser compreendida, ainda que estejamos dispostos a ser precisos nesse momento. Entretanto, nunca pode haver períodos propícios para ensinar coisas erradas sobre qualquer função corporal. À medida que nossos meninos e meninas crescem, tornamos misterioso e vergonhoso tudo que diz respeito a relações sexuais. É a razão pela qual existe uma curiosidade doentia ligada a isso. A mente se concentra excessivamente nesse assunto, permanece insatisfeita por um longo tempo, fica incompletamente satisfeita e chega à morbidade. Nossa opinião é que os pais e as crianças deveriam falar dos órgãos sexuais com a mesma franqueza e liberdade com que falam sobre o sistema digestivo. Opor-se a isso é apenas a manifestação de um preconceito vulgar contra o ensino da fisiologia, preconceito que encontra a sua expressão mais eloquente numa carta recente de um pai a uma professora: “Por favor, não ensine nada à minha filha sobre seus órgãos, não é bom para ela e é desonesto”. Quantos de nós sofremos com *suggestio falsi* ou *suppressio veri* neste domínio, por culpa dos pais, dos professores ou mesmo dos empregados? Perguntamo-nos honestamente de que lábios e em que circunstâncias aprendemos a verdade sobre o nascimento das crianças e, no entanto, é verdade que não podemos nos enganar ao falar de algo sagrado, pois trata-se do nascimento de bebês. Em quantos casos foi a mãe que o ensinou? Ela que tem o direito mais sagrado. Direito adquirido no sofrimento?

Não podemos mais admitir que falar francamente sobre esses assuntos seja prejudicar as crianças. Citemos Bebel, que cita Isabella Beecher Hooker: “A fim de satisfazer a pergunta insistente de seu filho de oito anos que gostaria de saber como ele havia vindo ao mundo e para evitar contar-lhe histórias, o que ela considerava imoral, ela lhe disse toda a verdade. A criança ouviu-a com a maior atenção e, no dia em que soube o sofrimento e a preocupação que tinha dado à sua mãe, deu provas, na sua afeição por ela, de uma ternura e de um respeito

totalmente diferentes. Respeito igual ao que ele mostrou às outras mulheres”. Quanto a nós, sabemos que pelo menos uma mulher disse toda a verdade aos seus filhos e que eles têm por ela um respeito e um amor diferente e mais profundo do que antes.

A falsa vergonha e o falso mistério, contra os quais protestamos, são acompanhados pela separação doentia dos sexos, que começa quando as crianças deixam a sua ama e só termina no momento em que o homem ou a mulher está enterrado. Em *Histoire d'une femme africaine*, uma menina, Lindall, grita: “Já experimentamos a igualdade uma vez, recém-nascidos no colo de nossas amas. E iremos experimentá-la outra vez quando nos fecharem os olhos para nosso último sono”. Essa separação é perpetuada nas escolas e mesmo em algumas igrejas. Esse sistema está em vigor, com tudo o que subentende. Sua pior forma se encontra, naturalmente, nessas instituições desumanas, chamadas mosteiros ou conventos. Entretanto, todas essas formas de um mesmo mal, ainda que menos violentas, são desumanas. É apenas uma questão de grau.

Mesmo numa sociedade comum, as restrições às relações entre homens e mulheres são, assim como as medidas repressivas tomadas contra as crianças em idade escolar, a causa de vários danos. Essas restrições são particularmente perversas considerando os tópicos de discussão. Todo homem vê as consequências disso nas palavras proferidas nas salas de fumar das camadas médias e superiores da sociedade, mesmo se a relação de causa e efeito lhes escape. Haverá alguma esperança de solução apenas no dia em que homens e mulheres de espírito puro, ou que fogem de qualquer deformação, discutirem a sexualidade em todo o seu significado, como seres humanos livres, olhando-se francamente nos olhos. Como reiteramos repetidas vezes, isso deve acompanhar a percepção de que a base de toda essa área está nas estruturas econômicas. Mary Wollstonecraft em *Os direitos da mulher*, afirmava, entre outras coisas, que seres de ambos os sexos deveriam ser misturados em vez de separados ao longo de suas vidas. Ela reivindicava para a mulher os mesmos benefícios que para os homens no campo da educação, que ela fosse educada nas mesmas escolas e faculdades que ele, que da primeira infância à idade adulta os dois sexos fossem formados lado a lado. Essa reivindicação é um doloroso espinho aos pés do Sr. John Cordy Jeaffreson sobre a sua última obra, *The Real Shelley* (1885).

As duas formas-limite da distinção dos sexos consecutivas à sua discriminação são, como mostra Bebel, o homem afeminado e a mulher viril. São dois tipos contra os quais se revolta até mesmo o indivíduo médio com um horror perfeitamente natural diante do que não considera natural. Por razões apontadas mais de uma vez, o primeiro caso é menos frequente do que o segundo. No entanto, esses dois tipos não completam a lista de perturbações devidas

à nossa abordagem do campo das relações entre os sexos. Essa virgindade mórbida já mencionada é outro. A insanidade é um quarto, e o suicídio, um quinto. Sobre esses dois últimos, alguns números sobre o primeiro e um lembrete sobre o segundo. Primeiramente, o lembrete: a maior parte dos suicídios femininos acontecem entre 16 e 21 anos. Muitos deles são, naturalmente, devido à gravidez que o nosso sistema social degrada ao nível do crime. Mas outros provêm da falta de satisfação do instinto sexual, muitas vezes escondido por detrás do eufemismo “desilusão amorosa”. Aqui estão alguns números sobre os casos de insanidade, retirados da página 47 da tradução inglesa de Bebel. Hanover: 1 caso de insanidade a cada 457 pessoas solteiras, 1 caso de insanidade a cada 1.316 casadas. Saxe: 260 casos a cada um milhão de mulheres solteiras. Prússia, em 1882, a cada 10 mil habitantes, 32,2 solteiros e 9,5 homens casados, 29,5 solteiras e 9,5 mulheres casadas.

Chegou o momento em que os homens e as mulheres devem reconhecer que a repressão sexual é sempre acompanhada de efeitos desastrosos. Se a paixão extrema é uma enfermidade, o extremo contrário, o sacrifício do instinto sadio e natural é uma enfermidade da mesma forma. “Aqueles que estão em um extremo ou em outro são indivíduos abomináveis<sup>8</sup>” é tão verdadeiro em nosso contexto quanto a melancolia ou a alegria que Rosalinde invoca na floresta de Arden e, ainda assim, milhares de mulheres são imoladas, passando por tormentos que somente elas conhecem, no Moloch de nosso sistema social. Milhares de mulheres sentem-se frustradas, ano após ano, mês após mês, pela “sua juventude para sempre no passado”. É por isso que nós, e a maior parte dos socialistas, defendemos que a castidade não é algo sagrado, mas malsão. Compreendendo sempre por castidade a supressão completa de todos os instintos relativos à procriação, nós a consideramos como um crime. Como todos os crimes, o criminoso não é tanto a pessoa quanto a sociedade que a compele a cometer e a sofrer um crime. Aqui estamos de acordo com Shelley. Em suas notas a *Queen Mab*, encontramos a seguinte passagem: “A castidade é uma superstição evangélica e monacal, é uma inimiga da temperança natural maior do que a sensualidade intelectual porque destrói as raízes de todas as alegrias domésticas e mantém no sofrimento mais de metade da raça humana, que alguns podem monopolizar de acordo com a lei”. Enfim, no âmbito desse discurso mais importante, recordamos a série de testemunhos médicos que mostram o fato de que a mulher sofre mais do que o homem devido a essas restrições.

---

<sup>8</sup> *Como gostais*, IV 1.

## A prostituição

O próximo ponto, antes de passarmos à conclusão deste artigo, é constituído pelo resultado inelutável do nosso sistema de hoje: a prostituição. Como dissemos, o mal é reconhecido e legalizado em alguns países europeus. Temos apenas uma hipótese comum a acrescentar: aqueles que a apoiam pertencem, em sua maioria, às camadas médias. A aristocracia certamente não está excluída; mas o principal apoio desse sistema abominável é o capitalismo respeitável, rico, de uma moralidade “acima de qualquer suspeita”. Não se trata apenas da opulência e dos hábitos de luxo que dela derivam. O fato revelador é que, numa sociedade baseada no capital, cujo centro é constituído pela classe média capitalista, a prostituição, uma das suas piores consequências, é apoiada principalmente por essa mesma classe. Por outro lado, tal fato diz claramente a lição que temos de aprender. O que se pode dizer dos casos particulares que o jornal londrino *Pall Mall Gazette* tornou familiares a nós pode aplicar-se à prostituição em geral. Para nos livrarmos da prostituição, temos de nos livrar das condições sociais que a geram. As assembleias à meia-noite, os refúgios para os deprimidos... Todos os esforços originados de boas intenções para atacar esse terrível problema são ilusórios e seus promotores reconhecem-no com desespero. E ilusórios eles permanecerão enquanto durar o modo de produção que, criando uma população operária excedente, cria ao mesmo tempo criminosos e mulheres que são literal e tristemente reduzidas ao “abandono”. Livrando-se do modo de produção capitalista, a prostituição desaparecerá, dizem os socialistas.

## O socialismo

Isso nos leva ao último ponto. O que nós, socialistas, desejamos? O que planejamos? De que temos tanta certeza quanto do nascer do sol amanhã? Quais são as mudanças na sociedade que, na nossa opinião, já estão ao alcance? Quais são as consequências que esperamos quanto às mudanças na condição da mulher? Recusemos qualquer intenção profética. Aquele que, raciocinando sobre uma série de fenômenos observados, vê o acontecimento inevitável ao qual eles conduzem, não é um profeta. Um homem não tem direito de profetizar nem de apostar quando se trata de uma certeza. É claro para nós que, assim como na Inglaterra, a base da sociedade alemã, a livre propriedade das terras deu lugar ao sistema feudal, que depois deu lugar ao sistema capitalista, e esse último, não mais eterno do que aqueles que o precederam, dará lugar ao sistema socialista. A escravidão deu lugar à servidão, a servidão à dependência

salarial de hoje, e essa última será substituída por uma nova situação, em que todos os meios de produção não pertencerão nem ao dono dos escravos, nem ao senhor, nem ao mestre dos escravos assalariados: o capitalista, mas eles pertencerão a toda a coletividade. Correndo o risco de dar origem ao sorriso habitual e ao sarcasmo, reconhecemos que não estamos mais prontos para fornecer todos os pormenores do funcionamento socialista da sociedade do que os primeiros capitalistas do sistema que fundaram. Nada é mais comum, nada é mais injusto, nada é mais revelador de falta de discernimento do que clamar pelos pormenores das coisas nesse sistema social para o qual acreditamos que o mundo evolui. Nem aquele que expõe uma nova e grande verdade, nem nenhum dos seus seguidores podem esperar uma elaboração minuciosa. O que pensariam daqueles que teriam rejeitado a descoberta da gravitação porque Newton, ao aplicá-la, não descobriu Netuno, ou daqueles que teriam rejeitado a teoria darwiniana porque o instinto apresentava dificuldades. No entanto, é o que fazem os adversários médios do socialismo. Sempre com uma pacata irreflexão, ignorando o fato de que todas as dificuldades e desgraças que eles supõem que apareceriam com a socialização dos meios de produção já são piores na nossa sociedade contemporânea fadada à decadência.

Do que temos certeza? Afastamo-nos tanto de Bebel durante o caminho de nossa própria reflexão, cujos pontos de partida se encontram geralmente no seu sugestivo livro, que retornamos a ele com alegria e gratidão para responder a essa pergunta. “Uma sociedade em que todos os meios de produção são propriedades coletivas, uma sociedade que reconhece a igualdade íntegra de todos sem distinção de sexos, que provê a aplicação de todos os tipos de progresso ou de descobertas técnicas ou científicas, que contrata como trabalhadores todos aqueles que são atualmente improdutivos ou cujo trabalho assume uma forma inusitada, os ociosos e os parasitas, e que, enquanto reduz o tempo de trabalho para suprir suas necessidades, eleva a condição física e intelectual de todos os seus membros até o melhor grau possível”.

Nós não escondemos, nem escondemos de nossos adversários, que o primeiro passo para isso é a expropriação de toda estrutura fundiária ou de outros meios de produção. Com isso, aconteceria a abolição do Estado em sua forma atual. Nenhuma confusão com relação a nossos objetivos é mais abrangente do que a que leva aqueles cujo pensamento é confuso a imaginar que alguém pode alcançar as mudanças que desejamos, além das condições sociais que dela resultam no quadro de um Estado como o nosso. O Estado é hoje uma organização de coação a serviço da manutenção das atuais condições de propriedade e regras sociais. Seus representantes são alguns homens de classes médias e superiores, lutando por posições que trazem salários anormais. O Estado sob o socialismo, se mantivermos um termo ligado a

tantas recordações históricas terríveis, será a aptidão organizada de uma coletividade de trabalhadores. Seus oficiais não serão nem mais nem menos prósperos do que seus companheiros. O divórcio entre a arte e o trabalho que aflige o coração dos artistas, sem que na maioria dos casos conheçam a causa econômica de sua dor, desaparecerá.

### **A mulher e o socialismo**

E agora vem a parte sobre as consequências de tudo isso em relação à mulher e, portanto, à família. Podemos ter certeza de duas coisas. As outras serão resolvidas pela evolução da sociedade, embora cada um de nós possa ter a sua opinião pessoal sobre cada ponto particular. O que está claro é que a igualdade prevalecerá para todos, independentemente do sexo. Então, a mulher será independente. Sua educação e todas as outras oportunidades oferecidas serão as mesmas que as dos homens. Como ele, ela deverá, contanto que esteja sadia de corpo e de mente (e como vai crescer o número destas mulheres!), dar suas duas ou três horas de trabalho social para prover as necessidades da coletividade e, conseqüentemente, as suas. Em seguida, ela terá acesso à arte, à ciência, ao ensino, à escrita ou a qualquer forma de entretenimento. A prostituição terá desaparecido com as causas econômicas que a provocaram e que, neste momento, a tornaram uma obrigação.

Se a monogamia ou a poligamia prevalece sob o regime socialista é um detalhe sobre o qual cada um pode falar apenas em seu nome pessoal. A questão é muito importante para ser resolvida entre os arbustos e miasmas do nosso sistema capitalista. Quanto a nós, acreditamos que a monogamia prevalecerá. Há, aproximadamente, o mesmo número de homens e mulheres, e o ideal mais belo parece ser a união harmoniosa e duradoura de duas vidas humanas. Um tal ideal, quase impossível de alcançar nos dias de hoje, requer pelo menos quatro coisas: amor, respeito, acordo intelectual e domínio das necessidades da vida. Cada um desses pontos é muito mais viável dentro da estrutura do sistema para o qual estamos nos movendo do que neste em que “vivemos” atualmente. O último ponto é absolutamente garantido a todos. Como Ibsen faz Helmer dizer a Nora: “uma espécie de escravidão e feiura é introduzida em um lar baseado nas dívidas e no empréstimo”<sup>9</sup>. Entretanto, os empréstimos e as dívidas não podem surgir quando se é membro de uma coletividade, e não um homem isolado que defende seus próprios interesses. O acordo intelectual será mais bem garantido por uma educação idêntica para o homem e a mulher, pela sua formação lado a lado até que se

---

<sup>9</sup> *Casa de Bonecas*, ato 1.

unam. Fruto inaceitável do capitalismo, a jovem de *In Memoriam*, de Tennyson, terá se tornado um mito, com o seu “eu não consigo compreender, eu amo”. Todos terão aprendido que não pode haver amor sem compreensão. E o amor e o respeito que estão ausentes ou perdidos por causa dos defeitos e imperfeições produzidos pelo sistema de sociedade mercantil aparecerão mais facilmente e não desaparecerão, por assim dizer, nunca. O contrato celebrado entre um homem e uma mulher será de natureza estritamente privada, sem intervenção de um agente público. A mulher não será mais escrava do homem, mas sua igual. O divórcio não será mais necessário.

E quer estejamos certos ou errados ao considerar a monogamia como o melhor sistema matrimonial para a sociedade, podemos ter certeza de que o melhor será escolhido, e isso por sabedorias mais maduras e fecundas do que as nossas. Podemos ter certeza também de que essa escolha não será favorável ao *casamento-permuta* (com seu aspecto poligâmico) de nossa triste época. Podemos ter a certeza sobretudo de que duas grandes calamidades que favorecem, juntamente com outras, a destruição das relações entre homens e mulheres, deixarão de existir. Tais calamidades são o tratamento do homem e da mulher como seres diferentes e a mentira. Não haverá mais uma lei para a mulher e outra para o homem. Se a sociedade futura, a exemplo da sociedade europeia de hoje, considera um direito do homem ter amantes, tal como uma esposa, podemos ter certeza de que será concedida às mulheres uma liberdade semelhante. Será o fim da dissimulação vergonhosa, da mentira permanente que torna a vida doméstica da maior parte dos nossos lares ingleses uma hipocrisia sistemática. O que a opinião pública deliberada e ponderada julgar mais justo será julgado com franqueza abertamente. O marido e a esposa poderão fazer o que poucos deles são capazes de fazer agora: olhar-se claramente nos olhos, no fundo do coração. Nós acreditamos que o compromisso de um homem com uma mulher será melhor para todos e que eles encontrarão um no coração do outro o mesmo que está em seus olhos: sua própria imagem.